UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

TERRA PRETA: EXPULSÃO E EXPANSÃO TERRITORIAL NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DA CUTIA EM BONINAL/BA

ROSE CAROLINE SOUZA OLIVEIRA

BONINAL-BA
MARÇO 2024

ROSE CAROLINE SOUZA OLIVEIRA

TERRA PRETA: EXPULSÃO E EXPANSÃO TERRITORIAL NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DE CUTIA EM BONINAL/BA

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), como requisito para qualificação.

Orientadora: Dra. Gislene Moreira Gomes
Co-orientadora: Dra Marjorie Csekö Nolasco
Linha de Pesquisa: Recursos Naturais e Tecnologia

BONINAL-BA
MARÇO 2024

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Oliveira, Rose Caroline Souza

O51t Terra Preta: expansão e expansão territorial na comunidade remanescente quilombola de Cutia em Boninal/BA. / Rose Caroline Souza Oliveira . – 2024.
220 f.: il.

.

Orientadora: Gislene Moreira Gomes
Coorientadora: Marjorie Csekö Nolasco
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa, de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, Feira de Santana, 2024.

1.Educomunicação socioambiental. 2.Quilombo flutuante. 3.Comunidade quilombola – Memória. 4.Saber tradicional. I.Gomes, Gislene Moreira, orient. II.Nolasco, Marjorie Csekö, cooriente. III.Universidade Estadual de Feira de Santana.
IV. Título.

Maria de Fátima de Jesus Moreira - Bibliotecária - CRB-5/1120

ROSE CAROLINE SOUZA OLIVEIRA

TERRA PRETA: EXPULSÃO E EXPANSÃO TERRITORIAL NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DA CUTIA EM BONINAL/BA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), como requisito para qualificação.

1ª Dra. Gislene Moreira Gomes - Orientadora (UNEB)

2ª Profa. Dra. Marjorie Cseko Nolasco - Coorientadora (UEFS)

3ª Profa.Dra. Sandra Nivia Soares de Oliveira (UEFS)

4ª Prof.Dr.Otto Vinicius Agra Figueiredo (UEFS)

BONINAL-BA
MARÇO 2024

AGRADECIMENTOS

"Ih, que que eu tô fazendo aqui?
Mais de sete dias sem dormir
Da lama ao caos, Nação Zumbi
Não foi pedindo licença que eu cheguei até aqui"
(Baco Exu do Blues, 2017)

Ao meu avô, Carolino Alves de Souza, capaz de me ensinar até o último dia de sua vida, responsável por todo e qualquer crescimento meu enquanto indivíduo, dedico este trabalho e cunho todas as letras aqui postas em sua homenagem, enquanto ancestralidade. Agradeço o seu acolhimento, amor e respeito único.

À comunidade de Cutia, que me pariu para o mundo e se torna meu abrigo e minha fonte de inspiração, agradeço a aceitação do trabalho e a coprodução desta pesquisa. A cada cutiense que mostrou que este estudo é sim pertinente e necessário.

À Universidade Estadual de Feira de Santana e à Universidade do Estado da Bahia, por proporcionarem esse mestrado, ao PROFCIAMB, por todo o impacto nos aspectos pessoais e profissionais, desafiando-me e colaborando para meu crescimento.

Às minhas professoras e orientadoras, Gislene Moreira Gomes e Marjorie Csekö Nolasco, por todo o aprendizado. Aos meus professores do Mestrado: obrigada por todo o ensinamento.

À Raphaella Oliveira que me orientou nas tantas idas e tantas voltas, ouviu minhas lamúrias e apresentou autores que deram luz a essa pesquisa.

Aos meus colegas da turma Mestrado 2021.1, sem dúvidas vocês foram os melhores colegas/amigos de turma que já tive no universo acadêmico, pois construímos mais que uma parceria de sala. Dessa turma saíram amigos para a vida! Obrigada a todos(as).

A Luan Souza, por todo o companheirismo, afeto e suporte no processo de pesquisa; sou grata por sua presença, da lama ao caos, com sua sensibilidade única.

A Rose Leia, que me fortaleceu nos dias em que nem eu mesma acreditava, foi fonte de inspiração para minhas ações e proporcionou uma irmandade inigualável durante as perdas e dores.

“Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma mas não sou só”.
(Sued Nunes, 2021)

RESUMO

O presente estudo busca compreender como a comunidade quilombola de Cutia, no município de Boninal, Chapada Diamantina, Bahia, utiliza os saberes tradicionais como mecanismo de resistência aos processos de expulsão territorial provocada pelo racismo ambiental (HERCULANO 2006, 2008; ACSELRAD, 2004; PACHECO, 2006, 2008). à medida que analisa como essa comunidade desenvolveu conexões que dialogam por um sistema de multiterritorial (HAESBAERT, 1997, 2001, 2002, 2004) que aqui cunhamos como Quilombo Flutuante transformando os processos de expulsão em expansão necessária para permanência identitária, por meio do fluxo territorial entre a Cutia e o bairro do Macuco na cidade de Santos, São Paulo. Procura-se, então, elaborar um produto de educomunicação para potencializar a conexão dos múltiplos territórios habitados pelos cutienses, para isso, pretende-se a realização de um *website* informativo que possa ser alimentado pelos remanescentes nas duas localidades e seja instrumento educacional para espaços de educação formal e/ou não-formal.

Palavras-Chave: Quilombo Flutuante, Comunidade Quilombola, Memória, Saber Tradicional, Educomunicação Socioambiental.

ABSTRACT

The present study seeks to understand how the quilombola community of Cutia, in the municipality of Boninal, Chapada Diamantina, Bahia, uses traditional knowledge as a mechanism of resistance to processes of territorial expulsion, an expulsion caused by environmental racism (HERCULANO 2006, 2008; ACSELRAD, 2004; PACHECO, 2006, 2008), as it analyzes how this community has developed connections that dialogue through a multi-territorial system (HAESBAERT, 1997, 2001, 2002, 2004) which we coin here as the Floating Quilombo transforming the processes of expulsion into expansion necessary for identity permanence, through the territorial flow between Cutia and the Macuco neighborhood in the city from Santos, São Paulo. Therefore, an attempt is made to develop an educommunication product to enhance the connection of the multiple inhabited territories, for this, it is intended to create an informative website that can be fed by the remnants in both locations and that is an educational tool for formal and/or non-formal education spaces.

Keywords: Floating Quilombo, Quilombola Community, Memory, Traditional Knowledge, Socioenvironmental Educommunication.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
APP	Áreas de Preservação Permanente
BA-148	Rodovia estadual do estado da Bahia
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
FCP	Fundação Cultural Palmares
IAP	Investigação-Ação-Participante
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
ITR	Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural
MP	Medida Provisória
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto interno bruto
PNCD	Parque Nacional da Chapada Diamantina
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
CAPÍTULO 1 –ABRE CAMINHO: A TERRA DE ONDE NASCE A ESCRITA 16
1.1 Memorial 16
1.2 Santo de casa não faz milagre, faz pesquisa 19
1.3 Encruzilhada metodológica proposta 21
CAPÍTULO 2 – ASSIMILANDO OS TERRITÓRIOS DE ORIGEM: CAMINHOS QUE SE CRUZAM 26
2.1 Qual Terra Preta? 26
2.2 As Chapadas não vistas 28
2.3 Cutia: O território da partida e do afeto 35
CAPÍTULO 3 – EXPANSÃO COMBATENDO A EXPULSÃO: FORJANDO CAMINHOS DESDE O NOSSO CHÃO 42
3.1 Quilombo símbolos e signos: o caminho feito pelo outro 42
3.2 Expulsão territorial: o racismo nas suas miudezas 53
3.3 Expansão territorial: Quilombo Flutuante e Multiterritorialidade 60
3.4 Santos: o território da chegada e da saudade 65
CAPÍTULO 4 – CAMINHOS ABERTOS: RITO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA TRAJETÓRIA CUTIENSE 70
4.1 Identidades em fluxo 70
4.2 Os ritos e a conexão com a identidade e memória: Relato de experiência do rito de passagem. 80
4.3 Conexões online para a aproximação dos territórios 85
4.4 Produto 90
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS 95
REFERÊNCIAS 98
Apêndice 1 - Transcrições das entrevistas 107
Entrevistada 1 107
Entrevistado 2 112
Entrevistada 3 117
Entrevistada 4 131
Entrevistada 5 141
Entrevistado 6 154
Entrevistados 7 e 8 167
Apêndice 2 – Produto 181
Site 181
Planos de aula 197

ANEXO 1 – Fotografias da Comunidade remanescente quilombola Cutia, Boninal-BA.....213
ANEXO 2 – Fotografias da Comunidade no Macuco, Santos-SP.....217

Índice de figuras

Figura 1- Placa nova da comunidade com o nome correto. 36
Figura 2- Placa antiga da comunidade com o nome grafado errado. 37
Figura 3- Grupo de Reis da comunidade de Cutia 86
Figura 4- Interação do remanescente da Cutia em Santos-SP. 86
Figura 5- Interação de uma Remanescente da Cutia que morava em Santos-SP e estava na comunidade para os festejos. 87
Figura 6- Página inicial do site da Cutia, produto deste trabalho. 92
Figura 7- Aba notícias do site e texto de apresentação. 92
Figura 8- Aba documento 93
Figura 9- Árvore de Juá na coração da comunidade, Rua de Cima. 213
Figura 10- Meninos fantasados de Juda/Caretas na festa de Juda 2023. 213
Figura 11- Foto da associação Feira livre da Cutia, anos 90. 214
Figura 12- Meninos da Cutia pescando na Barragem 214
Figura 13- Margens do rio Cochó na comunidade 215
Figura 14- Rua de Baixo 215
Figura 15- Rua de Cima, Barracão da Associaão Amigos de Cutia. 216
Figura 16- Malas de cutiense esperando o ônibus da Novo Horizonte rumo a Santos-SP. 216
Figura 17- Cutia's Bar no Macuco, Santos-SP. 217
Figura 18- Um chalé construído de madeira reformado no Macuco. 218
Figura 19- Interior do Cutia's Bar com elementos da Cutia, Boninal-BA. 218
Figura 20- O Canal 5. 219

INTRODUÇÃO

A *Terra Preta* é um tipo de solo escuro fértil e na região da Chapada Diamantina é sinônimo de "terra boa". *Terras de Preto* é uma outra denominação dada às comunidades quilombolas, que, segundo Almeida (1998, p. 147), "compreende aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, por família de ex-escravos[1], abarcando também concessões feitas pelo Estado a tais famílias, mediante a prestação de serviços [...]". A pesquisa "Terra preta: Expulsão e expansão territorial em comunidade Quilombola" faz uma alusão a essa noção de fertilidade do solo e a relação cultural, social, que os remanescentes quilombolas têm com o território.

Já compreendendo qual é a terra boa, esta pesquisa surge da observação interna dos processos de expulsão territorial vivenciados pela comunidade a qual, a partir do art. 68 do ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias), os remanescentes quilombolas têm seus direitos assegurados legalmente, no entanto, os conceitos sobre quilombos e quilombolas são formulados a partir do olhar do outro, Arruti (2006, 2008) e Almeida (2002) discutem a necessidade de se pensar o quilombo a partir de uma perspectiva atual, neste texto também salientamos a urgência dos próprios remanescentes fazerem parte dessa discussão.

A exclusão destinada às comunidades marginalizadas socialmente não só as repele do chamado desenvolvimento, como também destinam a elas todo o ônus resultante dele (ZHOURI; LASCHEFSKI, 2010). Tal segregação proveniente do modelo hegemônico de desenvolvimento cresce a partir da exclusão, da marginalização e da negligência desses grupos, tanto pelos empreendimentos privados quanto pelo poder público, visando apenas o ganho econômico ou bem-estar de classes sociais abastadas.

> O modelo de desenvolvimento hegemônico no mundo atual cada vez mais trata a maioria da humanidade como objetos: uns, a serem usados a serviço do lucro; outros, considerados supérfluos, a serem sumariamente descartados. Ou somem das estatísticas a partir de causas "naturais" decorrentes da desnutrição ou de doenças causadas pela miséria absoluta, ou são expulsos de seus lares para que megaprojetos se estabeleçam, ocupando e arrasando o território para "implantar empregos, progresso, desenvolvimento sustentável e cidadania". Como apregoam, aliás, os belos sites dos conglomerados – nacionais e internacionais – responsáveis por essa situação. (PACHECO, 2008, p. 1).

[1]O termo escravo não é utilizado na pesquisa, apenas nas citações diretas, visto que essa identidade construída no Brasil – o escravo – nunca existiu, senão num léxico que olhava para os africanos como passivos e desprovidos de subjetividade. Os africanos que vieram contra a sua vontade ao Brasil eram pessoas: reis, rainhas, camponeses, homens e mulheres escravizados contra a sua vontade. Escravo é, portanto, a produção de uma identidade fixa que não comporta esses sujeitos. Escravizado é uma contingência cruel da vida de uma pessoa, logo, histórica.

A partir desta compreensão, nota-se que tais situações mostram as injustiças ambientais, comuns a sociedades desiguais. Nestas, mecanismos sociopolíticos acabam por exercer uma maior carga dos danos ambientais a grupos sociais marginalizados, o que configura o *racismo ambiental*, conceito trabalhado no percurso dessa escrita.

Com isto, mesmo com o reconhecimento da terra e da identidade quilombola[2], é perceptível não só a expulsão dos remanescentes das suas comunidades originárias, como também reagrupamento desses indivíduos em outros territórios em que conseguem manter e preservar os seus saberes e tradições. A problemática da titulação de terra atualmente perpassa os direitos conquistados por esse grupo e a facilidade de perderem tais acessos, mesmo mantendo seus traços coletivos.

Aqui analisaremos o caso da comunidade de Cutia, povoado quilombola rural com origem pós-escravista certificada como quilombola pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 2006, pertencente ao município de Boninal-BA, titulada pela Lei 12.910/2013, cuja ementa é a seguinte: "Dispõe sobre a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por comunidades remanescentes de quilombos e por fundos de pastos ou fechos de pastos e dá outras providências".

Nesta pesquisa, busca-se compreender como a Cutia utiliza os saberes tradicionais ambientais como mecanismo de resistência aos processos de expulsão territorial. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar os processos de expulsão e expansão territorial da comunidade quilombola da Cutia, criando um produto de educomunicação que seja utilizado tanto dentro do ambiente escolar convencional quanto nas associações, ampliando o entendimento sobre a identidade quilombola. Procura-se, então, compreender os caminhos (a partir da resistência dos remanescentes) que a comunidade construiu se tornando um quilombo flutuante, conceito desenvolvido nesta dissertação.

Essa pesquisa não vislumbra validar as cosmovisões ancestrais comuns às comunidades quilombolas, pois, como já abordado por Antônio Bispo dos Santos (2018), comumente chamado de Nego Bispo, essas comunidades já operam o saber orgânico. O autor conceitua saber orgânico como "o saber que se desenvolve desenvolvendo o ser" e o contrapõe ao saber sintético, "que se desenvolve desenvolvendo o ter." (SANTOS, 2018, p.

[2] Cabe ao Incra titular os territórios quilombolas localizados em terras públicas federais ou que incidem em áreas de particulares (Decreto 4887/2003). No estado da Bahia, a Lei 12.910/2013 – Dispõe sobre a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por comunidades remanescentes de quilombos e por fundos de pastos ou fechos de pastos e dá outras providências. No entanto, para receber a certificação (documento que reconhece a comunidade enquanto quilombola), a comunidade precisa inicialmente se autodeclarar como remanescente de quilombo. Depois, deve encaminhar à Fundação Cultural Palmares (FCP) documentos que comprovem o histórico do local como terra quilombola.

49).

Compreendendo o plantio desse saber orgânico, iniciaremos este estudo apresentando quem lavra esse texto. Posteriormente, você, caro(a) leitor(a), será levado(a) às encruzilhadas em que se plantam os métodos científicos para, então, apresentar a terra macia na qual esse saber é plantado, a Cutia, e como essa comunidade desenvolveu as conexões de raízes que dialogam por um sistema que decidi chamar de flutuação, transformando os processos de expulsão em expansão, necessária para construção identitária.

Este trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro, procura-se explicitar os caminhos teóricos e metodológicos percorridos na pesquisa. O capítulo inicial visa romper a compreensão de distanciamento entre pesquisador e pesquisa à medida que propõe uma construção científica feita para e por quilombolas, distante da construção de conhecimento eurocêntrica, tipicamente dicotomizada. Enquanto pesquisadora-pesquisada, coloco-me em diversos momentos do texto, especialmente no memorial, que surge como forma de evidenciar as subjetividades que costuram esta pesquisa.

O capítulo seguinte destinou-se à apresentação de que terra é essa, qual solo lança os remanescentes e suas características. O apontamento para a raiz, terra mãe, permite compreender o que vem no terceiro capítulo, que, além de revisitar o conceito de quilombo, apresenta como ele é absorvido atualmente e de que forma ocorre a expulsão territorial através do racismo ambiental, operado em níveis estruturais nos poros desta comunidade. Isto posto, aborda-se como a questão da territorialidade assume novo sentido, e como o sentimento de *união* se torna elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, possibilitando que mesmo ao se mudarem para o Macuco, em Santos-SP, os cutienses continuarem mantendo sua ligação com a Cutia, com sua identidade e de certo modo suas práticas.

O último capítulo busca discutir esses fluxos e apresentar como os ritos são elementos essenciais à construção e à manutenção da identidade cutiense, para isso, será destrinchado a experiência vivida no rito de passagem que incorpora a sentinela[3], o velório e a visita. A morte aqui contribui, então, para a compreensão identitária/cultural quilombola e as conexões comunicacionais. Ainda neste capítulo será apresentado o produto, um *website* educomunicativo que possa ser alimentado pelos remanescentes nas duas localidades e seja instrumento educacional para espaços de educação formal e/ou não-formal.

Com o uso da internet pelos remanescentes, observa-se a abertura de novos espaços

[3] A sentinela na comunidade estudada se refere ao processo de acompanhamento ou visitas à pessoa que está morrendo, prenunciando pouco tempo de vida.

comunicacionais, permitindo-lhes produzir seus próprios conteúdos interativos, contar suas histórias, vender produtos, difundir sua cultura e diferenças, inaugurando uma nova fase de atuação no contexto brasileiro, marcada pela autorrepresentação virtual.

Em síntese, com a pesquisa, pretende-se contribuir para o debate acerca dos remanescentes quilombolas na Chapada Diamantina, contribuindo para a conceituação de quilombo flutuante, que amplia o entendimento de multiterritorialidade vivenciado pelos quilombolas. Esperamos que os resultados deste trabalho sirvam como potencial exemplo para outras situações similares e outros estudos.

CAPÍTULO 1 –ABRE CAMINHO: A TERRA DE ONDE NASCE A ESCRITA

1.1 Memorial

"Todo conhecimento é autoconhecimento."
(Boaventura de Sousa Santos, 2008, .80)

Toda leitura se situa, quer assim se assuma ou não. Escrever um Memorial Acadêmico não é unicamente elaborar uma "autobiografia", nem tampouco elencar atividades acadêmicas desenvolvidas. É falar sobre a própria história de vida, sobre uma práxis e sobre um processo de intervenção no mundo. Compreendendo que, como não há imparcialidade na escrita, há necessidade de evidenciar de onde parte a flecha que guia essa pesquisa.

Esta introdução busca refletir sobre os episódios que me trouxeram até o presente estudo e identificar as subjetividades que integram esta pesquisa. Assinalo, no transcurso da escrita, as situações que penso como mais significativas e relevantes para introduzi-lo nesse caminho.

De dentro para fora começo essa dissertação, por ser uma construção intelectual na qual me situo ao mesmo tempo como sujeito e objeto. Procurei descrever os fatos que me trouxeram até aqui obedecendo à ordem cronológica da minha vida, incluindo minha formação, acadêmica por considerar que esse processo facilitaria a compreensão dos fatos.

Esta narrativa se apresenta em 1ª pessoa porque é o memorial relaciona-se com a história particular de um indivíduo que é perpassada e conta com os nuances socioculturais vivenciadas por todos no mesmo momento histórico. O memorial (do latim *memoriale*) nada mais é que a escrita de memórias, significa "memento" ou "escrito", no qual é invocada a lembrança e na lembrança, por sua vez, o passado se torna presente e se transfigura, submerso pelo aqui e agora. Bosi (1994) trabalha a importância do tempo para a memória, a pensadora alerta que por mais vividas que sejam as discrições dos fatos posteriores, a lembrança é um conjunto construído pelo agora, as observações, indagações e construções presentes, não podendo ser um retrato fidedigno do que foi.

> Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 1994, p. 55).

Trabalhando com a memória de uma comunidade, não posso eliminar tal elemento na minha construção e colocação enquanto cientista, por isso, neste estudo busco rememorar pensamentos, atividades de um grupo que não se faz presente nos livros oficiais, abraçando as

transformações ocorridas no espaço com o passar das décadas, pois, assim como as minhas percepções se alteraram com a bagagem que acumulei ao longo do tempo, a da comunidade que estudo também se alterou. Não há cristalização do saber.

Já estive do outro lado, na condição de objeto de estudo, então o processo de compreensão do movimento interior que é ser pesquisada ocorreu num movimento de se compreender pelo olhar do outro. Enquanto pesquisadora já estive no papel de gerar um conhecimento a respeito de algo e toda responsabilidade que tal ato demanda. Logo, todas as incertezas e todos os riscos pertencentes ao presente estudo– o qual também me estuda – foi entendido e assumido.

Aqui, insiro-me como remanescente quilombola, parte da comunidade desde antes do meu nascimento, na condição de mulher negra, pesquisadora, formada em Jornalismo, e primordialmente educomunicadora.

O presente trabalho de pesquisa surge das reflexões após o retorno à minha comunidade. Logo ao fim da graduação em 2019, em que o saber acadêmico tradicional adquirido ganhou rumo e sentido ao dialogar com a sapiência única das comunidades tradicionais.

Tal contexto se torna relevante diante do impacto cultural que a academia me proporcionou, entrei no curso de jornalismo no segundo semestre 2014, e logo me apresentei enquanto quilombola, na época a palavra não significava muito, mas dentro do contexto universitário era esperado de mim um certo grau de entendimento ou sentimento de pertencimento que até aquele momento não existia.

Deste modo, em 2016, entro no projeto de extensão “Perfil fotoetnográfico das Populações Quilombolas Chapada Diamantina”, coordenado pela professora Márcia Guena com a sede de saber o que é ser quilombola. Ao pesquisar sobre, deparo-me com vários textos muito bem colocadas, no entanto, sempre com o olhar “de fora”.

Naquele período as falas e os jargões típicos da Cutia eram soltos na minha língua, mas que, inicialmente, foram refutadas pelos acadêmicos. Assim, a falta de maturidade da época, associada a tão pouca referência sobre o saber tradicional fizeram-me ver aquelas expressões como erradas ou associá-las a uma ignorância acerca da forma que as comunidades falavam.

Nos primeiros anos no curso de Jornalismo, a frase de apresentação era “Sou da Cutia uma comunidade isolada de Boninal”. Logo em seguida, era surpreendida pela indagação provocadora de quem conhecia o lugar: “como assim “isolada”, se passa rodovia no meio da

comunidade?”. No final da minha vida como graduanda, já não repetia tal blasfêmia: havia sido podada, já falava como a academia queria ouvir, “Sou da Cutia, comunidade quilombola rural de Boninal”.

Ao retornar, fiz a mesma indagação repetida a mim por tanta gente “importante”: “como é isolada se tem uma rodovia estadual com carros e caminhões todos os dias? É perto da sede e tem comunidades ao lado?” Como uma navalha, a voz calma minha avó cortou qualquer argumento.

Ela disse: “*É isolada, pois todo mundo passa, mas nada chega*”.

Ao fim, além de ter que concordar com cada vírgula, tive que adentrar em uma nova jornada dentro da minha própria comunidade, a qual perdurou até meados de 2022. A minha colação de grau enquanto filha daquela terra foi o rito de passagem do meu avô para a ancestralidade, foram mais de 14 dias imersa em uma profunda vivência comunitária. Não existia dor solitária, o adoentado não estava sob os cuidados da família direta, era de todos da Cutia, que, por sua vez, ultrapassava os contornos traçados no mapa do que era a comunidade.

Daquele momento em diante, todas as definições sobre o que é um quilombo, como é essa ligação ancestral com a terra, o que faz o território ser tradicional, o que é remanescente quilombola foi elucidado, todas as perguntas que passei quatro anos buscando através dos textos acadêmicos foram respondidos, mas não sobre uma folha de papel, como havia imaginado. A oralidade das comunidades tradicionais se fez vívida. Todas minhas indagações se transmutaram em certezas.

O sentido de quilombola transbordou, e as definições geográficas do que era a Cutia não faziam sentido. Os laços eram maiores, a noção do saber daquela terra era maior, em meio ao processo de busca por um sustento, aquela gente tinha se esparramado, a Cutia continuava como nó que amarrava todos os remanescentes, pois a terra não é nossa: nós que somos da terra e retornamos a ela (SANTOS, 2018).

Fui liberada da penitência pela busca incessante da objetividade científica que persegui durante oito anos a fim de validar meu estudo em comunidades tradicionais, algo que a branquitude já faz de modo tão natural. Boaventura de Sousa Santos (2008) alerta sobre como a obsessão pela objetividade pode ocasionar a redução da complexidade de certas culturas, identidade e visões de mundo que a academia ainda não compreende em profundidade.

Como acadêmica, sinto-me comumente ao mesmo tempo alheia e atraída por problemas, categorias e abordagens estrangeiras que nada têm a ver com a realidade na qual

vivo e trabalho. Apesar de estar imersa na pesquisa, é imprescindível compreender que a "experiência não dispensa a teoria prévia, o pensamento dedutivo ou mesmo a especulação, mas força qualquer deles a não dispensarem, enquanto instância de confirmação última, a observação dos factos." (SANTOS, 2008, p. 26). Isto posto, ambos se complementam para alcançar uma investigação mais densa.

Para além dos anseios pessoais, desenvolver esse estudo me possibilita ampliar o conhecimento em uma área específica que dialoga com a realidade atual do território. Ao ocupar esse espaço acadêmico, eu apresento a minha comunidade, enquanto parte desse organismo, fazendo ecoar por essas linhas que a importância e relevância dos saberes do chão da Cutia. Os conceitos que cercam o entendimento comum de quilombola muitas vezes não são pensados e discutidos pelos próprios diante do contexto excludente da academia, por isso, as encruzilhadas que possibilitam tais encontros não devem ser descartadas.

Assim fui chamada por essa terra. Minha pesquisa, anteriormente desenvolvida em uma outra comunidade quilombola, hoje já não faz mais sentido. A indagação dessas expulsões e principalmente dessa expansão em comunidades quilombolas tornou-se pulsante, mas o desafio de fazer pesquisa dentro da minha comunidade ainda se mostra.

1.2 Santo de casa não faz milagre, faz pesquisa

> "O nativismo que é o canto da terra ainda espera ser valorizado perdendo espaço pra outras culturas configura a culpa do ditado."
> (Mário Eleú, 2013)

O provérbio "Santo de casa não faz milagre" é uma expressão usada quando o que se faz, ou se recebe de fora de casa, é mais eficiente ou efetivo do que é encontrado em âmbito familiar ou esfera privada.

Dentro do ambiente acadêmico, a mera proximidade entre o sujeito e o objeto do conhecimento, requisito metodológico central da metodologia qualitativa, favoreceria o comprometimento subjetivo do pesquisador e conduziria a trabalhos de caráter especulativo e pouco rigorosos, arriscando, assim, a neutralidade e a objetividade do conhecimento científico. Ademais, além de gerar estudos pré-científicos, os cientistas ainda apontam a problemática na escolha do caso: até que ponto ele representaria um todo?

Na comunidade, a pesquisa partindo de uma jovem saída dali também traz consigo

desafios, afinal o mito do santo milagreiro e da solução que vem de fora permeia o imaginário local. “Como alguém que veio do mesmo lugar que eu é capaz de nos ajudar?” A valorização do outro em lugar do nosso, ou melhor, o estrangeirismo, cunhado por Barbosa (1999) em nível nacional, é refletido também em contextos locais, já que esse estrangeiro não é necessariamente vindo de outro país, mas se localiza geograficamente em uma cidade entendida como centro para esse grupo e é percebido automaticamente como capaz de me ajudar ou reconhecer. A investigação mais atenta do mito do milagreiro que vem de fora, mostra que essa referência não poderia ser exclusivamente religiosa; nossa realidade social, cultural e econômica é analogamente repleta de importações.

A crença do “Salvador da Pátria” está viva. Então, ao mesmo tempo que queriam a validação externa de um pesquisador vindo de fora, a associação direta aos pesquisadores que chegaram a morar na comunidade irmã, o Mulungu, provocavam uma ambiguidade de narrativas, especialmente ao ler textos como esse:

> Para as outras pessoas eu era sobretudo a amiga da Iêda. Além da simpatia inicial, minha presença também era associada à valorização do lugar. No Mulungu, onde todas as pessoas têm cor-de-pele negra, minha brancura representava uma posição social superior. A formalidade da boa educação quase excessiva no trato pessoal marcava a distância de status delimitada pela cor-de-pele. Quando as conversas eram engraçadas, minha chegada instaurava um silêncio respeitoso, que me deixava completamente sem graça. O fato de dizer que eu estava morando no Mulungu para estudar o Reisado fortalecia ainda mais esta idéia de superioridade social, pois saber ler e escrever pertence ao mundo das pessoas brancas que têm dinheiro. Mesmo incomodada com esta posição superior, fui me acostumando com os agradecimentos que eu recebia pelo simples fato de morar no lugar. (BRANTES, 2007, p. 28).

Licia Valladares (2005) alerta sobre essa relação do pesquisador com a comunidade pesquisada e que a “sua transformação em ‘nativo’ não se verificará, ou seja, por mais que se pense inserido, sobre ele paira sempre a ‘curiosidade’ quando não a desconfiança” (VALLADARES, 2005, p. 154). Cabe, então, ao observador aceitar essa condição, assim como compreender as dinâmicas e toda a logicidade desse convívio.

Os princípios subjacentes à lógica da relação pesquisador-pesquisado permeiam a “obrigação de dar”, “receber” e “retribuir”. A devolução do pesquisador para a comunidade, bem como a relação com aquele território, influencia não só o local da pesquisa como também as que estão no seu entorno. “O pesquisador é, em geral, ‘cobrado’, sendo esperada uma ‘devolução’ dos resultados do seu trabalho. ‘Para que serve esta pesquisa?’, ‘Que benefícios ela trará para o grupo ou para mim?’” (VALLADARES, 2005, p. 154).

A devolutiva construída na pesquisa de Eloísa Brantes (2007), ao contar a história da “Espetacularidade da performance ritual do Reisado do Mulungu” que contribuiu para

despertar sentimentos múltiplos em especial com o maior acesso ao ensino superior que artigos científicos passam a ter algum peso real, tomou um caráter diferente a partir dos demais pesquisadores que escreveram sobre o mesmo local com devolutivas similares. Em que medida o propósito aparentemente altruísta do pesquisador pós-moderno em dar voz ao "outro" não serve antes à sua autolegitimação, colocando-o em uma posição de neutralidade e, dessa forma, maior capacidade para escrever sobre qualquer assunto.

De fato, o paradoxo existente no campo universitário que encaixa com a expressão "Santo de casa não faz milagre" demonstra também a percepção de que o pesquisador de fora estaria mais apto a desenvolver a pesquisa, uma vez que conseguiria realizá-la em um local de neutralidade. Porém, como bem observado por Araújo (2003), o ser humano vive sob um sistema de crenças e está submetido a uma ideologia, de modo que o pesquisador/cientista não está alheio a esta condição, estando igualmente submetido a uma ideologia.

> Ocorre, no entanto, que pensam que os cientistas são neutros em suas atividades. O fato de que a ciência tem como uma de suas características a objetividade, talvez, tenha sido responsável por solidificar essa imagem. Todos os homens têm um conjunto de valores. E o que é grave é que muitas vezes, os cientistas se consideram neutros. (ARAÚJO, 2003, p. 19).

Desde a escolha da temática até a observação, todos os elementos da pesquisa têm a chancela do pesquisador, afinal, a investigação é precedida de expectativas e teorias. Além disso, cientistas, por mais que pareçam, não são seres divinos e "não estão imunes as ideias racistas, religiosas, políticas etc. Existem, na história das ciências diversos exemplos de pesquisas racistas." (ARAÚJO, 2003, p. 19).

Santiago Castro-Gomez (2003) chamou de epistemologia do "ponto zero", o ponto de vista do sujeito que enuncia sempre desconectado da localização epistêmica, com uma colocação neutra e universal, produzindo um mito universalista que encobre o lugar de quem fala (RIBEIRO, 2017).

Por fim, compreende-se que o pesquisador não é um santo milagreiro. Dessa forma, para não gerar esta aura ao redor das observações, anotações, registros e entrevistas, para este estudo em questão, torna-se benéfico o "santo de casa" não realizar milagre, e sim pesquisa, pois as expectativas de uma possível salvação ou validação externa que reformule o olhar sobre a comunidade não embaçam os relatos dos remanescentes de Cutia, além de possibilitar uma passagem por todos os caminhos possíveis para este texto.

1.3 Encruzilhada metodológica proposta

> “Uma encruzilhada é um encontro de diferentes linhas que se tocam ou se encostam para recarregar suas forças e reinventar novas direções para seus fluxos.
>
> (ADAD, 2021 p.8)

Assim como uma encruzilhada não tem apenas um único caminho possível, o presente percurso metodológico propõe uma via inicial para alcançar o objetivo proposto para esta investigação, mas não será o único, podendo se transfigurar em múltiplos caminhos. Tomamos a encruzilhada como referência epistemológica neste texto.

Nesta perspectiva, esse signo religioso se torna uma referência analítica da realidade delineada. Com a noção do cruzamento que é trazida pela encruzilhada, propomos pensar numa outra visão que não se assenta no binarismo colonial ocidental, mas se firma em uma concepção de mundo plural. Deste modo, as encruzilhadas, bem como todos as comunidades tradicionais, não podem ser compreendidas dentro de uma visão eurocêntrica, tipicamente ocidental, que a tudo antagoniza (SILVA, 2005).

Como este estudo emerge de uma profusão dos saberes, a metodologia da encruzilhada é a melhor expressão de uma cosmovisão agregadora que permite a convivência do visível com o invisível, onde passado e presente se articulam pela temporalidade espiralar (MARTINS, 2003), expressando o presente onde convivem viventes e ancestrais numa trama complexa da existência (OLIVEIRA, 2005).

Essa matriz epistêmica abre a encruzilhada e a traduz a partir da cosmovisão afro-indígena brasileira capaz de expressar toda a potência desta forma de compreender e produzir o mundo. Para Oliveira (2005), a encruzilhada é o lugar em que se cruzam as fronteiras, onde os limites se confundem, e, por isso, é o lugar da possibilidade, da criação.

A proposta aqui é a de fazer pensar em outras formas de ser e refletir sobre o mundo e construir o conhecimento. Neto e Grammont (2020) empregam a encruzilhada como artifício teórico potente para “pensarmos a insurgência decolonial, dialogando com outras epistemologias, como modo de resistir à lógica ocidental ‘coisificadora’ ainda presente na pesquisa nas ciências humanas” (NETO; GRAMMONT, 2020, p. 299). Além de apontar para a subversão da lógica colonial, a encruzilhada exerce uma interdisciplinaridade capaz de entrecruzar modos de coleta e análise para obtenção dos dados.

A metodologia utilizada nessa dissertação está baseada na ideia de que deve ocorrer uma construção coletiva do conhecimento, encontrada na Investigação-Ação-Participante (IAP), desenvolvida por Fals Borda (1925-2008). Segundo essa abordagem, o pesquisador

deve estar predisposto a desaprender e a reaprender, afastando-se e questionando os pressupostos da ciência eurocêntrica para, então, construir conhecimentos a partir da realidade latino-americana. O próprio autor definiu a IAP como:

> [...] um método de estudo e ação que anda de mãos dadas com uma filosofia de vida altruísta para obter resultados úteis e confiáveis na melhoria das situações coletivas, especialmente para as classes populares. Exige que o pesquisador baseie suas observações na convivência com as comunidades, das quais também obtém conhecimentos válidos. É inter ou multidisciplinar e aplicável de modo contínuo que vão do micro ao macro dos universos estudados (dos grupos às comunidades e grandes sociedades), mas sempre sem perder o compromisso existencial com a filosofia vital de mudança que o caracteriza. (FALS BORDA, 1998, p. 320, tradução livre).

O método tem as seguintes etapas: Investigação; Ação; e Participação das comunidades. Como princípios fundamentais, seguimos nesta pesquisa por essa encruzilhada fêmea[4], propondo os seguintes procedimentos:

- **Investigação com o cruzamento das seguintes técnicas:** revisão bibliográfica, observação, entrevistas semiestruturadas, conversas informais e escuta de histórias de vida, visando, a partir da trajetória de vida do entrevistado, destacar elementos úteis à criação de uma proposta de Educomunicação socioambiental contextualizada com a realidade local.
- **Ação:** a partir da etapa de investigação, as informações obtidas serão analisadas, sendo estudadas para compreender o cenário descrito pelos cutienses e, em seguida, planejar e desenvolver as ações com a comunidade. Neste trabalho, esta etapa é direcionada à promoção de diálogos com as comunidades sobre os saberes revelados pela pesquisa etnográfica.
- **Participante:** etapa estruturante deste trabalho, propiciando que o objeto de investigação não seja um objeto, mas um sujeito, com a possibilidade, inclusive, de intervenção no processo de investigação. Não há hierarquia entre pesquisador(a) e pesquisado(a): é uma construção conjunta, uma vez que, aqui subverte-se a ideia convencional de "investigador" e "investigado", já que a pesquisadora também faz parte da comunidade. Neste trabalho, a participação da comunidade pode ser observada no processo de construção do produto, no compartilhamento das informações e na revisão do material.

A IAP, nesse contexto, é pensada como um caminho de transformação social coletiva,

[4]Dentro das comunidades, há uma distinção entre encruzilhadas fêmeas e macho. As encruzilhadas chamadas de fêmea são aquelas que têm formato de T, com apenas três caminhos possíveis.

sendo uma técnica que permite a produção conjunta de conhecimento a partir das discussões de Fals Borda. Cichoski e Alves (2019) que sistematizam as mudanças necessárias:

> [...] i) a devolução sistemática do conhecimento com compromisso e formação de novos conhecimentos; ii) uma comunicação diferenciada, apropriada e simples; iii) uma comunicação respeitosa e dialógica; iv) o diálogo entre distintos sujeitos, numa soma de conhecimentos acadêmicos e saberes populares; v) um ritmo de trabalho participativo centrado na reflexão-ação, sem arrogância e com humildade. (CICHOSKI; ALVES, 2019, p. 79).

Fals Borda (1986, 1998) também recomenda uma "pesquisa sentipensante" que deve combinar a razão e o amor com o corpo e o coração, como fazem os povos tradicionais a partir das sabedorias das suas práticas ancestrais. Dessa forma, o conceito do *sentipensante* busca uma descentralização epistemológica da relação sujeito-objeto para sujeito-sujeito, ou melhor sujeitos *sentipensantes.*

> A antiga relação assimétrica entre pesquisador e pesquisado (entrevistador/entrevistado) pessoas que na antropologia tradicional seriam objetos são incorporadas à tarefa compartilhada de pesquisar ou estudar. Essa ruptura existencial desencadeia uma série de eventos e atividades antes impensáveis, aporte de dados por meio do trabalho coletivo, acesso a fontes não oficiais, lugares e com o surgimento de representantes da cidade e demandas compartilhadas quanto à comunicação e discussão dos resultados dos estudos em vários níveis ou estilos. (FALS BORDA, 1986, p. 38, tradução livre).

Inspirado por Fals Borda, Escobar (2014) construiu o conceito de "sentipensar con el território", ou seja, uma reflexão sobre pensar território através de uma operação lógica discursiva entre coração e mente, como um campo de interação repleto de ontologias.

O autor defende a necessidade de que "A leitora ou o leitor *sentipense* com os territórios, culturas e saberes de seus povos – com suas ontologias –, mais do que com o saber descontextualizado que subordina as noções de 'desenvolvimento', 'crescimento' e, até 'economia'." (ESCOBAR, 2014, p. 16, tradução livre).

A noção de ontologia política trabalhada por Escobar (2014) surge nessa investigação para desenhar "que tipo de mundo se criam através de que conjunto de práticas, e com que consequências para quais grupos particulares de humanos e não-humanos?" (ESCOBAR, 2014, p 22, tradução livre).

> A concepção de ontologia que permita múltiplos mundos nos levará, como veremos, à noção de pluriverso e a enfatizar as ontologias não dualistas ou relacionais que mantém muitas comunidades. Em suas mobilizações, muitos povos indígenas e

> afrodescendentes na América Latina estão propondo a atual existência de lógicas relacionais e propiciando o que chamaremos de ativação da política da relacionalidade. (ESCOBAR, 2014, p. 18, tradução livre)

Os conceitos aqui expressos nos permitem pensar a partir de práticas metodológicas pautadas por uma visão decolonizadora, cujo cerne é o reconhecimento da dimensão do "ser sentipensante". Essa abordagem qualitativa adotada compreende um processo de constante autocrítica e deve considerar a opinião de terceiros, em especial as da comunidade, bem como o retorno sistemático dos saberes sobre as comunidades para as comunidades.

Essa pesquisa não é feita de modo individual por quem transcreve esse estudo: a tessitura aqui realizada visa um caminho intercultural com outros(as) interlocutores(as). Esta é uma tentativa de tornar presentes os caminhos do conhecimento que estão à margem.

Com essa abordagem, enquanto lócus de produção e enunciação do pensamento, o conceito de encruzilhada é apesentado neste trabalho enviesado por uma construção teórico-metodológica *sentipensar*, cujo objetivo é analisar os processos de expulsão e expansão territorial da comunidade quilombola da Cutia. Assim sendo, ao passo que gera novos conhecimentos na área de educação ambiental, instiga a construção de novos instrumentos capazes de conferir a Cutia visibilidade/inteligibilidade.

A expulsão ocasionada pelo racismo ambiental (HERCULANO 2006, 2008; ACSELRAD, 2004; PACHECO, 2006, 2008) e como os remanescentes reconfiguram tal elemento em expansão é estudado nesta pesquisa, pois o território aqui se apresenta sem fronteiras exatas, mas como teias porosas, mesmo sendo material simbólico, identitário e epistêmico dessa população. Esta, por sua vez, tem um processo de construção sociocultural a partir da cosmovisão ou ontologia no território mãe Cutia e a mantém no território refúgio, Macuco, construindo então uma relação de fluxo que permite a proteção da memória cultural e identidade coletiva.

CAPÍTULO 2 – ASSIMILANDO OS TERRITÓRIOS DE ORIGEM: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

2.1 Qual Terra Preta?

"Meus antepassados, eu os saúdo. Meu tempo presente é para fazer saudações. Antes que eu inicie minha caminhada,
Não deixem de ouvir minhas saudações e me abençoem.
Quando a minhoca saúda a terra,
A terra se abre para que ela entre.
E u os saúdo.
Abram caminh o para mim" (RIBEI RO, 1998, p. 56)

Na cosmovisão filosófica africana (DOMINGOS, 2011), a Terra, antes de ser o espaço do qual o homem se apropria, é entidade espiritual. A visão da sociedade tradicional africana banto concebe a terra como potência indispensável para a vida: ela é o lugar vital que possui o homem e é para ela que ele retorna na morte.

Tal concepção é totalmente diferente do pensamento eurocêntrico que tem por "projeto maior da vida dominar e transformar a natureza e obter o proveito, o capital, o poder econômico a todo custo. E o objetivo desse esforço nesta lógica utilitarista é, muitas vezes, para impor e ostentar." (DOMINGOS, 2011, p. 2). A diáspora africana na América Latina, juntamente com a cosmovisão dos povos originários, possibilitou aos povos tradicionais, em especial neste estudo, as comunidades remanescentes de quilombo, uma relação com a terra que foge da lógica ocidental. Nego Bispo (2018, p.1), falando sobre a relação dos quilombolas e sobre o embate na demarcação do território, argumenta, "[...] a terra não pertence às pessoas, elas é que pertencem à terra".

> Discutir a regularização das terras pela escrita não significa concordar com isto, mas significa que adotamos uma arma do inimigo para transformá-la em defesa. Porque quem vai dizer se somos quilombolas não é o documento da terra, é a forma como vamos nos relacionar com ela. E nesse quesito nós e os indígenas confluímos. Confluímos nos territórios, porque nosso território não é apenas a terra, são todos os elementos. (SANTOS, 2018, p. 7).

As relações com a terra transcendem a visão utilitarista empregada ao termo "Terra de Preto" que, segundo Almeida (2008, p. 147), "compreende aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, por família de ex-escravos, abarcando também concessões feitas pelo Estado a tais famílias, mediante a prestação de

serviços [...]". Isto posto, em uma perspectiva analítica sobre o termo serviço, ponto decisivo da citação anterior, pode-se observar a natureza de "utilidade" e, portanto, de gerador de riqueza.

Buscamos aqui uma outra associação ao termo "Terra de Preto", não a título de ressignificação do conceito, mas com vistas a uma expansão do entendimento da relação dos quilombolas com a terra, o que colaborará com este estudo. Diante do exposto, o que antes era Terra de Preto configura-se como Terra Preta, conhecida há muito tempo como a mais fértil. Miranda (2007) desvenda a terra preta enquanto solo:

> A terra preta arqueológica é o resultado do acúmulo de matéria orgânica no solo, devido à permanência prolongada de humanos. O solo foi sistematicamente enriquecido com restos de animais, vegetais e comida (espinhas e escamas de peixe queimadas, ossos...), materiais de construção ou de consumo (lenha, carvão, palhas e cinzas), resíduos de culturas, fezes e dejetos. Toda essa matéria orgânica era consumida, utilizada, descartada e degradada, e ia se acumulando, sempre no mesmo local. [...] Algumas terras pretas datam de 4.000 anos ou mais, mas a grande maioria tem cerca de 2.000 anos. [...] Algumas manchas de terra preta atingem profundidades de até dois metros. Isso indica uma ocupação humana constante ou reocupações repetidas por muito tempo, no mesmo local. (MIRANDA, 2007, p. 74- 77).

Assim como o solo preto é resultado do acúmulo de vida, construído ao longo de um tempo e de uma troca entre o homem e natureza, o território que se faz quilombo também nasce da relação de troca com o ambiente natural, das práticas tradicionais de manejo da paisagem, bem como da preservação de recursos naturais e da sua identidade cultural, de sua história de ocupação, ou seja, é o acúmulo de vida daquele território. Tudo isso é carregado de simbolismo, próprio de comunidades tradicionais que carregam consigo as cosmovisões miscigenadas dos povos indígenas nativos desse solo e dos povos africanos sequestrados para esse país. É um fio que os une em discursos nos quais se cruzam é a ancestralidade.

Segundo Eduardo Oliveira (2005), a ancestralidade é o espírito de intimidade com a natureza. Assim, seria então a ancestralidade enquanto filosofia, uma filosofia da terra, já que, de acordo com o autor, ela brota da terra, "[...] onde o chão é todo o campo de imanência de onde se parte e para onde se volta. A referência é o território", já que, para alcançar voos e habitar em múltiplos territórios, ela antes enraíza, apesar de não ser imóvel pois, para Oliveira (2005), a ancestralidade é movimento.

> A ancestralidade é o movimento que se faz em qualquer esfera, no imaginário, no mito, na arte, no solo, no corpo... A ancestralidade é o movimento que articula as esferas que tradicionalmente têm sido entendidas como separadas, provocando uma re-ligação desses elementos que aparecem semioticamente separados, quando, em verdade, estão ontologicamente unidos. (OLIVEIRA, 2005, p. 297-298).

O modo como se experimenta indissociabilidade comunidade-ancestralidade-natureza é um círculo, no qual não se sabe onde termina um e começa o outro. A circularidade é a integração e a horizontalidade, em que cada elemento se relaciona com o outro, complementando-o. A terra também é base dos remanescentes quilombolas, uma vez que comunidade-ancestralidade-natureza são indissociáveis, consequentemente, a ancestralidade está na terra, pois ela não pode ser entendida fora da terra.

A terra, seja dentro do conhecimento empírico, científico, filosófico ou religioso, carrega o símbolo da fecundidade e da regeneração, visto que ela dá à luz a todos os seres, alimenta-os e depois os recebe no fim de sua jornada. Na Cutia, é no quintal da casa dos avós que se enterra o umbigo do recém-nascido, mas, para além de todas as superstições sobre o local onde se enterra, para os cutienses que continuam tal tradição, é uma marca também da ligação com a terra ou, no caso dos que nascem em São Paulo, com o local ancestral.

De certo modo, há uma compreensão de solidariedade com a terra natal, que é elucidado por Eliade (2012, p. 118) como: "a experiência religiosa da autoctonia: as pessoas sentem-se gente do lugar [...]. Ao morrer, deseja-se reencontrar a Terra-Mãe, ser enterrado no solo natal". A noção de espaço topográfico e as demarcações espaciais como as fronteiras e os povoados são construções coloniais. O corpo-território é ancestral, por isso, a terra natal, para as comunidades tradicionais, é o local onde os seus mais velhos e mais velhas estão.

O colonialismo incidiu não só sobre o espaço geográfico como também sobre a subjetividade e sobre as relações que estabelecemos com as outras formas de existência. As fronteiras nem sempre estão demarcadas por muros, cercas ou contratos. Há nas entrelinhas, nos subentendimentos, a partir de tensões sentidas e experimentadas, como, por exemplo, nas demarcações de racismo e preconceito, o estabelecimento de fronteiras reais que fazem comunidades geograficamente ligadas terem um muro invisível e tão resistentes quanto as cercas de pedra que cortam a Chapada Diamantina. Os processos históricos que as comunidades quilombolas vivenciam estão repletos de significados e de contradições, que vão muito além do que é palpável, visto ou documentável.

2.2 As Chapadas não vistas

"No Garimpo sou pedra 90
Nascido e criado onde tu não entra"
(Alex Pereira Barboza, Fernando Aparecido
Gonçalves, Michel Dias Costa, Rodrigo Freitas e

Fernandes Morais, 2022)

Não só a Cutia, ou Boninal, mas toda a Chapada Diamantina em algum momento já foi caminho, e não chegada. O povoamento, não indígena, dessa área inicialmente deriva da passagem entre o Recôncavo Baiano e Rio São Francisco, entretanto, os processos de povoamento que mais marcaram a região aconteceram predominantemente no final do século XVIII e na primeira metade do XIX devido ao garimpo. Myrt Thânia Cruz (2006) relata que a formação territorial da região da Chapada Diamantina se deu de forma desordenada, ocasionada pelo fluxo ocupacional.

Em relação ao povoamento negro na região, para além dos processos comumente delineados (CRUZ, 2006; ALMEIDA, 2005; PINA, 2001) a respeito da fuga de pessoas negras escravizadas que encontraram no garimpo um contexto que colaborava para a busca definitiva ou manutenção temporária da sua liberdade, destaca-se, ainda, a vinda de negros escravizados trazidos pelos senhores de engenho do Recôncavo Baiano, para o trabalho na agricultura e na pecuária, bem como na produção de manufaturas. Kátia Almeida (2005) evidencia que tais atividades eram realizadas por um "pequeno número de escravos, administrados pelos próprios senhores." (ALMEIDA, 2005, p. 2). No Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da Iuna, Lençóis-BA, feito pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o antropólogo descreve que, desde o século XVIII, já existia registro de quilombos na Chapada Diamantina, como em uma carta para o então governador, capitão general Dom Fernando José de Portugal, na qual se encontram relatos da existência de quilombos na região.

> As cidades mais antigas pertencem assim à região das lavras, no centro da Chapada Diamantina. O crescimento dos povoados no entorno se deu em função da necessidade de prover gêneros agrícolas às áreas de garimpo, bem como encontrar uma opção econômica viável nos períodos de intervalo entre os ciclos mineralógicos favoráveis, dando surgimento a uma zona propriamente agrícola na qual não havia cata do diamante. (BANAGGIA, 2017, p. 125).

Algumas décadas após o início da romaria em direção à extração de minérios na Chapada Diamantina, a atividade passou por uma crise provocada pela exploração dos diamantes de África, promovendo o primeiro declínio ocasionado pela negação da compra estabelecida pelo mercado europeu. Ainda segundo Cruz (2006), mesmo com o garimpo e com o comércio comprometidos, os locais diamantinos ainda recebiam aqueles migrantes oriundos do sertão baiano que buscavam reverter sua condição financeira de modo rápido.

Neste contexto, os garimpeiros intercambiaram seu ofício para a comercialização do

carbonado – conhecido como carbonato no território –, minério responsável por fazer reviver o movimento de garimpagem anteriormente praticado. No entanto, entre os anos de 1940 e 1950, ocorreu o novo declínio do garimpo, abrindo passagem para o garimpo de draga entre 1970-1990 (NOLASCO; SILVESTRE; TORLAY; ROCHA, 2017).

Em 1980 inicia as discursões para a implementação do turismo na região por meio de incentivo do Estado, o turismo se constituiu como principal atividade econômica da região, iniciando outro tipo de romaria. A atividade se tornou uma alternativa de permanência para a população já muito reduzida.

> A partir de 1974, verifica-se a primeira tentativa de ação planejada do Governo do Estado na região com o objetivo de interiorizar e promover o desenvolvimento do turismo ao deslocar para a Chapada Diamantina uma equipe técnica – da Coordenação de Fomento ao Turismo, ligada à Empresa de Turismo da Bahia (Bahiatursa) – integrante do projeto « Identificação do Potencial Turístico do Estado » para realizar um diagnóstico dos municípios de Lençóis, Andaraí e Mucugê que resultou no documento « Chapada Diamantina, uma avaliação prévia para a implantação do turismo nos municípios de Lençóis, Andaraí e Mucugê » que, além de analisar as principais atividades econômicas dos referidos municípios, também efetua o levantamento fotográfico da área urbana, do artesanato, das manifestações culturais e dos principais casarões destas cidades. (BRITO, 2005, p. 124).

Mesmo com o fim do garimpo como foco econômico regional, a trilha sócio-cultural-econômica construída com o garimpo (da construção econômica baseada na exploração internacional das riquezas nacionais) se repete nas relações com o turismo e com a agricultura, principais atividades econômicas destinadas à região atualmente. Percebe-se, então, que não se trata de uma condição material estática, mas sim de uma objetividade relativa e socialmente constituída.

> Os dois últimos processos de investimentos governamentais – agricultura e turismo – estão diretamente relacionados à Chapada Diamantina. O terceiro – agricultura – pelo fato desta região ser detentora das principais bacias hidrográficas do estado representada pelo Rio de Contas e, principalmente pelo Rio Paraguaçu, condição esta, que associada a outros fatores naturais e econômicos, despertou a atenção de grupos externos e da própria região para implementarem projetos irrigados constituindo assim biopolo Mucugê/Ibicoara, ampliando na segunda metade dos anos 90 uma construção da Barragem do Apertado. (BRITO, 2005, p. 132).

O diamante, que empresta seu nome à Chapada, marca igualmente uma divisão histórica entre os municípios pertencentes à região que um dia foi Lavras Diamantina e aqueles que não tinham o garimpo como atividade principal. Essa atividade sinaliza também a divisão econômica se dá entre as áreas de garimpo e as cidades ou povoados do seu entorno, que têm a função de prover gêneros agrícolas.

Em todas as fases dessa terra, a agricultura se manteve como atividade constante, transitando entre todos os períodos, até mesmo com antecessores indígenas: Maracás, Payayás, Paiaiazes, Maracanasus, Cariris, Tapuyas (BANAGGIA, 2017) – os quais são tradicionalmente suprimidos dos registros da historiografia em detrimento da corrida do diamante –, isto é, essas populações que estavam aqui antes já desenvolviam o plantio na região.

> Há na literatura registros a respeito da ocupação, mais duradoura ou mais transitória, de diferentes etnias indígenas no território que é hoje denominado de Chapada Diamantina, incluindo Maracás, Paiaiás, Paiaiazes, Maracanasus, Cariris, Tapuias. Às línguas faladas pelas duas últimas etnias atribuem-se nomes próprios (em geral topônimos e nomes de espécies vegetais) muito comuns na região, como orobó, assuruá, jequié, cincurá, catulé, mucugê, entre outros. Enquanto a historiografia acadêmica mais tradicionalmente registra a chegada, durante a corrida do diamante, em um território inicialmente desocupado, abundam na história oral relatos de antecedentes indígenas, sendo prototípico o caso do parente índio que gostava de passar seu tempo isolado, longe da cidade, morando em tocas de garimpeiro em meio à mata. (BANAGGIA, 2017, p. 125).

Assim como os caminhos dos povos originários desta terra não brilham aos olhos da historiografia local, as cidades e comunidades que têm como foco a agricultura também foram desassociados do entendimento identitário regional da Chapada Diamantina. Ora, o próprio nome do território é cunhado a partir da junção de duas esferas específicas: a formação geológica/natural e as relações socioeconômicas decorrentes da extração de diamantes (BRITO, 2005, p. 83) que, por sua vez, não fazem parte das construções de cidades como Boninal, que não tem os morros da Serra do Sincorá com seus platôs e que não teve sua construção econômica em torno do minério.

Tal dissociação entre as múltiplas Chapadas Diamantina possíveis favorece a chegada de megaempreendimentos como a PETERFRUT COMERCIAL LTDA, a empresa que fez com que o morango, fruta desejada nas comunidades rurais nos anos 2000 devido à sua escassez, se tornasse temida e abundante no município. Em seu *site* oficial, a empresa intitula- se como "Uma empresa inovadora que investe e acredita na agricultura familiar, tornando-a líder no segmento devido ao atendimento e a qualidade de seus produtos", o que demonstra a apropriação dessas grandes empresas da ideia de agricultura familiar, distanciando-se do termo "agronegócio".

Abrimos aqui um parêntese para as lágrimas que tais negócios trouxeram para a região. No ano de 2023 um jovem concluinte de ensino médio residente do quilombo do Mulungu foi surpreendido pela morte na estrada estreita que caminhões da empresa Peterfrut

atravessavam, registro no meu texto essa perda para lembrar que as estradas negligenciadas pelo poder público e pelas empresas visando o lucro impediram uma vida. A fatalidade proveniente da falta de espaço da estrada provou uma colisão do corpo jovem, protegido apenas pelo capacete em sua moto, com o caminhão. No velório sua mãe gritava, para que não houvesse dúvida que da honestidade do seu filho, que ele estava indo entregar o currículo na empresa dona do caminhão. Escrevo sobre essa dor porque ninguém escreveu, essa morte não foi falada, e a estrada continua estreita. Não é só o veneno matando.

No Brasil, agronegócio "expressa – ou deseja expressar – as atividades agropecuárias que utilizam técnicas de produção intensiva (mecanização e química) e de escala, o que gera aumento da produção e da produtividade." (SAUER, 2008, p. 16), sintomatizando todas as camadas de *Brasis* em que nem tudo é o que se parece e a escrita é utilizada como instrumento de criar realidades.

Outro empreendimento que chegou a Boninal foi o Complexo Eólico Novo Horizonte, do Grupo Pan American Energy, empresa argentina que abrange tanto sua terra natal como também mais cinco países, nos quais se incluem o Brasil. Ademais, além da energia eólica, explora e produz petróleo e gás. O primeiro projeto da Pan American no Brasil, ao qual denominam Novo Horizonte, se situará nos municípios de Novo Horizonte, Boninal, Ibitiara, Brotas de Macaúbas, Oliveira dos Brejinhos e Piatã e é composto por 10 parques de energia eólica, dos quais oito receberão o apoio de R$ 900 milhões do BNDES.

Tais atividades que seriam impensáveis para a Chapada turística, a vista e vigiada, aqui são vistas como solução para que os nativos não tenham mais que se lançar para os grandes centros. Os meus parentes seguem na Chapada Diamantina que não é Chapada Diamantina, amedrontados pelo agrotóxico, reclamando dos preços que subiram e das atividades desgastantes, mas gratos por estarem aqui e poderem viver. A única visibilidade que essa Chapada conta é a de grandes empresas internacionais que não olham gente ou território apenas patrimônios naturais dessas cidades e da mão de obra barata. Vale ressaltar que toda a região sofre por conta dos conflitos relacionados a essas interações, porém a discursão gira sobre a falta de apelo midiático que a Chapada Diamantina não turística tem e consequentemente o impacto disso nas denúncias sobre conflitos e a interferência na construção de uma identidade territorial. Tal discussão tem um caráter ambíguo e complexo para a região, o que nos cabe nessa pesquisa é questionar essa invisibilidade e a dissociação entre as duas Chapadas.

Boninal faz parte do território de identidade e do território geográfico da Chapada

Diamantina e, apesar dos municípios vizinhos serem zonas turísticas, o município não faz parte desse circuito. Ou seja, de modo geral a cadeia de montanhas da Serra do Sincorá, cartão postal da região, não representa as serras pontudas de Boninal, município inicialmente conhecido como Freve devido às movimentações constantes das tropas no transporte de mercadorias e o povoamento entre as pessoas nos leitos dos rios (BONINAL, 2018). Posteriormente, adotou o nome de Sumidouro, onde uma certa parte do rio se escondia em meio às matas, nome esse que permaneceu até 5 de junho de 1915, quando, através da Lei Estadual nº 1.078, elevou que antes era arraial à categoria de Vila, recebendo o nome de Guarany, uma lembrança aos originários, os primeiros que pisaram em seu chão, e pela mesma Lei foi criado o município de Guarany.

O nome Guarany, a Cachoeira nomeada "dos índios" e os relatos de antepassados capturados no mato não deixam dúvida de que Boninal tinha uma grande expressão de indígenas que foram esquecidos na história. O Decreto Estadual nº. 7497, de 08 de julho do ano de 1931, extinguiu o Município de Guarany e anexou seu território ao de Anchieta (atual Piatã). Na década de 1940, mais uma vez foi alterado o nome dessa terra, que passou a se chamar Boninal em homenagem à flor Bonina, também conhecida como Maravilha (*Mirabilis jalapa*). O suco das folhas dessas plantas pode ser usado para tratar feridas, mas, na história do município, ninguém nunca esteve disposto a macerar as belas pétalas e lidar com todas as feridas herdadas do coronelismo; ao invés disso, continuamos as usando como ornamentação para as histórias contadas. Em 1961, foram tomadas as iniciativas para a reestruturação do município de Boninal, que acabou por acontecer em 23 de abril de 1962 pela Lei Estadual nº 1.688, cuja instalação ocorreu em 7 de abril de 1963 (BONINAL, 2018).

Apesar desse distanciamento e desse muro invisível entre a Chapada Diamantina construída pelo turismo e a Chapada território de identidade, podemos observar que há muita similaridade entre as cidades turísticas com apelo cultural, econômico, e com potencial comunicacional e as cidades não turísticas, com a economia baseada na agricultura e com pouco espaço midiático.

O subconsciente dessa região enquanto via de passagem pode ser associado até mesmo ao cartão postal da Chapada Diamantina, o Pai Inácio, o morro que é símbolo e constitui o cenário físico das fotos e logomarcas ligadas à região, e que é um local de passagem, mas não de encontro. Aquela montanha específica se tornou marco simbólico desse muro que surge nos discursos quando o "ir à Chapada Diamantina" é sinônimo de conhecer a paisagem das fotos turísticas.

Tal apontamento se torna curioso quando o circuito turístico da Chapada Diamantina se torna mais distante do que Santos, em São Paulo, para os moradores da Cutia. Ao irem para o Macuco, em Santos, os remanescentes encontram uma rede de apoio, visto que os parentes que ali vivem fazem os que chegam se sentirem acolhidos e pertencentes àquele novo local, enquanto, nas cidades turísticas do dito oásis do centro geográfico da Bahia, os cutienses, mesmo vivendo no território, não são nativos, não têm identificação com a identidade do novo rural e nem o dinheiro para frequentar e apreciar as belas paisagens. Não são desejados.

Esse *apartheid* invisível de locais acessíveis ou não a essa população constrói muros que deixam implícito que você não é bem-vindo àquele lugar, dado que "a sociedade do consumo autoimpõe essas fronteiras que não são físicas, mas que restringem e que ditam até que ponto podemos ir dentro dos limites da cidade." (MORAIS; SOUZA, 2019, p. 77).

Esse percurso histórico do símbolo que é capaz de transformar o entendimento e o significado sobre algo interfere em toda uma identidade local. Assim, o novo rural[5] (ROCA, 2011) se torna a Chapada Diamantina e estabelece nessa região uma nova forma de controle e exclusão, pois os outros moradores do entorno da zona turística já não apresentam os critérios econômicos necessários. Nesse ponto, não estamos falando apenas do capital financeiro, mas principalmente do capital cultural para acessar esses espaços (MORAIS; SOUZA, 2019).

O capital cultural, além do estoque acumulado de conhecimento sobre os produtos de tradições artísticas e intelectuais, que é aprendido por meio de treinamento educacional, é, também, o conhecimento adquirido por meio do contexto social, representando o conjunto de gostos socialmente distintivos, habilidades, conhecimentos e práticas. Bourdieu identifica os condicionantes do acesso obedecendo à mesma lógica dos herdeiros, no que ele denomina de apropriação do capital cultural e simbólico (BOURDIEU, 2011), isto é, trata-se do conjunto de conhecimentos e informações que os filhos das classes dominantes recebem, de uma forma natural, e que falta aos estudantes dos meios desfavorecidos. Este capital cultural é legitimado e oficializado pelo diploma escolar, mas tem influência direta sobre o comportamento e sobre as subjetividades valorativas as quais impõem impedimentos do acesso aos grupos que não detêm tal capital.

> Na relação entre as duas capacidades que definem o habitus, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de

.

[5] Novos rurais são os indivíduos provenientes de meio urbano que, motivados por razões socioeconômicas, culturais e/ou ambientais, mudaram pela primeira vez ou regressaram ao meio rural, sendo que residem e/ou

exercem atividades agrícolas ou não agrícolas no campo. (ROCA, 2011, p. 7).

> apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida. (BOURDIEU, 2011, p. 163).

De acordo com o autor, o *habitus* se incorpora naturalmente nas formas de agir e pensar a partir das relações sociais estabelecidas pelo indivíduo, o qual, por sua vez, age de modo a representar a classe na qual foi socializado. Assim, os grupos tendem a reproduzir a estrutura social, consolidando a sua posição pessoal nela, por isso, na concepção turística da Chapada Diamantina, as elites tendem a se distanciar todos os locais daqueles ditos como "farofeiros". Esse comportamento, segundo Bruhns (2001), tem sua fundamentação no fato de que essa prática turística, muitas vezes, organiza-se em torno de uma refeição, cujo planejamento, preparo e consumo são efetivados de forma coletiva, de modo que formas de lazer próprias das periferias se tornam quase autossuficientes em relação ao comércio dos espaços turísticos, criando possibilidades de acesso ao lazer.

Deste modo, a nova ruralidade contemporânea designa qual vai ser a identidade da região e quem vai ou não usufruir dela. Em suma, o caminho é feito por esse novo rural com base nas suas próprias medidas, assim, justifica-se o estranhamento entre atores do mesmo território.

2.3 Cutia: O território da partida e do afeto

"Ai que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar"
(Arlindo Domingos Da Cruz Filho / Jose Mauro Diniz, 2007)

Contornada pela rodovia BA-148[6], a comunidade de Cutia é lugar de saídas e chegadas, aberto aos encontros. Um espaço de passagem e de morada. Todo cutiense recepciona – seja qual for o visitante que chegue – com o melhor café que se tem em casa, coado na hora, misturado com vida pulsante, não muito forte, para não assustar o paladar pouco acostumado. A bebida chega a se parecer com a cor das águas dos rios que se tem por lá. O café é a desculpa para se começar as conversas mais sérias, tais como a que irei iniciar; a bebida serve para aproximar narrador e ouvinte, neste caso leitor e pesquisador.

Sendo local de passagem, a hospitalidade acaba por ser um traço comunitário, uma

[6] Rodovia estadual do estado da Bahia entre os municípios de Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas a qual recebe o nome popular de "Estrada Verde".

característica mais acentuada lá do que em outros locais próximos, visto que saber acolher e fundir nas raízes é uma estratégia para se conseguir momentos de paragem, pois o interesse é criar elos, envolver multiplicidades. Esse lugar da passagem de muitos e da permanência de tantos outros é uma comunidade rural remanescente quilombola, que foi certificada pela Fundação Palmares em 2006, pertencente ao município baiano de Boninal.

Entretanto, antes de Boninal ser Boninal, na época em que aquela terra ainda era chamada de Guarany, a Cutia já estava ali. Segundo os dados oficiais obtidos pela Coordenação de Desenvolvimento Agrário, a comunidade tem 258 famílias, mas os laços e o entendimento por comunidade vão além dos dados institucionais. Sublinha-se que nem todas as informações oficiais encontradas nas buscas e pesquisas em órgãos públicos compreendem o vasto complexo de conhecimentos e entendimentos não oficiais, não institucionalizados, da Cutia.

A exemplo disso, temos o próprio nome do povoado, a Cutia com "u", como os moradores reafirmam em sua oralidade, escrita e história, apresenta uma confusão nos registros oficiais dos órgãos públicos, ora é mantido com "u", ora é substituído pelo Cotia com "o", o que, além de dificultar as pesquisas sobre a comunidade, expõe a sua não subordinação às fontes nomeadamente "formais". Durante décadas, a placa que sinalizava a chegada à comunidade era escrita com "o", exigindo a reparação constante nos discursos e nas apresentações sobre o real nome do local e sobre a confusão da prefeitura. Em 2017, com a reforma da rodovia 148, a placa foi alterada e, além do nome correto, foi adicionada uma outra informação importante: a de quilombola.

Figura 1- Placa nova da comunidade com o nome correto.

Figura 2- Placa antiga da comunidade com o nome grafado errado.

O nome com “u” é uma associação direta ao animal que habitou aquela terra antes. Conhecidas também como *Dasyprocta Aguti*, as cutias que vieram muito antes sinalizaram que aquela terra era boa, já que os lambedores naturais (também conhecidos como barreiros) eram locais onde vários animais silvestres – em especial a cutia – iam lamber ou consumir o solo (um comportamento conhecido como geofagia), de modo que, após o animal fuçar a terra, revelava-se o solo úmido, promissor para o plantio, uma terra boa.

As casas acompanham as curvas sinuosas do rio, postas lado a lado, com uma distância que permita que o vizinho lhe acudisse caso ocorresse qualquer infortúnio. Recordo- me, também, dos debates sobre o perigo de quem morava sem casas próximas, ou seja, como e por quem fulano ou ciclano será acudido em momentos de dificuldade? Essas indagações são um elemento comunitário importante nesta pesquisa.

Os cutienses têm sua própria divisão de ruas, sendo: a Rua de Baixo e a Rua de Cima, as vias principais; o Corredor, o Caminho do Tanque e o Caminho do Baixão, as vielas secundárias. Na Cutia, não há caminho que não leve a um lugar. O Caminho do Tanque é o nome utilizado para a estrada que dá acesso às roças Tanque, Baixão, Boi Morto, terreiro Duro e ao quilombo do Mulungu – trata-se de um caminho longo em que há roças comunitárias e roças familiares. Durante o início da migração dos remanescentes para Santos- SP, esse caminho se tornou procissão comum para as mulheres e crianças da Cutia, assim, os homens, pais de família e jovens, foram obrigados a partir para prover os recursos monetários esperados em uma lógica de desenvolvimento capitalista, e as mulheres permaneceram para garantir a agricultura de subsistência, a manutenção de relações sociais e o retorno dos homens, gerando o fenômeno conhecido como ‘viúvas de maridos vivos’, maridos esses que às vezes renasciam tempos depois.

Seguindo nosso passeio de apresentação, mais adiante nos deparamos com o Caminho do Baixão, o corredor do meio, que marca também a divisão entre Rua de Cima e Rua de Baixo. Esses dois polos vivem com as tensões próprias de um espaço multirracial, pois, enquanto a Rua de Baixo, entrada da Cutia para quem vem de Boninal, tem maioria de pessoas brancas e casas abraçando a BA-148 até que uma encruzilhada guie o caminho do coração da comunidade. O restante da rua abriga um pequeno posto de saúde e a escola municipal, uma das maiores da rede municipal na zona rural; o tamanho da escola se deve à extensão do terreno doado dentro do povoado por Carolino Alves de Souza (personagem fundamental do tópico 4.2 do quarto capítulo). Entretanto, mesmo com os esforços de Carolino Alves e de Abdias Ramos pela educação daquele lugar, o município optou por fazer uma homenagem ainda em vida ao primeiro prefeito da cidade.

Ao chegar na divisa entre as ruas, o caminho se divide em dois, a Rua de Cima abriga o que podemos chamar de coração da comunidade, abrigando o galpão do Ponto de Cultura, que administrava cinco cursos gratuitos no povoado com todo o equipamento necessário (informática, violão, corte e costura, crochê e capoeira. Porém, com a pandemia e com a falta de verba, as atividades pararam, adiando não só a inauguração do Ponto de Cultura, como também a homenagem que estava sendo pensada para quem idealizou esse projeto e já se foi.

Entre o Ponto de Cultura e a Associação Comunitária de Quilombos dos Amigos da Cutia, encontra-se o Pé de Juá, uma árvore frondosa que existe ali desde sempre, em posição estratégica, bem no meio daquele núcleo de pontos comunitários. A árvore onde anteriormente descansavam os cavalos dos tropeiros ainda é referenciada; com sua copa grande e densa, carregada de folhas, ela representa um elemento simbólico de relação da comunidade.

Alguns metros após a árvore, encontra-se o Barracão, como é chamada a sede da Associação Comunitária de Quilombos dos Amigos da Cutia, a associação mais antiga do local: aberta oficialmente em 2004 mas que existe desde os anos 1990, fundada por Abdias Ramos. Ainda com o sentimento do sindicalismo da greve dos metalúrgicos de 1978-1980 no ABC Paulista, da qual participou, Abdias Ramos viu que o caminho para alcançar melhorias para comunidade era a organização social. Essa associação nasceu, portanto, sob uma perspectiva de luta por direitos e a detentora do certificado da Fundação Palmares de remanescente quilombola expedido em 2014.

A associação tem papel fundamental na história da comunidade e na sua certificação enquanto quilombola visto que no que diz respeito à certificação, a IN nº 57 do Incra

determina:

> Art. 6º. A caracterização dos remanescentes das comunidades de quilombos será atestada mediante autodefinição da comunidade. Parágrafo único. A autodefinição da comunidade será certificada pela Fundação Cultural Palmares, mediante Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos do referido órgão, nos termos do § 4º, do art. 3º, do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (BRASIL, 2009).

Segundo a Portaria FCP nº 98/2007, para obter a emissão da certidão, a comunidade que tiver associação deverá apresentar, no ato da solicitação, ata da assembleia convocada para decisão do grupo sobre o processo da autodefinição. Esse documento precisa ser aprovado pela maioria absoluta de seus membros e ser acompanhado de lista de presença devidamente assinada. Além disso, a comunidade deve encaminhar à FCP, caso tenha, documentos (fotos, reportagens, estudos realizados, entre outros) que atestem a história do grupo e/ou suas manifestações culturais. Por fim, deve apresentar um relatório sintético da trajetória comum do grupo e solicitar ao presidente da FCP a emissão da certidão de autodefinição, esse processo longo presidido no Barracão o colocou como espaço coletivo na comunidade.

É no Barracão onde se realiza a maioria das atividades comunitárias: o espaço já recebeu chá de bebê, casamento, festa de aniversário, etc.; já a cozinha do Barracão é o local onde se cozinha em todos os eventos da comunidade (cavalgada, argolinha, novenas, festa do Sagrado Coração de Jesus, festa de Santo Reis, velórios, casamentos...). É também no galpão da associação que acontece o amigo secreto anual e a ceia coletiva de Natal.

O Barracão recebe esse nome devido à sua função inicial quando construído pelo governo municipal, isto é, ser um espaço com cabines para comercialização dos produtos da feira livre que acontecia lá até o início dos anos 2000. No entanto, quando a atividade deixou de ser praticada, a associação reivindicou o espaço, reformando-o e transformando em um galpão para uso comunitário.

O povoado ainda tem uma quadra de esportes que o poder público adaptou e construiu um palco definitivo para as atividades comunitárias. Espremida entre o Barracão e o palco, encontra-se a Associação de Mulheres Quilombolas da Comunidade de Cutia, fundada em 2014, cujo grupo ainda está tomando forma. A alguns metros da quadra, tem a praça, antigo local de encontro dos namorados; no encontro entre as duas pontas da rua, há igreja do Sagrado Coração de Jesus, idealizada por Rita uma moradora. Atrás da igreja, fica o cemitério que guarda os nossos finados.

A alguns metros do outro lado da BA-148, tem a Barragem da Cutia, construída pela CERB em 1981 nas margens do rio Cochó com o divisor de águas da serra do Bastião, a

nordeste do povoado. Apesar de teoricamente essa ser a divisa entre os municípios e entre as comunidades de Cutia e Barro Branco, os laços identitários, culturais e familiares fazem com que a Cutia se estenda mais alguns quilômetros com remanescentes que foram construindo suas casas ao lado da rodovia.

Em todo o percurso da comunidade, há travessas que a ligam ao seu rio. A ligação íntima dos remanescentes com a natureza que os cerca é percebida no conhecimento acerca da vegetação local, das áreas do rio, do solo e, até mesmo, do melhor local para cada coisa: perfuração de poço, criação de animal, construção de casa, etc. A Cutia atua como terra mãe de acolhimento, assumindo caráter físico e simbólico, que pode ser visto também na ideia de coletividade dentro da lógica do trabalho.

A Cutia nasce da liberdade do trabalho para o outro em regime comunitário, sendo um insulto trabalhar para o outro "de macaco" – prestar serviço com pessoalidade, estando subordinado às normas do empregador, recebendo em troca um salário pelo serviço –, porque macula a liberdade daquele chão. Para cometer tal blasfêmia justificada pelo desejo de possuir – isto é, o que o capitalista fala que vai tirar as pessoas da pobreza à qual ele mesmo amaldiçoa –, os remanescentes vão a outras comunidades ou até mesmo a outros estados, "em outra terra em que a lógica da dita modernidade permite e o exime de culpa ao trabalhar de macaco", mas, ao chegar em solo cutiense, tal ato já não é mais permitido. Reestrutura-se a lógica colaborativa. Os entrevistados 01 e 02 definem a expressão como:

> *"É ganhar dinheiro trabalhando pra um e pra outro, a gente chama macaco." [Entrevistada 1, 68 anos]*
> *"Trabalhar de macaco é macaqueiro que trabalha um dia para um dia para outro." [Entrevistado 2, 70 anos]*

O termo "macaco" aqui não tem associação direta com a memória simiesca, mas sim com as reminiscências do cangaço, quando os cangaceiros chamavam os integrantes das volantes de "macacos". "Os soldados das volantes ficaram marcados na história como os traiçoeiros, os mercenários, os paus-mandados do governo nem sempre dignos de serem admirados" (FREITAS *et al*., 2016, p. 157), trabalhando para enriquecer o coronel. Deste modo, prestar serviço para o outro de forma subalterna apenas por um dinheiro "que não te deixa nem mais rico nem mais pobre" – nas palavras dos remanescentes – é "trabalhar de/no macaco".

Isto posto, é defendido e aceito pelos cutienses o trabalho coletivo. Neste texto, quando é grafado o termo "comunidade", não se trata de um sinônimo de "povoado" ou

algum outro significado utilizado, o que contribui para que os tais conceitos percam sua força explicativa e seus significados essenciais. Por isso, o conceito de comunidade trabalhado nesta pesquisa evoca a ideia de “comum”, para ilustrar uma comunhão/coletividade entre esses indivíduos.

> De uma maneira geral, o rural brasileiro possui estruturas pautadas na reciprocidade, sendo estas associadas à ajuda mútua, podendo-se citar: prestação de ajuda cotidiana, que ocorre dentro da família nuclear ou extensa, que é definida pela realização de uma “obrigação” devido uma relação social; prestações mútuas de trabalho entre famílias associadas, como fornecimento de alimentos; prestações de trabalho que reúnem os conjuntos familiares da comunidade ante aos trabalhos coletivos, podendo ser direcionado para uma só família por vez, podendo beneficiar todas as famílias do grupo ou para a comunidade, manutenção e (ou) gestão dos bens comuns. (GUIMARÃES, OLIVEIRA, 2019, p. 167-168)

Guimarães e Oliveira (2019), em seu texto “Somos todos parentes’: as relações de parentesco na comunidade quilombola de Macapazinho, Santa Izabel-PA”, discutem como a relação de parentesco dentro da comunidade quilombola fortalece a construção de valores humanos em torno de um bem comum. Ferdinand Tönnies (1995) elenca o parentesco como um dos três pilares de comunidade, juntamente da vizinhança e da amizade.

Dentro de comunidades tradicionais, “[...] as relações de parentesco, portanto, são fundamentais na constituição e manutenção dos modos de vida e que até podem chegar a se revestir ou se transformar em relações de troca (não-mercantil)” (GUIMARÃES, OLIVEIRA, 2019, p. 165). Esses vínculos se desenrolam em práticas de solidariedade e auxiliam na manutenção e no fortalecimento desse grupo social, mesmo longe da sua terra mãe, aguçando o sentido de territorialidade a um nível simbólico também, como apresentado mais adiante.

Marcos Palácios (2001) elenca elementos fundamentais para caracterização de uma comunidade: a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência; d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos. Desse modo, a compreensão de “Comunidade” está inserida numa complexidade social que incorpora diversos fatores sensoriais e físicos.

O aspecto comunitário interfere diretamente tanto nos elementos físicos e arquitetônicos como também serpenteia os aspectos como os habitantes ganham a vida, educam os filhos, trocam conhecimentos, cultivam a terra, trocam produtos e se ajudam em momentos de necessidade.

CAPÍTULO 3 – EXPANSÃO COMBATENDO A EXPULSÃO: FORJANDO CAMINHOS DESDE O NOSSO CHÃO

3.1 Quilombo símbolos e signos: o caminho feito pelo outro

"O que é dos outro não é meu, mas o que é meu 'tá aí pros outro [...]
Olhe pras suas nega véia e entenda
Que num é em *blog* de *hippie boy* que se aprende sobre ancestralidade."
(Gustavo Pereira Marques e Paulo Alexandre Almeida Santos, 2019)

Tem um mito na Cutia da árvore do esquecimento[7], que fica estrategicamente no caminho do Boi Morto[8] para o Mulungu. A dita árvore tem o poder de fazer qualquer um perder o rumo e esquecer o seu caminho ao passar por debaixo da sua copa, desaprendendo para que lado deve ir. A comunidade coleciona relatos de pessoas que, como por mágica, apareceram no Mulungu no auge do devaneio, ou de tantos outros que foram encontrados vagando pela mata fechada.

Tal lenda local tem raízes em outros galhos. A própria "Árvore do Esquecimento" – monumento erigido na costa do Benin, em um dos principais portos de embarque de escravizados da região – era onde os escravizados eram forçados a dar voltas antes de embarcar nos navios negreiros, para que assim apagassem as memórias de seu povo e de suas divindades e, com isso, infringissem menos dor e castigo divino aos que ficavam. Na Cutia, essa árvore se tornou detentora de mistérios e faz parte da memória coletiva.

Assim como a árvore encantada, as palavras têm o poder de traçar novos rumos na mente de quem lê e de quem escreve. A semiótica social entende a construção do signo a partir do qual o sujeito, movido por seus interesses, seleciona significados em que a representação de qualquer signo é socialmente motivada, estando intrinsecamente ligada ao poder e aos mecanismos de controle dos grupos dominantes presentes nos atos semióticos, empregando, deste modo, significados políticos, culturais e sociais. "O poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz. A autoridade chega de fora à linguagem; está apenas a representa, a manifesta, a simboliza." (BOURDIEU, 1982, p. 104-105).

[7] A entrevistada 1 fala que a espece da árvore é de Mucunã também conhecida como Cabeça-de-frade.
[8] O Boi Morto é o nome do local em que os remanescentes plantam. O caminho dá acesso também ao quilombo do Mulungu (estrada vicinal pouco utilizada).

Kress e van Leeuwen (2006) discutem a complexidade do entendimento da linguagem escrita quando empregada isoladamente, sem a comunhão de outros modos semióticos em determinado discurso, de modo que nenhum texto é constituído única e exclusivamente pelo aspecto verbal. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), a elaboração e a transformação dos signos são, ao mesmo tempo, a transformação da subjetividade do seu criador.

> […] o estudo geral da semiose, isto é, dos processos da produção e reprodução, recepção e circulação dos significados em todas as suas formas, utilizadas por todos os tipos de agentes de comunicação […]. A semiótica social focaliza a semiose humana, compreedendo-a como um fenômeno inerentemente social em suas origens, funções, contextos e efeitos […]. Os significados sociais são construídos por meio de uma série de formas, textos e práticas semióticas de todos os períodos da história da sociedade humana. (HODGE; KRESS, 1988, p. 261).

O termo quilombo, bem como seu entendimento, passou por uma série de ressignificações com o passar do tempo, inicialmente trazia o significado de acampamento ou fortaleza, originária do termo banto, *kilombo*. Os *kilombos*, conforme grafia no continente africano, guardavam a história dos guerreiros Imbangala e eram os pontos de parada e proteção durante suas constantes migrações. O termo *kilombo*, antes de ser desconfigurado pelos portugueses, já sinalizava o fluxo como parte dessa identidade, uma vez que os Imbangala eram nômades e seus vínculos não se davam por parentesco. Posteriormente tomado pelos portugueses, a expressão quilombo foi utilizada para denominar as povoações construídas por negros escravizados fugidos. Cabe destacar que tal termo não foi adotado pelos colonizadores de modo arbitrário, os guerreiros Imbagala foram os primeiros a associarem *kilombo* a acampamento e eram vistos pelos europeus como “bárbaros”.

> O que é mais interessante é compreendermos que boa parte dessas descrições a respeito dos comportamentos e costumes dessas sociedades guerreiras foram bastante peculiares e desconcertantes para os povos da região de Angola. Nesse sentido, não poderia ser diferente com os europeus, guiados pela noção cristã de conceber a humanidade, não só ressaltaram sua estranheza como também interpretaram, ao seu modo, muito do que viam e ouviam na África. (SOUZA, 2022, p. 349).

Tal conceito mais tarde foi taxado pelo Dicionário Aurélio (1988) como um “valhacouto de escravos fugidos” ou, ainda, entre outras definições, “designam-se assim os redutos constituídos no Brasil Colonial e Imperial pelos negros fugidos da escravidão”. Seus significados e transformações acompanharam a história brasileira e os respectivos períodos políticos vigentes no país. O Conselho Ultramarino de 1740 define “quilombo” como “toda

habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele."

As vielas tortuosas pelas quais a palavra quilombo passou na sua construção simbólica nas Américas conseguiu por vezes corromper seu sentido primário, adotando o entendimento do outro, bem como o conceito de quilombola. No Dicionário Prático da Língua Nacional Ilustrado (1969), quilombola é associado a "Escravo ha-quilombo (do quilombo. COGNATO: de escravos fugitivos em certo lugar que lhes serviria de habitação e refúgio: esse lugar; dança grotesca ao som de música primitiva, que relembra cenas das perseguições dos escravos)". De modo geral, a palavra imprime uma visão de determinado período histórico, uma vez que o sentido não é algo que é dado em uma relação estática, mas sim algo que é constantemente produzido e ressignificado a partir das relações de poder. Porém, tal entendimento interfere não só na própria percepção do indivíduo como também nas alterações legais.

As primeiras leis referentes aos quilombolas são alteradas de modo a dificultar a existência da população negra no Brasil. No período colonial, qualquer agrupação de negros fugidos do sistema escravocrata, independentemente da construção ou não de ranchos permanentes, era visto como crime. A partir da legislação republicana, pós-ditadura militar, pela primeira vez na história os quilombos passaram a ser entendidos de forma positiva legalmente, passando por sua ressemantização mais radical, sendo utilizada pelo discurso político vigente como um símbolo de resistência (ARRUTI, 2008). Os símbolos, nessa abrangência, são igualmente públicos, compartilhados e forjados por intermédio de edificantes significados.

No artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, insere-se no debate acerca dos direitos fundiário e étnico: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos." (BRASIL, 1988). Com o artigo 68, irrompe o termo "remanescentes" para justificar a ligação dos quilombos modernos com o ideal "romântico" de quilombo na condição de comunidades isoladas e isolacionistas. Segundo Arruti (2008), o termo remanescente aparece para "resolver a difícil relação de continuidade e descontinuidade com o passado histórico, em que a descendência não parece ser um laço suficiente." (ARRUTI, 2008, p. 14).

A expressão "remanescentes" remete àquilo que fica, que resta ou subsiste, por isso, tal termo faz uma alusão a essas comunidades "que ficaram", subsistiram ou, ainda, sobreviveram dos antigos quilombos. Desse modo, há uma tendência em procurar encapsular

o passado no presente, em um local no qual seja possível observar, sobretudo, em rituais e cerimoniais comemorativos, em uma espécie de museu cultural. Num processo contínuo em que muitos lhe atribuíram um significado, os galhos dessa antiga árvore do esquecimento retornam a pairar sobre a cabeça dos aquilombados, toda a potencialidade e multiplicidade de percursos possíveis são resumidos e, sendo o único modo de pertencer, o quilombola acaba vestindo a identificação que lhe é dado.

O remanescente deve estar associado à situação presente. No entanto, as simbologias de quilombo acolhidas são referentes aos seus antigos conceitos, caracterizados por fuga e resistência de pessoas escravizadas, provocando nos remanescentes uma necessidade de suprir uma lacuna, quando o crucial é trabalhar o conceito atual a partir do que ele é no presente, já que os quilombos "não se referem a resíduos, não são isolados, não têm sempre origem em movimentos de rebeldia, não se definem pelo número de membros, não fazem uma apropriação individual da terra." (ARRUTI, 2008, p. 2).

Teóricos como Arruti (2006) e Almeida (2002) enfatizam a importância do deslocamento na conceituação de "quilombo", não mais fundamentada com referência no que ele foi no passado, mas sim discutindo o que ele é atualmente, respeitando sua autonomia ao longo da história do país. Arruti (2006) ainda traz elementos para definir descritivamente o caráter dessas comunidades:

> [...] ruralidade, forma camponesa, terra de uso comum, apossamento secular, adequação a critérios ecológicos de preservação dos recursos, presença de conflitos e antagonismos vividos pelo grupo e, finalmente, mas não exclusivamente, uma mobilização política definida em termos de autoidentificação quilombola. (ARRUTI, 2006, p. 96).

É necessário compreender as relações estabelecidas em meio a situações de violência e repressão, assim como suas estratégias de sobrevivência material e simbólica, mas respeitando o protagonismo desses indivíduos sem impor o modo como os remanescentes quilombolas devem se autodefinir nas suas relações atuais. Assim sendo, a memória passada pode levar à persuasão dos significados induzindo mudanças de atitudes, valores e comportamentos, o que, por sua vez, pode influenciar a concepção de que qualquer tipo de evolução dessas comunidades como uma corrupção da identidade quilombola.

A partir do exposto, percebe-se a importância das ressemantizações que envolvem o conceito de quilombo para a apreensão do símbolo pelo outro e pelo próprio objeto, uma vez que as visões de mundo e dos ideais resultantes de construções sociais, enquanto são

moldados, passam pela construção do discurso, emoldurando, assim, a forma como as pessoas percebem o real. O termo quilombo apresenta ambiguidades e incoerências, pois os símbolos e signos são dinâmicos e podem apresentar mudanças semânticas a partir do seu contexto.

Deste modo, o que está em jogo não seriam as reminiscências dos antigos quilombos, e sim as atuais comunidades ocupando suas terras, juntamente com suas práticas de organização social e política. No entanto, esse grupo nunca decidiu os símbolos que empregam essas identidades. De modo geral, a população à qual esse símbolo é atribuído poucas vezes fez parte da sua construção em si, sendo apenas sujeitas às ressignificações feitas por terceiros que detinham o poder sobre a escrita de modo geral e consequentemente sobre a lei.

Bakhtin (2006) entende que o domínio da ideologia converge com o domínio dos signos. Então, posto que a escrita é um desses signos, essa população não pode se conceituar, visto que ela não teve os mesmos acessos à educação no país e ainda não tem, uma vez que, de acordo com o relatório divulgado pelo governo federal[9] em 2013, 24,81% dos remanescentes quilombolas não sabem ler. Quem tem o poder sobre signo é quem modula o significado do objeto, pois tudo que é ideológico é um signo, e sem signos não existe ideologia: o papel dos signos na vida e no pensamento humano surge da natureza do enunciado na linguagem.

Para Bakhtin, a palavra é protagonista na vida do indivíduo, ela está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação (BAKHTIN, 2006), seja através da consciência (discurso interno), da escrita, ou da fala, ela tem a capacidade de registrar todas as entonações sociais.

> A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2006, p. 34).

A palavra quando escrita se instala e performa o sistema socioeconômico de poder, os domínios de linguagem e os modos de apreender e figurar o real, deixando à margem a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos que não ecoam sobre os caminhos traçados.

Deste fértil repertório de significados, cujos teares o labor da escrita coloca, os quilombolas no país também vivenciaram diversas "metáforas" (ARRUTI, 2006), o que

[9] Lançado pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

interferiu diretamente na legislação que assegura esse grupo e, em certo grau, na sua própria identidade. Essas "metáforas" tiveram roupagens distintas que dialogam entre si, tendo como ponto comum o quilombo como forma de *resistência*. As comunidades quilombolas, segundo Arruti (1997, 2006), "tenderam a ser bastante flexíveis no uso das classificações que os cientistas sociais e/ou a militância política mais tarde cristalizariam como realidades não discutidas e sobre as quais construíram verdadeiros castelos interpretativos e conceituais." (ARRUTI, 1997, p.19).

O tema em metamorfose passa pelo trânsito, desenhado sobre ou por diversos grupos, uma tessitura líquida, fluida, evocada por correntes diversas, como se materializassem a imagem "correta" da aura quilombola. Dentro destas metáforas de resistência, pode-se elencar a partir da visão de Arruti (2006). A primeira "onda" foi a *resistência cultural*, segundo a qual se entendia o quilombo como a persistência ou a continuação de uma cultura africana no Brasil; nessa corrente de pensamento, os quilombos eram ou tentavam ser uma espécie de reprodução do modo de vida africano. Essa corrente, no entanto, descarta as interferências externas em que essa população foi submersa ao cruzar o oceano, até mesmo por meio da mistura com os indígenas, como já citado anteriormente.

No final dos anos 1950, período de protesto político no país, surge a segunda onda de quilombo enquanto metáfora de *resistência política*, que também ganha espaço no ambiente acadêmico, cujos teóricos convertem a metáfora anterior de quilombo na interpretação histórica, e a alusão antes feita à África é substituída pela experiência nacional de resistência ao Estado. Nesse contexto, ocorre a consagração de Palmares enquanto referência ideológica, conforme explica Bakhtin (2006), "Um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, um sentido puramente ideológico." (BAKHTIN, 2006 p. 30).

Desse modo, Palmares é apresentado como um modelo social que se desenvolve contra a ordem dominante. Assim, a capacidade de luta do povo pela liberdade é exaltada pelos teóricos da época, que associavam as formas de resistência da população negra às técnicas de guerrilhas das revoluções socialistas na América Latina.

> As táticas de luta e fuga utilizadas, várias vezes associadas ao modo das "guerras-de-guerrilhas", como na literatura contemporânea sobre as revoluções e sublevações socialistas na América Latina e Central. Em função dessa estrita referência marxista (e mesmo lenista) a que o tema dos quilombos era submetido, os debates, algumas vezes, deveriam determinar qual seria a "forma superior de luta contra a escravidão". As chamadas "formas passivas": a má qualidade de seu trabalho ("verdadeira guerra de guerrilha"), o suicídio ("forma prática e complexa"), o justiçamento do senhor (explicação do "paternalismo"), e a fuga do escravo (forma "endêmica"). Ou a "forma ativa": a insurreição –

> "tentativa das classes dominadas de levantarem-se a fim de destruir a Ordem dominante e constitui uma nova, momento superior da revolução social dos polegares do capitalismo". (MAESTRI, 1984, p. 9-19). (ARRUTI, 2006, p. 75).

O quilombo como *resistência política* tinha como um dos principais motores a crítica à ideologia da democracia racial que o Brasil mostra. Arruti descreve como é construído o pensamento marxista que entendia o quilombo como uma formação social pré-capitalista. Segundo o autor, "[...] os escravos constituíam um estamento e aqueles que, em seu interior, eram empregados diariamente nas atividades produtivas formavam uma 'classe de escravos' proletários". Porém, os teóricos questionavam que, apesar da formação desta classe, esses indivíduos não comungavam de uma "consciência de classe". Essa metáfora foi perdendo espaço com o passar do tempo, já que o conceito era utilizado de forma arbitrária, atribuindo-lhe mais uso político do que o conceito sobre os fenômenos históricos em si.

Por fim, o terceiro plano de ressemantização vem a partir da simbologia do quilombo para os movimentos negros, que atribui ao quilombo um modelo de *resistência negra.* No final da década de 1970 e início de 1980, já com interferências do movimento negro norte-americano, o movimento negro brasileiro percebe a necessidade de se reapropriar do símbolo do quilombo. Esse novo uso se reúne à visão política, cultural, racial, além de preservar o caráter revolucionário do comunismo, presente no último conceito.

O quilombo enquanto *resistência negra* representa para o movimento negro a redescoberta de Palmares e o empoderamento da população negra sobre seu passado de resistência, fortalecendo a ideia de que a liberdade não foi algo concedido e sendo, deste modo, possível contestar o 13 de Maio como evento histórico e representativo da "raça negra".

> O grupo propôs o dia 20 de novembro como data alternativa ao 13 de Maio oficial e a partir daí passou a organizar eventos anuais, além de publicar o jornal Tição e propor a reforma dos livros didáticos no que concerne à história do negro, em especial a do Quilombo de Palmares (SILVEIRA, 1997). Assim, nos anos seguintes a 1971, a data começou a ser lembrada pela imprensa estadual e, a seguir, nacional, até que em 1978 o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (mais tarde abreviado MNU) propôs que a data marcasse o Dia Nacional da Consciência Negra. (ARRUTI, 2006, p. 76).

A partir de tal metáfora de quilombo enquanto símbolo de luta da população negra, diversos teóricos e militantes começaram a escrever sobre esse conceito. O mais notório deles, Abdias do Nascimento, em seu livro "O Quilombismo", cria novos conceitos, tais como "Quilombos contemporâneos", e ressignifica o sentimento de ser quilombola ao dizer que "Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraternal e livre,

solidariedade, convivência, comunhão existencial.” (NASCIMENTO, 1980, p. 263).

> Em 1980 Abdias do Nascimento buscou a forma de uma tese “histórico-humanista” ao sentimento e à experiência quilombola: movimento social de resistência física e cultural da população negra que se estruturou não só na forma de grupos fugidos para o interior das matas na época da escravidão, mas também, em um sentido bastante amplo, na forma de todo e qualquer grupo tolerado pela ordem dominante em função de suas declaradas finalidades religiosas, recreativas, beneficentes, esportivas etc. (ARRUTI, 2006, p. 76).

Apesar da necessidade de entender a multiplicidade deste símbolo para costurar esses conceitos construídos no universo acadêmico e no movimento negro, que interferem de modo direto na vida dos remanescentes, essa pluralidade ainda é indagada dentro da questão fundiária, algo historicamente negado aos indígenas, negros, pobres e outros indivíduos subalternos da sociedade.

Marcelo Moura Mello (2012) destaca as controvérsias que marcam o debate a respeito das comunidades remanescentes de quilombos, entendendo todas as problemáticas que cercam essa categoria em disputa, que “qualquer tentativa de definição esbarra em indefinições” (MELLO, 2012, p. 1). O quilombo, nesse caso, enquanto objeto físico converte- se em signo, quando, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir em certa medida uma outra realidade. Entende-se, então, que o signo apresenta uma dupla natureza, já que ao mesmo tempo que existe como parte de uma realidade, ele reflete outra realidade, a realidade interna do indivíduo.

Dentro deste contexto de disputa que reverbera na legislação, pode-se refletir acerca da infraestrutura à luz de Bakhtin (2006, p. 39) que considera que há na “evolução social” uma interação entre a mesma e a superestrutura. Para o autor, a essência da questão deveria ser como ela determina o signo e como este reflete e refrata a realidade em transformação (BAKHTIN, 2006, p 40). Esse questionamento se justifica porque a palavra está presente em todas as relações com os indivíduos, tornando-se, portanto, o material semiótico capaz de registrar as transformações sociais, por mais imperceptíveis que sejam:

> 1) Não separar a ideologia da realidade material do signo;
> 2) Não dissociar o signo das formas concretas de comunicação;
> 3) Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura). (BAKHTIN, 2006, p. 44).

Diante destas afirmações, percebe-se que a interação social exerce uma forte influência nas formas do signo, assim como a comunicação verbal é determinada pelas relações de produção e pela estrutura socioeconômica. Compreendendo-se a afirmação de que

“O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, 2006, p. 46), então à medida que o signo ideológico refrata realidades diferentes, mais as classes sociais servem-se do mesmo signo. Segundo Bakhtin (2006), o código de comunicação é o mesmo, porém o índice de valor de cada signo varia de uma classe social a outra.

O pensamento cultural do ocidente formulou uma “falsa dicotomia” entre as duas esferas ao priorizar o discurso verbal escrito como instância primeira de produção de conhecimento em contraposição às poéticas orais. Leda Maria Martins (2003) insere o conceito de oralitura, segundo o qual “o gesto e a voz modulam no corpo a grafia dos saberes da vária ordem e de naturezas as mais diversas” (MARTINS, 2003, p. 41). Portanto, para que a performance ocorra, é necessário recorrer à tessitura das memórias orais, que fundam epistemes da história e das cosmovisões africanas.

Esse campo de disputa se configura também na legislação referente aos remanescentes quilombolas “a escrita é, indissoluvelmente, duas coisas em uma: é o regime errante da letra órfã cuja legitimidade nenhum pai garante, mas é também a própria textura da lei, inscrição imutável do que a comunidade tem em comum.” (RANCIÈRE, 1995, p. 9).

Produto de uma demorada luta pela redemocratização do país, a Constituição de 1988 é um marco na história do constitucionalismo brasileiro. O seu texto reverbera as reivindicações de diferentes grupos de interesse, a exemplo da promulgação do artigo 68 do ADCT, decorrente das lutas dos movimentos sociais negros e rural. A constituição de 1988 foi a primeira a garantir os direitos dos quilombolas de terem as suas terras e organizações preservadas por lei. Conforme o artigo: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos.”

No entanto, mesmo não sofrendo muita oposição por parte do Poder Legislativo, para a aprovação do artigo 68, dois pontos foram primordiais: o primeiro é que na época entendia-se que havia poucos agrupamentos que se adequavam à legislação (MELLO, 2012); e o segundo ponto foi a pressão do movimento negro brasileiro, que “denunciava sistematicamente a marginalização social imposta aos ex-escravos na pós-emancipação.” (MELLO, 2012, p. 2).

A atuação conjunta de órgãos e entidades governamentais é uma constante nas experiências de titulação de terras a remanescentes quilombolas. No ano de 1995, a Portaria 25/1995, redigida pela FCP, tratou de disciplinar a formação de um grupo capaz de estabelecer as normas que seriam responsáveis pelos trabalhos de identificação e delimitação

das terras ocupadas por comunidades quilombolas. A partir do Parecer nº 1.490/2001 da Subchefia para Assuntos Jurídicos da Presidência da República, apenas a FCP e o Ministério da Cultura teriam competência para promover esta titulação. Neste sentido, confira-se o seguinte excerto do parecer:

> O art. 2.º, inciso III, da Lei n.º 7.668, de 1988, é claro e expresso ao fixar a competência exclusiva da Fundação Cultural Palmares para, no âmbito da Administração Pública Federal, instaurar o processo de reconhecimento da propriedade das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, dar-lhe andamento e finalizá-lo com a emissão dos respectivos títulos. Também é claro e expresso o art. 14, inciso IV, alínea 'c', da Lei n.º 9.646, de 1998, ao estabelecer a competência exclusiva do Ministério da Cultura para aprovar a delimitação e determinar a demarcação das terras cuja propriedade foi reconhecida pela Constituição aos remanescentes. A leitura desses dois artigos de lei deixa clara a incompetência do Ministério do Desenvolvimento Agrário e do INCRA para iniciarem o processo administrativo de reconhecimento da propriedade das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, ou para promoverem as suas delimitações e demarcações. Tais competências, repita-se, são exclusivas, respectivamente, da Fundação Cultural Palmares e do Ministério da Cultura. (BRASIL, 1988)

Atualmente, o artigo 68 é o procedimento aceito para que sejam regulamentados os processos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. A partir do Decreto Presidencial nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, ordenado no Governo Lula, os direitos das comunidades quilombolas foram efetivamente regulamentados, além da posse de terras, objetivou-se uma melhor qualidade de vida aos quilombolas. O documento dispõe sobre o direito ao acesso a serviços essenciais como educação, saúde e saneamento básico.

O Decreto 4.887/2003 regulamenta a política de regularização fundiária de quilombos, cabendo ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), aos órgãos estaduais e municipais a execução concorrente dessa ação fundiária. A Lei 7668, de 22 de agosto de 1988, tratou da criação da FCP, estabelecendo, por meio do artigo 1º, a finalidade da instituição, que seria de preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira.

Este movimento de mudanças no marco regulatório do artigo 68 representa resultados importantes no cenário político em prol das demandas sociais no campo brasileiro. No entanto, apesar dos avanços legais, a falta de investimento orçamentário aos órgãos responsáveis pela regularização fundiária dificulta aos remanescentes o acesso aos seus direitos.

Apenas 11% dessas comunidades possuem a titulação das terras, que é o documento que permite a essa população pleitear condições básicas de desenvolvimento, como luz elétrica, água encanada, postos de saúde, entre outros. Dos 1,7 mil processos de titulação

parados no INCRA, 80% deles estão na fase inicial de registro, pesquisa e relatório antropológico.

As legislações infraconstitucionais que regulamentam o direito ao território quilombola e as desapropriações de terras para fins de reforma agrária representam um marco na legislação brasileira. Os artigos referentes à propriedade privada da terra foram objeto de intensas disputas na elaboração da constituição de 1988 e se cristalizaram em artigos com interpretações muitas vezes contraditórias, apesar de estarem inseridos no mesmo documento normativo. De acordo com Silva (1997), a constituição de direitos a partir das disputas políticas ao longo da história gera contradições, ambiguidades e lacunas nas leis.

A partir das definições políticas e jurídicas pelas quais passou o termo quilombo ao longo da história, percebe-se a existência de dois planos indissociáveis, o plano semântico e o prático experimentado. Desse modo, além de efetivar as conquistas em instrumentos legais e normativos, torna-se importante que os próprios remanescentes sejam capazes de se ver e participar da construção deste símbolo, já que perpassa sua própria identidade e existência. Isto é, esse caminho não deve ser percorrido apenas pelas leis, decretos, instituições, temas acadêmicos etc., mas também através das vivências próprias exprimidas por esse grupo social e dos conflitos vividos por eles.

A Cutia que hoje se autodeclaram como remanescentes de quilombo, antes de 1988, não era chamada e nem conhecida por este nome, até mesmo porque era uma categoria inexistente antes desse ano, no entanto os remanescentes já eram hostilizados e marginalizados por serem cutienses:

> *“Entrevistadora - Você já sofreu algum preconceito por ser da Cutia? Muitos! Um só não, muitos, vários. Quem não já, né?” [Entrevistada 5, 47 anos]:*
>
> *"É como se a Cutia fosse um sinônimo de coisa ruim um sinônimo de lugar inferior, um lugar assim sabe? que a gente não fosse nem feliz nem prestasse nem tivesse alguma dignidade ou tipo um lugar...’não é da Cutia, Cutia?" [Entrevistada 3, 20 anos]*
>
> *“É a cor "é os negros da Cutia" até quando eu estudava na Rocinha eu lembro e eles falava "Ah não sei o que porque é negro da Cutia" eu falava: 'com muito orgulho sou da Cutia, com muito orgulho". [Entrevistada 4, 55 anos]*

Já prevendo as distorções deste texto que pode vir a se tornar um álibi dos opositores contra a titulação dos territórios quilombolas, na alegação das lacunas existente sobre tal termo, reforçamos aqui que para a certificação pela FCP, primeiro passo para a titulação, é necessária a autodeclaração étnica dos próprios membros dessa comunidade que mais que se entenderem vivem essa identidade. Contudo o que buscamos neste texto é um avanço para a discussão visto que há uma disparidade em se autodeclarar quilombola e entender isso como algo positivo ou associado com o que é vivido atualmente.

3.2 Expulsão territorial: o racismo nas suas miudezas

> "Enquanto denegação dessa latinoamefricanidade, o racismo se volta justamente contra aqueles que, do ponto de vista étnico, são os testemunhos vivos da mesma, tentando tirá-los de cena, apagá-los do mapa."
>
> *(Lélia Gonzalez, 2020, p.151)*

Tem um ditado que diz: 'Não se tropeça em montanhas' advertindo para a necessidade de cuidarmos das pequenas coisas. Em um país onde o racismo opera na estrutura da nossa sociedade (ALMEIDA, 2019), não é só uma única grande ação ou um grande ato de ódio que provoca malefícios a pessoas racializadas[10], mas também o conjunto de pequenos impactos que as ferem e degradam corriqueiramente, como pequenas pedras pontudas que pisamos todos os dias em quaisquer estradas que desejamos trilhar. O racismo cotidiano nos anestesia e a consequência disso é nos habituarmos a essas miudezas, por isso, para percorrermos o caminho deste tópico e entendermos os processos de expulsão do lócus dessa pesquisa, convido à sensibilização para compreender cada miudeza dessa estrada.

Em todos as estradas trilhadas, "o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea." (ALMEIDA, 2019, p. 15). Desse modo, o racismo ambiental (HERCULANO 2006, 2008; ACSELRAD, 2004; PACHECO, 2006, 2008) atravessa os

[10] Lia Schucman (2014, p. 92) define a racialização como um processo simbólico que consiste em dar "significado social a certas características biológicas (normalmente fenotípicas), na base das quais aqueles que delas são portadores são designados como uma coletividade distinta".

processos de expulsão vivenciados na Cutia atuando de forma dinâmica e complexa.

Antes de compreender como o racismo ambiental acomete a Cutia, é necessário entender o que nos antecede nesse caminho tortuoso. Para isso, retornamos à noção de raça como uma construção social, fenômeno da modernidade utilizado enquanto instrumento de classificação social que busca hierarquizar a sociedade por meio de características fenotípicas (ALMEIDA, 2019; NASCIMENTO, 2018; QUIJANO, 2005, 2013).

A ideia de raça surge no período da expansão colonial europeia como forma de legitimar a comercialização de pessoas negras, de origem africana, em escala global, o que transformou esses indivíduos em mercadorias desprovidas de humanidade. Salienta-se que esse pensamento foi endossado durante séculos pelo cristianismo, pela ciência e pelo capitalismo para construir essa estrada que não respeita nenhum caminho natural ou nenhuma vida pré-existente.

> A ideia de "raça" é, seguramente, o mais eficaz instrumento de dominação social inventado nos últimos 500 anos. Produzido no início da formação das Américas e do capitalismo, nas passagens do século XV para o XVI, nos séculos seguintes foi imposta sobre toda a população do planeta como parte da dominação colonial da Europa. (QUIJANO, 2013, p. 43).

Tal fenômeno se torna eixo estruturante do capitalismo, sendo de fundamental importância para compreender a sua perpetuação social por meio de relações de poder na classificação e hierarquização dos corpos. Lélia Gonzalez (2018) entende a raça como um atributo socialmente elaborado que se relaciona diretamente com a reprodução de classes sociais. Sendo assim, o racismo, enquanto construção ideológica e conjunto de práticas:

> […] é um dos principais determinantes da posição dos negros e não-brancos dentro das relações de produção e distribuição. Uma vez que o racismo (de forma similar ao sexismo) transformam-se numa parte da estrutura objetiva das relações ideológicas e políticas do capitalismo, a reprodução da divisão racial (ou sexual) do trabalho pode ser explicada sem apelar para elementos subjetivos como o preconceito (GONZALEZ, 2018, p. 97-98).

O fim do período colonial não significou o fim da colonialidade (QUIJANO, 2005; PORTO-GONÇALVES, 2005), uma vez que o pensamento colonial de exploração cultural, epistêmica e econômica se mantêm. Com isto, "raça" e "racismo" tiveram continuidade mesmo com o fim do período colonial e do período escravista porque correspondem a uma das manifestações de poder da colonialidade. O que se construiu foi um silenciamento

intencional dessas questões,

> No Brasil, falar sobre raça e de racismo significa compreender dimensões da nossa sociedade geralmente silenciadas, omitidas e apagadas. Em cada realidadedo mundo o racismo se traduziu de forma distinta. O racismo brasileiro é um sistema complexo que intersecciona múltiplas hierarquias. Ele ilumina a questãode gênero, a étnica, a sexualidade, a classe e a geracional. (OLIVEIRA, 2020, p. 76).

A concepção de superioridade e a necessidade dominar algo ou alguém está vivo e latente na nossa sociedade, sendo sentida cotidianamente pelas pessoas racializadas. Por mais que seja negada, há um fascínio pela ideia de superioridade e inferioridade entre os diferentes grupos humanos, algo impresso não somente nos números de pessoas negras assassinadas, presas e com trabalhos subalternos na nossa sociedade, mas também nas ações, nos olhares e, principalmente, na espetacularização de cada simples traço ou ação de pessoas negras.

Com o passar dos anos, o racismo é visto enquanto problema, porém ainda o colocando como uma ação realizada por terceiros. Afirmações como "a sociedade é racista" surge como justificativa que permite colocar-se como alheio à sociedade, um indivíduo em desconstrução. A dissociação do problema não ameniza o pungente das pedras desse caminho. Elas ainda estão lá e, para quem anda descalço das vestes brancas, elas são como agulhas finas demais para ser vistas, mas pontiagudas o suficiente para machucar.

Assim como as pedras que estruturam um caminho, o racismo ainda é elemento estruturante da nossa sociedade, agindo também na dimensão ambiental. Em outras palavras, isso quer dizer que a mentalidade colonial – a necessidade de exercer poder sobre o outro, seja ele a natureza ou o ser humano – toma forma e interfere em que vai ou não usufruir dos bens naturais e se esses indivíduos devem ou não estar nesses espaços (ACSELRAD, 2004; BULLARD, 2002; HERCULANO, 2008).

O conceito de racismo ambiental surge para olhar os problemas ambientais e sociais a partir de uma nova premissa, não mais enraizada retórica ambientalista de interlocutores brancos, que não compreendem a interseccionalidade da discussão. Segundo Acselrad (2004, p. 31), "a desigualdade ambiental tem especificidade racial", devemos, então, observar tal fenômeno nas miudezas que o racismo opera na sociedade atual. Segundo Herculano (2008, p. 17):

> O Racismo é a forma pela qual desqualificamos o outro e o anulamos como não-semelhante. [...] Assim, nosso racismo nos faz aceitar a pobreza e a vulnerabilidade de enorme parcela da população brasileira, com pouca escolaridade, sem renda, sem políticas sociais de amparo e de resgate, simplesmente porque naturalizamos tais

> diferenças, imputando-as a ‘raças’.

Tal cenário implica, no mínimo, a mitigação da cidadania desses indivíduos e até mesmo a retirada completa desta cidadania, já que, de um modo ou de outro, esses grupos acabam ficando sujeitos a uma subcidadania (BULLARD, 2002). Esta identidade atribuída a esses sujeitos se manifesta até mesmo na forma como os povos tradicionais sentem que os temas ambientais são tópicos distantes deles. Segundo Leff (2002), a racionalidade capitalista insere mecanismos de desencaixe e submissão sobre esses por meio de “uma racionalidade científica que incrementa a capacidade de controle social sobre a realidade, e de uma racionalidade tecnológica que assegura uma eficácia crescente entre meios e fins.” (LEFF, 2002, p. 128).

Robert Bullard (1994; 2002), um dos principais pesquisadores sobre Racismo Ambiental, conduziu uma análise nos EUA na qual concluiu haver preferência em submeter comunidades negras a piores condições ambientais, mesmo quando essas comunidades eram de classe média, demonstrando o fator racial como determinante. Segundo Bullard, o racismo ambiental:

> [...] se refere a políticas, práticas ou diretrizes ambientais que afetam diferentemente ou de forma desvantajosa (seja intencionalmente ou não) indivíduos, grupos ou comunidades com base na cor ou raça, podendo ser reforçadas por instituições governamentais, jurídicas, econômicas, políticas e militares. (BULLARD, 2002, p. 2).

O racismo ambiental consegue então agir em diferentes espaços, podendo ser observado como prática comum de grupos antagonistas que, apesar de tratarem os recursos naturais de modo diferente, têm em comum a imposição de excluir pessoas racializadas. Seja pela atitude permissiva do poder público ao não impedir que esses grupos sejam diretamente afetados por empreendimentos, seja pela conduta de omissão, observada a partir da ausência de políticas públicas eficazes no combate à injustiça ambiental e social, seja pela falta de acesso aos recursos naturais ou pela inexistência da participação dos afetados nas tomadas de decisão relativas ao seu território (BULLARD, 2002).

Tânia Pacheco (2006) define o racismo ambiental como ações que incidem sobre grupos populacionais vulneráveis. Esses grupos são vulneráveis porque são vítimas da operação racial, manifesta pela segregação espacial. Nas palavras da própria autora:

> Chamamos de Racismo Ambiental às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas. [...] O racismo ambiental não se configura apenas através de ações que tenham uma intenção racista, mas

> igualmente através de ações que tenham impacto racial, não obstante a intenção que lhes tenha dado origem. (PACHECO, 2006, p. 10)

As formas como o racismo ambiental opera se legitimam por meio de um discurso no qual as perspectivas de progresso, desenvolvimento e sustentabilidade são acionadas em benefício de alguns, criando, consequentemente, situações de conflitos, violência, expulsão e impactos ambientais às comunidades que têm os seus territórios como sinônimos de vida.

> A degradação ambiental manifesta-se como um sintoma de uma crise de civilização, marcada pelo modelo da modernidade regido pelo predomínio do desenvolvimento da tecnologia sobre a natureza. A questão ambiental problematiza os próprios fundamentos da produção, aponta para a desconstrução do paradigma econômico da modernidade e da construção de possíveis futuros [...]. (LEFF, 2001, p. 152).

A articulação se faz também por meio da estratégia de desvalorizar e/ou não reconhecer outras formas de saberes e conhecimentos, uma estratégia que parte de pessoas letradas, "à exclusão dos pretos e dos ameríndios de uma humanidade comum, ou seja, à construção de um muro que separa a preocupação com a referida 'natureza' e a preocupação com os colonizados e com os escravizados." (FERDINAND, 2022, p. 183), desassociando o espaço natural das pessoas que ali habitam.

De acordo com Malcom Ferdinand (2022), o aquilombamento é uma das resistências mais potentes da América Latina. O autor sinaliza "o aquilombamento foi uma prática de resistência ecológica e política corrente." (FERDINAND, 2022, p. 168). No que tange aos caminhos dos remanescentes quilombolas, da escravidão às dominações e racismos contemporâneos:

> A associação de uma ação antiescravista com as premissas de uma preservação do meio ambiente foi largamente ocultada tanto pelos pensamentos clássicos da ecologia como pelos que celebram o símbolo de resistência dos quilombolas. [...] Os quilombolas, como analisa Neil Roberts, revelam uma nova de liberdade que foi ocultada no cânone das teorias políticas clássicas. (FERDINAND, 2022, p. 169).

O fato de muitas comunidades quilombolas e indígenas estarem em locais cuja natureza, atualmente, está mais preservada não é uma coincidência, visto que "a inospitalidade, o distanciamento e o difícil acesso aos espaços encontrados foram paradoxalmente as chaves das fugas quilombolas, comportando assim suas próprias geografias." (FERDINAND, 2022, p. 170). A partir da imposição da utilização das florestas e dos pântanos para a criação de espaços de camuflagem, os quilombolas, para sobreviver,

tornam-se aqueles que preservam a natureza ao seu redor, na lógica de que preservar a natureza é também se salvar. Ferdinand (2022, p. 174) coloca os quilombolas como os "primeiros ecologistas modernos das sociedades crioulas".

> Essa atitude ecologista destaca-se inicialmente formadas pelo cuidado e pela preocupação que são dedicados a essa terra vida, assim como maneira como esses quilombolas fariam de tais espaços um lar, um *oikos,* aprendendo sua linguagem, seu *logos.* Ao contrário da sociedade de *plantion,* as comunidades quilombolas souberam viver a partir de seus arredores, dentro de uma pegada ecológica restrita. (FERDINAND, 2022, p. 174-175)

Apesar da ligação de comunidades quilombolas e seus remanescentes com a ecologia como mecanismo de sobrevivência, cabe aqui destacar que tal ação não é inata desses sujeitos. Outro ponto a se observar é como as desigualdades já existentes, desenhados previamente neste trabalho, também interfere nas relações atuais com a natureza. "Com o capitalismo, o pensamento do ser transforma-se nos códigos da economia. A natureza se reconverte na forma econômica e sofre a interferência da tecnologia; o mundo se coisifica, ao mesmo tempo em que tudo que é sólido se desmancha no ar" (LEFF, 2010, p. 49).

O capitalismo consegue agir em micro espaços como a Cutia, assegurando a expulsão dos remanescentes do campo para obrigá-los a serem mão de obra em espaços urbanos. Apesar da áurea colocada ao quilombo enquanto símbolo de *resistência política*, quase marxistas natos, isso se torna resquício da folclorização[11] deste grupo, estabelecendo as práticas que são aceitas/esperadas ou não. Cabe aqui retificar que, apesar das suas especificidades, as comunidades tradicionais não são alheias ao capitalismo, pois também vivem em uma sociedade imersas nesse sistema.

A expansão da racionalidade moderna sobre os povos da terra é provocada pela generalização da lógica de trabalho e da produção capitalista intensificada pelos mecanismos da globalização. Segundo Leff (2000):

> [...] a problemática ambiental é conseqüência das formas de conhecimento do mundo, da objetivação da realidade e o domínio da natureza através da imposição de um logos, de uma razão na qual não só os valores têm sido marginalizados e subjugados, como também têm sobrexplorado a natureza e o homem em um afã dominador e produtivista. (LEFF, 2000, p. 329).

[11] João Baptista Borges Pereira, na década de 80, discute alguns aspectos da folclorização da cultura negra no Brasil. A folclorização não no sentido do estudo e conhecimento das tradições de um povo expressa em suas lendas, canções e literatura, mas no sentido de simplificação através da eleição de certos estereótipos para fins de exploração comercial, turística e midiática.

Os remanescentes, quando vão a grandes centros urbanos conseguir recursos financeiros que os permitam o consumo excessivo[12] de produtos, são absorvidos para uma outra perspectiva de consumo que "funda-se, não em função da satisfação de necessidades individuais, mas como atividade social, já que as necessidades se organizam segundo uma procura social objetiva por sinais e por diferenciação" (PORTILHO, 2010, p. 64). Esses atores são conduzidos, então, à racionalidade capitalista (LEFF, 2002) voltada à dominação na perspectiva financeira e racial dos povos da periferia, impondo também uma cultura sobre a outra. Há, portanto, uma busca pela homogeneização das vivências, que, segundo Leff (2002), por conta de sua natureza, degrada o ecossistema.

Em seu território mãe, a Cutia, a lógica de consumo são mais centradas em atender às condições que garantam qualidade de vida. Além disso, na comunidade, a ideia de trabalho caracterizado por ritmos produtivos que levam em consideração a capacidade e o tempo da natureza. Bauman (2008) traz uma outra perspectiva acerca do ato de consumir como elemento que parte de nossa sobrevivência.

> O consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos. (BAUMAN, 2008, p. 37).

Tal ação se observa no trabalho de macaco que é feito em outras cidades, mas na Cutia volta a dar lugar ao trabalho coletivo de ajuda mútua, a vida volta a ser regida por aquilo que os cutienses fazem em prol do bem-estar do conjunto social/familiar.

Essas veredas em que se escondem o racismo ambiental levam esses indivíduos a ficarem com subemprego e submoradia, caracterizando esse método de expulsão lenta e gradual ocasionado pela restrição do acesso aos meios de vida. Ademais, oculta a realidade da expulsão de comunidades de territórios tradicionalmente ocupados e dificulta a formação de um debate público amplo sobre a relação entre a conservação de territórios de grande importância ambiental e o futuro de comunidades que habitaram secularmente esses territórios sem prejuízo de sua integridade.

As expulsões por cerceamento dos meios de vida por conta da criação de entraves ao seu desenvolvimento social condicionam essa população a uma existência subordinada e

[12]O consumo excessivo está relacionado ao volume do lixo e à sua destinação. Diante da obsolescência programada na sociedade pós-industrial, todos os indivíduos estão propensos a essa atividade ainda que de modo involuntário.

perpetua um caminho de subordinação, o que, além de favorecer o não retorno da população tradicional ao seu território-mãe, deixa a comunidade certificada mais suscetível a ações externas.

As dinâmicas territorialização-desterritorialização-reterritorialização são processos naturais; no entanto, em contextos políticos, econômicos e sociais de sociedades desiguais, tal dinâmica aponta para estradas tortuosas de injustiça. De modo mais abrangente, nos territórios tradicionais, como os quilombolas, percebe-se que esses processos se atualizam ainda hoje, com constantes pressões e conflitos diversos.

> [...] seria interessante se representar a mudança social (e seu contrário, o bloqueio) sob a forma de uma dinâmica territorial, pois a mudança social é em parte esta: a vida e morte dos territórios. Estes territórios têm uma história. A mudança social é vista aqui como um movimento de territorialização-desterritorialização- reterritorialização. Bem entendido, a história territorial da transformação social resta inteira por escrever. [...] De uma certa maneira, pode-se representar a modernidade como lento aparecimento de códigos desterritorialização que engendram seu contrário, Isto é, a necessidade de novos territórios. (BAREL *apud* HAESBAERT, 1995, p. 170).

Os fluxos que antes eram motivados pelo florescimento, pelo crescimento e pela transformação do grupo e da sua vida cotidiana é engolido em certo grau pela concepção da territorialidade e do modelo de desenvolvimento executado por grandes empresas públicas e privadas. Essas instituições andam na contramão do modo de vida e da territorialidade quilombola, portanto, o arranjo social colonialista/capitalista diverge da luta do território quilombola, estando em pontos destintos desta encruzilhada, provocando entraves para que sejam respeitados e/ou restabelecidos o seu laço e a sua integração com o meio ambiente do seu entorno.

3.3 Expansão territorial: Quilombo Flutuante e Multiterritorialidade

"Viver é partir, voltar e repartir
(Morte é quando a tragédia vira um costume)
Partir, voltar e repartir
(Pra diferença da qual ninguém 'tá imune)
Viver é partir, voltar e repartir
(Mas ouça de alguém que nasceu num tapume)
Partir, voltar e repartir
(É só na escuridão que se percebe os vagalumes)
Viver é partir, voltar e repartir
Partir, voltar e repartir."
(Emicida; Felipe Vassão e Thiago Jamelão, 2020)

Nas encruzilhadas das palavras escritas, o termo expansão, que vem do Latim *Expandere*, "alargar, esparramar", formado pela junção de *Ex*, "fora", e *Pandere*, "espalhar, esticar", nos direciona e abre uma nova perspectiva sobre o processo de expulsão que ocorre na comunidade.

Aqui não nos referimos a uma expansão de fronteiras, mas sim a uma expansão identitária e cultural que promove a multiplicidade de caminhos para a existência da comunidade em um novo espaço geográfico em meio a um cenário de expulsão. Configuramos, neste ponto, a expansão que ocorreu desde quando o povo sequestrado foi obrigado a se "esparramar" pela América durante o período colonial e continua se "esparramando", ainda que com algumas alterações e muitas permanências na atualidade. A reconfiguração do termo para fora dos conceitos capitalistas de dominação aponta novas formas de resistência e existência dessa população.

Antes de pegarmos esse caminho para a análise da expansão territorial da Cutia, torna-se necessário apresentar o entendimento sobre "território". O território constitui-se em um dos cinco conceitos-chave dentro da Geografia; ao lado de espaço, paisagem, região e lugar, essa noção auxilia a analisar a realidade, é sim única, porém, diversa e mutável temporalmente.

Rogério Haesbaert (2004) apresenta o território como "espaço das relações de poder", onde as relações sociais são projetadas no espaço. "Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional 'poder político'. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação." (HAESBAERT, 2004, p. 1). Dessa forma, a apropriação é um processo simbólico que carrega em si as marcas do "vivido", do valor de uso, enquanto a dominação, em seu sentido concreto, funcional, é vinculado ao valor de troca. Este sentido transparece na noção de tempo de Lefabeve (1986) no texto de Haesbart (2004):

> O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica "apropriação" e não "propriedade". Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos "agentes" que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (LEFEBVRE, 1986, p. 411-412, grifo do autor).

Assim, o tempo que Lefebvre (1986) fala que a apropriação requer liga-se à noção de tempo espiralar de Leda Maria Martins (2003). A autora apresenta a percepção cósmica e filosófica dento da visão negra-africana no mundo, em especial nas Américas, que se entrelaçam na espiral de significância que engloba "o tempo, a ancestralidade e a morte".

Então, é neste lugar no tempo, que leva à mudança de um estágio a outro, que podemos ler como encruzilhada tudo vai tudo volta, que a autora coloca "as instâncias temporais que constroem o sujeito" (MARTINS, 2003, p. 84). O tempo não é entendido como um agente externo, universal e absoluto ele se configura na ancestralidade.

Tal construção do indivíduo requer um outro tempo, essa temporalidade necessita do mergulho, enraizamento e o cultivo do corpo-território, e nas memórias ativadas estão atados os nós entre presente, passado e futuro. Deste modo, o tempo de apropriação em comunidades tradicionais se performam de outro modo que não pode ser assimilado pela visão ocidental capitalista. Os cutienses não dominam o território, eles se apropriam da terra e estabelecem uma conexão temporal e espacial com o local.

Para Rogério Haesbaert (2002), o território é relacional, ligado ao movimento e às conexões e engloba as dimensões biológica/natural, política (das relações de poder), cultural-simbólica e econômica. Assim sendo, o teórico apresenta três enfoques para o conceito de território: ele enquanto *materialista*, onde o território é recurso natural; *idealista,* território no campo do simbólico; e por último uma dimensão *política-organizacional*, que, por sua vez, integra os diferentes enfoques sociais: naturalista/biológica, relações de poder e econômica.

> [...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significados ao lugar. (HAESBAERT, 2004, p. 3).

Milton Santos (1999) propõe a ideia de território usado para reafirmar sua contínua transformação, uma vez que "o território usado é o chão mais a identidade", sendo a união a "noção de um território em mudança, de um território em processo. [...], por conseguinte, é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos." (SANTOS, 1999a, p. 19).

O território é capaz de nos apresentar diversos caminhos que podem ser percorridos nesta encruzilhada teórica. No nosso caminho, o conceito de expansão se cruza com a noção de multiterritorialidade cunhada por Rogério Haesbaert (1997, 2001a, 2002a, 2004), que a conceitua como "o trânsito entre diferentes territórios, ou mesmo a vivência, concomitante, de múltiplas territorialidades, e o contornamento de certos limites ou fronteiras territoriais" (HAESBAERT, 2017, p. 20).

No entanto o autor aponta que as populações mais pobres não conseguem vivenciar uma experiência múltipla dos territórios, Haesbaert (2007) e Milton Santos (1998) entendem que quanto mais multiterritorial é o ser humano, mais desterritorializado ele se torna. No

entanto, a identidade tradicional quilombola é forjada a partir da fuga e do fluxo territorial como processo de resistência, para essa população a territorialização da sua identidade ocorre no movimento entre territórios. No caso analisado, é necessário da Cutia - território mãe - para os processos de identificações capazes de aglomerar os sujeitos em torno de uma noção de coletividade que os permitam reorganizar em outro local de maneira a resguardar sua identidade territorial, "Essas identidades, no entanto, consistem em reações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado" (CASTELLS, 2001, p. 84).

A multiplicidade de relações territoriais não é novidade no Brasil. Little (2002, p. 2), aponta que "a imensa diversidade sociocultural do Brasil é acompanhada de uma extraordinária diversidade fundiária", sendo visualizada de forma expressiva nos territórios sociais das variadas populações que se construíram a partir da lógica das relações de uso comum dos recursos naturais, como é o caso das comunidades remanescentes de quilombos.

Reis (1995-1996, p.20) afirma que "Em geral os quilombos eram flutuantes e móveis" ao descrever o processo de construção deste grupo, com o presente estudo foi perceptível que tal característica ainda é presente. Para ampliar o entendimento de multiterritorialidade a luz dos processos vivenciados pelos remanescentes quilombola de Cutia cunhamos aqui inspirada por Reis (1995-1996) o conceito de "quilombos flutuantes", uma vez que a multiterritorialidade conforme cunhada por Haesbaert (1997, 2001a, 2002a, 2004) deixa lacunas para descrever o processo vivenciado por este grupo. Este novo conceito nos guiará, sendo compreendido como parte central na construção identitária dos remanescentes quilombolas de Cutia, além de ser elemento sócio-histórico estruturante. O trânsito entre Cutia e Macuco, bem como a coexistência de múltiplas identidades vindas de territórios distintos, marcou a construção da comunidade.

Este estudo debruça-se sobre a conexão entre Santos, São Paulo e o quilombo remanescente de Cutia, observando as suas linhas e fluxos. Haesbaert (2010) compreende o território-rede, uma concepção territorial mais dinâmica que permite a materialização do território no movimento, o autor exemplifica desde o nível individual – fácil de ser visualizado, uma vez que cada um traça com alguma liberdade seu território, com base no grupo ao qual pertence ou é identificado, em relação aos cutienses, as ligações familiares e culturais são responsáveis por manter essa rede que os une comunitariamente mesmos fora do espaço geográfico da Cutia. Os territórios quilombolas, nesse caso, com sua diversidade identitária, se constituem na flutuação rural e urbana.

A existência de dois territórios dessa comunidade possibilita a sua expansão, embora, obviamente, cada local conte com suas peculiaridades e características próprias. Leda Martins (2003) indica o corpo como ambiente de saber, o que justifica a expansão territorial, pois a memória, os saberes e os fazeres vão junto com o indivíduo, conseguindo então reconfigurar esse local em um novo espaço geográfico.

> A memória do conhecimento não se resguarda apenas nos lugares de memória (*lieux de mémórie*), bibliotecas, museus, arquivos, monumentos oficiais, parques temáticos, etc., mas constantemente se recria e se transmite pelos ambientes de memória (*milieux de mémorie*), ou seja pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, cujas técnicas e procedimentos de transmissão são meio de criação, passagem, reprodução e de preservação dos saberes. (MARTINS, 2003, p. 71).

A pesquisadora nos apresenta uma passagem pela qual a memória é recriada mesmo diante de uma realidade onde não se tem a memória coletiva registrada em papéis ou a cultura local valorizada por atores externos. Logo, é dando continuidade às práticas à medida que recria novas e reformula-se a partir dos contatos e relações externas. De certo modo, o quilombo flutuante também acaba tornando-se elemento tradicional, constituído por vários níveis de territorialização no espaço, muitos deles sobrepostos ou configurados em rede.

Como observado por Bernardo Mançano Fernandes, os "Territórios indígenas, quilombolas, camponeses, de moradia, com suas várias identidades são constituídos na multiterritorialidade rural e urbana" (FERNANDES, 2009, p.12), de modo que, dentro deste estudo, foi possível observar essa relação e como os territórios em rede favorecem em certa escala a expansão dessa identidade territorial ao invés de decretar seu desaparecimento completo. Cabe aqui ressaltar que não se pode encaixar tais processos em uma dicotomia entre bom ou mau, até porque essas percepções se apresentam de modos distintos em cada realidade.

Harvey (2003) entende a desterritorialização e a reterritorialização como processos indissociáveis e contínuos. O encruzamento neste caso não é a desterritorialização, mas sim a expulsão provocada pelo racismo ambiental. O crescimento do capitalismo desterritorializa outras relações sociais e extermina relações não capitalistas por meio do que Harvey (2003) definiu como acumulação pela espoliação compreendida pela destruição de postos de trabalho, precariedade das relações de trabalho e destruição dos territórios.

Com isso, o entendimento acadêmico e jurídico promove as ligações identitárias desses indivíduos indissociáveis do território, como único caminho possível para a existência dessa remanescência. No entanto, em um cenário de expulsões contínuas, como são os casos vividos na Chapada Diamantina, com esvaziamento da comunidade remanescente quilombola

da Vazante em Seabra[13], proporcionada pelo Estado para construção da barragem, a migração dos remanescentes da Fazenda Velha em Andaraí [14]devido às medidas impostas pela criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, esses indivíduos sem seu território deixam de ser remanescentes quilombolas?

Ao questionarmos ao sair da Cuita a pessoa deixaria de ser cutiense ouve uma unanimidade em atestar que não:

> *'Não, jamais! [...] a gente não esquece o lugar da gente." [Entrevistada 1, 68]*

> *" Não. Não deixa de ser por conta do pertencimento assim territorial que eu já disse antes, vai além né do território físico você ser algo porque a memória por mais que você queira não ser você sempre vai lembrar." [Entrevistada 3, 20 anos]*

As formas como os remanescentes quilombolas relacionam-se com seu território, assim como com sua ancestralidade, suas tradições e suas práticas culturais, serão obviamente alteradas através da convivência e interação cultural da sociedade global, mas sua identidade enquanto quilombola ainda permanece, pois, como colocado por Martins (2003), o corpo instrumento de comunicação também é ambiente de saber e leva consigo os traços dessa identidade.

3.4 Santos: o território da chegada e da saudade

> "Chuva e sol / poeira e carvão / longe de casa / sigo o roteiro mais uma estação / e alegria no coração / mar e terra / inverno e verão / mostro o sorriso / mostro alegria, mas eu mesmo não / e a saudade no coração"
>
> (Luiz Gonzaga e H. Cordovil, 1953)

O movimento pendular das migrações internas são um fenômeno bastante comum, que se tornou caminho natural da vida cutiense. Deslocar-se do Nordeste para São Paulo foi – e por vezes ainda é – a alternativa encontrada por nossos pais, avós, familiares, pelos meninos e

[13] A comunidade quilombola da Vazante, Seabra, por mais de 30 anos teve seus direitos negados pelo poder público, o que ocasionou no esvaziamento da comunidade. Em 2015, após muita pressão, os membros da comunidade aceitaram a construção da barragem, que inundará o território quilombola.

[14] A comunidade quilombola da Fazenda Velha se localiza a cerca de 18 quilômetros da sede, Andaraí-BA, às margens do Marimbus no território da Chapada Diamantina. O povoado tem origem pós-escravista e desde 2007 tem o certificado de remanescente Quilombola pela Fundação Palmares, porém ainda aguardam a titulação da terra pelo INCRA. O conflito da Fazenda Velha surge pelo fato de ter sua área dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) e dentro da APA Marimbus-Iraquara, o que torna sua permanência no local instável devido às resoluções que restringem a habitação humana na área.

pelas meninas que cresceram em minha companhia. Ir embora, melhorar o ganho, buscando o que aqui não tem, porque disseram que é assim.

A epígrafe que inicia este tópico é aqui tomada não apenas como descrição do Macuco, bairro que abriga uma comunidade cutiense, mas também para se adentrar tanto nas conexões entre as localidades quanto na preservação identitária que ocorre por intermédio da memória do remanescente quilombola.

As relações entre o social, o político, o econômico, o cultural, entre o abstrato e o concreto confluem para entendermos o elo construído entre a Cutia e Santos. Cabe aqui, então, analisar a construção dos diversos discursos e das subjetividades, as relações de poder, as tensões sociais, as delimitações objetivas e subjetivas dos territórios.

A arte de transitar já faz parte da identidade nordestina, uma vez que seus problemas climáticos e seus conflitos socioeconômicos em torno da questão agrária, em que oligarquias latifundiárias concentravam a maior parte da terra nas mãos de poucas famílias, favoreceram a itinerância dessa população. O processo migratório em si já era uma prática comum para parte da população nordestina, que fazia migrações sazonais entre municípios próximos. Porém, com a pavimentação das estradas ligando o Norte e o Nordeste ao Sudeste com a Rodovia Rio-Bahia, inaugurada em 1949, associada ao estímulo da migração após a diminuição da entrada de imigrantes estrangeiros, esse processo ganhou dimensões maiores.

As encruzilhadas sertanejas cortadas pelo pau-de-arara[15], moveu, ao longo de muitos anos, legiões de migrantes nordestinos para o Sudeste. A viagem que demorava de 15 a 20 dias na carroceria de um caminhão (pau-de-arara) passou a ser o transporte mais frequente a partir da década de 1950. Logo em seguida, na década de 1970, vem o declínio desse tipo de transporte, por conta da concorrência das companhias de ônibus que foram se multiplicando.

> Nos anos 50, a imagem da cidade de São Paulo foi associada ao crescimento urbano e demográfico proveniente da migração interna. Calcula-se que 24% da população rural brasileira, cerca de oito milhões de pessoas, migraram para as cidades. Esses migrantes, em sua maioria, dirigiram-se aos centros urbanos, principalmente à cidade de São Paulo, que vinha divulgando, por intermédio da imprensa impressa e do rádio, uma imagem de crescimento e progresso. (PAES, 2009, p. 89-90).

Para essa população, enquanto a capital do estado da Bahia se configurou como um lugar para se gastar dinheiro, Santos era vista como cidade para conseguir dinheiro.

[15] O pau-de-arara resulta de uma carroceria de caminhão abrigada do sol por uma coberta de lona, o encerado. As pessoas viajam sentadas em pranchas colocadas transversalmente, enquanto no sentido longitudinal, nos lados e no centro, agarram-se nas madeiras que servem de suporte à improvisada capota. Daí provém o adjetivo da incômoda condução, que lembra um poleiro onde as criaturas humanas desenvolvem prodígios de equilíbrio para manterem-se apoiadas.

> *"Engraçar né Salvador é logo ali, mas o povo não vai como é que vai? vai viver como também? [...] ficou enraizado que você só vai conseguir trabalho em Santos, criou essa cultura só vai conseguir trabalho em Santos. A felicidade minha de Nínive quando a gente foi para outro estado que não era São Paulo, ah meu Deus fiquei me achando". [Entrevistada 5, 47 anos]*

Esse imaginário foi empregado pela própria população que ia para a Salvador nos anos 1970, famílias abastadas da sede de Boninal, e narravam histórias de domésticas e babás que ganhavam um salário muito baixo, sendo até mesmo impedidas de se locomover livremente pela cidade, pois tal contexto intimidava qualquer um que tentasse um caminho diferente do já conhecido.

> Trabalho e/ou dinheiro somente no "Sudeste", mesmo que isso tenha seus (e certamente não pequenos) custos. E é bem provável que essa mentalidade ajude a entender por que a migração nordestina ao longo de várias décadas teria se mantido em níveis elevados no Estado de São Paulo. (CUNHA, 1999, p. 1).

Por esse percurso muitas vezes trilhado é que o cutiense se vai; cabe aqui dizer que esse deslocamento é para um local específico em Santos, no estado de São Paulo, o bairro do Macuco. A construção do Macuco como destino possível iniciou-se com a abertura de loteamentos operários em Santos, motivada pelas transformações econômicas e sociais observadas na cidade com a vinda dos imigrantes europeus entre os anos de 1880 a 1930, visando à separação das funções portuária e de moradia. "A população residente nos cortiços localizados na área central, ou mesmo a população mais pobre, poderia migrar para os novos loteamentos, dentre eles o Macuco e a Vila Matias, loteados na década de 1880." (ANDRADE, 1989, p. 92).

O loteamento do Macuco constituiu uma estratégia do poder público local a fim de propiciar condições para a expansão da malha urbana da cidade, tendo como demanda principal a ocupação pela classe trabalhadora. Posteriormente, esse loteamento contribuiria para a migração da população cutiense.

Em meados dos anos 1970, começaram as movimentações intensas para Santos. Naquele contexto, o país atravessava o chamado "milagre econômico" e também a repressão política. O milagre econômico aconteceu porque o PIB brasileiro, durante o período de 1968 a 1973, aumentava cerca de 10% ao ano, o que reforçou a exclusão social entre o campo e a cidade contribuindo para que uma grande massa de migrantes nordestinos partisse em direção aos principais centros urbanos do país. Neste momento, a ideia já partilhada de que santo de casa não faz milagre se comprova no imaginário local.

Andrade (1989) nos apresenta como os mutirões auxiliaram na construção de moradias no bairro. O mutirão é uma dessas práticas, aderidas pelos remanescentes desde a sua formação, com a finalidade de ajuda mútua, um trabalho coletivo alicerçada nas relações de amizade, parentesco, vizinhança e compadrio. No sistema de mutirão, trabalhavam a família e os amigos durante o final de semana, "na segunda-feira, mais um chalé[16] pronto, mais uma família abrigada: as sensações de posse, de proteção, a vitória do trabalho contra o desabrigo, o seguro contra indesejável promiscuidade dos cortiços." (ANDRADE, 1989, p. 214).

Desse modo, essa prática comum aos cutienses ressurge na construção dos chalés. Para além disso, os modelos de moradia, tais como os casarões compartilhados e chalés, usados pelos cutienses nesse novo espaço demandavam que as relações afetivas e de parentesco se mantem assem, justificando inclusive que aqueles que iam para Santos voltassem para buscar seus parentes e amigos.

Apesar do bairro receber pessoas de locais e contextos variados, as relações se articulam como uma colcha de retalhos em que tecidos de texturas e cores diferenciadas formam uma única peça unidos pelas funções de moradia, de trabalho, lazer, enfim, a reprodução cotidiana do bairro.

> O cotidiano do Macuco demonstra parte essencial do processo de produção do espaço mediado pelas possibilidades de uso da cidade, que estão além dos valores de troca. Neste sentido, o valor de uso é singularizado pelo transbordamento da vida às formas do Bairro. A afetividade, a concretização de sonhos, as dificuldades, os conflitos entre o uso residencial e o portuário; o convívio dos moradores antigos com os trabalhadores portuários e seus filhos, junto aos novos moradores; o ritmo da rua, onde as crianças brincam, as mulheres conversam, os homens se encontram nos bares; o ontem, o hoje. São todos elementos que compõem o ritmo do lugar. (CARVALHO, 2009, p. 135).

Tal ritmo desenhado por Carvalho (2009) conversa com o já experimentado previamente pelos moradores de Cutia em sua terra natal. Para lembrar da vida antes das mudanças torrentes que os levaram para próximo do mar, os remanescentes se apegam na construção dos discursos da sua terra natal, que são pautados na saudade e na tradição.

[16] Os chalés são moradias construídas de madeira. No início do século XX, o poder público de Santos havia proibido esse tipo de edificação devido a leis de expansão urbana que previam moradias salubres, de modo que aquelas não eram consideradas moradias condizentes com a nova ordem higiênica da cidade. Entretanto, os chalés eram edificados ilegalmente em bairros de origem popular, como o Bairro do Macuco, para garantir moradia à classe trabalhadora, que não possuía condições econômicas de residir nas moradias geminadas que foram originalmente edificadas para abrigá-los. Em decorrência do alastramento desse tipo de moradia, o poder público permitiu a sua edificação; porém, elas poderiam ser demolidas sem indenização alguma prevista aos seus proprietários se estivessem assentadas sobre áreas de interesse à expansão urbana da cidade. Na atualidade, os chalés ainda são bastante comuns no Bairro do Macuco; além disso, esse tipo de moradia é ocupada de duas maneiras: de modo unifamiliar ou multifamiliar; neste último caso, como exemplos de cortiços.

Apesar de haver pessoas da comunidade residindo em outros locais, o Macuco ainda é ponto de encontro, tanto na casa dos familiares como nos comércios dos conterrâneos. Por isso, a Fonte do Sapo no Canal 5[17], atração turística de Santos, também se torna ponto de encontro por ser onde ficam os cutienses que vendem milho, churros e pipoca na praia. *"O povo vai pra Santos, vai muito pra praia [...] então eles se encontram muito em assim... em praia." [Entrevistada 5, 47 anos].*

Nesse ambiente de reunião, é comum encontrar-se com aqueles que, mesmo originários da Cutia, tomam temporariamente o sotaque santista, adotando uma cadência mais familiar aos ouvidos de quem é daquela terra. Mas é apenas uma ilusão passageira, pois basta um mergulho nas conversas e risadas para que o baianês da Cutia ressurja, carregado de entonações singulares e expressões marcantes.

As festas, verdadeiros encontros de almas, unem toda a gente da Cutia. Não há distinção, todos estão juntos. As delícias que saciam os desejos dos frequentadores ávidos por sabores autênticos em que escuta as mais tocadas na Cutia-BA, os forrós e risadas.

A Fonte do Sapo, no canal 5, é ponto de encontro onde se reúnem os cutienes, e quando se planeja uma escapada para a praia, não se trata de ir a qualquer lugar. No universo da Cutia, há um destino específico, um canal predileto, uma praia que é mais do que um simples destino: é um refúgio, um espaço de pertencimento e conexão. Os carrinhos dos vendedores cutienses se encontram milhos, churros, pipocas e bebidas que acompanham o encontro. É normal ficar um bom tempo ao lado do carrinho conversado sobre a "nossa Bahia".

Neste cenário, os laços familiares se entrelaçam com os laços comunitários. É comum ver irmãos que se deslocam entre canais, atravessando pontes físicas e emocionais para se encontrarem.

Os caminhos aqui são construídos pelo viés do discurso simbólico, das memórias, experiências e vivências desses personagens, sendo questões fundamentais para o entendimento do processo histórico desses personagens na luta por territórios materiais e imateriais, o que iremos destrinchar no capítulo seguinte.

[17] Os canais de Santos viraram muito mais do que apenas um programa sanitário. Hoje eles são ponto de referência tanto para turistas quanto para moradores. O Canal 5 fica na Av. Almirante Cochrane e a sua inauguração foi realizada em 1927. Fica próximo ao Shopping Praiamar (o maior da cidade) e também à Fonte do Sapo, ao Sesc e a diversos bares e padarias.

CAPÍTULO 4 – CAMINHOS ABERTOS: RITO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA TRAJETÓRIA CUTIENSE

4.1 Identidades em fluxo

"Me refiz na lama
Vi pedra rolar
Dancei com a correnteza
Me deixei pro mar"(MC Tha, 2019)

Na saliva da palavra que se mantém viva a identidade cutiense pois sua história se refaz na oralidade, nas histórias desses fluxos, do vai e vem, construída na flutuação entre territórios. Ao evocarmos a palavra escrita na transcrição das entrevistas assumimos a preda da totalidade dos diálogos, especialmente no que tange a identidade, para além das regularidades de sentido que estabelece o fixo do escrito, nele não mora a riqueza cultural e linguística da comunidade analisada, apesar da Cutia presidir e atravessar as minhas palavras, viabilizando a existência deste trabalho é indiscutível a perda ao não termos acesso as entonações, as expressões idiomáticas e faciais, além das experiências individuais de cada entrevistado, pois sua oralidade necessita do corpo e da voz para se constituir enquanto linguagem (MARTINS, 2001, 2007) .

> *"O sotaque daqui é uma coisa que eu me lembro deixa eu ver... 'Caramba'[18], essas coisas assim né, essas coisas assim o 'Ô,ô" [Entrevistada 4, 55 anos].*

Como Leda Maria Martins (2007) aponta "a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas" (p. 57) a exemplo da interjeição vocativa "O, ô" citado pela entrevistada 04. [19]

> O termo oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significante e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade. (MARTINS, 2001, p. 84).

A identidade do remanescente, no caso da comunidade em questão, é construída de modo particular na mobilidade, que as faz cada vez mais fluidas como destrincha Martín-Barbero (2006).

[18] A entrevistada falou om uma entonação própria da comunidade que prolonga alguns fonemas.
[19] Marca linguística da Cutia dentro do município bem como expressão linguística que indica chamamento, invocação, pode ser também uma interjeição exclamativa, não se revela em seu todo para atores fora do contexto linguístico local visto que há a combinação da entonação e do contexto que é empregado para ser entendido totalidade.

> Até pouco tempo, falar de identidade era falar de raízes, isto é, de costumes e território, de tempo longo e de memória simbolicamente densa. Disso e somente disso estava feita a identidade. Mas falar de identidade hoje implica também –se não quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente –falar das migrações e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e de fluidez (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.61).

Assim como o autor, entendemos as raízes como um fator que interage com esse fluxo, isso surge também nas falas dos entrevistados ao serem perguntados sobre "ser cutiense", a entrevistada 07 que vive na diáspora da Cutia em Santos-SP, afirma que.

> *"É ser pertencente de um lugar assim, daquelas pessoas. É uma raiz." [Entrevistada 7, 43 anos]*

As relações de parentesco aqui também interferem nesse pertencimento, sendo fundamentais na constituição e manutenção dos modos de vida e na identidade de comunidades tradicionais chegando a se revestir ou se transformar em relações de troca (não- mercantil) e conferem a essas pessoas um sentimento

> *"Eu acho que a questão de parentesco não é uma questão muito de sangue a sua a distância que você tá na minha árvore diz o quão você é meu parente não, é tipo eu tenho consideração por você a gente está no mesmo local a gente convive a gente se conhece então eu tenho esse afeiçoamento com você e eu te considero um primo, eu te considero uma tia mesmo que você seja muito distante e se chega até ser uma falta de respeito você não considerar né? porque tipo ua tá querendo ser boa [Risos]." [Entrevistada 3, 20 anos]*

Silva (2006) reforça essa noção ao mencionar que os membros de uma família ou comunidade se veem como um todo, intimamente conectados. Pollak (1992) essas relações determinam os aspectos sociais e identitários especialmente quando abordamos sobre a identidade de todo um grupo. O autor ressalta ainda que a construção da identidade se dá na interação com o outro, na necessidade de aceitação e no sentimento de pertencer a um grupo. Para Teixeira (2010) nas comunidades tradicionais os valores ancestrais estão presentes na "memória identitária" que possibilitam uma ligação entre o individual e o coletivo.

> Assim, é possível afirmar que a cultura, as formas de vida, os costumes, transmitidos com o passar do tempo destas comunidades têm sido importante para a formação da identidade. É preciso atentar-se para que a ação do tempo não destrua traços originais que asseguram a identidade de um grupo. Sobretudo se essa "memória identitária" é condição de sobrevivência de uma comunidade. (TEIXEIRA, 2010, p. 49)

Antes de nos atermos a memória identitária é importante rever como ocorre a construção de identidade. Segundo Stuart Hall (2006) "o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu'

coerente" (HALL, 2006, p. 10-13) com isso podemos relacionar com o pensamento de Castells (1999) que propõe três formas de origem e construção de identidades, entendendo que elas se re/constroem a partir desse âmbito: identidade legitimadora, de resistência e de projeto. Cada modo de construção identitária gera um resultado diferente no que se refere à constituição da sociedade:

> Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais [...]; Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos [...]; Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram. (CASTELLS, 1999, p. 24).

As identidades legitimadoras tendem a ser essencialistas, vinculada às instituições dominantes. Apesar das comunidades quilombolas surgiram de processos de resistência a identidade posta a esse grupo ainda é a identidade legitimadora pensada pelo estado, ainda pouco articulada pelos sujeitos que carregam tal identidade.

A discursão do tópico "Quilombo símbolos e signos: o caminho feito pelo outro" do terceiro capítulo, retorna aqui ao perguntarmos aos remanescentes o que significa "ser quilombola", com as repostas observa-se que tal signo não tem significados nítidos para os entrevistados visto a sua série de ressignificações:

> *"Então... Quando eu morei na Bahia, eu não tinha noção do que era ser quilombola, não se falava sobre ser quilombola. Eh... eu fui aprender o termo quilombola muito recente assim, através de você, através da minha mãe, mas eu não tinha conhecimento, sabia que existia, mas não sabia que o nosso povoado poderia ser um quilombo." [Entrevistada 7, 43 anos]*
>
> *"Carambola deve ser as pessoas negro, né não? eu mesmo não entendo de carambola não." [Entrevistado 2, 70 anos]*
>
> *"Uaí é porque aqui só tem nego e nois tudo foi quilombola e quilombola hoje tá tendo vez, sabia? Antes não, a gente era muito… o povo falava muito de negro, a gente era muito humilhado, mas hoje graças a Deus a gente tá sentindo que a gente tá bem mais melhor, graças a Deus." [Entrevistada 1, 68 anos]*
>
> *"Pessoas negras né? que veio de uma de uma raça negra*." *[Entrevistada 4,*

55 anos]

Não há surpresa com a resposta dos entrevistados visto que o sentido da palavra quilombola não é discutido de modo articulado com as vivências desses sujeitos sendo muito mais debatido por acadêmicos e pesquisadores. Para Francisco Ferreira (2008) a compreensão do conceito de identidade oferece múltiplos problemas de cunho teórico e prático. No teórico pela miscelânea de conceitos que os pesquisadores atuais denominam ser identidade e prático por perpassar o processo de auto-atribuição dos sujeitos estudados.

Cabe aqui ressaltar que não há nada de errado com termo quilombola, e que os entrevistados se autodeclaram remanescente quilombola, o que propomos aqui é uma reflexão ativa sobre esse conceito e como a histografia racista, a exemplo do conceito do primeiro dicionário da comunidade[20], não são apagados de forma fácil e rápida.

Os entrevistados, que cursaram o ensino superior apresentaram uma resposta mais elaborada do que é ser quilombola devido à pressão externa em que o que é "ser da cutia" não é o suficiente.

> *"Eu vou responder de forma mais pessoal mesmo, assim a gente tenta fugir do acadêmico acaba puxando de certa forma. Eu acho que ser quilombola é se sentir pertencente da comunidade, é você buscar sobre você eh tentar aprender não só tipo muita gente nasce em comunidades quilombolas e até hoje não procura saber o que é ser um quilombola? eu fui aprender o que é ser quilombola, o que é um quilombola eh na academia então... mas de uma forma pessoal mesmo você que não quilombola pisar sobre eh você respeitar os seus valores eh é tá ali engajado infelizmente eu não consigo estar muito na comunidade fazendo esses movimentos e tal, mas ser quilombola para mim é um conceito muito amplo vei, porque é você se sentir pertencente mesmo, é você, você ser, você aplicar tudo aquilo que você aprendeu com seus pais com seus ancestrais na sua...na sua vida, os vales e não tem como fugir né, disso de ser quilombola." [Entrevistado 6, 23 anos]*

> *"É muito uma questão de ser resistente, mesmo que você não perceba você tá resistindo no momento em que você ocupar alguns espaços você mesmo sem ter essa percepção você ainda tá resistindo você tem essa resistência porque você chega nos lugares antes mesmo de você falar quem você é as pessoas às vezes já tem um pré-julgamento por sua cor, por seu cabelo eh ser quilombola eu acho que também ainda tem muito tabu das pessoas "ai mas como é que é ser? ai mas vocês vivem bem? aí mas como eu nunca conheci uma comunidade quilombola" Eu ainda vejo que as idades indígenas tem um pouquinho mais de conhecimento as pessoas conhecem mais agora a questão quilombola as pessoas são assim elas não sabem como funciona elas não sabem como é, mas é muito bom ser quilombola ser... é quem a gente é né Rose, mesmo que às vezes não tem palavra para*

.

[20] "Escravo ha-quilombo (do quilombo. COGNATO: de escravos fugitivos em certo lugar que lhes serviria de habitação e refúgio: esse lugar; dança grotesca ao som de música primitiva, que relembra cenas das perseguições dos escravos)". - Dicionário Prático da Língua Nacional Ilustrado (1969)

> *dizer isso, acho que é muito além do que as palavras podem dizer se quilombola mas eu tenho que falar com palavras porque você." [Entrevistada 3, 20 anos]*
>
> *"É buscar reconhecer e aceitar suas raízes". [Entrevistada 5, 47 anos]*

Nas entrevistas alguns apresentam abertamente a dificuldade de falar o que é identidade quilombola para eles, porém ao serem questionados sobre a identidade cutiense todos conseguiam discorrer sobre, foi possível notar a repetição da palavra "união" destacando o caráter comunitário de solidariedade compartilhado por todos. Bauman (2005, p. 84) reconhece que para buscar uma identidade "você precisa submeter os seus interesses pessoais em benefício da solidariedade de que o grupo necessita para resistir a um grupo ainda maior".

> *"A união começa desde pequeno porque você é prestativo na Cutia desde quando você tem 7 anos, sabe? 'ei, vai ali fazer um favor para mim'[...] É sempre essa coisa do menor ao mais velho. Todo mundo tem uma função, todo mundo ajuda alguém e fala mal mesmo, porque comunidade é assim, você vê quando você sai ali na Cutia que você vai na praça tem um povo falando mal, no bar tem falando mal, nas casas tem falando mal, mas na hora de ajudar eu quero ver se um não vai, todo mundo vai é mais forte". [Entrevistada 3, 20 anos]*

A explicação da entrevistada 03 nos apresenta aspectos significativos da contextualização do indivíduo na comunidade, construindo a identidade de resistência na solidariedade como mecanismo de resistência e sobrevivência enquanto proteção mútua.

Partindo da percepção de que há influências externas, a discussão em torno do reconhecimento ou não das identidades sociais não podem estar limitadas à busca de traços estereotipados de um quilombo que só existe nos livros de história. Para Goffman (1978), a busca por estereótipos acaba estigmatizando os grupos identitários, o autor aborda como uma distorção entre a identidade social idealizada e a identidade social real dos indivíduos/grupos sociais, ou seja, "se referem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava" (Goffman, 1978, p. 11).

Por esse motivo é comum os não-quilombolas frustrarem-se devido à expectativa criada em torno das características deste grupo (quase sempre estigmatizados), criando um clima de desconfiança, sobretudo sobre as narrativas não suprirem o imaginário de "quilombo de resistência" (ARRUTI, 2006).

> *"[...] Eu pensei muito nisso no final do ano quando meu professor esteve aí*

> *[Cutia]. Minha colega de toda forma queria saber por que a gente era quilombola. Ela perguntava para Chá[21] "mas o que que aconteceu para você serem quilombolas? mas como é que surgiu a comunidade?" ela não se contentava com que Chá falava, sabe? "Ah surgiu assim", ela queria que tivesse ou uma coisa mais assim "meu Deus vocês brigavam, vocês lutavam, vocês batiam" e não é isso a gente quando tá no território do outro a gente tem que respeitar e ter um olhar sensível em relação à história do outro quando você se encontra em outro território." [Entrevistada 3, 20 anos]*

A dificuldade de aceitar a atualização da identidade quilombola, bem como entender as múltiplas formas de povoamento desse grupo expõe a identidade legitimadora disseminada, que os coloca em um local irreal de estagnação que não os cabe, e a identidade desse grupo se destaca justamente no movimento, contato com o outro.

> *"Rapaz, eu acho que é uma das maiores dificuldades e essa complexidade de identidade mesmo, acho que as pessoas elas vêm a pessoa quilombola como a pessoa analfabeta, uma pessoa sem conhecimento, uma pessoa que não vai ter educação." [Entrevistado 6, 23 anos]*

A partir do que foi compartilhado, percebe-se que há sobre os cutienses que chegam à universidade se assumindo enquanto quilombolas, uma cobrança para que venham a agir como o estereótipo criado. Os mesmos intelectuais que abraçam a *estética cultural* quilombola- ressaltando que é a estética cultural não os sujeitos ou a cultura viva- dentro de um contexto urbano marginaliza o jovem periférico quilombola se ele não estiver performando a identidade construída sobre o que é ser quilombola. Partindo da perspectiva de Bauman (2005) os que antes decidiam como deveria ser/parecer o quilombola não está preparado para as novas identidades que surgem como é o caso dos remanescentes do quilombo flutuante. Bauman (2005, p. 17) afirma que "as 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas".

Os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes, abjetos, e excluídos socialmente. Stuart Hall observa que as identidades contemporâneas são globais, pluriculturais e "de resistência" (CASTELLS, 1999). Elas se apresentam em espaços culturalmente híbridos e desiguais, que constroem "trincheiras de resistência" e sobrevivência para si, gerando o que o Castelles (2006) chama de "exclusão dos que excluem pelos excluídos" (p.25). Esse tipo de construção identitária leva à formação de "comunas" ou "comunidades", pois lutar coletivamente contra a opressão é mais suportável.

> *"Eu acho que a união da Cultura em qualquer coisa, por exemplo [...] Se tiver uma briga com alguém da Cutia, não tem uma briga, tem uma*

[21]Nome que a entrevistada 03 se refere a sua avó materna moradora da Cutia.

> *revolução, entendeu? Então, a união é de vários sentidos se alguém vê que alguém da nossa Bahia, da nossa comunidade ali tá com perrengue não importa onde for vai estar todo mundo grudado no outro igual a cabelo de cachorro." [Entrevistada 7, 43 anos]*

As reações de parentesco desenvolvidas e os ensinamentos de solidariedade estre os seus são elementos essenciais na identidade quilombola flutuante. É inegável que o território para além de um espaço físico, é um espaço de referência para a construção da identidade, a complexidade sobre essa discursão recai aqui no fato dos cutienses não ficarem recluso apenas ao ambiente rural que lhe foi atribuído por hora[22], existe também a interferência do território urbano ocupando por eles.

A identidade de resistência cutiense nasce nesse "entrelugares" utilizando-se das tradições, objetos, costumes, gírias, valores simbólicos dos dois territórios se misturam, provocando, desse modo, fenômenos transculturais, mas ambas as localidades se completam na medida em que o movimento não é apenas de cunho geográfico. Nesse "entrelugares", conceito formulado por Bhabha (2001), em que é relacionado à visão e ao modo como grupos subalternos se posicionam frente ao poder e como realizam estratégias de empoderamento nasce a identidade cutiense moderna. Viver no "balanço" de distintos lugares produz um novo sentido não só para a realidade, mas também para a identidade.

Pollak (1992, p. 4), afirma que "a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa". Para esse autor, a memória sofre flutuações ligadas ao momento em que ela é articulada e expressa. "As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade, também, em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada" (POLLAK, 1992, p. 4). No que diz respeito aos "lugares", dentro desse elemento, pode-se falar, ainda, em lugares de memória, lugares de apoio da memória e, por fim, de lugares longínquos.

Em primeiro lugar, quando se fala em "lugares de memória", a ideia é relacioná-los com a lembrança, que pode ser pessoal e não necessariamente ter um apoio cronológico. Pollak (1992) cita, como exemplo, um lugar de férias da infância, em que o sujeito viveu momentos que lhe marcaram, mas que não necessariamente se recorda da real data em que os eventos ocorreram. Os entrevistados ancoram suas lembranças não apenas na cronologia dos eventos e datas, mas na associação entre o período, as férias, e o local desses encontros. Deste modo, Santos é um lugar de memória recorrente para quem vive na Cutia, o oposto também

[22] É importante de destacar que a essa população só lhe é concedida a posse do seu território quando não afeta o

interesse de grupos dominantes.

ocorre, a Cutia é um lugar recorrente de memória para quem vive em Santos.

> *"Dava as férias né da escola. As pessoas iam passear lá eu não sei se ainda tá acontecendo isso assim tipo os jovens, crianças iam passear lá na casa dos seus parentes. [...] Macuco só sei esse, mas assim tipo lá, por exemplo, aí sim aí eu acho que lá forma um grupo cutiense em santos entendeu por que lá você sai é a mesma coisa de tá na Cutia [Risos] eu lembro que eu fui lá uma vez e assim tipo, você sai você tá na Cutia, você... são pessoas que você não vê há muito tempo, mas são cutienses." . [Entrevistado 6, 23 anos]*

> *"No São João... Todo mundo vai arrumando a mala para ir embora e geralmente é um mês que não dá para a gente ir porque as férias aqui é em julho o São João é Junho então você vê o pessoal arrumando a mala, quem pode ir, e é muito ruim é acho que para mim o São João é a época que mais dói assim. Eu não consigo ir. Sinto muita saudade, eu acho que é o mais..." [Entrevistada 7, 43 anos]*

> *"São João é especial, é a época mais desejado por todos que mora aqui... É o São João". [Entrevistado 8, 48 anos]*

Os "lugares de apoio da memória", que dizem respeito a aspectos mais públicos das pessoas de modo que tais lugares são aqueles a que Pollak (1992) chama de comemoração. No contexto estudado, o Cutia's Bar, no Macuco, se torna nesse lugar de apoio a memória, possibilitando resgatar a memória dos locais de lazer da comunidade se tornando espaço de encontro e realização de eventos similares aos que ocorrem na comunidade em território baiano, a familiaridade, saber que é filho de um conhecido, empresta uma sensação de segurança, de poder ir e vir dentro do universo das lembranças; assegura um sentimento de identidade. O Cutia's Bar configurou-se em um espaço de sociabilidade dos cutienses, sendo o espaço escolhido por muitos como opção de lazer. É nele que interagem, discutem, silenciam suas aflições, são debatidos os problemas e os boatos de ambus os territórios.

> *"Rapaz, é tinha esse negócio né quando era acho... eu acho que é negócio da festa que as mulheres faziam comida, tinha os meninas que iam jogar no bar, no bar de Traíra e a mesma coisa de tipo no bar de Pedinho, todo mundo vai quando era a noite né, todo mundo ia lá se divertia, tomava uma, jogava sinuca, são coisas que tipo assim você ia no bar só tinha um gente da Cutia, então eu acho que também é uma coisa que não deixa de existir entende, você não sai da Cutia." o São João". [Entrevistado 8, 48 anos]*

> *"O pessoalzão, mas ainda assim você vê ali no bar de Ailson acho que foi onde eu passei umas duas vezes apenas é como se as pessoas tivessem na Cutia, é isso!" [Entrevistada 5, 47 anos]*

> *"Oh eu me senti em casa assim entre aspas, porque onde Graciene morava todo mundo morava tinha um bar que tinha as mesmas músicas, as mesmas*

> *bebidas, as mesmas pessoas e eu comia as mesmas coisas, porque todo mundo leva arroz vermelho então eu me senti muito, entre aspas. em casa porque eu via todo mundo Nete me chamava conversava com Nete, então eu tava muito tranquila em relação o local aí eu passava ia quando passava na esquina eu via Din, então "nossa Din você aqui? seja você aqui" aí eu caminhava mais um pouco aqui a casa de, de não sei quem conheço? conheço, aí a casa de não sei quem conheço? conheço, então era uma rua com várias pessoas da Bahia aí a outra rua também aí por mais que tivesse só duas casas na outra rua todo mundo morava lá da Bahia alguém morava lá mas foi isso." [Entrevistada 3, 20 anos]*

> *"E no Natal junta todo mundo, ou Natal ou o réveillon, é... ou em um ou outro geralmente é mais no Réveillon, porque vem todo mundo de São Paulo que também é da Bahia e se junta no Macuco e cada um dá uma é determinado um tanto assim com família ou casal. E aí se reúne todo mundo no bar de Ailson, geralmente é no bar de Ailson e faz uma festona." [Entrevistada 7, 43 anos]*

O presente bar se torna no "terceiro lugar" do quilombo flutuante. O "terceiro lugar" (apud Aabo e Audunson, 2012) foi o termo cunhado pelo sociólogo Ray Oldenburg (1989) para se referir aos três lugares fundamentais, que afetam a atividade humana e interfere na construção identitária do sujeito, sendo eles: o primeiro lugar, de âmbito doméstico, o segundo lugar, de âmbito laboral, e o terceiro lugar, para o intercâmbio e a socialização das pessoas. Este terceiro lugar se apresenta no Macuco no bar e na Cutia na associação comunitária.

> *" O lugar central da Cutia para mim é o Barracão é o lugar que você já viu várias coisas acontecer, o Barracão e já escutou tanta gente, já viu tanta gente, já recebeu tanto curso, de fazer pulseira, de fazer sandália, de você aprender fazer crochê, gente de Salvador, gente daqui até de Paulo Afonso mesmo já foi no barracão, então eu acho que ali era um momento único Rose, o barulho você ver tanta gente "ah coloca comida para não sei quem, Ah mas..." aí sobrava a comida ou não "gente mas tem que dar comida pro povo que tá lá fora também o povo do bar" então tem muito essa questão acolhedora." [Entrevistada 3, 20 anos]*

Oldenburg (1989) além de denominar o "terceiro lugar" como um ambiente social, separado de casa e do trabalho/escola, também se refere ao terceiro lugar como local de entretenimento no coração da comunidade, lugar que ajuda no peso do dia a dia (Aabo e Audunson, 2012, p. 141).

Bhabha (2003) fala de "solidariedade afiliativa", forjada na intervenção que agencia a "invenção criativa dentro da existência" (p. 29), corresponde uma ideia de comunidade como território minoritário, suplemento subversivo e antagônico da "estrutura objetivamente construída e contratualmente regulada da sociedade civil" (p.316). A responsabilidade de

reconstrução do seu mundo em outra localidade, determina, segundo Bauman (2003), reagrupamentos sociais em nome da segurança. De acordo com Santos (1998) a partir de novos estudos em torno da formação das identidades coletivas e das contribuições de Goffman (1959),

> passou-se a afirmar que indivíduos constroem suas identidades e que a manutenção destas identidades depende do processo resultante das interações mantidas por estes indivíduos no processo de compreensão de si próprios e de suas intervenções na realidade. Identidades coletivas passaram a ser compreendidas a partir não só de um agregado de interações sociais, mas também da razão político-estratégica de atores sociais.

Hall (1997, 2005), ao definir identidade cultural, admite que o contato com o outro, ou seja, a alteridade é o que constitui o homem. Sua identidade, portanto, não se encontra encerrada quando de seu nascimento, mas resulta de uma busca constante, uma construção diária. Isso faz da identidade uma celebração móvel, sujeita a contínuas formações e transformações; passível de construir-se no contato com o outro, em vivências e convivências. Consequentemente, perde sentido pensar a identidade como única e definida e abre um leque sobre uma identidade quilombola pensada pelos atores que vivem ela.

Stuart Hall (1997) aborda sobre a centralidade da cultura na sociedade contemporânea, apontando para influência da cultura em todos os aspectos da vida social, incluindo a formação da subjetividade e principalmente na identidade individual. Observa-se então a formação de novas subjetividades e maneiras de existir, interagir e compreender o mundo. Deste modo a identidade quilombola emerge de um novo contexto cultural e social de trocas pouco percebida nas discursões atuais.

> [...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (HALL, 1997, p. 16).

Na perspectiva de Hall, a cultura é um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica do novo milênio. Em suas palavras

> [...] não devemosnos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural (HALL, 1997, p. 20).

Atualmente, as discursões sobre identidades quilombolas são em grande parte atribuídos à disparidade entre as definições impostas por pessoas externas às comunidades e a realidade vivenciada pelos remanescentes quilombolas. Há uma escassez de esforços para requalificar ou atualizar as percepções sobre essas comunidades, considerando suas

experiências contemporâneas. Surge a pergunta: O que significa ser Quilombola no século XXI?

4.2 Os ritos e a conexão com a identidade e memória: Relato de experiência do rito de passagem

"Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras.
Mas só há duas nações – a dos vivos e a dos mortos"
(COUTO, 2003, p. 13)

O rito da morte é um capítulo que se escreve com a tinta da ancestralidade e se lê nas entrelinhas da vida cotidiana. Nessa encruzilhada de tradições e desafios, testemunhar o adeus é uma experiência que transcende o simples ato de partir. Diferente dos tradicionais casamentos cutienses, das festas religiosas, do samba de roda e outros eventos comunitários, a morte enquanto rito inevitável se apresenta como fator comum a todos os atores da comunidade.

O interesse por esta tema específico se acentuou durante o meu próprio processo de luto, após a morte do meu avô, um dos moradores mais antigos da comunidade, o significado real da identidade e pertencimento quilombola se fez presente nas ações, transcendendo os conceitos grafados.

A morte é triste para todos, mas em comunidades baseadas na oralidade também é a junção da perda de um ente querido e da memória. Paira a sensação de medo do esquecimento, de não se lembrar de coisas importantes não só sobre o falecido, também de si próprio e da comunidade. Como coloca Elias (2001, p. 77): "A morte não tem segredos. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias"

Cada grupo social possui experiências diversas ao lidar com o evento da morte, mas o fato comum à todas as culturas é que "a morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre muitas criaturas que morrem na terra a morte constitui um problema só para os seres humanos. [...]." (NORBERT ELIAS, 2001, p. 6). Sendo uma questão para os viventes é também nesse momento que o rito se materializa enquanto tocante das distinções culturas entre os grupos. Na Cutia o morto de torna encantado pois é rememorado, seu ser se transfigura em objetos, lugares e falas.

Todos os elementos que cercam o rito da morte estão imersos ao senso de coletividade único as comunidades tradicionais. *"Não ficamos sozinhos um segundo, na alegria não, mas nessas horas é todo mundo aqui" [Entrevistada 7, 43 anos].* O cutiense cresce nesse senso de apoiar o outro no momento de dor, independente de quem é, porém no luto tal conduta se aflora, podendo nos ensinar sobre coletividade e identidade quilombola de modo singular.

> Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, eventos naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. (MARTINS, 2001. p. 84).

O processo de comunhão da comunidade se inicia no cuidado com enfermo em que as pessoas se alternam para não o deixar o doente sozinho. É importante firmar mais uma vez que a nossa comunidade vai além das fronteiras do território, nesse período os parentes que vivem em outras comunidades podem ir passar uma temporada na casa do adoentado para auxiliar no cuidado.

> *"Na Cutia os povo é muito tímido, mas a hora da doença é tudo junto tudo se unido, se doecer uma pessoa todo mundo ali tá junto, se morre todo mundo tá junto e se doecer todo mundo tá junto, Pra isso se tem a união, graças a Deus isso ai é uma coisa que me admira muito"[Entrevistada 1, 68 anos]*

> *"Nossa, quando tem uma pessoa daqui que tá lá, que tá doente todo mundo vai visitar, quando morre todo mundo... onde a gente vê mais os baianos é quando morre as pessoas do lugar da gente da Bahia, aí você vê baiano que você não vê há anos você encontra num velório.- [Entrevistadora]: e aí senhora vê diferença do pessoal da Cutia quando morre alguém do pessoal de outro lugar?-*
> *Muita diferença, é unido até lá, até nisso lá é unido. Até nisso, quando Nalva de Padim Tico morreu foi de segunda para terça, pensa no velório cheio de gente, quando Padim Vino morreu disse que tinha muita gente, mas eu não vi nada, eu não sei se eu fiquei dopada, eu não sei, eu não vi ninguém Maria de Padim Tico tava eu não vi, não vi ninguém, não sei contar nada do velório dele, mas o de Nalva... muita gente e foi meio de semana hein." [Entrevistada 4, 55 anos]*

Comumente parentes viram a noite, mesmo com os afazeres no outro dia, para ajudar a família do doente, a dor e sofrimento naquele momento é partilhada por todos. Há a preocupação com o bem-estar do outro, buscando coletivamente por formas de aliviar sua aflição

Com o anúncio da morte todos chagaram em pouco tempo. Os membros da comunidade se dividiam para ir em outras comunidades avisar do falecimento, ou para ir

buscar cadeiras, objetos e ingredientes, entende-se que se deve prestar toda a ajuda para os entes mais próximos do falecido. As mulheres da comunidade, em um balé perfeito preparam o almoço no barracão da associação para que a comida seja servida, no velório. Na comunidade em questão o preparar e oferecer a refeição ainda é um imperativo no rito, seria demasiadamente simplista o pensamento de que o ato de comer nos rituais fúnebres resume-se apenas à intenção de manter as forças para enfrentar as longas horas do cortejo, também representa segundo os meus narradores, além da morte o outro momento que marca a coletividade da comunidade é o ato de comer e dividir a comida:

> *"Para mim algo mais do que morte é comida, porque, não é sério, não tem nada que tenha na Cutia que não tem comida e muita comida e boa comida então a comida também é um símbolo de muita União lá; malamba, bolo, palma, aquelas carnes assim, muita carne, muito frango. Só me lembra as bacias do Barracão e essas coisas mas a morte por mais nova que eu seja eu sempre vi muita coisa acontecendo e não tem essa eu tenho medo de velório vou no velório, você vai pro velório sim! você não vai pro velório ver o morto você vai ver a família do morto, você vai ajudar no que precisa, você vai tá ali dando aquele apoio moral você nunca vai no velório na Cutia, por mais odiada que a pessoa seja, nunca tem isso de gente, todo mundo vai, todo mundo." [Entrevistada 3, 20 anos]*

Na Cutia, ao velar o corpo na própria sala de jantar/estar, algo comum em comunidades rurais, a sentinela acontece envolta de uma fogueira regada por rodadas de pinga, chás e café, alguns salgados e biscoitos, os quitutes preparados pelos parentes que não necessariamente é o núcleo familiar principal, e servido durante a madrugada. Os comes e, principalmente, os bebes, são servidos para toda a comunidade. Sobre as bebidas alcoólicas presentes nos velórios, "beber o morto" é uma prática similar aos povos banto, em que as pessoas tomavam o *marufo*, uma bebida alcoólica feita a partir da fermentação da seiva de uma palmeira, típica de Angola, quando morria alguém da comunidade.

O rito da morte assumia contornos singulares, imerso na cadência dos lamentos, a celebrar da vida que persistia nas histórias contadas ao redor da fogueira oferece uma canção à alma que partia.

As refeições principais, como o almoço, são feitas em grade quantidade, como uma última ação do falecido pela comunidade. Neste momento as mulheres se reúnem para preparar a refeição, normalmente feita na cozinha da associação. Todos devem comer, independente de quem for. Na Cutia não se nega comida. Há um cuidado constante para com os entes mais próximos do falecido.

Durante o período colonial, essas ações eram interpretadas como uma afronta ao tom solene, ao silêncio e a contrição que "deveria" acompanhar um funeral. O bispo D. Antônio

de Guadalupe expressou, igualmente, o seu desgosto pelos cortejos fúnebres africanos, ao dizer que faziam "ajuntamento de noite com vozes e instrumentos em sufrágio de seus falecidos ajuntando-se em algumas vendas, onde compram várias bebidas e comidas, e depois de comerem lançam os restos nas sepulturas" (CAMPOS, 1987, p. 14).

Ariès (2014) percebe que os rituais funerários podem representar em contrapartida, parte de um significado maior, sendo então um lugar para perpetuar suas raízes de forma que seus costumes não desapareçam, neste processo há uma resistência frente as imposições forçadas de como velar, sepultar e viver o luto das sociedades modernas e eurocentradas.

Quando morre alguém, todos logo se juntam na casa do falecido, para auxiliar familiar principal, lá permanecendo até após a saída do corpo para o sepultamento. Todos deixam o trabalho para ajudar no velório. Geralmente, o sepultamento acontece no dia seguinte ao do falecimento. Durante esse tempo se divide uma força tarefa nas atividades necessárias, os homens abrem a cova, trazem as cadeiras da associação para o quintal, buscam a lenha para a fogueira, as A mulheres limpam a casa que será feito o velório, preparam a refeição e cuidam do bem-estar das pessoas do núcleo familiar principal.

A ligação entre os territórios cutienses é tão íntima que todo esse ciclo do rito de passagem ocorria simultaneamente em Santos- SP.

> *"E aí é um monte de gente visitando. Eh, quando morre alguém, morreu na Bahia, a família tá aqui todo mundo vai fazer o velório sem o morto na porta do... do parente, entendeu? Morreu um parente, meu Deus não deixa [Risos] meu Deus a porta do prédio Ali vai ficar cheia de gente, entendeu? Quando meu avô morreu eu tive um velório aqui dentro de casa, porque todo mundo veio, entendeu?" [Entrevistada 7, 43 anos]*

Em Santos, nas casas da família principal do falecido acontecia as visitas -agora reformulada para o espaço urbano já que não é mais possível a estadia por longos períodos-, o cuidado familiar, as ligações e até mesmo a missa de sétimo dia se mantem como se o seu corpo estivesse ali.

Para os cutienses que vivem no quilombo flutuante existe um respeito com o rito da morte. Dentro de um contexto que não se pode mais dedicar meses em um processo de luto, que famílias não consegue organizar um ritual de morte, que envolve toda a coletividade em torno do morto em que não há mais tempo para isso. A visita a casa dos familiares, o respeito ao luto, o cuidado com o parente resiste como traço cultural particular.

Norbert Elias (2001) discorre como a morte é isolada do convívio social, na atualidade. Deste modo o "morrer" sofre com a pressa moderna, os rituais em torno da morte

são empobrecidos, simbolicamente, evitando-se cada vez mais um contato profundo com essa fase da vida. Em consequência, a morte deixa de ser um "ato social", partilhado pela comunidade e passa para o âmbito privado, algo a ser vivenciado solitariamente.

> *"Por exemplo; existe alguma festa ou existe algum alguma pessoa morreu e aí as pessoas se unem né, independente se você não gosta ou não, para fazer né, limpar a casa, fazer comida esses negócio e é diferente de outros espaços de outras comunidades que a gente conhece que uma festa você contratar um buffet, você vai contratar um empresa que faz comida para você e prepara toda a, a, a decoração e nas comunidades... na comunidade quilombola como a Cutia a gente não vê isso, a gente vê que tipo... é um momento que as pessoas se já tá ali mesmo fazendo a comida e trocando afeto e falando." [Entrevistado 6, 23 anos]*

Com a pressa para passar por tal rito e o pouco tato em lidar com desconforto de encarar a brevidade da morte as sociedades modernas elaboraram uma série de mecanismos comerciais que terceiriza todos esses processos; do buffet ao salão próprio para o velório com horário marcado para iniciar e finalizar todo o rito. Norbert Elias (1993) discorre sobre como essas transformações relacionam-se ao processo civilizador. A morte, na noção temporal, passa a ser um indicador do tempo que pode durar nosso processo de viver e nela própria tem sua marcação até quando deve durar tanto os ritos fúnebres como o próprio luto.

Além do rito enquanto processo cultural simbólico que interfere diretamente na sociedade social do grupo em questão o outro fator proveniente da morte é o descanso eterno em um solo, em que plantamos nossa ancestralidade. Os cemitérios enquanto marcas territoriais, expressam a reivindicação de posses, de forma a fixar o grupo àquela região – a descendência dos mortos legitima a posse e a perpetua. (CRISTANTE, 2017)

A lembrança da época que não era permitido enterrar seus mortos na comunidade também é narrado:

> *"Era! levava quem podia ir de caixão era, que não ia, ia até de rede, numa rede. [...] Tia Quila, Tia Preta, Aldeta ...Não tinha cemitério, tudo lá, aqui mesmo os mais velho tudo enterrado lá (a entrevistada se refere a Cabrália distrito vizinho pertencente ao município de Piatã-BA) O cemitério que fez foi João Borges, um homem muito bravo, brigador que tinha aqui, valente." [Entrevistada 1, 68 anos]*

Isto posto, além dos questionamentos perdidos nas lacunas da memória sobre o porquê não se tinha um cemitério, se torna interessante perceber esse outro elemento da morte; o cemitério que ainda persiste na atualidade como um lugar de memória, performático e de

interação, na Cutia diversos remanescentes falecidos em Santos-SP são enterrados na comunidade, assim como o seu umbigo nos primeiros dias de vida. Dessa forma, para além da vertente emocional, a morte tem reflete as relações culturais e sociais, sendo também um elemento de ligação entre os territórios. Outro fator interessante nesse rito que tem se intensificado com o acesso a internet é a utilização das redes sociais para anunciar a morte, prestar condolências e até mesmo acompanhar o velório. Todavia, é pertinente afirmar que há sim a possibilidade de que os lugares de memória se expandam para mundo virtual.

4.3 Conexões online para a aproximação dos territórios

"Mas a conexão Te quer aqui, não sai daqui
Mesmo de longe, te sinto." (Gabriel Ivyson, 2023)

Na mensagem se guarda a troca necessária da afluência de causos e notícias. Entender a conexão é caminho que desnuda o quilombo flutuante e as estratégias de resistência que se reinventaram durante os séculos. Em um movimento mais recente ocorreu na comunidade a inserção e uso de Tecnologias de Informação e Comunicação. Apesar das limitações estruturais provenientes a locais que são periferias tecnológicas, que se refletem na desigualdade de acesso, por exemplo, "o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, sites, canais de vídeos, blogs". (Ribeiro, 2017, p. 86).

Martín-Barbero (2006, 2014) auxilia na contextualização sobre esse novo ecossistema comunicativo, no qual "a tecnologia digital está configurando nossos modos de habitar o mundo e as próprias formas de laço social" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.24). Todo esse contato entre os sujeitos e as práticas culturais têm afetado a maneira como as sociedades e as comunidades culturais veem a si mesmas e como constroem suas identidades. Nesse cenário, a cultura comunicacional se torna um espaço estratégico para observarmos as tensões do social (MARTÍN-BARBERO, 2014) e no caso analisado, como essas tecnologias se tornam ferramenta que auxiliem na expansão territorial.

Deste modo observa-se o primeiro perfil, já desativado atualmente, que possuiu um caráter de troca entre os territórios, Cutia e Macuco, na rede social Facebook. As redes sociais digitais são meios pelos quais há produção, reprodução e publicização de conhecimentos nas comunidades tradicionais. Percebe-se no grupo do Facebook *Grupo de Reis da comunidade da Cutia* essa tentativa de publicização de saberes tradicionais da comunidade, bem como, de sua utilização para preservação da memória, com vídeos e foto da comunidade, bem como do

Reisado e samba de roda.

Figura 3- Grupo de Reis da comunidade de Cutia

O grupo contava com 61 membros foi criado em dezembro de 2014, período que a internet na comunidade era de difícil acesso e em poucas casas, e se manteve ativo até 2020. Atualmente o grupo foi arquivado e algumas postagens desativadas, a própria plataforma arquivou o grupo em 21 de outubro de 2020 porque ele não tinha um administrador. Algumas publicações podem ser vistas, mas não se pode reagir, criar publicações, nem adicionar membros.

Figura 4- Interação do remanescente da Cutia em Santos-SP.

Figura 5- Interação de uma Remanescente da Cutia que morava em Santos-SP e estava na comunidade para os festejos.

As publicações disponíveis no Facebook evidenciam também o fluxo territorial com a participação de cutienses que estão no Macuco e postagem em prol da continuação de tradições culturais como o Reisado ou sobre a saudade da Cutia, território de origem - a exemplo da imagem acima - bem como a evidência de troca constante.

A mobilidade na contemporaneidade, seja física, seja virtual, tem proporcionado a re/construção de algumas fronteiras, ainda que alguém esteja fora de seu território físico, pode se conectar às pessoas de seus territórios antigos, mantendo e alimentando, dessa maneira, os vínculos e os territórios que os constituem, de modo geral em contexto de comunitário, tem se desenvolvido os usos da comunicação, enquanto instrumentos de comunicação comunitária (PERUZZO, 2006), potencializadora de trocas que antes eram feitas por ligações e cartas, mas agora podem acontecer de modo instantâneo .

Com o advento da internet e das redes sociais o resultado imediato são novas formas de interação e relações sociais que se estabelecem sob a influência das tecnologias digitais, como indicam autores como Castells (1999) e Martín-Barbero (2015). Nessa perspectiva, as redes sociais digitais têm se tornado um espaço de efervescência multicultural nos últimos anos, pois deixaram de ser apenas instrumentos midiáticos e passaram a desempenhar papel decisivo na percepção da realidade e da própria formação da consciência dos cidadãos.

Vale ressaltar que a internet, não foi desenvolvida para atender aos clamores democráticos da sociedade ou para criar novas plataformas de sociabilidade entre os indivíduos invisíveis da sociedade (DANTAS, 2012). Com isto é importante perceber esta estrutura em que os meios pós-massivos[23] estão inseridos não é alheio a estrutura existente, sendo incompatível a igualdade idealizada nas redes sociais estando imersos em um sistema

[23] As mídias de função pós-massiva surgem com as possibilidades ampliadas de circulação da informação com a globalização das redes telemáticas. O fluxo é descentralizado, típico de uma rede heterogênea, sem centro.

capitalista neoliberal.

Uma vez que a utopia do início desta década para a Internet de produtos “grátis” foi deixada de lado, pois apesar do Facebook ser uma plataforma gratuita é necessário pagar internet, com isto, as reproduções de segregação econômica continuam neste novo meio. Na Chapada Diamantina, por exemplo, assim como outras regiões do país a internet para a zona rural é mais cara e com uma qualidade inferior, especialmente o que tange a velocidade de upload e download, na Cutia a velocidade de download que tange consumir arquivo é maior, enquanto apresenta menor velocidade de upload, ou seja, de enviar um arquivo, o que dificulta a produção de conteúdo on-line destes indivíduos.

Raquel Recuero (2014), discorre sobre como essas tecnologias trouxeram novas formas de interação entre os atores sociais. Os laços sociais também passaram a ser construídos por interesses comuns. Outro ponto alterado nesse processo foi a relação receptor e emissor, nessa construção e ampliação de espaços, o usuário passa de um mero receptor para alguém que interage (MARTÍN-BARBERO, 2015).

Assim, se antes reivindicavam necessidades de representação, agora são as de reconhecimento, ou seja, a de fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença, o que supostamente lhes é facultada por estarem nos meios. O processo comunicacional que surgiu a partir das novas tecnologias e das mediações propostas com ela também estão presentes em sua interface que empreende saberes dispersos e fragmentados.

Entender a representatividade do momento e de que forma a sociedade afeta e é afetada pelos meios de comunicação são pontos que os novos mapas noturnos propostos por Jesús Martín-Barbero (2015) trazem para contribuir com as discussões que envolvem os estudos da cultura latino-americana. Quais as potencias e desafios que nos aguardam dentro de um cenário que povos subalternizados podem falar por e sobre si (SPIVAK, 2010). De antemão o resultado imediato são novas formas de interação e relações sociais que se estabelecem sob a influência das tecnologias digitais, como indicam autores como Castells (1999) e Martín-Barbero (2014, 2015). Nessa perspectiva, as redes sociais digitais têm se tornado um espaço de efervescência multicultural nos últimos anos, e no tocante dessa pesquisa ela torna as trocas entre os dois territórios do quilombo flutuante mais dinâmicas e instantâneas.

Os remanescentes também deixaram de ser apenas instrumentos midiáticos e passaram a desempenhar papel decisivo na percepção da realidade e da própria formação da consciência. Como define Raquel Recuero (2014), essas tecnologias trouxeram novas formas

de interação entre os atores sociais. Os laços sociais também passaram a ser construídos por interesses comuns e encontraram nos sites de rede social o seu lugar.

Nas trocas comunicativas cotidianas no Whatsapp e no Facebook é que se revela fluxo de comunicação elemento central para a troca de experiencia, conseguindo realizar um fenômeno em que um acontecimento ocorrido na Cutia, Boninal-BA, é compartilhado primeiro pelos remanescentes no Macuco, Santos-SP, e posteriormente disseminado na Cutia. Dentro deste contexto abrimos um parêntese para o grupo no Whatsapp do Bar de Adilson, o Cutia's Bar, um grupo fechado de homens cutienses em que a trocas de informações entre os territórios é cerne dos conteúdos.

> *"Por exemplo, uma pessoa uma união do lugar nosso, que eu acho. Assim, igual tá tendo a festa vai ter a festa do.... aí agora [...] Eles divulga uma lista de ajuda no WhatsApp... É como se fosse [...] divulgação de um show, todo dia para divulgar, alguém divulgando aquela lista lá para alguém contribui. Como se fosse assim do local entendeu?" [Entrevistado 8, 48 anos]*

O Whatsapp e Facebook serem as duas plataformas digitais mais acionadas, se deve principalmente nos seus formatos em aplicativos[24], já que os quilombolas se conectam primordialmente por meio de dispositivos móveis. Para Martín-Barbero (2015), a tecnologia é responsável por ampliar a questão mercadológica, ao mesmo tempo em que oferece novas formas de mediar os processos, inserindo elementos já conhecidos e que influenciam no pensamento, como família, escola e igreja, e outros novos, como movimentos étnicos ou de gênero, que "introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais dos meios" (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 20).

Martín-Barbero (2014) vê a diversidade cultural como lugar de resistência, negociação, interação e potencial de transformação diante dos processos de globalização, pois como indica "[...] o que reativa hoje as identidades como motor de luta são inseparáveis da demanda de reconhecimento e de sentido." (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.24)

Apesar da sua presença no on-line, os cutienses ainda utilizam com mais afinco plataformas de mensagens instantâneas especialmente após o fim da sua página no Facebook, a não existência de conteúdos duradouros sobre a comunidade ou sobre a sua identidade quilombola os coloca em uma posição passiva na construção de conhecimento sobre si. Deste

[24] Disponível em < https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/mais-de-92-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet-apenas-pelo-celular-diz-pesquisa/#:~:text=A%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20exclusiva%20de%20dispositivos,compartilham%20a%20conex%C3%A3o%20via%20computador.> Acesso em 01 de Fevereiro de 2024.

modo surge o produto dessa pesquisa, sugerido pelo presidente da Associação após perda de um HD [25] que contia informações importantes sobre a memória da comunidade.

4.4 Produto

> Se o espelho é o outro, eles não enxergam o que eles são
> Sem essa de que todos sã iguais aqui
> Nem a cor da pele é suficiente
> Cada cabe pensa um mundo diferente
> E existe um universo aqui dentro da gente. (Thiago Elniño; Tiago Mac, 2019)

Quem pode guardar a história? Em um contexto pós colonização o direito de preservação da memória ainda está vinculado a experiências relativamente restritas no Brasil, um benefício muitas vezes resguardado para grupos economicamente abastado.

> […] lê-se "My memories are what I have". Ora, o que está no original [...] é: "O que lembro, tenho". E a afirmação é completamente diferente... Riobaldo quer dizer que a memória é para ele uma posse do que ele viveu, confere-lhe propriedade sobre as vivências passadas, sobre as coisas vividas. (ROSA, 2011, p. 114)

A destruição da consciência histórica era uma das estratégias utilizadas pela escravidão e colonização, para destruir a memória coletiva dos povos escravizados e colonizados, isso aliado a historiografia colonial que ainda presente em "nosso" imaginário coletivo com uma caricatura feita pelo outro nos lembra do que não temos.

Na África ancestral Ocidental a casta dos griôs é uma reminiscência anterior às formas de comunicação moderna. "Uma casta de contadores de história que calcados na oralidade e na memória coletiva e genealógica de seu grupo," (ALMEIDA, 2016, p.2) esses transmissores de saberes, eram mantenedores da história viva. Angélica Ferrarez de Almeida (2020) acredita que no Brasil a figura do griô foi reconfigurada, ainda habitando na oraleitura das comunidades afro-diaspóricas:

> O argumento da memória genealógica, associado a uma herança imaterial, calcada em saberes e fazeres e seu processo de transmissão, através das estruturas narrativas, fez com que aproximássemos o ofício das Tias do samba àquele das griôs da África Ocidental. Fragmentos de um caminho que fizeram uma longa travessia e foram remontados diasporicamente. Um movimento de transmissão no espaço tempo, onde signos e símbolos foram ressignificados e muitos códigos estratégicos de sobrevivência sobreviveram à margem do projeto colonial. (ALMEIDA, 2020 p.14)

Em um contexto de valorização do escrito em que sua história e facilmente

[25] Do inglês hard disk drive, esse é o nome dado para a peça responsável por realizar a gravação das informações.

questionada, para comunidade em questão se tornou importante um espaço online de acervo das sus histórias e se apresentado. Com isto a estruturação de uma rede de arquivos aqui parte do ponto de contribuição para disseminação de informações e não como elemento essencial para rememoração da história da comunidade, como pontuado ao longo deste trabalho a Cutia bem como seus remanescentes estruturam sua história na oralidade, apesar das tecnologias já se fazerem presentes e serem suporte na flutuação quilombola - promovendo o compartilhamento e ampliar as possibilidades de intercâmbio entre os remanescentes-, o produto dessa pesquisa não tem quaisquer aspirações de ser central no processo informacional da comunidade, visto que em nenhum momento da história da Cutia isso foi dedicado a um griô único.

Pierre Lévy a mencionar que "o dilúvio da informação não diminuirá nunca mais. (…) Não terá fim" (2000: 15). A diversidade e multiplicidade de informação disponível, não é garantia de integração de atores anteriormente invisibilizados socialmente, especificamente falado de suas especificidades. Em um cenário que há informação sobre tudo, do que vale falar sobre mais uma comunidade quilombola? Ou qual a legitimação que essa comunidade tem quando não existe no online?

O produto educacional proposto nesta pesquisa visa o desenvolvimento de um instrumento que atenda à demanda da Associação Amigos de Cutia por sua posição central na comunidade e que permitisse mudanças ao longo do tempo. Chegou-se ao seguinte questionamento: Porque não criar uma ferramenta que atendesse à construção de conhecimento, que fosse atrativa e contribuísse para acervo de informações sobre a comunidade.

A partir dessas ideias o produto escolhido para ser desenvolvido foi um site que oferecesse um material bibliográfico complementar para sala de aula voltado a educação quilombola cutiense. Essa escolha se deu pelo interesse já manifestado pela associação e outro fator que influenciou na escolha foi o poder criativo, interativo e a abrangência que o site proporciona, dessa forma foi possível criar um ambiente que trouxesse a identidade estética que representasse a comunidade e seus remanescentes utilizado fotos de locais e membros da comunidade para a construção das artes que ilustram as abas do site.

Figura 6- Página inicial do site da Cutia, produto deste trabalho.

Além disso, o site permite uma complementação posterior, o acréscimo de novidades a todo momento, ou seja, o site acaba por permitir o acompanhamento de mudanças necessárias, sendo mais dinâmico. Na aba "Notícias" tem textos curtos sobre manifestações culturais cutienses.

Figura 7- Aba notícias do site e texto de apresentação.

Na aba "Documentos" foi construído um banco de dados com cinco planos de aula (no apêndice deste trabalho) voltados a identidade quilombola, um glossário de termos da comunidade. De acordo com Freire "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém" (1996, p. 01). Isso quer dizer que ao propor uma nova metodologia a ser experimentada na sala de aula, o professor, a utiliza em sua formação acadêmica-profissional, provocando essa troca de saberes, tornando o processo cíclico.

Os planos foram estruturados de modo ilustrativo e dinâmico, a fim de facilitar a leitura e compreensão da proposta aos educadores interessados. Todavia, pode-se encontrar maior detalhamento de cada atividade acessando a íntegra desta dissertação, onde é possível encontrar a fundamentação teórica que sustenta esta proposta.

Figura 8- Aba documento.

Ainda na aba “Documentos” do um site há um espaço reservado para registro documental, bibliográfico e de consulta, construída de modo colaborativo com os demais remanescentes da Cutia. O site surge como uma demanda da associação e dos jovens da comunidade. Com isso, buscamos também garantir maior valorização do saber tradicional quilombola, para que o material do site possa ser utilizado em experiências educacionais diversas.

Além do interesse técnico-científico, outras questões estão associadas aos processos de reapropriação e de rememoração que emergem nesse contexto de maior facilidade do acesso

às informações disponibilizadas por espaços web de memória a partir da preservação digital.

Entende-se a importância da comunicação para comunidade e como mecanismo de resistência dos processos de expulsão territorial promovendo a expansão das memoria, das informações e cultura cutiense. O produto educacional vem como potencializador do trabalho de base sobre identidade de quilombola e busca trazer uma outra perspectiva ligada a vivencias reais dos indivíduos e não sobre algo distante e descontextualizado que não os permitem se sentirem conectados.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecendo as limitações da escrita, quando o assunto é o saber de tradição oral, arrisco deixar aqui as minhas impressões sobre o meu povo. Neste cenário contemporâneo em que o racismo adquire novas feições e assume papel de destaque, em especial com sua faceta ambiental, na comunidade analisada, observa-se que o indivíduo lida com tal problemática tanto de forma direta como de forma indireta, ocasionada pelas mudanças climáticas que dificultam o trabalho rural e pela política nacional que favorece o desenvolvimento de uma região específica do país em detrimento de outras. É neste panorama de injustiça e exclusão que se formam vários grupos de excluídos ambientais.

Outro ponto a se avaliar, no caso das comunidades tradicionais, é a folclorização desses indivíduos, com simplificação através da eleição de certos estereótipos para fins de exploração comercial, turística e midiática, tornando-os caricatura de uma identidade idealizada, sendo uma eficiente manobra para a retirada de humanidade, como foi vivenciado pelos povos indígenas. No caso dos remanescentes quilombolas, esse fator, atrelado ao caráter racial, favorece que seus corpos se tornem descartáveis, colaborando para que os limites entre vida e morte, inclusão e exclusão, cidadãos e subcidadãos seja uma linha tênue.

Precisamos desinventar como conceito quilombola a margem de entendimentos de terceiros para voltar a ser ancorado nos que viviam, entendendo que os seus modos de vida são também modo de pensar.

Essa dinâmica de conectividade territorial é uma reação a esses processos, uma forma antiga de resistência que na contemporaneidade ainda se mantém. É importante ressaltar que a emoção vence nessas ligações: “saudade”, a palavra sem equivalências em outras línguas e construída ao longo dos processos de sequestro colonial, acompanha os remanescentes e garante que o seu retorno se sobreponha à razão capitalista.

A saudade é o que faz os remanescentes da Vazante, comunidade quilombola de Seabra que foi esvaziada para construção de uma barragem, retornarem para a comunidade periodicamente enquanto as águas não inundam o seu território, apesar de não ter laços de trabalho, religiosos ou até familiares que residem ali. É, também, essa emoção brasileira que faz os moradores da Fazenda Velha, comunidade quilombola de Andaraí, permanecerem mesmo diante de todas as restrições impostas, por seu território está dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina em uma área de preservação que não permite habitação

humana. Para as comunidades remanescentes quilombolas, o banzo[27] se torna um fenômeno social com consequências políticas, pois se torna, assim como a saudade, elemento primordial para a questão da regeneração e reafirmação dos signos, contribuindo para que possa ocorrer o fluxo territorial.

Se torna pouco usual o texto de encerramento trazer questionamentos, mas entende-se que nessas inquietações reside a as respostas mais genuínas para o presente trabalho. Visto o acirramento das práticas e mecanismos de biopoder, por meio dos conflitos socioambientais já existentes, como a invasão de terras, os genocídios de povos tradicionais, o aumento de políticas de racismo que explicitamente violenta essa existência.

A preocupação atual se faz nos ataques à coletividade. O senso de união é o traço do remanescente que lhe permite adaptação dos ambientes e resistência a atores externos, tal fato já foi observado pelos órgãos que exercem força contrária a existência desse grupo e a nova estratégia adotada é a coação desses indivíduos, não mais os tratando como um retrato do passado agora eles os colocam como sujeito capaz de transformar sua realidade social usado do seu desencanto em relação a projetos políticos, colocando irmão contra irmão. A desarticulação do grupo é a nova tecnologia utilizada, tal ameaça se torna nociva pois é capaz de dissolver um caráter intrínseco na identidade quilombola que o sistema comunitário centralizado pela união e resiliência desta população.

Devemos nos questionar também sobre os filhos dos quilombolas nascidos nos grandes centros urbanos, "os que foram lançados no passado antes de se tornarem futuro, ao serem convertidos em resto de um processo de destruição sistemática" (BRUM, 2021, p.250) de uma civilização desumana e desatenta. Como compreender a identidade quilombola na ligação desses sujeitos? Por onde andam sua autoestima e seus desejos?

Outra inquietação é a legislação não se ater a esses fluxos territoriais e consequentemente não ser possível resguardar os direitos provenientes à identidade quilombola. Como os atores que auxiliaram essa população na construção de significados podem atuar neste novo cenário, em que os quilombos contemporâneos que por vezes deslocam-se para áreas urbanas, não na natureza de impedi-los, mas buscando compreender esses novos arranjos sociais.

[27] Estado de depressão psicológica que tomava conta dos africanos escravizados assim que desembarcavam no Brasil e seria uma enfermidade crônica: a nostalgia profunda que levava os negros à morte. suscitando o seu caráter de representação de um fenômeno político de resistência ao processo de escravização imposto aos povos negros traficados de África e aos seus descendentes.

Para finalizar essa pesquisa foi necessário seguindo o conselho de Martín-Barbero (2010, p. 27) “só investigo o que me dá esperança, não posso me dar ao luxo de investigar para me tornar mais apocalíptico” (tradução nossa)[28]. Findamos esse texto no sentido e na perspectiva de esperançar de Paulo Freire (2016), de resistir, reinventar o mundo e as relações, materializamos o esperançar freiriano na práxis que elabora novas maneiras de aprender, ser e existir dentro do quilombo flutuante. Ao mesmo tempo que refletimos sobre os espaços, tempos e possibilidades, nos surpreendemos com a reelaboração dessas identidades, dos seus sistemas engenharias próprias de sobrevivência e seu sistema comunicacional.

Ressalta-se ainda o potencial comunicacional dos quilombolas no sentido de manter em funcionamento palavras, noções e conceitos próprios. O produto desenvolvido nesse processo germina da interdisciplinaridade como defende o próprio Martín-Barbero (2015, p. 27), “[...] vinha eu da filosofia e, pelos caminhos da linguagem, me deparei com a aventura da comunicação”. Os argumentos do autor reforçam a importância de unir conhecimentos de áreas distintas sem se perder nas encruzilhadas e entroncamentos durante o caminho da pesquisa para que se consiga compreender melhor a complexidade do que é vivo.

Os seus modos de viver, especialmente no território mãe refletem a relação desse grupo com o território e a forma que aprenderam a cuidar e respeitar o mesmo, através das lendas e das memórias que reconstroem sua identidade.

Na encruzilhada onde os limites se confundem, as teias da história tecem material simbólico, identitário e epistêmico dessa população. Esta, por sua vez, tem um processo de construção sociocultural a partir da cosmovisão ou ontologia no território mãe Cutia e a mantém no território refúgio, Macuco, construindo então uma relação de fluxo que permite a proteção da memória cultural e identidade coletiva diante do processo de expulsão territorial.

Salvaguardar a remanescência quilombola é neste momento é entender esses caminhos e os novos termos que o capitalismo empregou a essa população. Não é uma análise simples, muito menos fácil, mas é urgente diante dos ataques já citados, ataques ao ambiente minimamente protegido e as identidades que são integradas a ela. Seguimos acreditando que somos fios inevitavelmente interligados neste tecer da vida, relembrando que, na inspiração deste esperançar, para quem nasce sobre as tradições espirituais cutienses relembramos que sempre podemos recorrer à fé de que não estamos sós.

Ao refletirmos sobre esses desafios e as potências existentes entendemos que não há

[28] No original: “Yo a estas de la vida sólo investigo lo que me da esperanza, no puedo darme el lujo de investigar para volverme más apocalíptico” (Martín-Barbero, 2010).

conclusões pertinentes, apesar do esforço de elaboração de uma síntese, mesmo que inconclusiva, ressaltamos uma questão que, longe de ser uma obviedade, mas reside na potência das experiências deste grupo ferramentas para transfigurar as matrizes de pensamento europeias que são alicerces das lógicas sociais que nos trouxeram para essa atual situação (BRUM, 2021).

Nutrimos aqui a contribuição de entendermos que questões relativas à memória, história identidade e em especial a vida tornam-se visceralmente fundantes na construção de projetos contra hegemônicos, os remanescentes se tornam potentes para o mundo na sutileza da sua existência, nas estratégias quase instintivas de sobrevivência, na vida e na busca de mesmo em meio a tristeza, como é o caso do luto, estarem juntos, reivindicamos a necessidade de escuta dessa população.

REFERÊNCIAS

AABO, S. and AUDUNSON, R. (2012). "**Use of library space and the library as place", Library & Information Science Research**. [Em linha]. Vol. 34 No. 2, pp. 138-149. Disponível em <www: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0740818812000023>. Acesso em 20 de Janeiro de 2024

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Prefácio**. In: A borboleta cuidamor ambiental: uma pesquisa sociopoética nerética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa [recurso eletrônico] / Jacques Gauthier.[et al]. – Fortaleza: EdUECE, 2021. p. 248.

ALMEIDA, A.W. B. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, E. C. (org.). **Quilombos:** identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 43-82.

ALMEIDA, A.W. B. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: posse comunal e conflito. **Revista Humanidade**, n. 15, 1988.

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. **As Griôs no Brasil: Saberes e fazeres de mulheres negras através da categoria Tia**. Revista Calundu –Vol.4, N.2, Jul-Dez 2020. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>. Acesso em 04 de Janeiro de 2024.

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. **Griôs do Senegal: memória, linguagem e poder no ofício dos mestres da palavra** (1960-1980). Revista Transversos."Dossiê: Áfricas: História, Literatura e Pensamento Social".Rio de Janeiro, Vol. 06, nº. 06, pp. 185-195, Ano 03. mar. 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>. Acesso em 04 de Janeiro de 2024.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDRADE, T. F. **O Discurso do Progresso:** a Evolução Urbana de Santos. 1870-1930.

1989. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1990.

ARAÚJO, G. A. O problema da neutralidade cientifica. **Informe Econômico** (UFPI), v. 15, n. 1, ano 9, nov./dez. 2004 e jan. 2005.

ARRUTI, J. **A emergência dos "remanescentes"**: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 7-38, out, 1997.

ARRUTI, J. **Mocambo:** antropologia e história no processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

ARRUTI, J. Quilombos. *In*: PINHO, O. E.; SANSONE, L. **Raças:** novas perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia; EDUFBA, 2006. p. 315-342.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Documento do grupo de trabalho sobre comunidades Negras Rurais. **Boletim Informativo Nuer**, Florianópolis, n. 1, p. 81-82, 1994.

BACO EXU DO BLUES**. ABRE CAMINHO**. Intérprete: Baco Exu do Blues. *In:* ESÚ. Intérprete: Baco Exu do Blues. São Paulo : Cremenow Studio por TAS, 2017. (2:21). Disponível em: https://open.spotify.com/track/7xVcMLrEpVUhJZuq0kCNZg?si=980f797c5de24a72 . Acesso em: 9 abr. 2023.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). Tradução Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, L. **Ideologia e meritocracia**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

BARBOZA, A. P.; GONÇALVES, F. A.; COSTA, M. D.; FREITAS, R.; MORAIS, F.. **Aulas E Palestras.** Intérprete: Insane Tracks; Major RD; MV Bill e Rashid. In: MV BILL sessions - Dr. DRILL. Intérprete: MV Bill. Rio de Janeiro: MV Bill, 2023. (1:49). Disponível em: https://open.spotify.com/track/0Lmj0tVGZ97xTRe0O66jyL?si=087ba93cc63449e6 . Acesso em: 9 abr. 2023.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Joege Zahar ed., 2005.

BITTENCOURT, Sérgio. **Naquela Mesa.** Intérprete: Zeca Pagodinho e Maria Bethânia. In: Ao Vivo. Intérprete: Zeca Pagodinho. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2018. (3:30). Disponível em: https://open.spotify.com/track/1Q3xgL9NU6BJGucT7Fgaf1?si=ae93658a346840d6 . Acesso em: 9 abr. 2023.

BONINAL, Prefeitura Municipal de. Diário Oficial do Município. **PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO 2015 2025.** Boninal, 2018. Disponível em: http://diariooficial.portalgov.net.br/uploads/011253700-1541034048.pdf . Acesso em: 18 mar. 2023.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A distinção:** crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 1, 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:constituicao:1988-10-05;1988. Acesso em: 17 fev. 2022

BRASIL. Decreto nº 3912, de 10 de setembro de 2001. Regulamenta as disposições relativas ao processo administrativo para identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos e para o reconhecimento, a delimitação, a demarcação, a titulação e o registro imobiliário das terras por eles ocupadas. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 6, 11 de setembro de 2001. Disponível em: http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:2001-09-10;3912. Acesso em: 17 fev. 2022.

BRASIL. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 4, 21 de novembro de 2003. Disponível em: http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:2003-11- 20;4887. Acesso em: 17 fev. 2022.

BRASIL. Programa Brasil Quilombola. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Governo Federal. Brasília, 2005.

BRITO, F. E. M. **Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina**. Salvador: EDUFBA, 2005.

BRUM, Eliane. **Banzeiro òkótó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CARVALHO, C. M. O. **Imagem do Macuco:** os lugares por detrás das formas do Bairro Presidente Prudente. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Presidente Prudente, São Paulo.

CARVALHO, J. M. **Dicionário Prático da Língua Nacional**. 19. ed. São Paulo: Egéria, 1969. (4 volumes)

CASTELLS, Manuel: **O Poder da Identidade**. 2. ed. São Paulo:Paz e Terra, 1999

CASTRO-GOMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero**: Ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Pontifica Universidade Javeriana, 2003.

CICHOSKI, P.; ALVES, A. F. A pesquisa-ação na obra de Orlando Fals Borda: contribuições para repensar o desenvolvimento rural. **Revista Campo-Território**, Uberlândia-MG, v. 14, n. 34, dez., 2020. DOI: 10.14393/RCT143403. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/51309. Acesso em: 22 jan. 2023.

CONAQ. **Quilombolas: a luta pelo direito de existir.** 2016. Disponível em: < http://conaq.org.br/noticias/quilombolas-a-luta-pelo-direito-de-existir/ > Acesso em: 07 de Maio de 2023.

CRISTANTE, Mariana Alves Pereira. **Práticas funerárias de grupos de línguas tupi-guarani:** análise de contextos das regiões do Paranapanema e Alto Paraná. 2017. 372 f. Monografia (Especialização) - Curso de Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-01022018- 103618/en.php. Acesso em: 2 jun. 2023.

CRUZ, A.; DINIZ, M. **Meu Lugar**. Intérprete: Arlindo Cruz. Compositor:. In: SAMBISTA Perfeito. Intérprete: Arlindo Cruz. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2007. (4:52). Disponível em: https://open.spotify.com/track/52NFgCjGw7oZKIBABYKLPG?si=9d89b249bd144216 . Acesso em: 9 abr. 2023.

CRUZ, M. T. S. **A Chapada Diamantina e a convivência com o Semi-Árido**: Ameaça de

desarticulação e dissolução de comunidades locais. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

CUNHA, J. M. P. (Des)continuidades no padrão demográfico do fluxo São Paulo/Bahia no período de 1970/1991: qual o efeito da crise? **Revista Brasileira de Estudos de População,** v. 16, n. 1/2, p. 83-97, 1999. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/395. Acesso em: 10 out. 2022.

DANTAS, M. **Economia política da informação e comunicação em tempos de internet: revisitando a teoria do valor nas redes e no espetáculo**. Liinc em Revista, v.8, n.1, março, p. 283-307. Rio de Janeiro, 2012a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/476> Acesso em: 05 de Setembro de 2023.

DJONGA. **BENÇA.** Intérprete: Coyote Beatz, Djonga. In: LADRÃO. Intérprete: Djonga. São Paulo: Ceia, 2019. (3:44). Disponível em: https://open.spotify.com/track/3GFF2ybvzJWteFci21mC1W?si=7a19713644434c39 . Acesso em: 9 abr. 2023.

ELEÚ, M. **Santo De Casa**. Intérprete: César Passarinho. In: ARREMATE da Vida. Intérprete: César Passarinho. [S. l.]: Usa Records, 2013. (2:57). Disponível em: https://open.spotify.com/track/6tlN1XOuv3VL0UBle3F2qg?si=ad28a86c05284672 . Acesso em: 9 abr. 2023.

ELIAS, N. (1993). **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (2001). A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro, Jorge Zaha

EMICIDA; VASSÃO, F.; JAMELÃO, T.. **É Tudo Pra Ontem. Intérprete**: Emicida e Gilberto Gil. In: SINGLE. Intérprete: Emicida. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment, 2020. (5:10). Disponível em: https://open.spotify.com/track/1FpjfHwVh1ziha91Ng2o4P?si=1e3ecfd543db4caa . Acesso em: 9 abr. 2023

ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra:** nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín, Colombia: UNAULA, 2014.

FALS BORDA, O. Experiencias teórico-practicas. *In*: FALS BORDA, O. (org.). **Participación Popular:** Retos del Futuro. Bogotá: ICFES; IEPRI; COLCIENCIAS, 1998. (p. 303-365).

FALS BORDA, O. Taller sobre la IAP en Colombia. *In*: GARCÍA, C. (org.). **Investigación Acción Participativa en Colombia**. Bogotá: Punta de Lanza; Foro Nacional por Colombia, 1985.

FALS BORDA, O. **Una Sociologia Sentipensate para América Latina**. Bogotá: CLACSO; Siglo del Hombre Editores, 2009. (Antologia de textos selecionados e apresentados por Víctor Manuel Moncayo)

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial:** pensar a partir do mundo caribenho. Tradução Letícia Mei; Prefácio Angela Davis; Posfácio Guilherme Mora Fagundes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERNANDES, B. M. . **Sobre a Tipologia de Territórios.** In: Saquet, Marco Aurélio; Sposito, Eliseu Saverio. (Org.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, v.Disponível em: https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/sobre-a-tipologia-de-territorios.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

FERNANDES, Sarah. **No Brasil, 75% dos quilombolas vivem na extrema pobreza.** 2013.

Disponível em: < https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/no-brasil-75-dos-quilombolas-vivem-na-extrema-pobreza/> Acesso em: 07 de Maio de 2023.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionario Aurélio escolar da lingua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FONSECA, D. P. R. **Discutindo os termos de uma equação de congruência: cultura e desenvolvimento sustentável**. Em debate. Revista eletrônica do Departamento de Serviço Social. PUC-Rio, n. 1, 2005. Não paginado. Disponível em:<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>. Acesso em: dez. 2007

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 23ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

FREITAS LEITE, F.; BARACUHY, M. R.; SOARES MARTINS, E. Memória e interdição da palavra proibida macaco em regiões de cangaço. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 20, n. 2, 2016, p. 150-161.

GABRIEL IVYSON DANIEL DE LUCENA. **Conexão**. Intérprete: Ivyson. *In:* PEDRAS. PLebab Produções Artísticas Ltda, 2023. (3:45). Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/2EWaBErOpttybo792PEzIB?si=b892e83717ec486a . Acesso em: 9 jan. 2024.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, C. **O saber Local:** os novos ensinos em antropologia interpretativa.Rio de Janeiro: LTC, 1997.

GHEDIN, E., FRANCO, M. A. S. **Questão e método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZAGA, Luiz; CORDOVIL, Hervê. **Vida De Viajante.** Intérprete: Gonzaguinha, Luiz Gonzaga. In: BAIÃO de Dois. Intérprete: Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: Sony BMG Music Entertainment, 1953. (3:47). Disponível em: https://open.spotify.com/track/2oFutWuJCmhePvCTlrpqLc?si=d06a1e1cdf554e00 . Acesso em: 9 abr. 2023.

GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras:** Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. (Coletânea organizada e editada pela União dos coletivos Pan-Africanistas (UCPA))

GUEDES-PINTO, A. L. **Memorial de formação:** registro de um percurso. 2005. Disponível em:https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf. Acesso em: 16 de out. 2022.

GUERRA, R. **Quilombolas:** a luta pela direito de existir. Repórter Brasil, São Paulo, 2017. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/2017/08/quilombolas-a-luta-pelo-direito-de-existir/. Acesso em: 7 mar. 2022

GUIMARÃES, J. B.; OLIVEIRA, M. C. C. "Somos todos parentes": as relações de parentesco na comunidade quilombola de Macapazinho, Santa Izabel-PA. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, Belém, v. 13, n. 2, p. 163-185, jul./dez. 2019.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade:** a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff, 1997.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Porto Alegre: Editora ULBRA/Editora UFRGS, 2004. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou novas territorialidades? *In:* LOPES, L. E; BASTOS, L. (org.). **Identidades:** recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

HAESBAERT, R. Multi/transterritorialidade e “contornamento”: do trânsito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In: FRAGA, N. C. (Org.). **Territórios e Fronteiras**. (Re)Arranjos e Perspectivas. 2º Ed. Florianópolis: Insular, 2017, pp.19-54

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Viver no limite:** território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWN, E. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

HERCULANO, Selene. **Lá como cá: conflito, injustiça e racismo ambiental.** Texto apresentado no I Seminário Cearense contra o Racismo Ambiental, Fortaleza, 20 a 22 de novembro de 2006.

HERCULANO, Selene. **O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental.** *Revista de Gestão Integrada em saúde do trabalho e meio ambiente*, 3(1), artigo 2, 2008.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1988.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Imagens:** the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4e. éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000. (Do original: *La production de l’espace*.).

LEFF, H. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. *In*: PHILIPPI JR., A. (org.). **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000. p. 320-350.

LEFF, H. **Discursos Sustentáveis.** São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, H. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFF, H. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis: Vozes. 2001.

MARTÍN BARBERO, Jésus. **Tecnicidades, identidade e alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** In: MORAES, Denis de (org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. Retos culturales: de la comunicación a la educación. **Nueva Sociedad**, n. 169, p. 33-43, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desde dónde pensamos la comunicación hoy**. Chasqui, Quito, n. 128, p. 13-29, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidade em convergência.** MATRIZes, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 15-33, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Los jóvenes nos hablan en medio de mucho ruido y hay que saber escucharlos.** [fevereiro 2010] Entrevistador: Liebre Lunar. Disponível em: https://liebrelunar.com/site/entrevista-a-jesus-martin-barbero-%E2%80%9Clos-jovenes- nos-hablan-en-medio-de-mucho-ruido-y-hay-que-saber-escucharlos%E2%80%9D/ Acesso em: 25 de Janeiro de 2024.

MARTINS, L. M. Performance do tempo e da memória: os Congados. **O Percevejo**, n. 12, 2003. P. 68-83.

MARTINS, Leda. **A fina lâmina da palavra**. O eixo e a roda, Belo Horizonte, v. 15, p. 55-

84, 2007.

MARTINS, Leda. **Oralitura da memória**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). *Brasil afro-brasileiro.* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar de memória.** Letras,Santa Maria, n.26, p. 63-81, 2003.

MELLO, M. M. **Quilombos e suas reminiscências:** Reminiscências dos quilombos: Territórios da memória em uma comunidade negra rural. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, 2012. p. 33-36.

MORAES, V. M.; SOUSA, J. H. M. Um Apartheid ao Avesso: A fronteira invisível autoimposta pela sociedade do consumo. **Revista Desenvolvimento Social**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 72-88, 2020. Disponível em: https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/179. Acesso em: 30 jul. 2022.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, M. B. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual:** possibilidade nos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. (Coletânea organizada e editada pela União dos Coletivos PanAfricanistas (UCPA))

NETO, J. A.; GRAMMONT, M. J. A Pesquisa Na Encruzilhada: Perspectiva Afro-Brasileira e a pesquisa em educação. **DEVIR**, v. 4, n. 2, 2020, p. 291-313.

NOLASCO, Marjorie C.; SILVESTRE, Pedro; TORLAY, Roger; ROCHA, Antônio J. D. **Geoparque Serra do Sincorá (Ba) Proposta**. Anexo II. Patrimônio Garimpeiro - Memória do Diamante. CPRM, 2017.

NUNES, S.. **POVOADA**. Intérprete: Sued Nunes. In: TRAVESSIA. Intérprete: Sued Nunes. Bahia: Mugunzá Records, 2021. (1:33). Disponível em: https://open.spotify.com/album/5YJhoKikMaG8nMlVY2PGf7?si=JyVQfD5mTbmJwe36N2slkw . Acesso em: 9 abr. 2023.

OLIVEIRA, E. D. **Filosofia da Ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PACHECO, Tânia. **Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor.** I Seminário Cearense contra o Racismo ambiental. Fortaleza (mimeo). 2006

PACHECO, Tânia. **Racismo Ambiental: expropriação do território e negação da cidadania.** *in* Superintendência de Recursos Hídricos (org.), *Justiça pelas águas: enfrentamento ao Racismo Ambiental.* Salvador: Superintendência de Recursos Hídricos, 11-23. 2008.

PAES, Jurema Mascarenhas. **São Paulo em noite de festa:** experiências culturais dos migrantes nordestinos (1940-1990). 2009. 305 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PALÁCIOS, M. O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos. *In*: RUBIM, A. A. (org.). **Idade mídia**. Salvador: UFBA, 2001.

PECI, A.; NERI, M. Políticas Públicas de Combate à Pobreza. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro,v. 51, n. 2, mar./abr. 2017.

Peruzzo, C. M. K. Comunidades em tempo de redes. In: Peruzzo, C. K.; Cogo, D.; Kaplún, G. (Orgs.). Comunicação e movimentos populares: quais redes? São Leopoldo: Editora Unisinos; 2006, p. 275-298.

POLLAK, Michael. "**Memória, Esquecimento e Silêncio**". Disponível em: Acesso em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 20

mar. 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, n. 10, Teoria e História. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição em português. *In*: LANDER, E. (org.). **A Colonialidade do Saber:** Eurocentrismo e Ciencias Sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

PYL, M. **Direitos ameaçados:** orçamento do Incra inviabiliza titulação de terras quilombolas. Comissão Pró-Índio de São Paulo. 22 jun. 2017. Disponível em: http://comissaoproindio.blogspot.com/2017/06/direitos-ameacados-orcamento-do-incra.html&type=blog. Acesso em: 21 ago. 2018.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014

REIS, J. J. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. Revista USP, São Paulo, v. 28, p. 14-39, dez.-fev. 1995-1996.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala.** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** . Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **De Boca Perfumada a Ouvidos Dóceis e Limpos:** Ancestralidades Africanas, Tradição Oral e Cultura Brasileira.Itineráios, Araraquara, Nº 13, 1998.

RÍOS, Flavia y Marcia LIMA (orgs.) (2020). Lélia Gonzalez. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar. (376 pp.)

ROCA, M. N. **Os Novos Rurais da Beira Interior**: (Potenciais) Agentes de Desenvolvimento Local. *In*: SEMINÁRIO IBÉRICO COMBATE À DESERTIFICAÇÃO, ABANDONO RURAL E DESPOVOAMENTO INTERVENÇÕES RAIANAS, 2011, Idanha-a-Nova. **Painel [...]**. Idanha-a-Nova: FCSH, 2011.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

SANTOS, A. B. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, 2018, p. 44-51.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, M. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, a. 13, n. 2, 1999, p. 15-26.

SAUER, S. **Agricultura familiar versus agronegócio**: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

SCHRAMM, F. P. **Orçamento para titulação de territórios quilombolas cai mais de 97% em cinco anos**. Terra de Direitos. 14 maio 2018. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/orcamento-para-titulacao-de-territorios-quilombolas-cai--mais-de-97-em-cinco-anos/22824. Acesso em: 21 ago. 2018

SILVA, D. S. Constituição e diferença étnica: o problema jurídico das comunidades negras remanescentes de quilombos no Brasil. *In*: Boletim Informativo do NUER – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas/Fundação Cultural Palmares. 2. ed. Florianópolis, UFSC, 1997. v. 1, n. 1

SILVA, N. F. I. Africanidade e religiosidade: uma possibilidade de abordagem sobre as sagradas matrizes africanas na escola. *In*. BRASIL **Educação anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e

Diversidade. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade, 2005. 121-132p.

SOUZA, A**. Expulsão do paraíso:** O "paradigma da complexidade" e o desenvolvimento sócio-espacial. In:CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 43-88

SPIVAK, G. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Leila Maria Prates. Comunidade de Tomé Nunes: Memória econstrução identitária no Alto Sertão Baiano. Dissertação (Mestrado em História). UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2010.

THAIS DAYANE DA SILVA. **Rito de Passá**. Intérprete: Mc Tha. *In:* RITO DE PASSÁ. Fonte: Elemess, 2019. (3:21). Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/album/2VdGX4c99Au3aGtR1HJAIm?si=itN5R4DyQTSdZm3fwp18KA . Acesso em: 9 jan. 2024.

THIAGO ELNIÑO; TIAGO MAC. **Filhos do sol**. Intérprete: Thiago Elniño; Tiago Mac. *In:* PEDRAS, FLECHAS, LANÇAS, ESPADA E ESPELHOS. Fonte: Independent, 2019. (5:04). Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/32kWLzy3PkRMpM5vIfKOS7?si=c243ae23f21b4f79 . Acesso em: 9 jan. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/H6CDbCRcfpPK3YmWcrrpw4K/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 20 jul. 2022.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto (org.). **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 11-19.

VILACA, A. ; MENDES, E. B. B. A espetacularidade da performance no ritual do Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina). **Religião & Sociedade**, v. 27, p. 24-47, 2007.

ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens. **Desenvolvimento e conflitos ambientais um novo campo de investigação**. IN: ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens (org.) Desenvolvimento e Conflitos Ambientais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

Apêndice 1 - Transcrições das entrevistas

Entrevistada 1

Data: 18 de Outubro de 2023

Tempo utilizado: 12m 56s

Local: Cutia, Boninal-BA

[Entrevistadora]: A gente tá gravando tá?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Sim.
[Entrevistadora]: Qual o seu nome completo?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Lelita Rosa Souza Oliveira.
[Entrevistadora]:A idade?
[Entrevistada 1, 68 anos]: 68 anos.
[Entrevistadora]: Você nasceu aonde?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Na Cutia.
[Entrevistadora]: Na Cutia, Cutia?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Cutia, Cutia!
[Entrevistadora]: A senhora estudou até que série?
[Entrevistada 1, 68 anos]: A primeira completa
[Entrevistadora]: Primeira série completa?
[Entrevistada 1, 68 anos]: É, completa
[Entrevistadora]: Naquela época ia até o quarto ano, não é isso?
[Entrevistada 1, 68 anos]: É, mas não tive condições de estudar. Tive que trabalhar na roça.
[Entrevistadora]: o que a senhora entende por ser quilombola?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Uaí é porque aqui só tem nego e nois tudo foi quilombola, e quilombola hoje tá tendo vez, sabia? Antes não, a gente era muito… o povo falava muito de negro, a gente era muito humilhado, mas hoje graças a Deus a gente tá sentindo que a gente tá bem mais melhor, graças a Deus.
[Entrevistadora]:Qual a importância da identidade quilombola na vida da senhora?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Porque a gente é negro, né?
[Entrevistadora]: mas a senhora sente que alguma diferença, algum tratamento diferente ou não? por ser quilombola?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Não, até que inclusive São Paulo trata gente muito bem
[Entrevistadora]: Por ser quilombola?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Sim, graças a Deus. Gostei muito. Foi muito bem recebida lá
[Entrevistadora]:aí vamos lá! Quais as tradições [Música] ou os valores ou o pensamento que a senhora acha que só tem na Cutia, não tem nos outros lugares? que a senhora ache que é único daqui?
[Entrevistada 1, 68 anos]: É agora aqui acabou mais, que morreu os véi, tá tudo pro São Paulo (se referindo aos moradores da comunidade), aqui tá devagar, tá bem mais… bem devagar mesmo, mas antes aqui era bem animado, tinha baile todo domingo, tinha dançar no predinho que tem lá na rua de riba. É… a festa de igreja era nove, nove… dez noite, dez festa da noite todinha, toda noite, toda noite tinha uma festa, a gente ia toda noite pra novena, tinha a

derradeira festa da missa, de noite baile de novo. muita coisa, muito animado, muita gente vinha tudo de São Paulo era mó legal.

[Entrevistadora]: Quando eu era criança ainda tinha, a senhora lembra?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Procissão?

[Entrevistadora]: Procissão, as novenas com a vela cada um segurando na vela, né?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Sim, mas agora tá devagar. Era muito bonito viu! sim agora que faz

[Entrevistadora]: sim

[Entrevistada 1, 68 anos]: Muito samba de roda, dança de roda

[Entrevistadora]: Você lembra de algum momento alguma coisa que a senhora viveu que a senhora ficou orgulhosa de ser quilombola ou ser da Cutia?

[Entrevistada 1, 68 anos]: *Gesticula com a cabeça que não.*

[Entrevistadora]:Não lembra não?

[Entrevistada 1, 68 anos]: No pensamento, agora no momento não.

[Entrevistadora]:na opinião da senhora Quais são as coisas boas de ser da Cutia?

[Entrevistada 1, 68 anos]: A gente tá na casa da gente, a gente é independente, né? Agora não, agora não que tá só sol, antigamente tudo que a gente plantava a gente colhia, né? Agora não tem mais chuva, só sol nem agora, a gente parou de trabalhar, trabalhei muito, fiz muita farinha tirei muita tapioca agora que eu não faço mais tô ficando velha, problemas de saúde é assim.

[Entrevistadora]: Uma pergunta que eu não perguntei pra pai vou perguntar pra senhora, Mainha a mãe da senhora falava sempre sobre trabalhar de macaco, que ninguém nunca trabalhou de macaco.

[Entrevistada 1, 68 anos]: Trabalhar um dia para um dia para outro nesse sol quente.

[Entrevistadora]: o que é trabalhar de macaco?

[Entrevistada 1, 68 anos]: É ganhar dinheiro trabalhando pra um e pra outro, a gente chama macaco.

[Entrevistado 2, 70 anos]: Trabalhar de macaco é macaqueiro que trabalha um dia para um dia para outro.

[Entrevistada 1, 68 anos]: Trabalhar hoje de manhã e a tarde tá pegando o dinheiro pra comprar alguma coisa pra comer nois nunca precisou.

[Entrevistado 2, 70 anos]: Aqui, graça a Deus, nem ocês nem nois, eu trabalhei pro outros porque eu quis lá em São Paulo trabalhando em obra, mas em roça eu nunca trabalhei pra ninguém.

[Entrevistada 1, 68 anos]: Não, trabalhava muito pra gente, mas pros outros não.

[Entrevistado 2, 70 anos]: plantava arroz, nois teve muito arroz, nois teve muito feijão…

[Entrevistada 1, 68 anos]: … muito feijão, muito milho, abobora

[Entrevistado 2, 70 anos]: Muita batata na Rocinha nois carregava batata de carro de boi, de C10, era cada saco de batata que vinha Rose...

[Entrevistadora]: Agora minha pergunta que eu fiz pra pai, o que é que a senhora sabe, a história que a mãe da senhora falava ou Iaiá, Taninha, Tia Fulor falava de como a Cutia formou, senhora lembra de alguma história mãe?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Mãe nasceu no Mulungu, o avó dela ta enterrado lá e ela tinha avó que morava aqui aí a minha avó… a minha avó dela ficou doente e a minha avó veio cuidar da da mãe dela, que é avó de mãe. Tá entendendo? aí ela veio ficou, ficou e gostou e acabou

ficando aí de muda. Morava no Mulungu, mãe nasceu no Mulungu e ficou ficando aí hoje já mora aí.

[Entrevistadora]: Vó quando ela veio pra cá ela fala que era como a Cutia?

[Entrevistada 1, 68 anos]: A Cutia antigamente aqui não tinha… as casas era tudo ruim, muito mato na rua até eu conheci, aqueles marvadices, aqueles matão grandão só tinha os carreiro antigamente.

[Entrevistadora]: Quando a senhora era pequena aqui tinha Cutia?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Tinha! Eu nasci aqui na Cutia

[Entrevistadora]: Tinha muito lambedor de Cutia?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Tinha, ali onde era o pé de Juá, os antigos falavam; diz que ali quando dava de tarde as cutia ia tudo lamber a terra, lamber aquela pissarra da pedra que tinha sal a gente botou nome Cutia, foi isso

[Entrevistadora]: Aí além dessas histórias o que mais falava das histórias pai falava direto da história da do rio que tinha puxava o rio puxava gente o da Cutia…

[Entrevistado 2, 70 anos]: Tinha e ainda tem a ainda tem aquela como é que chama

[Entrevistada 1, 68 anos]: Mãe d`água, diz que tem. muita gente já viu

[Entrevistado 2, 70 anos]: Sentada na pedra quando a pessoa chega ela *margulha,* o cabelão

[Entrevistada 1, 68 anos]: Diz que o cabelo, tudo… aquele cabelo bem preto tudo espalhado nas costas, no rosto os velhos contava.

[Entrevistado 2, 70 anos]: Não é mesmo, já morreu muita gente nesse poço aí

[Entrevistada 1, 68 anos]: Com certeza aí quando ela vê gente oh, puf. Muita gente já viu aí no lojinha, já viu lá no porção de Arimina os antigo via

[Entrevistadora]:e aquela árvore que a senhora fala que o povo passa embaixo e esquece

[Entrevistada 1, 68 anos]: É mucunã

[Entrevistadora]: A árvore de mucunã?

[Entrevistada 1, 68 anos]: É! quando passa no mato aí fica… a pessoa fica besta não sabe onde tá a pessoa perde. Tem muita rama no mato que a gente se perde

[Entrevistadora]: A senhora acha que essa história, essas histórias do povo mais velho, os antigos falavam é importante?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Muito importante! porque tudo que a gente eles falava antigamente tá vendo agora eu lembro que o vei falava assim ó marca que um dia vai ter muita mulher tem muito chapéu pra pouco homem, um dia vai ser uma mulher um homem só e outra dizia esse aqui é o meu, esse aqui é o meu, esse aqui é o meu...

[Entrevistadora]: Tá acontecendo agora.

[Entrevistada 1, 68 anos]: É! e agora era uma mulher doida pra namorar não sei quantos homem e não tinha homem só tinha mulher, e agora a gente tá vendo né? muita coisa

[Entrevistadora]:Quem contava essas histórias pra senhora mãe?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Era os véi, era a mãe dele, era um homem que tinha na rua debaixo chamava Taviano, Raimundo, Zé Cariru

[Entrevistadora]:Zé Cariru , mãe?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Era… e falava muita coisa *os antigo* e gente tá vendo tudo, era muita coisa

[Entrevistadora]:Pronto, agora vamos continuar aqui outra pergunta. Como a senhora entende o que é comunidade pra senhora? O que significa comunidade

[Entrevistada 1, 68 anos]: Não sei como que fala

[Entrevistadora]: Não o que a senhora acha, o que que a senhora acha que é comunidade?

[Entrevistada 1, 68 anos]: A comunidade pra gente é Boninal, Cabrália, é Conceição, Machado Palmeira, Gentil é assim! Ministro, Rocinha…

[Entrevistadora]: Agora se perguntar assim; o que que a senhora entende de… vamos lá, de União da Cutia, o que é união da Cutia?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Na Cutia os povo é muito tímido, mas a hora da doença é tudo junto tudo se unido, se *doecer* uma pessoa todo mundo ali tá junto, se morre todo mundo tá junto e se *doecer* todo mundo tá junto, Pra isso se tem a união, graças a Deus isso ai é uma coisa que me admira muito

[Entrevistadora]: Algum parente da senhora já foi pra Santos?

[Entrevistada 1, 68 anos]: A maioria, tudo. tanto a parte minha como parte de Euclides

[Entrevistadora]: Qual Bairro?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Era Macuco, Canal 1, Canal 6, é… São Vicente, Cubatão tudo a gente já…

[Entrevistado 2, 70 anos]: Praia Grande

[Entrevistada 1, 68 anos]: É! mora muita gente daqui ni Praia Grande

[Entrevistadora]: Aí vou perguntar a mesma coisa que eu perguntei pra pai tá? A senhora acha que quando a pessoa vai para fora ela deixa de ser da Cutia?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Não, jamais!

[Entrevistadora]: Por que não?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Porque a gente nasceu na Cutia, a gente ama o lugar que a gente nasceu e criou

[Entrevistadora]:a senhora acha que tem uma ligação com o lugar?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Tem a gente sai a gente a gente não esquece o lugar da gente

[Entrevistadora]:Qual a diferença que a senhora sentia tando aqui pra quem tava lá?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Uai diferença que tem por que lá ganha dinheiro e aqui não tem como ganhar né? acho assim e aqui tem a casa da gente lá não tem, quer dizer que você fica de aluguel se torna mais difícil

[Entrevistadora]: Então vamos lá quando a senhora tava aqui, mesmo que perguntei para pai, quando a senhora tava aqui aí tinha alguém o meu pai tava lá…

[Entrevistada 1, 68 anos]: Eu queria ir para lá

[Entrevistadora]: Como a senhora se sentia com essa distância quais eram as dificuldades que tinha quando tinha metade de povo tava aqui outra metade lá?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Era muito ruim era é pensando lá e pensando aqui cabeça lá e cabeça aqui então fica difícil

[Entrevistadora]: Você ficava vivendo os dois, né?

[Entrevistada 1, 68 anos]: sim

[Entrevistadora]: ah vamos lá como as festas tipo Sagrado Coração de Jesus a festa de Reis o Juda como a senhora via isso quando a senhora tava lá?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Senti saudade quando era na época e no dia a gente sentia muita saudade

[Entrevistadora]: Aí a senhora tentava vir na época alguma festa?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Às vezes alguma festa da Cutia, quando eu tava lá eu vinha. A gente tava pra vim a gente vinha, mas…

[Entrevistadora]: Ficava com saudade

[Entrevistada 1, 68 anos]:Sim, mas era mais saudade

[Entrevistadora]: Como era lá viver com povo? Vivia perto do Povo da Cutia vivia longe?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Não, às vezes tinha perto, tinha longe
[Entrevistadora]: E aí quando encontrava?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Quando encontrava era aquela alegria, não tinha nem fé de ver uma pessoa do nosso lugar, até agora quando eu vi, vixe aquela alegria "ô lá fulano"
[Entrevistadora]: O pessoal ficava se ajudando o povo da Cutia, ou não?
[Entrevistada 1, 68 anos]: É aquela alegria "vai lá em casa" agora mesmo foi, mas eu não fui, mas todo mundo que eu vi, "vai lá em casa, vai lá" porque eu não tava no clima de sair agora.
[Entrevistadora]: O pessoal da cutia te ajudava quando a senhora vivia lá?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Não, cada quali vivia sua vida trabalhando com a luta dele, os outros toda vez tava pior que a gente, como é que ia ajudar.
[Entrevistadora]: Tu não falava que tia me olhava
[Entrevistada 1, 68 anos]: TiaNi, muitas vezes.
[Entrevistado 2, 70 anos]: Mas não é ajudar.
[Entrevistadora]: A senhora também falava que meu tio Ramiro que faleceu, meu tio Ramiro também tinha alguma coisa para mexer assim em parede tal ele também ajudava, chamava pai.
[Entrevistada 1, 68 anos]: É, era para trabalhar junto né
[Entrevistadora]: ajuda assim, não é dando dinheiro não porque ninguém tem dinheiro
[Entrevistada 1, 68 anos]: É ninguém tem para dar né, tudo é ajuda
[Entrevistadora]: mas você sentia que o pessoal ajudava?
[Entrevistada 1, 68 anos]: Sim.
[Entrevistadora]: Então é isso, obrigada mãe.
[Entrevistada 1, 68 anos]: De nada.

Entrevistado 2

Data: 18 de Outubro de 2023

Tempo utilizado: 14m 6s

Local: Cutia, Boninal-BA

[Entrevistadora]:Pronto tô gravando, tô gravando só o áudio, tá bom?
[Entrevistado 2, 70 anos]: Uai, fala.
[Entrevistadora]: Primeiro vou perguntar algumas coisas sobre você, qual o seu nome completo?
[Entrevistado 2, 70 anos]:Euclides Costa de Oliveira.
[Entrevistadora]: A idade?
[Entrevistado 2, 70 anos]:é setenta anos.
[Entrevistadora]: você nasceu aonde?
[Entrevistado 2, 70 anos]:Cutia, Boninal-Ba.
[Entrevistadora]: Você nasceu na Cutia mesmo?
[Entrevistado 2, 70 anos]:Foi.
[Entrevistadora]: pronto
[Entrevistadora]: Você estudou até que serie?
[Entrevistado 2, 70 anos]:Eu estudei até a... terceira serie só.
[Entrevistadora]: Naquela época a escola só ia até o quarto ano, né?
[Entrevistado 2, 70 anos]: É..
[Entrevistadora]: Pronto. O que é que o senhor entende por Quilombola?
[Entrevistado 2, 70 anos]: Carambola?
[Entrevistadora]: Quilombola.
[Entrevistado 2, 70 anos]:Entendo que o Carambola é a pessoa que... é a pessoa negra?
mas é só negro?
[Entrevistada 1, 68 anos]: é.
[Entrevistadora]:o que é ser quilombola pai? quando o povo fala assim "ah a Cutia é quilombola"
[Entrevistado 2, 70 anos]:Carambola deve ser as pessoas negro, né não? eu mesmo não entendo de carambola não. Carambola que eu entendo é aquela que a gente pega no pé e come.
[Entrevistadora]: Então se eu perguntar qual a importância da identidade quilombola o senhor vai dizer o que?
[Entrevistado 2, 70 anos]: Que é a pessoa negra, né não?
[Entrevistadora]:também
[Entrevistado 2, 70 anos]:Então, a pessoa que veio lá, lá da África e era tudo escravo na época [Música]
[Entrevistadora]: É... Quais as tradições e valores que o senhor acha que só tem aqui na Cutia? que não tem em outros lugares.
[Entrevistado 2, 70 anos]:Na cutia, na cutia o que tem é que mora aqui eu gosto daqui ruim ou bom eu moro aqui nasci e criei aqui

[Entrevistadora]:O senhor percebe que tem alguma tradição ou algum costume que só tem aqui não aqui?

[Entrevistado 2, 70 anos]:Não, não aqui a turma da Cutia aqui a maioria convivi mais em São Paulo moço...

[Entrevistadora]:É... cê lembra de algum momento que o senhor viveu que teve orgulho de ser quilombola ou de ser da Cutia?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Eu sempre fui, eu nunca, nunca desprezei meu lugar por São Paulo nem, nem lugar nenhum, por ruim que seja eu quero tá na Cutia e não quero tá em São Paulo.]

deixa eu ver deixa eu continuar as perguntas. eu vou perguntar

[Entrevistadora]: Quais são as coisas que você acha que tem de bom em ser quilombola e em ser da Cutia, as coisas boas...

as coisas boas?

[Entrevistadora]: Ram?

[Entrevistado 2, 70 anos]: A última coisa boa que eu acho eu tô aqui dentro de casa despreocupado de... de ter na cidade grande com tanta ladroagem tanta matação de gente.

[Entrevistadora]: E quais são as coisas ruins de morar na Cutia?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Para mim não tem nada ruim não aqui para mim tudo tá bom cada um tá na sua casa.

[Entrevistadora]: Pronto aí agora eu vou perguntar algumas outras coisas tá bom? O que é que o senhor sabe sobre a história da Cutia?

[Entrevistado 2, 70 anos]: A história da Cutia?

[Entrevistadora]: É como a Cutia foi formada o que que o pai do Senhor falava...

[Entrevistado 2, 70 anos]: Agora não sei eu não sei não por que quando eu cheguei aqui já fazia muito tempo que tinha Cutia, eu mesmo...

[Entrevistadora]:o que que a mãe, o pai do Senhor falava como era antes?

[Entrevistado 2, 70 anos]:antes aqui na cutia minha filha, não tinha quase ninguém, a Cutia aqui quando mãe mais pai teve aqui se tivesse 10 casa era muito aqui não tinha nem estrada para passar gente.

[Entrevistadora]:O pessoal, a mãe e o pai do Senhor, veio de onde?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Ua, veio da mãe dele. [Risos]

[Entrevistadora]:o lugar, de qual lugar eles vieram?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Agora de onde eles veio, meu pai... pai veio do Palmares e a família de pai é veio tudo de Nova Colina e a de mãe veio, veio da onde eu falei... a de mãe era daqui da Cutia mesmo. Pai a nação dele é de Nova Colina ele, ele não nasceu... ele nasceu lá chegar lá nois tem parente lá ainda. Você já foi lá?

[Entrevistadora]: em Nova Colina?

[Entrevistado 2, 70 anos]:Sim,

[Entrevistadora]:já.

[Entrevistado 2, 70 anos]: Então lá nossa parentagem é de lá

[Entrevistadora]: Lá aí a mãe e o pai do senhor falava mais o da história de antes aqui da Cutia?

[Entrevistado 2, 70 anos]: A família da minha mãe é tudo do Piatã

[Entrevistadora]: É de Piatã

[Entrevistado 2, 70 anos]: É claro que é do Piatã

[Entrevistadora]: E eles falavam o que da Cutia? Por que eles vieram pra Cutia?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Eles vei pra Cutia porque os pais deles era daqui, ua tinha que vir pra qui. O pai de mãe chamava Bastião, o pai de pai chamava Ramirão.

[Entrevistadora]: Do pessoal daqui da Cutia de quem o senhor é parente das famílias?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Quase todo mundo. aqui, aqui se tiver 50 pessoas 20 que não é da família o resto é tudo da família é prima ,é primo, é tio, é tia, é sobrinha, é cunhada, é tudo, aqui a família tudo.

[Entrevistadora]: Quando o senhor se lembra das histórias do que o povo de *par trás* falava qual importância que tem?

[Entrevistado 2, 70 anos]: A história que que tinha aqui minha filha é bater bomba e beber cachaça, [Risos] Vá passava a semana batendo bomba daqui pro, pro Piatã, pro Mulungu era quase o mês aí quando que chegava, chegava na época do, do, do Reis começava bem antes muito tempo, era... aqui, menino aqui não esquentava a cabeça com nada não, aí a a plantação daqui é mandioca, cana, feijão, milho, essas coisas, batata, essas coisas aqui ainda... hoje não tá dando mais porque a chuva é pouca, mas aqui ainda é bom.

[Entrevistadora]:Então era a festa e o trabalho né?

[Entrevistado 2, 70 anos]:é claro!

se eu perguntar pro senhor sobre comunidade, o que é que o senhor entende por comunidade?

[Entrevistado 2, 70 anos]:comunidade é um povoado de uma comunidade que que não é só da Cutia aqui nós tem comunidade é nois da Cutia como Ministro, Rocinha, Palmeirinha então é as comunidade. Cada um faz suas vez.

[Entrevistadora]: é o senhor entende a Cutia como lugar unido ou não?

[Entrevistado 2, 70 anos]:Não. a união daqui ninguém tem União aqui não, a união aqui é cada um para si e Deus para nois todo, aqui é claro que é, se você se um vê você comprar uma camisa aqui o outro só faz tudo para tirar, se você tiver uma lapiseira aí menino acha jeito de tomar você faz igual esses, esses que tá na... lá em São Paulo, que não pode ver você você com relógio no pulso, até a aliança do cara os ladrão tomou, então aqui se a se a outra vê você com um relógio desse aí dar jeito de tirar ele tira, uai não é mesmo não? terra nossa menino quer roubar

[Entrevistada 1, 68 anos]: Mas é mesmo verdade

[Entrevistado 2, 70 anos]:Ai, ai,ai você... você tem uma terra para você arrumar ela tem que ir para Juiz tem que para ir todo lugar então eu não vou dizer que meu lugar é bom não, eu vivo aqui porque... eu vivo aqui porque eu não posso sair daqui que eu não enxergo se enxergar não tava aqui na Cutia não vou da, da... dizer minha Cutia é boa, pode ser boa pros outros pra mim não é.

[Entrevistadora]:Entendo, é... você o senhor ou algum parente seu já foi pra Santos?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Tudo! de fia, a neta, a cunhada, a sobrinha todo mundo da família minha da sua mãe tudo, meus irmãos tudo. de São Paulo que não da minha família só tem uma irmã que nunca foi o resto tudo já foi.

[Entrevistadora]: E aí quando eles viam eles moravam em que bairro normalmente?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Ah agora bairro lá minha fia era tanto lugar era Macuco, era ponta da praia, era Gonzaga, São Vicente, bairro lá em Santa de Praia Grande até Iguape eu conheço tudo

[Entrevistadora]: Como era lá no Macuco, por exemplo, como é que ficava todo mundo ficava todo mundo junto cada um...

[Entrevistado 2, 70 anos] :Não cada um alugava seu barraco.

[Entrevistadora]:mas tudo perto ou cada um longe?

[Entrevistado 2, 70 anos]:Ah um ficava aqui outro ficava como daqui na igreja outro ficava é não tinha nada contra não cada um ficava dava

[Entrevistadora]: O senhor acha que quando uma pessoa sai da Cutia vai para fora ela deixa de ser da Cutia?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Não, enquanto a gente tiver aqui tá aqui quando tiver lá é lá.

[Entrevistadora]:mas não deixa de ser da Cutia ou deixa?

[Entrevistado 2, 70 anos]:Não, não nunca deixei nunca, deixei meu lugar por nada já Leli? Não sa mãe, por ela… se não fosse você tava lá até hoje e sa mãe nunca gostou daqui não

[Entrevistada 1, 68 anos]: Agora eu gosto, agora lá já mudou muito, você não tava não tinha ninguém mais eu...

[Entrevistadora]: O senhor acha que o pessoal de lá e o pessoal que tá aqui eles são... são ligados pelo que? tipo o pessoal que mora lá os parentes, os parentes que mora aqui eles são ligados pelo quê?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Ah pelo dinheiro pela saúde ahh por isso que todos que tá lá daqui eles não tá lá pro boniteza tá trabalhando tem... alguém tem suas casas quem não tem mora de aluguel e tá todo mundo lá, suas tias tá tudo lá, suas tias, sua madinha, tudo.

[Entrevistadora]: Eh Quais são as maiores dificuldades que são enfrentadas com a distância, tipo quem tá lá e quem tá cá essa distância, igual quando o marido vai a mulher fica ou quando os pais ficam os filhos vão, Qual a dificuldade que tem nessa distância?

[Entrevistado 2, 70 anos]:Tem dificuldade nenhuma. Sabe quantas viagens eu fiz em São Paulo? Eu fiz 35 viagens de ida e 35 de vinda eu tinha a vez que eu passava só 75 dias lá e voltava, para mim nunca teve nada difícil.

[Entrevistadora]: O senhor não ficava com saudade não daqui?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Que saudade coisa nenhuma, quando eu tava com saudade daqui tava com saudade de lá [Risos] ua o importante era dinheiro.

[Entrevistadora]: Ou quando se queria vi não podia porque tinha que trabalhar

[Entrevistado 2, 70 anos]: Boa falta de dinheiro a gente não vem porque a gente para ganhar um dinheiro e voltar sem nada não adiantava ir tinha que ir para trazer algum dinheiro para casa comprar alguma coisa tudo que eu tenho aqui nessa área aqui foi tudo dinheiro de São Paulo.

[Entrevistadora]: quando o senhor tava em São Paulo, o senhor lembrava das festas daqui; Sagrado Coração de Jesus Reis do Juda...

[Entrevistado 2, 70 anos]: Eu lembrava tanto das festas que eu peguei foi três festas aqui mesmo tando lá o senhor fazia as festas aqui?

não pegar e vinha na época de festa quando... você nem nascida não era, nós já tinha festa não foi não Leli? nós pegou festa três vezes eu peguei mais Tio Louro, peguei sozinho, peguei outra mais quem que era Leli?

[Entrevistadora]: Aí mesmo estando lá o senhor pegava as festas Sagrado Coração de Jesus?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Pegava quando era na época eu vinha

[Entrevistadora]: Hum E é isso pai obrigada!

[Entrevistado 2, 70 anos]:E aqui a gente dizer aqui a Cutia é boa, não vou dizer que é boa nem que é ruim, cada um tendo sua casa tá tudo... tá bom na casa dos outros e tá na nossa...

[Entrevistadora]: uma pergunta quando o senhor vai para outro lugar igual o senhor vai pro Machado ou vai sei lá pra Nova Colina o senhor sente você que é tratado diferente por ser da Cutia ou não?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Não.

[Entrevistadora]: O senhor tem orgulho de falar que da Cutia?

e eu vou falar que sou da onde?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Eu vou dizeR não eu não moro na Cutia não, moro em Boninal, moro em São Paulo... que porra nenhuma. Eu nasci aqui vou aqui morrer aqui se Deus quiser. [Entrevistadora]: quer falar mais alguma coisa, pai?

[Entrevistado 2, 70 anos]: Não, tá tudo bem e o que puder vim de bom e a gente puder ajudar, tando aqui a gente ajuda né Leli? O que for de bom pra você aí se precisar a gente tendo aqui, tendo aqui a gente vai dando um jeito e ajudando.

Entrevistada 3

Data: 26 de Outubro de 2023

Tempo utilizado: 58m 48s

Local: Reunião virtual no Google Meet

[Entrevistada 3, 20 anos]: Como você tá tudo bem?
[Entrevistadora]: Eu tô bem, tô cansada tá corrido, no final do ano é sempre tão corrido
[Entrevistada 3, 20 anos]: Imagina né
[Entrevistadora]: Como é que tá a faculdade?
[Entrevistada 3, 20 anos]: Tá bem estou aqui estudado
[Entrevistadora]: Vai ser rápido eu não quero tomar muito seu tempo
[Entrevistada 3, 20 anos]:Não, sem problema
[Entrevistadora]: Claro que tem problema menina [Risos]
[Entrevistada 3, 20 anos]: Imagina Rose, Maria! tem a noite toda ainda a tarde toda praticamente também
[Entrevistadora]: Deixa pegar aqui as perguntas pra gente conversar pronto vai ser rápido vai ser tranquilo aí você vai falando sobre seu processo com a Cutia e tudo mais, ah só pra te lembrar para mim não esquecer como é uma pesquisa do mestrado eu preciso do seu termo de de autorização né do uso dessa entrevista e tudo mais, mas não vai ter nenhuma pergunta muito pessoal não
[Entrevistada 3, 20 anos]: Certo
[Entrevistadora]: É mais sobre sua vida na Cutia. Qual o seu nome completo?
[Entrevistada 3, 20 anos]:Nínive Silva Araújo
[Entrevistadora]: Quantos anos você tem?
[Entrevistada 3, 20 anos]:20 anos
[Entrevistadora]: Novinha. Onde você nasceu?
[Entrevistada 3, 20 anos]: Boninal
[Entrevistadora]: Você nasceu em boninal e onde você mora atualmente?
[Entrevistada 3, 20 anos]: Paulo Afonso, Bahia
[Entrevistadora]: Você estudou até que série?
[Entrevistada 3, 20 anos]: Ensino médio completo
[Entrevistadora]: E agora graduação né?
[Entrevistada 3, 20 anos]:Isso
[Entrevistadora]: Pronto eh se eu perguntar para você aqui agora o que é ser quilombola, o que que você me diria?
[Entrevistada 3, 20 anos]: É muito uma questão de ser resistente, mesmo que você não perceba você tá resistindo no momento em que você ocupar alguns espaços você mesmo sem ter essa percepção você ainda tá resistindo você tem essa resistência porque você chega nos lugares antes mesmo de você falar quem você é as pessoas às vezes já tem um pré-julgamento por sua cor, por seu cabelo eh ser quilombola eu acho que também ainda tem muito tabu das pessoas "ai mas como é que é ser? ai mas vocês vivem bem? aí mas como eu nunca conheci uma comunidade quilombola" Eu ainda vejo que as idades indígenas tem um pouquinho mais de conhecimento as pessoas conhecem mais agora a questão quilombola as pessoas são assim elas não sabem como funciona elas não sabem como é, mas é muito bom ser quilombola ser...

é quem a gente é né Rose, mesmo que às vezes não tem palavra para dizer isso, acho que é muito além do que as palavras podem dizer se quilombola mas eu tenho que falar com palavras porque você.

[Risos]

[Entrevistadora]: Agora outra pergunta: eh qual a importância dessa identidade na sua vida da identidade quilombola? ela tem alguma importância na sua vida ou quando teve quando começou a ter?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Eu acho que não teve de cara uma importância muito grande, eu acho que não basta você ser você tem que se autodeclarar você tem que ter essa percepção, não basta dizer ah porque eu estou inserida na comunidade eu sou não você tem que essa percepção sabe você tem que chegar nos lugares e dizer olha eu sou quilombola, se identificar também porque acho que isso é muito uma autodeclaração de quem você é, não basta você apenas pertencer ao lugar basta tem que você também dizer essa autodeclaração.

[Entrevistadora]: Aí que fofinha você e dentro da Cutia o que que você observa? E é interessante você falar porque você conseguiu viver em dois territórios, um que é quilombola que a Cutia e um que não é que é a Rocinha, O que que você percebe de diferente da Cutia que tem na Cutia que não tem na Rocinha ou que não tem de outras comunidades que você já viveu?

[Entrevistada 3, 20 anos]: A união eu acho que a união e depois quando eu comecei a estudar filosofia Ubuntu eu percebi que vai muito além, na Cutia as pessoas tem uma união muito diferente você vê quando alguém morre todo mundo tá ali, quando vai ter um casamento um aniversário já ter vi muitas vezes eu sair da minha casa para... você não tá só no momento que acontece o aniversário você vai ajudar a fazer o momento do Reis que você vai lá fazer as comidas, todo mundo junto então tem muito essa coisa da união "Ah você tá precisando, ah alguém tá doente" você sempre vai ver a casa cheia de gente independente do horário todo mundo vai estar ali para ajudar e isso eu não percebo tanto na Rocinha essa questão da união não sei eu não percebo tanto lá e eu acho que essa questão da filosofia Ubuntu as pessoas e também né as pessoas se ajudarem mais essa questão de todos serem por todos.

[Entrevistadora]: é legal você falar isso porque a Rocinha é bem perto da Cutia

[Nínive -Entrevistado 3]: Muito perto, Rose o professor um dia tava conversando comigo ele disse que não tem nada mais cultural do que o momento de um velório de alguém e realmente a morte é algo muito cultural quando você para… para ver a Rocinha você vê que as pessoas morrem acabam elas não são tão igual na Cutia a Cutia é bem diferente o sentimento que as pessoas têm quando um parente morre o respeito com a morte do parente ou algo do tipo então e tem muito essa questão cultural mesmo sendo lugares tão pertos, tão pertos.

[Entrevistadora]: Uma coisa interessante que você falou foi sobre parentesco. você falou parente então é interessante também como você percebe essa relação de família igual você é minha prima Mas você é minha prima de tão longe, mas ainda tem essa consideração como se fosse de primeiro grau como você percebe essa questão dos parentescos na Cutia?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Eu acho que a questão de parentesco não é uma questão muito de sangue a sua a distância que você tá na minha árvore diz o quão você é meu parente não, é tipo eu tenho consideração por você a gente está no mesmo local a gente convive a gente se conhece então eu tenho esse afeiçoamento com você e eu te considero um primo, eu te considero uma tia mesmo que você seja muito distante e se chega até ser uma falta de respeito você não considerar né? porque tipo ua tá querendo ser boa [Risos]

[Entrevistadora]: Bem isso, agora a gente vai nessa entrevista vai entrar em outra etapa que é pensando na história da comunidade pelo que a Edivane falou, sua vó já falou, ou pessoal da

sua família materna já falou o que que você se lembra o que que você sabe da história da formação da Cutia?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Olha eu acho primeiramente eu queria dar uma um parecer meu aqui em relação à morte da história da Cutia que tá acabando e a gente não tem essa percepção quando nós falamos na história da Cutia eu sempre vou me lembrar de um momento que estávamos na reunião da associação, eu não sei eu era muito pequena muito pequena mesmo Rose eu não era uma pessoa já que tinha consciência de nada, eu não sei se tava elaborando a ata para fazer a associação eu não sei eu não sei ao certo o que era, mas que todo mundo tinha que falar como a Cutia surgiu aí sentou Seu Tico sentou outras pessoas mais velhas com pessoas novas eles ditavam falavam e as pessoas novam escreviam aí uns diziam que a Cutia surgiu porque atrás ali do Barracão tinha um lugar de sal e aí as cutias iam lá lamber porque essa areia tinha muito sal e aí eles pegavam e lambiam e aí por conta da das cutias irem lá demais o nome da Cutia é esse Chá diz que os revoltosos, você sabe né? eram da Cutia, moravam na Cutia mas aí já é outra coisa essa questão da história da Cutia tá se acabando eu pensei muito nisso no final do ano quando meu professor esteve aí minha colega de toda forma queria saber porque a gente era quilombola ela perguntava para Chá "mas o que que aconteceu para você serem quilombolas? mas como é que surgiu a, a, a, a comunidade?" ela não se contentava com Que chá falava sabe Ah surgiu assim ela queria que tivesse ou uma coisa mais assim "meu Deus vocês brigavam vocês lutavam, vocês batiam" e não é isso a gente quando tá no território do outro a gente tem que respeitar e ter um... um olhar sensível em relação à história do outro quando você se encontra em outro território, mas é isso que eu sei um pouco sobre a Cutia que é um teve várias histórias, mas a que eu mais lembro era essa que as cutias iam atrás do Barracão o sal

[Entrevistadora]:O lambedor de Cutia, adoro isso uma... uma coisa que você trouxe que é importante a gente também falar nessa entrevista é qual Sua percepção que as pessoas querem que você acolha como dessa identidade quilombola de luta que é meio a história de Zumbi e de Palmares que as pessoas querem que a história de quem tá na Cutia seja igual e não é como é que você sente essa pressão?

[Entrevistada 3, 20 anos]: É tipo assim então vocês não são quilombolas se vocês não vieram fugido se vocês não estavam correndo do mato se vocês não tinham um dono, se vocês não isso se vocês não aquilo. Às vezes a história é muito a fala também a gente não tem nada escrito sobre a Cutia então vai acabando e talvez pode ter outras coisas envolvidas mas é essa a história que nós sabemos hoje, eu particularmente, e Chá sempre dizia quando os mais velhos forem morrendo a Cutia vai ficar sem história e hoje é isso que você sente se você perguntar a maioria dos das pessoas quase ninguém sabe e talvez essa nem seja a história verdadeira mas é a que eu sei eu não tô inventando não tô mentido, mas tem muito essa coisa Rose do querer que a gente seja "Ah mas vocês tem que... quem era o líder de vocês? de onde vocês saíram fugidos? mas de que Fazenda vocês saíram? mas como?" ela ficava perguntando minha avó "mas os revoltosos saíram de qual fazenda? mas de onde é que vocês eram? " essa coisa assim sabe vocês têm que estar lutando tem que estar brigando tem que ter... tem que ter se vocês foram fugidos e é uma coisa muito assim sabe? esperam demais como se toda história fosse igual

[Entrevistadora]:como se quisesse um padrão né

[Entrevistada 3, 20 anos]: Isso! senão não fosse história é como se a história que Chá contasse não fosse uma história válida porque não tem tanta ação não tem tanta emoção

[Entrevistadora]:Sim, como é que você chama sua avó?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Chá.

[Entrevistadora]:Chá, que fofo, ai que fofo eh continuando aqui dentro dessas histórias que você trouxe do lambedor de Cutia, dos revoltosos como você sente a importância dessas

histórias, até as histórias mais fantasiosas assim... fantasiosas não é palavra mas mais lúdicas como é o caso da Mãe d' água que fala na Cutia do... tinha mula sem cabeça que o pessoal falava essas histórias mais fantasiosas e tal como como você sente essa importância na tradição da comunidade?

[Entrevistada 3, 20 anos]:Eu acho que é importante Rose porque muito tempo a gente escutava aí na Cuita que tinha Lobisomem aí no tempo das Almas você ia cantar as almas aí você tinha que ter medo por causa dos Lobisomem, então eu acho que faz muito parte de quem a comunidade é, e é algo assim que não é sem importância diz muito sobre o povo diz muito sobre a gente diz muito sobre o que a comunidade é e os pensamentos que nós temos, então acho que essas histórias por mais assim... tão "doidas" assim entre aspas elas fazem parte, então acho que tudo isso ajuda na comunidade...

[Entrevistadora]:uma coisa a gente tem...

[Entrevistada 3, 20 anos]: Sim

[Entrevistadora]:Uma coisa importante que você falou e aí já vai passar pra próxima parte da entrevista que é sobre as tradições é que você falou sobre rezar as almas e e tal eh todo mundo que eu entrevistei até agora todo mundo sempre lembra das festas é tanto que vão falar Sagrado Coração de Jesus, Reis...

[Entrevistada 3, 20 anos]: Ah sim!

[Entrevistadora]:Todo mundo esquece de cantar as almas das outras tradições que não são tão festivas, qual a importância dessas tradições na sua... na sua construção enquanto quilombola, enquanto identidade em Nínive, dessas tradições e o que que você acha delas? quais você pode...

[Entrevistada 3, 20 anos]: O contato Rose que eu tive com as outras senhoras porque quando eu ia cantar as almas era só idosas aí era Ló, Chá, Dina, Merita, Tezinha, Jaqueline às vezes, eu então eu conheci mais um pouco sobre a cultura eu escutava Tia Lena dizer "olha se a gente não cantar tudo as almas pode vi" aí contava as histórias que aconteceram "ó um dia a gente tava não terminou de cantar as almas quando tava descendo aí veio uma alma ali subindo a gente falou vamos continuar" então acho que isso é uma construção muito boa você tá com esse contato com as outras pessoas mesmo que seja... traga medo, dá medo! porque a catraca dá medo o espaço assim tudo escuro dá medo, o lobo lá na serra o uivando dá medo, o lobo não o cachorro, então várias coisas vai criando se imaginação e acho isso muito legal ainda falava assim; Dina... Já esperava a Semana Santa odeio Juda eu tenho medo mas eu adorava a Semana Santa para ir cantar com as almas porque era uma forma de eu estar na Cutia então quando tinha alguma coisa assim o que que eu fazia Ah agora eu vou para Cutia entendeu era uma forma de estar na Cutia porque no início sempre foi muito parado então onde é que eu brincava? na Cutia, onde é que eu tinha criança? na Cutia, onde eu tinha gente para conversar? na Cutia, nesses momentos sempre foram muito importantes para mim porque eram os momentos que eu mais tinha contato com o povo da Cutia, estava na Cutia eu podia est na casa da minha avó e dormir tarde escutar ela falar várias histórias escutar o povo falar então para mim sempre foi muito assim bom era muito bom.

[Entrevistadora]:Ai que massa sabia que...

[Entrevistada 3, 20 anos]: É tipo o dia que você vai dar benaça para ganhar bala na Semana Santa entendeu? é a mesma sensação que eu tinha é muito bom.

[Entrevistadora]:De todas as manifestações culturais a única que não que eu não consegui colocar foto foi as almas porque o povo coloca medo fala que se você tirar foto vai aparecer a imagem das Almas e elas não deixam, as elas não deixam

[Entrevistada 3, 20 anos]: Nossa!

[Entrevistadora]:Elas me colocaram medo eu não sei se colocaram medo porque não queria aparecer na sua foto ...

[Entrevistada 3, 20 anos]: Provável que a gente vai com uma coberta

[Entrevistadora]: Uma coberto e tal tipo um véu

[Entrevistada 3, 20 anos]: Esteticamente não é algo tão bonito.

[Entrevistadora]:Ah eu acho bonito

[Entrevistada 3, 20 anos]: Não dá medo

[Entrevistadora]:Dá medo

[Entrevistada 3, 20 anos]:Quando você lembra assim do tempo que você tá vivendo ali que é o tempo da assombração de tudo.

[Entrevistadora]:Agora voltando pra entrevista como você percebe a relação das pessoas da sua idade ou mais novas que você com essa... essas tradições tipo o Reisado, Rezar as Almas, Samba de Roda, Sagrado Coração de Jesus como você sente?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Eu sinto que daqui uns dias vai até difícil falar sobre isso porque é perigoso que ela acabe por essas culturas essas coisas as almas acabou porque as pessoas deixaram de lado, então se não tiver você percebe muito que é muito questão de família essas culturas na comunidade. Ah o rezado o pai de Merita começou, Merita tá dando continuidade, agora Gil se GIL chegar na vez de Gil na vez de Edu, Marcos já não porque ele é evangélico, e eles simplesmente virarem as costas ali já dá um basta sabe porque é como se tivesse uma liderança em cada cultura e essa liderança faz que as outras pessoas venham e dá incentivo, aí chega na na coisa da do Sagrado Coração de Jesus, quem tá ali participando os filhos vão por incentivo, mas tipo eu participava todo ano agora eu já não estou mais na Cutia, continua Mãinha quando Mãinha não estiver quem sabe Deus se eu vou estar lá para continuar, então acho que vai também não só de geração mas de geração familiar fica muito assim centralizada querendo ou não, as culturas isso faz... isso dá um risco muito grande dessas culturas acabarem porque a gente sabe que as famílias, entre aspas, "vão acabando" vão pensando de outra forma, vira evangélico então pessoa evangélica ela não vai dar continuidade ao Reisado, uma pessoa sei lá que não dá importância, que não acha que é importante uma pessoa que vai morar fora e não tem disponibilidade, então acho que é um risco muito grande essas.. essas tradições mas que as pessoas não dão importância Ah tipo assim ah eu vou para São Paulo agora eu vou trabalhar que se lasque, quando eu for lá se tiver eu... eu vou, mas não vou sabe? dar tanta importância" assim eu... eu não vou está participando, não vou ajudar, não vou estar ali dentro se tiver festa vou se tiver comida eu vou, mas não é aquela coisa eu vou participar eu vou engajar eu vou dar continuidade acho que fica muito assim... as pessoas deixando. deixando, deixando.

[Entrevistadora]:Você acha que isso acontece por quê?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Porque as pessoas não acham que é importante porque se elas pensassem... se fosse algo importante para elas de fato a gente sempre acha um jeito de fazer as coisas acontecerem quando a gente vê uma importância nelas então se eu vejo que o Reis é importante em dezembro quando eu estiver aí vai ser minha prioridade, se eu vejo eh as almas importantes quando eu estiver aí eu vejo como uma prioridade, mas se não é prioridade se não é algo importante algo que vai te ajudar até financeiramente ou algo do tipo as pessoas não dão importância ainda... mesmo que a cultura ajude de uma forma excepcional na vida de alguém e também além de dizer que em muitos quem você é, porque através quando você vê ali a pessoa na na novena você percebe um pouco da sua cultura na alimentação quando vai lá no Barracão as comidas típicas. as músicas que você escuta, levar o ramo na casa de outra pessoa, a animação então várias coisas diz muito sobre a gente mas a gente às vezes tendo outra percepção de mundo e achando "Ah mas isso não é importante, essas coisas que eu

estou aderindo agora na minha vida são tipo... eu chego aqui ah mas eu estudo direito Reisado não é uma coisa que vai me importar agora porque não é uma coisa culta não é uma coisa que vai me... me ajudar em nada, ah mas sei lá viver ajudar no Reis não é importante." Então a gente vai muito nessa coisa que é importante pra gente.

[Entrevistadora]:Boa! Agora vamos continuar... é minha pesquisa como eu já tinha te falado aquela vez fala sobre a multiterritorialidade, então as pessoas que vivem tudo na Cutia e essa Cutia que tem lá em Santos.

[Entrevistada 3, 20 anos]:sim

[Entrevistadora]:Nesse momento da pesquisa da entrevista a gente vai entrar nesse nessa parte como você também já frequentou bastante Santo, sua mãe Inclusive fala uma coisa muito engraçada que eu adorei falei isso é o retrato da pesquisa que ela falou que o único lugar que você conhecia antes de para Paulo Afonso era Santos, São Paulo e mas aí ela falou "mas isso não conta é como se fosse quintal de casa agora que ela tá conhecendo os lugares de verdade" eu achei isso que a sua mãe falou incrível.

[Entrevistada 3, 20 anos]: Sim

[Entrevistadora]:Que não conta, como se ir para Santos fosse realmente ir para outro estado algo do tipo achei incrível, incrível, Incrível.

[Entrevistada 3, 20 anos]: Mas não é considerado mesmo porque você faz as mesmas coisas, todo mundo que eu via no Ministro ou na Cutia eu via em Santos.

[Entrevistadora]: É isso vamos lá e antes disso como você entende o conceito de comunidade? O que é comunidade para você?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Comunidade para mim, eu acho que ó se a gente for parar para pensar comunidade a gente pode pensar em três viés que é a memória, o território e a identidade que é uma também das linhas da minha pesquisa então eu acho que ser comunidade vai muito além de você estar no espaço território porque você carrega consigo a identidade daquela comunidade, você carrega as memórias que é a coisa mais importante então eu acho que a comunidade é muito sobre a nossa memória, as memórias que eu tenho baixo do pé... não, da como é que diz Rose?

[Entrevistadora]: Latada

[Entrevistada 3, 20 anos]: É! a questão comunidade que eu tive acesso, então comunidade para mim eu acho que é sim um espaço, mas também além do espaço que você ocupa ali com as pessoas. Eu hoje estou em Paulo Afonso mas eu acho que ainda me eu me sinto muito na comunidade da Cutia porque a "Aninha tá doente, Chá me liga olha Aninha tá assim, tá tá tal ,tá assim tananã, tananã" então acho que comunidade é também esse acolhimento esse pensar no outro esse amor que nós temos que vai além do território físico que nós estamos, então eu acho que o território também diz muito sobre isso mas não território espaço tempo ali, eh parado estático, então acho que comunidade é você ter esse cuidado com o outro viver em comunidade, eu não sei muito direito explicar a comunidade, porque se for um conceito simples comunidade aí está ali entre as pessoas e pronto acabou, você viver uma convivência ali constante com as pessoas, só que eu nunca considero comunidade como algo assim tá lá e acabou. Acho que carrega um pouco com a gente tudo e tal eu enrolo demais

[Entrevistadora]:Não tô adorando, você fala muito bem gente, você nasceu para ser advogada viu deixa aqui registrado

[Entrevistada 3, 20 anos]: Eu enrolo muito tempo

[Entrevistadora]:Não, não acho não, tá adorando tá falando...

[Entrevistada 3, 20 anos]: Do jeito talvez

[Entrevistadora]:Não, mas é isso é por exemplo nas entrevistas que eu tive com pessoal mais velho até agora, ainda tá faltando muita gente quando a gente fala comunidade, eles não se

sentem representado quando fala comunidade, bem como quilombola, mas quando a gente fala União eles trazem o conceito dessa comunidade então...

[Entrevistada 3, 20 anos]: Ah sim

[Entrevistadora]:Ou por exemplo quando a gente fala como era ser visto como da Cutia eles falam como era ser quilombola porque antes de falar quilombola ele... a Cutia já sofria todos os preconceitos sabe de uma comunidade quilombola

[Entrevistada 3, 20 anos]: É tipo "deixa ela que ela é da Cutia ou não sei o que ah mas é da Cutia, Ah mas é isso da Cutia" é como se a Cutia fosse um sinônimo de coisa ruim um sinônimo de lugar inferior, um lugar assim sabe? que a gente não fosse nem feliz nem prestasse nem tivesse algum dignidade ou tipo um lugar... "não é da Cutia, Cutia?"

[Entrevistadora]:É, É isso aí tipo e Tia lelinha mesmo tava falando sobre o racismo porque é da Cutia e tal e aí ela traz todos os o conceito que é realmente ser quilombola quando a gente fala que é ser da Cutia E aí que tá que as pessoas não entendem que para uma pessoa quilombola é um termo que o outro trouxe. Eu lembro quando começou a falar quilombola, quilombola, quilombola mas ser da Cutia sempre teve o peso e a gente foi conversar isso com as pessoas da nossa comunidade a gente vai perceber isso eles não sabem que é ser quilombola, mas eles sabem o que é ser da Cutia

[Entrevistada 3, 20 anos]: "Edivane é da Cutia, mas formou" como se tipo ó ela é da Cutia, lá Cutia mas formou, pensa as pessoas tem muito isso;

sua mãe mais sabe contar tô ansiosa pela entrevista com ela, porque sua mãe passou por poucas e boas

[Entrevistada 3, 20 anos]: Quando você... como eu estava... eu morava, eu "moro" no Ministro também né Assim entre aspas agora eu moro aqui e as pessoas... tinha um parente seu sempre chegava "Ah não sei o que Nínive porque ela é da Cutia, ah deixa não sei o que porque ela é da Cutia, ela não é do ministro não ela é da Cutia ela é da raça da Cutia, não sei o que" sabe? como se fosse algo ruim e a gente escuta muito sim assim...

sim

[Entrevistada 3, 20 anos]:Absurdos

[Entrevistadora]:É pesado né?

[Entrevistada 3, 20 anos]: É

[Entrevistadora]:É agora mudando aqui completamente... continuando com essa questão da multiterritorialidade é você ou algum parente seu já foi pra Santos

[Entrevistada 3, 20 anos]: Já

[Entrevistadora]:quantos parentes você consegue contar

[Entrevistada 3, 20 anos]:Você quer que eu conte mesmo?

[Entrevistadora]:não, é só para você falar são muitos ou são poucos

[Entrevistada 3, 20 anos]: Muitos, porque se eu for te contar vixe.

[Entrevistadora]:não se for contar vai passar o dia aqui.

[Entrevistada 3, 20 anos]: Dá para passar

[Entrevistadora]:porque até a noção de parente também, igual a gente falou no início, aumenta diminui

[Entrevistada 3, 20 anos]:Já tava começando a pensar Vixe muitos. né? E aí qual bairro esse pessoal ia quando ia para Santos especificamente Santos?

[Entrevistada 3, 20 anos]:A bacia de Santos né a Mococa alguma coisa assim com M

[Entrevistadora]:Macuco?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Isso!! isso mesmo o único lugar que eu sabia de Santos era lá; Macuco e Síto

[Entrevistadora]:E como é que você se sentia quando ia para Macuco?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Oh eu me senti em casa assim entre aspas, porque onde Graciene morava todo mundo morava tinha um bar que tinha as mesmas músicas, as mesmas bebidas, as mesmas pessoas e eu comia as mesmas coisas, porque todo mundo leva arroz vermelho então eu me senti muito, entre aspas. em casa porque eu via todo mundo Nete me chamava conversava com Nete, então eu tava muito tranquila em relação o local aí eu passava ia quando passava na esquina eu via Din, então "nossa Din você aqui? é você aqui" aí eu caminhava mais um pouco aqui a casa de de não sei quem conheço? conheço, aí a casa de não sei quem conheço? conheço, então era uma rua com várias pessoas da Bahia aí a outra rua também aí por mais que tivesse só duas casas na outra rua todo mundo morava lá da Bahia alguém morava lá mas foi isso.

[Entrevistadora]:Você acha que quando uma pessoa sai da Cutia e vai para Santos e vive muito tempo ainda mais nesse contexto igual você falou que só mora gente conhecida come as mesmas coisas ou as mesmas músicas e tal você acha que essa pessoa deixa de ser da Cutia?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Não. Não deixa de ser por conta do pertencimento assim territorial que eu já disse antes vai além né do território físico você ser algo porque a memória por mais que você queira não ser você sempre vai lembrar "Ah mas eu nesse horário tá tomando um café com avador, Ah mas nesse mês é o tempo do São João, bolo de milho" Então esse... eh essa memória faz com que você lembre quem você é e faz você lembrar quem você é e o lugar onde você pertence. Então eu acho que por mais que as pessoas queiram dizer ah mas eu não sou mais da rotina ela nunca vai deixar de ser sabe ela vai contar pro filho a história da avó ela vai contar pro neto a história que aconteceu antigamente Então eu acho que você não deixa de ser caso você tenha amnésia né, ai é outros quinhentos...

[Risos]

[Entrevistadora]:Adorei isso

[Entrevistada 3, 20 anos]:Mas...

[Entrevistadora]:Eh como você vê a relação da Cutia aqui Boninal, Bahia, Cutia e o as pessoas da Cutia lá no Macuco? como você vê essa relação entre os dois locais?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Bem, eu acho que as pessoas vivem uma ilusão primeiramente porque elas saem de lá, da Cutia, aí vão para São Paulo, aí elas voltam como se elas fossem superiores, mas elas vivem a mesma coisa que ela vivia lá na Cutia, então tipo não muda nada, claro que você tem uma percepção de mundo diferente você vai conhecer outras pessoas mas muitas coisas você não perde, eu não sei não consigo achar que fica tão diferente, meus tios estão lá anos e anos e quando volta, voltam com a mesma bestagem de sempre eu não acho que eles voltam sei lá... [Risos] e todo ano eles estão do mesmo jeito.

[Entrevistadora]:Eu adoro o pessoal da sua família são muito alegres

[Entrevistada 3, 20 anos]: Muito alegres, até demais.

[Entrevistadora]:Não é isso não, eh... como é que você se sentia quando ia para Santos? Como era a o seu sentimento de tá lá das pessoas, de reencontro e tal?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Eu me senti em família porquê... Ah era o tempo final do ano então a... eu tinha mais gente lá em Santos quando reunia lá na casa de Tio Edmar do que quando a gente fazia uma ceia na Cutia na casa de Chá porque tem muita gente então você se sente acolhido "Ah vem na minha casa almoçar, ah vaiou te levar na praia, Ah vaiou te levar no shopping então eu me sentia bem eu gostava de ir lá tirando a poluição os ratos o esgoto a questão precária porque lá fede, eu gostava.

[Entrevistadora]:Uma coisa pra te perguntar agora sobre você, você me quebrou agora com os ratos e pior é que muito rato...

[Entrevistada 3, 20 anos]: E barata

[Entrevistadora]:E barata

[Entrevistada 3, 20 anos]:Você estava sentado assim é vinha um rato na minha direção eu falei "não"...

[Entrevistadora]:Você me quebrou Nínive, [Risos] mas voltar aqui quando você falou agora da ceia e tudo, mas você se lembra desses momentos aqui na Cutia? eu sei que você se lembra porque você era uma das organizadoras da ceia Comunitária que acontecia do... qual é outra coisa que a gente fazia todo ano gente?... amigo secreto você consegue falar um pouco mais sobre isso, que era essas coisas que você organizava?

[Entrevistada 3, 20 anos]: eu lembro do Natal que todo mundo foi pedir brinquedo ni Boninal para distribuir pra as crianças e Seu Ademir era o Papai Noel e aí tinha um momento de descontração que as crianças ganhavam presente, porque tinha gincana, "aí você cantava como música você sabe de Papai Noel ?" ai eu cantei as músicas lá eu lembro muito dessas coisas que tinha na Cutia, gente tinha muito doce! aí você terminava... não era no ano novo você terminava de almoçar ia todo mundo pro Rio lavar os pratos eu lembro disso até hoje que todo mundo com aquelas aquelas bacias do Barracão bem grande todo mundo carregando essas bacias foi uma festa no rio, que ir pro rio lavar qualquer coisa era uma festa, e foi aquela coisa e era muito bom todo mundo reunia assim e aí você tinha que dar bença todo mundo você chegava que se você não desse bença "Ave Maria que criança é essa?" Mas é mesmo você desbloqueou essa memória tinha isso que era bem-organizado.

[Entrevistadora]: Sim, até esses dias a gente fazia o amigo secreto e tal, todo mundo saia sempre reclamando do presente nunca tinha um ano para alguém reclamar do presente

[Entrevistada 3, 20 anos]: É todo mundo eu também reclamo.

[Entrevistadora]:Como é que você percebe esses eventos esses momentos comunitários? tipo amigo secreto e que não é voltada a nenhum... nada específico, mas é só esse momento de união tipo aquela ceia, sua mãe que organizava a ceia né? sua mãe e Vaneide, que todo mundo levava um prato dava refrigerante fazer aquela ceia e tal que acabava juntando todas as famílias né? como é que você se sentiam nessas... nesses períodos?

[Entrevistada 3, 20 anos]:Não era uma coisinha tipo assim ah eu tenho uma família pequena, você se sentir em família mesmo, eu tenho uma família grande barulhenta porque o Barracão do dos melhores aos piores momentos ele sempre viu muita coisa acontecer; chá de bebê, morte de alguém, aniversário então ali o Barracão é o melhor lugar para representar Cutia até mais que a igreja porque ali onde vai evangélico, vai católico, vai quem não acredita em nada, vai os bêbados do bar então o lugar central da Cutia para mim é o Barracão e o lugar que você já viu várias coisas acontecer e o Barracão e já escutou tanta gente já viu tanta gente já recebeu tanto curso, de fazer pulseira, de fazer sandália, de você aprender fazer crochê, gente de Salvador, gente daqui, daqui até de Paulo Afonso mesmo já foi no barracão, então eu acho que ali era um momento único Rose, o barulho você ver tanta gente "ah coloca comida para não sei quem, Ah mas..." aí sobrava a comida ou não "gente mas tem que dar comida pro povo que tá lá fora também o povo do bar" então tem muito essa questão acolhedora sabe Ah mas o povo do bar e tipo assim quem tava no bar não pagava não dava nem nada mas nunca deixava de comer, entendeu? Então não tem essa coisa ah a gente tem muito a gente não vai dividir, e tipo todo mundo come muito, todo bêbado, você lembra Beto?

[Entrevistadora]:Lembro!

[Entrevistada 3, 20 anos]: Beto também ficava sentado, ele era o primeiro lá da fila. Então para mim era muito, muito, muito, muito. muito bom eu sempre adorei a Cutia por que? porque na Cutia tinha gente no Ministro não, pouca gente, não tinha esses momentos.
[Entrevistadora]: Porque a Cutia *Ministro* é menor e não tem esses momentos de União e tal e cada um na sua casa.

[Entrevistada 3, 20 anos]: Pois é

[Entrevistadora]:Não tinha não. É como você acha que acontece esses momentos tipo Sagrado Coração de Jesus o Reis o Juda para quem tá em Santos como você vê isso?

[Entrevistada 3, 20 anos]: É péssimo! porque por mais que você pense nossa... é uma vontade sabe quando chega perto o tempo você sente aquela... eu não tô em Santos, mas eu tô longe então quando chega o momento da Semana Santa "Ah esse horário eu tava fazendo não sei o quê, esse horário eu tava acordando" então é como se você revivesse tudo mas você não estivesse fisicamente lá então você tem que ligar pra sua família para saber o que... que tá acontecendo você tem que ligar a chamada de vídeo para ver se tem muita gente você quer receber foto, você quer ligar porque você não se desliga da comunidade, você não se desliga dos momentos que acontecem lá sejam bons ou muitos... quando chega o dia da Semana Santa é como se você sentisse o cheiro do peixe assim; "ah agora era o horário de tá almoçando, 3 horas da tarde hora de estar saindo com a cruz" Então por mais que você não esteja fisicamente, você não se desliga dos momentos que é para está acontecendo tal coisa. No tempo do Rei são muitas pessoas que na hora no último dia... dia seis que não ligam pra família ali querendo ver o que que tá acontecendo "meu Deus eu não tô... eu não pode ir esse ano, mas eu quero saber o que que tá acontecendo" você não desliga porque você sabe que aquela data, aquele horário vai tá acontecendo tudo do mesmo jeito várias pessoas vão tá lar só você não.

[Entrevistadora]:é bem isso mesmo sentimento, você conseguiu colocar agora em palavras todo sentimento

[Entrevistada 3, 20 anos]: Todo mundo tá lá mas você não

[Entrevistadora]:É outro, é bem sentimento [Risos] outra pergunta eh sobre esse sentimento de fazer parte de um coletivo você se sente fazendo parte de um coletivo quando você tá na Cutia

[Entrevistada 3, 20 anos]:Vixe! demais, não tem como você dizer ah eu não tenho um coletivo na Cutia porque se você sai na rua ali você já conhece uma pessoa, você senta, você tá ali, você nunca tá só na Cotia. Porque sempre tem um idoso na porta, porque sempre tem alguma coisa para você organizar, sempre tem uma festa, sempre tem uma morte, sempre tem uma... sempre tá em coletivo ali eu eu não consigo ver a Cutia sem dizer coletivo eu acho que agora tá se perdendo um pouco mais sabe? eu acho que as pessoas estão ficando um pouco mais individualistas a questão tipo; "ah eu sou de outra religião e aí eu não participo de algumas coisas eu não vou em certos locais, eu não faço isso, eu não faço aquilo" aí acaba o coletivo um pouco se distancia mas na Cutia eu acho que as pessoas são bem coletivos mesmo todo mundo.

[Entrevistadora]:Uma coisa que todo mundo apontou do que eu conversei até agora como o maior símbolo de coletivo da Cutia, que eu achei inclusive interessante, é a morte

[Entrevistada 3, 20 anos]:Ah demais

[Entrevistadora]:Todo mundo falou que a hora que vê a união da Cutia é quando morre alguém, como é que você percebe isso? Eu sei que você é muito nova, mas eu sei que você já perdeu pessoas muito importante para você na Cutia, como você percebe isso?

[Entrevistada 3, 20 anos]:Ó quando o vô morreu da hora que teve a a notícia até o sétimo dia não tinha um momento que a casa de Chá não tinha alguém sabe? e tipo assim não fica a responsabilidade Ah você é da família você vai organizar tudo, uma pessoa fala; "não pode deixar que eu vou fazer não sei o quê, eu ajudo nisso..." aí um vai comprar carne para fazer a comida, outro vai já reunir todas as mulheres buscar o mamão buscar palma, palma é menos constante, mas uma mão...ir no mercado comprar as coisas "Ah não pode deixar que eu vou lá buscar o chá, pode deixar que que eu vou ver com a funerária que horas vai fazer isso, pode deixar que a gente vai arrumar a igreja" aí os homens se junta para ir abrir a cova "ah não mas chama os homens que vamos abrir a cova" mas para mim algo mais do que morte é comida, porque, não é sério, não tem nada que tenha na Cutia que não tem comida e muita comida e boa comida então a comida também é um símbolo de muita União lá; malamba, bolo, palma, aquelas carnes assim, muita carne, muito frango. Só me lembra as bacias do Barracão e essas coisas mas a morte por mais nova que eu seja eu sempre vi muita coisa acontecendo e não tem essa eu tenho medo de velório vou no velório, você vai pro velório sim! você não vai pro velório ver o morto você vai ver a família do morto, você vai ajudar no que precisa, você vai tá ali dando aquele apoio moral você nunca vai no velório na Cutia, por mais odiada que a pessoa seja, nunca tem isso de gente, todo mundo vai, todo mundo.

[Entrevistadora]:Perfeito a aí Nínive, acabou a entrevista as perguntas, acho que foi rápido mas se você quiser falar mais alguma coisa, eu adorei conversar com você.

[Entrevistada 3, 20 anos]:Olha eu já estive no seu lugar de pesquisar, não foi um mestrado, uma simples pesquisa uma mera pesquisa e eu descobri que às vezes o que a outra pessoa fala pode parecer Bestage, mas você tem que esmiuçar com tanto cuidado para você ver, você se torna até um psicólogo para analisar as frases da pessoa. Talvez eu só falei asneira, mas se você for lá no fundo no fundo você vai conseguir uma coisa.

[Entrevistadora]:Não Nínive, você falou ah tipo parece que você leu o texto que eu escrevi você tá falando sobre o texto, é sério parece que tá falando sobre o texto, Eh tem coisa que eu acho incrível que eu coloquei no texto e que algumas pessoas falam é isso na Cutia você nunca tá sozinho

[Entrevistada 3, 20 anos]: Não tá

[Entrevistadora]:No velório nunca tá sozinho, não é o morto é quem tá vivo é ajudar de começo ao fim a palavra que todo mundo fala que tipo eu coloquei comunidade para justamente fazer essa distinção né porque na Cutia gente não entende comunidade, mesmo a gente é comunidade quilombola, mas não entende, a percepção de comunidade é diferente mas todo mundo entende é União quando eu falo; "União você acha que a Cutia tem união?" e todo mundo começa a falar não tem por isso, isso e aquilo isso, isso e aquilo e às vezes tá falando mal, às vezes tá falando mal fala, fala mal fala, fala...

[Entrevistada 3, 20 anos]:E a união começa desde pequeno porque você é prestativo na Cutia desde quando você tem 7 anos sabe? "ei vai ali fazer um favor para mim" quantas vezes na Cutia você ganha uma banana, uma bala, um real porque você fez um favor então é sempre essa coisa do menor ao mais velho todo mundo tem uma função, todo mundo ajuda alguém e fala mal mesmo porque comunidade é assim você vê quando você sai ali na Cotia que você vai na praça tem um povo falando mal, no bar tem falando mal, nas casas tem falando mal, mas na hora de ajudar eu quero ver se um não vai, todo mundo vai é mais forte.

[Entrevistadora]:Exatamente! Nínive, outra coisa que não tá na entrevista porque a entrevista acabou, mas eu quero conversar é sobre sentimento, qual o sentimento seu de tá agora (na faculdade), porque você chegou enquanto remanescente quilombola, então tem um peso querendo ou não tem um peso como é que? qual a pressão que você sente dentro da Universidade por ser uma aluna quilombola?

[Entrevistada 3, 20 anos]: Eu ontem tava falando pra Mãinha eu sou a única quilombola aqui você tem as cotas quilombolas, mas as pessoas não ingressão na faculdade com ela então eu sinto muitas vezes tipo assim; é como se perguntasse às vezes "na sua comunidade tinha escola?" eu tipo assim; "tem escola a gente estuda" "Ah mas vocês fazem o que?" como se fosse um lugar místico um coisa existente no ambiente, que sei lá pode acontecer de tudo, onde as pessoas têm armas dos seus parentes e que vão brigar, Sei lá o povo é muito assim ilusório na cabeça deles todo mundo fica tem vontade de ver como é como se fosse um um zoológico, isso! eu sinto como se fosse um zoológico sabe? "eu tenho vontade de conhecer sabe para ver se vocês têm vida, se vocês comem, bebem, tem informação, tem educação" as pessoas não entendem nada de quilombola, nada, nada, nada, nada na faculdade, não adianta "Ah o estado da Bahia..." nada pelo menos aqui em Paulo Afonso e zero, talvez em outros lugares tenha mais conhecimento é porque aqui também não tem quilombola não sabe? aqui é muito, muito, muito, pouco mas Rose você tem um peso assim todo mundo olha e fala. tem
gente que falta perguntar; "existe cota quilombola? o que é quilombola?" assim existe corta quilombola, você sofre por você corta quilombola e não adianta dizer ai é tudo lindo maravilhoso a educação te ajuda não sei o que não, mas tem uns pontos bons tem os pontos bons e o dia que eu fui, esses dias eu tava no CONFCOTAS né? E aí a gente dava ideias, eu falei; "gente como que..." porque cada um era delegado eu falei; "Vocês precisam divulgar nas comunidades porque as pessoas têm esse direito, mas não sabem, incentivar que elas possam estar lá" Você conhece Tamires? Tamires disse que tem vontade às vezes eu posto
alguma coisa e ela fala; "Nínive, eu tinha muita vontade de viver tudo isso que você vive" e eu falei eu sei que não é fácil eu tenho. eu fui privilegiada em relação a meus pais poderem
me ajudar, mas às vezes tem. não, não é tipo assim perfeito ah ela quer estudar letras ou algo do tipo teria Seabra algo do tipo, mas sei lá não dá apoio para quilombola não, para gente que tem cota não é tipo te dou mas não vou te manter direito, não vou te ajudar direito, você não sabe que tem um auxílio que pode te ajudar, você não sabe que tem uma residência, você não sabe nada, é difícil não é não é lindo tudo flores não.

[Entrevistadora]:E na minha pesquisa eu falo muito sobre o termo quilombola porque eu tenho um livro que era de vô que antes também já foi da associação que não tá aqui que é um tipo enciclopédia de dicionários e tem termos e o primeiro termo é quilombola que tem no livro que é o livro mais antigo da comunidade porque tinha muito tempo que não era da comunidade porque era da associação antes de ser de vô e o termo quilombola tá como dança grotesca, escravo fugido tá um termo muito horrível. E aí na minha pesquisa ainda abordo que as pessoas não se sentem quilombolas porque o termo quilombola sempre foi apresentado como algo do outro sempre foi outra pessoa que falou você é quilombola não foi um termo pensado pela comunidade a comunidade sempre foi o outro apontando que você é.

[Entrevistada 3, 20 anos]: E as pessoas querem que você sejam isso que o termo é, sabe? você tem que ser, eu vi o dia que eu vi ser Silma quase enfiando goela abaixa de Chá que ela tinha que ter uma história de resistência que saiu de lá para cá, eu fiquei parada, sabe? uma pessoa da Universidade que se diz ativista chegar no espaço do outro e querer mudar a história do outro querer dizer "não, mas tem que ser assim, cadê? a história de vocês? Cadê essa história não é válida, essa história não serve para mim" entendeu? "essa história não é suficiente é tipo tem que ser assim, tem... qual era a fazenda que vocês moravam diz logo, não esconde não, diz logo" ou algo do tipo muito sei lá,

[Entrevistadora]: Meu Deus que cara de pau

[Entrevistada 3, 20 anos]: Mas eu fiquei envergonhada, e Chá tipo assim "não, é só isso, é só isso que eu sei, é só isso"

[Entrevistadora]: Eu tô doida pra entrevistar sua vó, porque sua vó sabe muito ela sabe muito e ela gosta de conversar

[Entrevistada 3, 20 anos]:Ai eu fico pensando meu Deus Tio Acide sabia tanto e morreu, todo velho sabia muito ali das histórias que eu lembro na associação foi ele e seu Seu Tico

[Entrevistadora]: Padim Tico, é isso aí agora a gente tá passando na Cutia um momento que a maioria dos velhos estão muito esquecidos, igual minha avó não consegui entrevistar ela porque ela tá muito esquecido porque o alzheimer dela tá bem avançadoPadim Ticoo também tá bem debilitado Tia Dalva também tá doente, dos idosos mais idosos a gente tem sua avó que tá bem tá lúcida graças a Deus, tem Tia Ninha que mesmo com problema da perna dela ela também tá lúcida

[Entrevistada 3, 20 anos]:Tia Chica ela também fala muito viu minha filha

[Entrevistadora]: E tia Chica já Chica Eu acho que só tem esses três eu não, não consegui pensar em mais pessoas que estão bem e...

[Entrevistada 3, 20 anos]:Tia Chica para você entrevistar ela é só você sentar na calçada e começar a gravar que ela ela fala de tudo conta tudo, tudo...

[Entrevistadora]: E a gente passou por um momento nesse pós-pandemia que... graças a Deus a pandemia a gente não perdeu ninguém, mas depois da pandemia a gente perdeu muita gente na comunidade morreu muitas pessoas.

[Entrevistada 3, 20 anos]: Muita gente morreu...

[Entrevistadora]: Tia Preta, Maria Preta, muita gente morreu faleceu e e os outros que ficaram vivos ficaram muito debilitados nesse processo desse 2021 para cá... Ficou tudo muito... muito debilitado

[Entrevistada 3, 20 anos]: Foi um tapa na cara de todo mundo né? não tem pra onde correr.

[Entrevistadora]: É não foi não foi fácil para para ninguém, mas pra nossa comunidade a gente perdeu bastante de forma coletiva né E aí é isso eu vou te mandar um link do site que eu tô construindo que é o produto do meu mestrado para você avaliar ver o que pode melhorar o que você tem de dica e tal e aí ele ainda não tá online não tá online, Não tá aberto mas ele vai ficar online dia. segunda-feira para mês que vem que é para ser lançado no Novembro tal aí você vê fala Carol Rose quando você quiser me chamar acho que não é isso acho que é diferente você fala não acho que você poderia colocar mais sobre isso igual, da… o do Jesus esqueci o nome da semana santa a gente falou agora... rezar as almas eu ainda não coloquei porque tô caçando as fotos, vamos ver que foto eu vou colocar já que não deixa tirar foto

[Entrevistada 3, 20 anos]: Acho que não vai encontrar não.

[Entrevistadora]: Não, não vai, as meninas não deixam ela eu acho que é mais porque elas não querem ter foto delas e eu respeito né, com negócio na cabeça normal, mas elas ficam colocando medo dizendo que é espírito aí aí pega no ponto fraco meu, que eu morro de medo

[Entrevistada 3, 20 anos]: Realmente todo mundo tem medo das Almas e tem razão as histórias são...

[Entrevistadora]: É aí eu tenho medo eu não consigo então aí eu vou te mostrar você vou te mandar o link e aí você fala "pode melhorar isso pode melhorar aquilo" e qualquer coisa que você precisa só mandar mensagem tá bom?

[Entrevistada 3, 20 anos]:Certo muito obrigado viu, Rose.

[Entrevistadora]: Eu que agradeço você é um amor e aí depois eu te mando o termo de autorização

[Entrevistada 3, 20 anos]: Certo espero tá ajudado

[Entrevistadora]: Ajudou muito adorei falar com você muito orgulhosa de você muito orgulhosa não você fala muito bem eu tô muito orgulhosa de você você e Gisele também que tá fazendo letras aqui Gisele, Giovana vocês são orgulho da comunidade todos vocês indo tão jovens e realizando sonhos e tipo eu sei que é muito difícil fazer faculdade da pressão externa

da pressão interna de tudo que vocês levam principalmente você e Gelsivan que entraram por cotas quilombolas e toda a pressão de ser quilombolas...

[Entrevistada 3, 20 anos]:Os professores são horríveis,

[Entrevistadora]: É isso

[Entrevistada 3, 20 anos]:São maus

[Entrevistadora]: Eu sei que é difícil mas eu sei que vale a pena e eu fico muito orgulhosa da onde a nossa comunidade tá chegando muito orgulhosa mesmo parabéns

[Entrevistada 3, 20 anos]:E olha Rose você tem pé na minha na minha... no meu ingresso na Uneb você sabe disso, tá? muito obrigada eu sou grada eternamente a você viu, RoseW Menina, tu vai tão longe mas tão longe, eu vejo você tão longe, tão famosa, tão que ...

[Entrevistada 3, 20 anos]:Eu espero porque ó, quer ver eu não tô, não tô, não tá

[Entrevistadora]: Eu acredito muito em você

Entrevistada 4

Data: 23 de Outubro de 2023

Tempo utilizado: 25m 47s

Local: Cutia, Boninal-BA

[Entrevistada 4, 55 anos]: Eu tô acostumada aqui com nada

[Entrevistadora]: Ó vai ser gravada e aí depois eu te trago o termo para senão tá bom o papel isso aí eu vou perguntar a senhora vai respondendo conforme a senhora for se lembrando

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim

[Entrevistadora]: Primeiro vou perguntar qual o seu nome nome completo

[Entrevistada 4, 55 anos]: Meu nome?

[Entrevistadora]: Uhum

[Entrevistada 4, 55 anos]: é Aurelina Rosa de Souza.

[Entrevistadora]: a senhora tem quantos anos

[Entrevistada 4, 55 anos]: Eu, eu fiz 55 anos

[Entrevistadora]: A senhora nasceu onde

[Entrevistada 4, 55 anos]: Nasci Aqui na Cutia

[Entrevistadora]: Aqui mesmo? pronto. E hoje em dia a senhora mora aonde?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Hoje em dia morei 34 anos em São Paulo, porém de 2 anos para cá eu estou mais aqui na Bahia, vim cuidar do meu pai né? Aí ele faleceu fiquei 9 meses cuidando da minha mãe e agora tô mais aqui do que lá.

[Entrevistadora]: É Ah a senhora estudou até que série?

[Entrevistada 4, 55 anos]: é o primeiro... é o ensino médio completo

[Entrevistadora]: Ensino médio completo na época que a senhora começou a estudar não tinha depois da quarta série não né aqui na Cutia?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não

[Entrevistadora]: Era só até a quarta série?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Ó até a quarta série terminei o ensino médio de Santos em São Vicente na verdade.

[Entrevistadora]:Ah a senhora trabalha do que atualmente? atualmente a senhora tá de cuidadora, né?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Tô cuidando da minha mãe só, né?

[Entrevistadora]: Cuidadora

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não, é nem cuidadora que cuidadora você ganhar não é cuidadora [Risos] tô cuidando da minha mãe sem ganha nada

[Entrevistadora]: é

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não é verdade?

[Entrevistadora]: E é senhora tá certa, a senhora tá certa. ó vou fazer umas perguntas sobre a identidade quilombola e a senhora fala que a senhora se lembra né, O que a senhora achar. o que é ser quilombola para você tia?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Quilombola para mim é?

[Entrevistadora]: É

[Entrevistada 4, 55 anos]: Pessoas negras né? que veio de uma de uma raça negra.

[Entrevistadora]: Qual a importância da identidade quilombola na vida da senhora? a senhora acha importante ou não?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Aí muito importante, muito importante.

[Entrevistadora]: E aí eu vou perguntar o que que a senhora vê diferente da comunidade aqui que é reconhecida quilombola para outras comunidades lá em Santos outra comunidade aqui, por exemplo Cabrália que é um lugar onde a senhora mora também.

[Entrevistada 4, 55 anos]: Minha casa né?

[Entrevistadora]:É.

[Entrevistada 4, 55 anos]: O que eu acho diferente aqui?

[Entrevistadora]: Uhum

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não porque se vem uma verba de um estudo para um... um filho hoje em dia já né meu filho, um exemplo se meus netos tivessem aqui para fazer uma faculdade tem mais tem mais facilidade de ver uma verba para estudar uma criança quilombola de que de outra cidade que não é quilombola.

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 4, 55 anos]: correto?

[Entrevistadora]: certo a senhora vê alguma diferença nas tradições tipo nas festas daqui para as festas de Cabrália

[Entrevistada 4, 55 anos]: E muito

[Entrevistadora]: Por exemplo no tratamento de uma pessoa doente aqui do que Cabrália, deixa eu ver outra coisa que aqui também pode ter que a senhora pode observar a diferença... eh de algum costume alguma forma de falar que aqui fala de um jeito aí chega em outro lugar fala de outro jeito.

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim aqui fala diferente

[Entrevistadora]: Como o sotaque? é diferente aqui o sotaque? é diferente dos outros lugares?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim!

[Entrevistadora]: O que que você senhora acha diferente no sotaque daqui?

[Entrevistada 4, 55 anos]: O sotaque daqui é uma coisa que eu me lembro deixa eu ver... "Caramba", essas coisas assim né essas coisas assim o "Ô,ô" .

[Entrevistadora]: o Reis

[Entrevistada 4, 55 anos]:É o Reis, na época da... da Sexta-Feira Santa e nas casas da bença aos padrinhos, antigamente os padrinhos dava dinheiro, a gente ficava todo feliz e até hoje, quando eu tô aqui meus padrinhos me dá dinheiro, entendeu?

[Entrevistadora]:Dinheiro, bala, né?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Bala, doce, Dia das Crianças tem a festinha das crianças.

[Entrevistadora]: É tem isso, cê lembra de algum momento quando que alguém falou que era ser quilombola, que alguém falou quando a senhora descobriu sabe?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não, não lembro não, porque quando descobriu ser quilombola eu já estava em Santos, eu já morava lá então e praticamente essas pessoas antigas aqui não falavam quilombola, eles nem conhecia, então foi depois que eu tô lá então ficou mais conhecido para mim foi assim aí quando eu vim a passear aqui eles ficava falando que é que significava ser quilombola.

[Entrevistadora]: Você acha que tem mais desafio em ser quilombola do que ser de uma comunidade que não é quilombola?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Mais desafio?

[Entrevistadora]: Mais dificuldade ou não, ou já teve hoje não tem mais?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Já teve, hoje não tem mais até porque muitas cidade que não é quilombola, eles queriam ser quilombola.

[Entrevistadora]: Você percebe que antigamente o pessoal tinha preconceito por alguém se dar Cutia?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Tinha demais, demais! até hoje o racismo existe não vai deixar de não existir...

[Entrevistada 4, 55 anos]: É a cor "é os negros da Cutia" até quando eu estudava na Rocinha eu lembro e eles falava "Ah não sei o que porque é negro da Cutia" eu falava: 'com muito orgulho sou da Cutia, com muito orgulho".

[Entrevistadora]: Legal tia, a senhora estudou foi na Rocinha?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Ó primeiro eu estudei aqui, segundo eu fui pra Rocinha

[Entrevistadora]: Nossa deve ter sido mais difícil né?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Pior, bem pior então por isso mesmo eles falava muito de negro

[Entrevistadora]: É Rocinha era mais racista

[Entrevistada 4, 55 anos]: É mais racista

[Entrevistadora]: Deve ter sido muito difícil. Agora vou perguntar alguma coisa as coisas que a senhora lembra da infância da senhora tá bom?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim

[Entrevistadora]: E a senhora se lembra de alguma história alguma coisa que ou Mãinha ou Pai Louro falava, ou Iaiá o que falava né/ de como a Cutia foi criada, como nasceu a Cutia como é que criou a Cutia senhora lembra alguma história deles?

[Entrevistada 4, 55 anos]: A Cutia eles fala que aqui era muito difícil uma pessoa... uma, uma, uma comunidade muito pobre veio de famílias pobres e tinha uma família ali que é da da família de João Grande que eles... falava que ele o pai dela, minha mãe fala que ficava pedindo esmola, nós não passou por isso, mas eles passaram então foi muito difícil para eles entendeu inclusive Eh meu esposo fala que ele passava aqui na Cotia com a mãe dele pequeno e aí as casas aqui lá em cima era tudo de palha as casas era tudo de palha aí Ele parava aqui na casa de Tia Quila para tomar água que elas dava água para eles e eles seguia caminho para ir a pé para ir para Nova Colina que a mãe dele é de Nova Colina.

[Entrevistadora]: Era bem humilde o povo daqui

[Entrevistada 4, 55 anos]: Bem humilde.

[Entrevistadora]: tem alguns documentos da associação que fala que antigamente era proibido enterrar pessoas aqui você lembra de alguma história que Mãinha ou...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não

[Entrevistada 1, 68 anos]: Enterrava em Canabraba

[Entrevistadora]: Em Cabrália?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Era! levava quem podia ir de caixão era, que não ia, ia até de rede, numa rede. o povo falava e eu boto minha cabeça né? Tia Quila, Tia Preta, Aldeta

[Entrevistadora]: Por que não podia enterrar aqui?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Não tinha cemitério, tudo lá, aqui mesmo os mais velho tudo enterrado lá

[Entrevistada 4, 55 anos]: Mãe mesmo me falou que... é mãe me falou que tinha pessoas que foi enterrada também ali na Palmeirinha frente à casa do Antozim Porque aqui não tinha cemitério

não podia fazer cemitério aqui na Cutia

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim

[Entrevistada 1, 68 anos]: Cemitério que fez foi João Borges, um homem muito bravo, brigador que tinha aqui, valente

[Entrevistada 4, 55 anos]: Você conheceu?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Conheci as fias que veio aí outro tempo ver onde é que ele tava enterrado, ver a casinha...

[interrupção da entrevista]

[Entrevistadora]: Você lembra das histórias que Mãinha contava da, da, da mulher que morava no rio, como é que chama mãe? da Mãe D'água dessa história de Mãe D'água, Lobisomem... Você lembra de alguma história dessa?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Já ouvi os vei, diz que os cabelo preto, que não... tudo tapado tudo, esquentando sol quando ver gente [faz gesto de mergulho]

[Entrevistada 4, 55 anos]: Fala alto que ela entrevistando você responde por mim?

[Entrevistadora]: Ela fala na outra entrevista dela, tô perguntando a senhora a senhora lembra de alguma história dessa?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não

[Entrevistadora]: Não lembra, é a caçula né?

[interrupção da entrevista]

[Entrevistadora]: A senhora percebe que os mais novos tem uma ligação com essa história de como era Cutia antes das tradições Como é o Reisado, samba de roda ou você acha que hoje em dia estão mais distantes?

[Entrevistadora]: os novos hoje?

[Entrevistadora]: é!

[Entrevistadora]: os novos hoje lembra sabe por que? Porque os mais velhos deixou as tradições né?

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 4, 55 anos]: É meu tio Valdivino ele era o Reis ali naquele Reis a gente cantava samba de roda dançava tinha os batuque...

[Entrevistada 1, 68 anos]: É isso aí, samba de roda

[Entrevistada 4, 55 anos]: Então é isso aí

[Entrevistadora]: Os mais novos hoje senhora acha que ainda tem essa ligação?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Ainda tem

[Entrevistadora]: Pronto, agora continuando com as perguntas pra senhora eu vou perguntar um pouco como é a época que a senhora morava lá em São Paulo tá bom?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim,

[Entrevistadora]: E aí falando também sobre a comunidade vou começar perguntando pra senhora o que a senhora entende por comunidade? O que senha acha que é comunidade, a palavra comunidade?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Comunidade é um povoado com bastante casa e os pessoal junto.

[Entrevistadora]:pronto, e aí

[Entrevistada 4, 55 anos]: Seja aqui na Cutia

[Entrevistadora]: Pode ser na Cutia... agora vou perguntar outra coisa pra senhora, o que a senhora... a senhora acha a Cutia uma comunidade unida?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim.

[Entrevistadora]: A senhora pode explicar por a senhora acha que ti comunidade unida

[Entrevistada 4, 55 anos]: Eu acho comunidade unida por o seguinte porque é assim todo mundo com saúde cada qual tá na sua casa quando fica doente todo mundo tá ali junto, não deixa a gente sozinho

[Entrevistadora]:Sim

[Entrevistada 4, 55 anos]: Quando morre também a mesma coisa é muito unida

[Entrevistadora]:Sim, sim

[Entrevistada 4, 55 anos]: É uma das comunidades mais unidas que eu acho aqui por perto é a Cutia

[Entrevistada 1, 68 anos]: Machado também

[Entrevistada 4, 55 anos]: E Machado, mas eu tô falando aqui da Cutia né

[Entrevistada 1, 68 anos]: Por que o resto aqui...

[Entrevistadora]: É que Machado também é comunidade quilombola

[Entrevistada 4, 55 anos]: É quilombola. É muito unida pai mesmo quando ele faleceu você viu a união daqui né

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 4, 55 anos]: Então é uma comunidade muito unida.

[Entrevistadora]: Então a senhora já falou que vê isso na hora da doença, na hora da morte, a senhora acha que na feita de farinha você também vê essa união? na hora de fazer farinha que todo mundo vem na feita de farinha também?

[Entrevistada 4, 55 anos]: As véia na feita de farinha também, já teve assim também

mas às vezes ajuda, entendeu? E as meninas, nós estava pisando café juntas, esses dias elas estavam até comentando pra gente voltar essa união de fazer roça junto assim um ajudar um outro ajudar outro foi até Leia de Carlinho, para voltar essa união porque todo mundo tem assim faz parte ter roça, um ajuda uma semana de um, outra semana de outra e assim vai, e união muito bonita essa pisada de café muito linda!

isso aconteceu quando tia?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Aí foi um mês e pouco um mês e pouco e eu fiquei três semanas.

[Entrevistadora]: O café era de quem?

[Entrevistada 4, 55 anos]: O café era do um rapaz de Boninal

[Entrevistadora]: Aí chamou todo mundo, todo mundo foi lá ajudar?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Foi! muito bom, uma união muito bonita ai maravilhosa, você não viu não né?

[Entrevistadora]: Não se eu soubesse teria ido lá ver

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não viu nenhum negócio?

[Entrevistadora]: Não depois me mostra

[Entrevistada 4, 55 anos]: Aí Rose pelo amor de Deus

[Entrevistadora]: Se eu soubesse eu tinha ido lá ver vocês

[Entrevistada 4, 55 anos]: E aí você dava ter para fazer uma entrevista

[Entrevistadora]: É com as meninas...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Gente muito bonito, muito bonito será que eu tenho aqui no meu celular?

[Entrevistadora]: Depois me mostra eu quero ver. Eu vou perguntar a senhora outra coisa, a senhora tem algum parente que já foi para Santos?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Parente que já foi pra Santo?

[Entrevistadora]: Ham

[Entrevistada 4, 55 anos]: Ah tenho

[Entrevistadora]: E qual bairro eles foram? para qual bairro? qual lugar?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Lá pra Santos? Ah eu mesmo

[Entrevistadora]: Sim, quais são os lugares?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Quer falar de mim?

[Entrevistadora]: Pode falar da senhora

[Entrevistada 4, 55 anos]: Então eu saí daqui né meus pais não queria que eu isse sempre foi meu sonho para lá desde solteira e Eles não queriam isso depois que eu casei que teve meu filho meu filho ficou doente, precisou de um tratamento que esse tratamento dele tomar café né seria ou Salvador ou São Paulo Ei eu optei para São Paulo porém o pai dele tava lá minha irmã Maura tava lá também ela me deu muita força agradeço muito a ela foi através dela que eu fui também né, Aí eu fui.

[Entrevistadora]: A senhora foi para que bairro primeiro?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Eu fui pro estuário do Macuco

[Entrevistadora]: Macuco... e depois do Macuco A senhora foi pra...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Depois do Macuca eu fui pra São Vicente que onde eu daquiri uma... minha casinha lá, depois de de 2 anos e 2 meses.

[Entrevistadora]:no Macuco que a senhora morava em Chalé?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Era!

[Entrevistadora]: Como era o Chalé na época?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Vixe, de tabua, tinha um... tinha um... um purão de... quando chovia enchia de água, era muito difícil, muito difícil.

[Entrevistadora]: Onde a senhora morava tinha mais gente da Cutia no Macuco?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Tinha! bastante gente.

[Entrevistadora]: A senhora se sentia mais acolhida ou menos acolhida morando perto de gente conhecida?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Ah para mim não fez diferença não, para mim não fez diferença, entendeu? eu achei bem melhor em São Vicente

[Entrevistadora]:São Vicente...

[Entrevistada 4, 55 anos]: São Vicente, São Vicente foi meu tudo, fala de São Vicente que quiser falar, São Vicente é minha vida, onde eu tenho minha casa, onde eu Deus me deu.

[Entrevistadora]: A senhora acha que quando a pessoa sai da Cutia ela deixa de ser da Cutia?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não!

[Entrevistadora]: Ela deixa de ser quilombola quando sai da Cutia?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Também não!

[Entrevistadora]: Por que senhora acha que não deixa ser dar Cutia?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não deixa de ser porque a origem da gente é dali a gente nasceu ali, criou ali, tem os pais ali, e muita das vezes também os pais deixa alguma herança, alguma coisa que é da gente, então a gente não deixa de ser daqui.

[Entrevistadora]: é agora uma outra pergunta tá?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim

[Entrevistadora]: Quais o... Quais são os principais desafios da distância quando a senhora morava aqui... a senhora morava lá e meus avós estavam aqui, tinha metade dos parentes aqui outras metade lá, qual era o sentimento? como a senhora lidava com isso?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Ah era muito difícil, no ano que eu cheguei lá eu lembro que eu chorava como criança tinha uma música que eu não podia ver el,a toda vez que eu vi eu chorava lembrava de mãe até hoje [entrevistada se comove]

[Entrevistadora]: Ô tia!

[Entrevistada 4, 55 anos]: Até hoje, então aquilo ali para mim é muito difícil

[Entrevistadora]:Ah tia não chora não

[Entrevistada 4, 55 anos]: Depois a gente vai acostumando, né?

[entrevista interrompida]

[Entrevistadora]: É a senhora acha que as tradições tipo o Reis, Samba de Roda as festas que têm aqui continuam lá em Santos? o pessoal continua se reunindo para fazer festa para se encontrar?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não. lá no meu bairro, porém é um... é tipo uma ONG né? assim a gente se reúne, assim, só Dia das Crianças para fazer uma festa inclusive teve essa festa muito bonita lá o grupo deles teve, mas não é igual aqui não é bem diferente não tem essa união que tem aqui.

[Entrevistadora]: Cê acha que a união é mais forte quando tá aqui na comunidade né?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Quando tá aqui na comunidade, até porque em junho né que é a festa junina vem todo mundo para cá e todo mundo vem real todo mundo aqui todo mundo vem de lá para cá.

[Entrevistadora]: Junho também é a Festa Sagrada do Coração de Jesus

[Entrevistada 4, 55 anos]: Também

[Entrevistadora]: A senhora sentia falta tia quando a senhora tava lá dessas festas, Sagrado Coração de Jesus?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Demais, demais! Igual agora vai ter essa cavalgada da vai ser uma festa de reunir os amigos, os quilombola juntos, teve anos atrás foi em 2012... não foi 2012?

[Entrevistadora]:argolinha?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Argolinha, 2013 foi argolinha

[Entrevistadora]: agora vou perguntar mais relacionado à senhora tá?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Sim

[Entrevistadora]: A senhora se lembra o ano que a senhora foi para... a senhora saiu da Cutia e foi pra Santos?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Foi 90

[Entrevistadora]: Anos 90 né?

[Entrevistada 4, 55 anos]: É

[Entrevistadora]: A senhora lembra porquê...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Foi em novembro de 1990. Vai fazer data agora no mês que vem

[Entrevistada 4, 55 anos]: Mês que vem. Foi na véspera que a finada Alvina morreu, ela morreu hoje à noite eu fui amanhã de manhã

[Entrevistadora]: A senhora se lembra do motivo porque a senhora saiu da Cutia

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não, o motivo eu já falei, o motivo foi porque meu filho ficou doente eu precisava fazer um tratamento mais específico.

[Entrevistadora]: Eh ... quando a senhora foi para São Paulo a senhora pretendia ir ficar indo e vindo ou a senhora pretendia nunca mais voltar?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Às vezes... quando eu sair daqui eu pensava de ir e voltar, mas determinado tempo eu fui gostando acostumando que foi muito difícil aí eu já nem queria ir

mais que eu fui fiquei 27 anos eu vim aqui, mas eu fiquei 27 anos não foi porque eu não queria, assim foi porque minha mãe e meu pai também ia e eu fui acomodando.
[Entrevistadora]: Sim... e agora vamos continuar quais eram as maiores dificuldades de viver na Cutia nos anos 90?
[Entrevistada 4, 55 anos]: Ah era muito dificultoso a gente ia trabalhar na roça, debaixo de sol e chuva, entendeu? a gente trabalhava muito não ganhava nada porém nós trabalhava meu pai sim ia mexer forno, a gente mexia forno era com aquele manual não tinha a usina que hoje tem, tudo era mais difícil.
[Entrevistadora]: Você sente que tinha menos acesso na época da senhora?
[Entrevistada 4, 55 anos]: De pessoas?
[Entrevistadora]: Acesso à educação, a hospital, posto de saúde...
[Entrevistada 4, 55 anos]: Bem menos, nem compara. Eu mesmo meu sonho era estudar não era viver aquela vida que eu vivia, se é hoje... era estudar.
[Entrevistadora]: Atualmente se a senhora fosse colocar o que é que te pediria de viver na Cutia hoje?
[Entrevistada 4, 55 anos]: O quê que me impede de continuar na Cutia?
[Entrevistadora]: Emprego?
[Entrevistada 4, 55 anos]: Emprego
[Entrevistadora]: É pronto a senhora morou em São Paulo quanto tempo, tia?
[Entrevistada 4, 55 anos]: Quanto tempo eu morei lá?
[Entrevistadora]: Ram
[Entrevistada 4, 55 anos]: 20... 34 anos, só 27 anos eu fiquei lá sem vim aqui nem passear, nem a passeio. Eu comecei a vi em 2010 a primeira vez
[Entrevistadora]:foi é que vô já não ia mais
[Entrevistada 4, 55 anos]: É ele já não tinha condições mais de ir, nem minha mãe nem meu pai.
[Entrevistadora]:quando a senhora tava lá, morando em São Paulo, a senhora ia muito em Santos no Macuco onde tia mora tal?
[Entrevistada 4, 55 anos]: Não, eu fiquei dois anos lá morando lá, depois que eu mudei para São Vicente eu só ia trabalhar em Santos.
[Entrevistadora]:só ia trabalhar né?
[Entrevistada 4, 55 anos]: É
[Entrevistadora]: não ia pras festas, pras coisas que tinha lá?
[Entrevistada 4, 55 anos]: Não gosto [Risos] muito difícil, até hoje é muito difícil é ir em Santos.
[Entrevistadora]:e quando a senhora tava lá a senhora encontrava muito as pessoas da Cutia [Entrevistada 4, 55 anos]: Em Santos? quando eu morava em Santos?
[Entrevistadora]:hram
[Entrevistada 4, 55 anos]: Demais! batendo com a cara de um baiano no outro.
[Entrevistadora]:O que mais que a senhora lembra que era muito da Cutia lá em Santos lá no Macuco tal? que era coisa que o povo já falava "nossa coisa de baiano" que era o povo da Cutia que fazia, que levava lá?
[Entrevistada 4, 55 anos]: Muita festa,
[Entrevistadora]: festa

[Entrevistada 4, 55 anos]: Quando tinha uma festa era os baianos "a festa dos baianos", época de Natal e Ano Novo vinham os baianos, vinham os baianos de São Paulo para se juntar ali junto.

[Entrevistadora]:Adriano tava falando isso...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Se juntar juntos, essas coisas assim...

[Entrevistadora]: Adriano tava falando, Adriano de coisa mãe, irmão de Aline

[Entrevistada 1, 68 anos]: Hum

[Entrevistadora]:Qual o nome do pai dele?

[Entrevistada 1, 68 anos]: Francisquim

[Entrevistadora]: é Adriano de Francisquim ele tava falando isso...

[Entrevistada 4, 55 anos]: mas é,

[Entrevistadora]:vinha de São Paulo é as festas,

[Entrevistada 4, 55 anos]: se juntava nas festas. Na festa de Amanda meu Deus do céu eu não sei onde enfiou tanto baiano

[Entrevistadora]: O casamento de Amanda?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Casamento de Amanda,

[Entrevistadora]: Eita

[Entrevistada 4, 55 anos]: O casamento de Amanda meu Deus, é porque eu tava muito, sabe? aquela semana que você trabalha demais no pesado

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 4, 55 anos]: Que você tá sem pique eu fiquei só sentada com Wesley, e Lenir dançando Leia dançando, Rosangela dançando e comendo, Nei dançando mais Rosangela e comendo... Rosangela disse que nunca viu uma festa igual àquela não.

[Entrevistadora]:Ela chamou todo mundo

[Entrevistada 4, 55 anos]: "Quando tiver uma festa dessa eu não vou perder não"

[Entrevistadora]: Rosangela não é daqui né?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Não, mas ela parece daqui ela parece

[Entrevistadora]: Eu também acho, outra pergunta parece da Bahia então a senhora lembra de de quando morre algum parente do pessoal daqui lá em São Paulo...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Hum

[Entrevistadora]: que vai todo mundo visitar como a senhora vê isso? Tipo todo mundo indo visitar e tal.

[Entrevistada 4, 55 anos]: Nossa, quando tem uma pessoa daqui que tá lá, que tá doente todo mundo vai visitar, quando morre todo mundo... onde a gente vê mais os baianos é quando morre as pessoas do lugar da gente da Bahia, aí você vê baiano que você não vê há anos você encontra num velório.

[Entrevistadora]: e aí senhora vê diferença do pessoal da Cutia quando morre alguém do pessoal de outro lugar?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Muita diferença, é unido até lá, até nisso lá é unido. Até nisso, quando Nalva de Padim Tico morreu foi de segunda para terça, pensa no velório cheio de gente, quando Padim Vino morreu disse que tinha muita gente, mas eu não vi nada, eu não sei se eu fiquei dopada, eu não sei, eu não vi ninguém Maria de Padim Tico tava eu não vi, não vi ninguém, não sei contar nada do velório dele, mas o de Nalva... muita gente e foi meio de semana hein

[Entrevistadora]: Sim, Leia...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Tem muita diferença

[Entrevistadora]:Leia tava falando que quando o Vô faleceu ela recebeu muita visita, muita gente foi lá...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Maura também

[Entrevistadora]: é isso

[Entrevistada 4, 55 anos]: Maura também, diz ela que recebeu muita visita, muita gente foi lá ver ela, Lenir também

[Entrevistadora]: é a família...

[Entrevistada 4, 55 anos]: Quando ela chegou lá, depois que chegou lá

[Entrevistadora]: Então a senhora percebe essa diferença da Cutia lá né?

[Entrevistada 4, 55 anos]: Tem grande diferença, grande diferença, do jeito que eles é aqui com doença eles é

[Entrevistadora]: E é isso ti entrevista foi só isso

[Entrevistada 4, 55 anos]: Só?

[Entrevistadora]:Só foi rápido

Entrevistada 5

Data: 03 de Novembro de 2023

Tempo utilizado: 37m 20s

Local: Colégio Estadual de Tempo Integral Rui Barbosa, Boninal-BA

[Entrevistada 5, 47 anos]: A gente treina não é assim não tá?
[Entrevistadora]: não é gravando aqui, calma! é suas experiências Vane
[Entrevistada 5, 47 anos]: Seja breve
[Entrevistadora]: oh não, na pressa não [Risos] Deixa eu pegar aqui as perguntas mas a gente não vai prender as perguntas porque se você quiser falar alguma coisa que você se lembrando
[Entrevistada 5, 47 anos]: Não sei se memória tem mais não
[Entrevistadora]: É claro que tem, ó o primeiro são perguntas pessoais. Qual é o seu nome completo?
[Entrevistada 5, 47 anos]: você já vai fazendo não né?
[Entrevistadora]:Não, já tô fazendo aí, ó qual seu nome completo?
[Entrevistada 5, 47 anos]: Edivane Oliveira Silva de Araújo
[Entrevistadora]: Oliveira é nossa família. Sua idade Vane?
[Entrevistada 5, 47 anos]: 4.7
[Entrevistadora]: Nossa
[Entrevistada 5, 47 anos]: 4.7 porque a gente não fala 47
[Entrevistadora]: Nossa tá tão jovem
[Entrevistada 5, 47 anos]: Amém
[Entrevistadora]: não envelhece, você nasceu na Cutia ou em Boninal?
[Entrevistada 5, 47 anos]: na Cutia
[Entrevistadora]: na Cutia, Cutia mesmo? você sabe quem fez seu parto?
[Entrevistada 5, 47 anos]: e lá, lá deixa-me lembrar aqui...Quem era que fazia naquela época?
[Entrevistadora]: Minha irmã falou Lindofina
[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah Lindofina, só tinha ela é Mãe Dolfa, olha Mãe Dolfa não é Lindofina é Mãe Dolfa
[Entrevistadora]: que o pessoal ia dar bença na semana santa
[Entrevistada 5, 47 anos]: É, Mãe Dolfa, mas tinha filho viu?
[Entrevistadora]:Que minha irmã falou que ficava com coração partido que ela não podia dar benção ninguém na semana santa todo mundo ia pra casa de Mãe Dolfa.
[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah, todo mundo ia, todo mundo ia gente Mãe Dolfa
[Entrevistadora]: Mãe Dolfa ela parece quem Vane lá da Cutia?
[Entrevistada 5, 47 anos]:Mãe de Laide , Laide, Laide de Siu... Laide de Siu.
[Entrevistadora]: De Lurde, Laide... Hum, é você estudou até que série?
[Entrevistada 5, 47 anos]: Cê tá filmando aí?
[Entrevistadora]: Só tô gravando o áudio
[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah e depois você edita?
[Entrevistadora]: É eu transcrevo
[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah sim tá pensei que você ia editar depois, han é o quê?
[Entrevistadora]: Você estudou até?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Hum até...

até superior completo né?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ensino superior completo isso exatamente.

[Entrevistadora]: E agora trabalha como professora é isso?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Como sofredora né? [Risadas]

[Entrevistadora]:Tá bom agora a primeira pergunta, se eu te perguntar aqui agora para você refletir, o que você acha mesmo não precisa se preocupar com teórico nada do tipo, o que é ser quilombola para você? o que significa ser quilombola para você?

[Entrevistada 5, 47 anos]: É buscar reconhecer e aceitar suas raízes.

[Entrevistadora]: Nossa que bonito também [Risadas] e como você vê a importância de ser quilombola, dessa identidade na sua vida. Tem importância? Tem gente que entrevistei que falou que não vê importância, tem importância?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Tem porque assim; eh o ser quilombola nos faz ou nos remete a história dos nossos antepassados, então quando a gente diz por exemplo pros nossos filhos que vem de uma comunidade quilombola essa questão nos leva a aceitar o que nós somos e porque somos.

[Entrevistadora]: Sim! você tem razão.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É.

[Entrevistadora]: Eh agora vamos voltar um pouquinho no passado tal. Quais são as tradições as... as coisas que têm na Cutia que você acha que só tem na Cutia, que não você não encontra na Rocinha, no Ministro, em Boninal?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Você quer que eu fale de coisa boa ou coisa ruim?

[Entrevistadora]: Dos dois, pode ser os dois.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É uma das questões que eu vejo na Cutia que eu não vejo por por exemplo na Rocinha a solidariedade, onde nos momentos de dificuldades todos e são um por todos e todos por um e a questão também do financeiro as pessoas não se preocupam querem cada um tem seu dinheiro mas tem ainda a questão do tempo de um poder ir na casa do outro na doença, coisa que eu não vejo por exemplo na Rocinha é dinheiro, dinheiro, dinheiro e dinheiro e também a questão da religiosidade eu vejo ti um pouco mais forte do que em uns lugares assim tipo Rocinha, por exemplo.

[Entrevistadora]: E o que mais você consegue perceber das coisas ruins que você não falou?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, ruins é assim tipo o sossego, as pessoas ainda são muito acomodadas sabe? Tem capacidade mas tem muito comodismo sim tipo; completou 18 anos a menina... tem 16 já pode engravidar o futuro não tem lá muita... Falta expectava, sabe?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É 16 já pode engravidar 18 já tem que casar. Ah eu tenho uma raiva daquilo, aquele comodismo me incomoda.

Sim você acha que isso influencia para ter tantas pessoas indo para São Paulo, essa falta expectativa?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Sim né, porque até porque é uma realidade que justamente pelo fato das pessoas não serem tão preocupadas com o financeiro acaba não buscando outras perspectivas que poderiam mantê-los aqui e acaba tendo que ir para São Paulo por isso.

[Entrevistadora]: Sim, faz todo sentido, você lembra de algum momento... do momento assim que você entendeu que era ser quilombola que a primeira vez que foi falado para você sobre o que é ser quilombola

[Entrevistada 5, 47 anos]: ah os encontros assim, de reuniões né, as reuniões externas onde a associação também contribui muito para isso, a questão da associação contribui muito para

isso, mas as reuniões o fato também de trabalhar fora de ter que participar de encontros de... de momentos formativos na escola isso também contribui muito, acho que a escola é um ponto forte porque a gente tem que estudar mais acaba tendo que estudar mais.

[Entrevistadora]: Esse é seu encontro com ser quilombola já foi na vida adulta?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah sim, oh e bem adulta quase morrendo já [Risdas] segue, segue que Chareles já foi.

[Entrevistadora]: Tá vamos lá, só vai te chamar no final já te viram de manhã. Quais os desafios que você vê em ser quilombola?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah o mercado de trabalho. O mercado de trabalho não é fácil quem disser que é não é que você enfrenta desafios de ouvir o menino dizer, por exemplo; se você vai falar de negro "não, não suporto mais sua aula, não suporto mais você," os desafios do mercado de trabalho a aceitação né da sociedade não vem o racismo tá aí Infelizmente, ele é enraizado, então os desafios são muitos na sociedade, na escola, no trabalho, tudo.

[Entrevistadora]: Você já sofreu algum preconceito por ser da Cutia?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Muitos! Um só não, muitos, vários. Que não já né?

[Entrevistadora]: Você pode falar um?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah por exemplo um grupo de trabalho de escola onde você era uma questão é a menina disse para mim:" ai só podia ser da Cutia" eu: "é mas só quer ficar no meu grupo né?".

[Entrevistadora]: Eu adorei, todo mundo fala a mesma coisa, toda vez que eu pergunto assim essa mesa pergunta que fiz para você as pessoas falam "Ah só podia ser neginha da Cutia, Só podia ser da Cutia".

[Entrevistada 5, 47 anos]: "Só podia ser da Cutia".

[Entrevistadora]: Como se "da Cutia" fosse algo inferior lugar inferior. Deixa eu voltar aqui...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas os próprios de lá acabam colocando assim.

[Entrevistadora]: Você sente isso que as pessoas se colocam...

[Entrevistada 5, 47 anos]: É se colocam nesse... nessa posição de... de inferioridade.

[Entrevistadora]: Agora a gente vai entrar na parte para falar sobre as tradições e a história da comunidade.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Anda logo, seja breve [Risadas]

[Entrevistadora]: E quais são as histórias que Dezita, eu tenho que entrevistar Dezita mas vou com você.

[Entrevistada 5, 47 anos]:Mãe disse que não aguenta mais esse povo querendo ver ela falar.

[Entrevistadora]: Exatamente por isso que eu vou com você.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Sozinha não adianta mesmo não que ela não vai falar.

[Entrevistadora]: Conheço Dezita.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ela falou: "não aguento mais esses povo, não aguento mais falar nada com esses povo".

[Entrevistadora]: Mas eu falei para Nínive justamente isso; o pessoal mais velho da nossa comunidade tá morrendo tudo é é muito triste, Maria Preta...

[Entrevistada 5, 47 anos]: É, mas só que é triste, mas a gente sabe que é uma realidade uma hora tem que morrer mesmo [Risadas] como é que fica aquele povo tudo lá tudo caducando, caindo aos pedaços? o problema não são os que estão morrendo problemas são os que estão chegando que não ficam entendeu? a gente tem que entender que os que estão morrendo já chegaram no tempo deles, já fizeram que eles tinham para fazer, os que estão aqui é o quê que estão fazendo os de agora, nós, o quê que nós estamos fazendo? Essa é a diferença.

[Entrevistadora]: Nossa me tocou agora viu, pegou.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Deixa o povo morrer, uai

[Risadas]

[Entrevistadora]: Qual a história que você vem na sua mente sobre como surgiu a Cutia que te contam, o que Dezita fala, que seu pai falava?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Assim é rápido passagem dos revoltosos aí eles começam a ver ali muitos... muita, muito movimento de de animais assim aí eles vão procurar saber o por quê né, não que eles tenham ficado lá por muito tempo os revoltosos eles só passavam. E aí os mais pretos, segundo informações, os mais pretos já muito cansados começaram a ficar e aí com essa ficada foram né unindo preto com preto e aí que vem essa coisa da cor de pele do lugar.

[Entrevistadora]: Gostei, ninguém até agora falou dos revoltosas, só Nínive, só Nínive que falou.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É eles passaram lá.

[Entrevistadora]: Boa, vou.. Quero muito conversar com Dezita.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas eles não ficaram, porque era Estrada, então eles tinham...

[Entrevistadora]: Só de passagem.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Aham só ia de passagem ia embora aí os pretos já bem cansados ficar por aqui mesmo.

[Entrevistadora]: Quais são as tradições da Cutia que mais te marcam entre Reisado, Sagrado Coração de Jesus, Reis eu já falei, Cantar pras Almas, Juda...enfim dessas?

[Entrevistada 5, 47 anos]:Ah dos que eu mais gosto já acabou os casamentos, ah os casamentos! Os casamentos...Quanta saudade dos casamentos, ai gente! aquele batuque, um mês antes, ainda peguei viu muito, o povo um mês antes na casa do Povo sambando, sambando, não vi a hora de ter um casamento e as vésperas de casamento na casa do noivo, hum! as vésperas de casamento na casa do noivo era tudo de bom.

[Entrevistadora]: Como eram os casamentos?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, tipo assim o casamento vai ser amanhã, aí na casa do noivo hoje à tarde tava maior muvuca, aí à noite servia comida e fazia uma dança, uma festa, era a véspera a noiva não podia ir, a noiva não podia ir. As mulheres ficavam retadas eu ainda peguei muitas vésperas de casamento na casa do noivo. Tinha a véspera e a festa era no outro dia na casa da Noiva.

[Entrevistadora]: Você já foi para algum casamento que quebrou pote?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Oxe! O último foi o de Maria de Bua.

[Entrevistadora]: Como foi? como era?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Aí é lindo, ai Que pena que acabou, mas é lindo, viu? Enchia um pote enfeitava colocava doces dentro aí quando era meia-noite fazia uma roda de samba e quebrava o pote todo mundo ia atrás dos doces que era a última da casa, mas como ela era a primeira e a última ela ela fez a última filha da casa fazia.

[Entrevistadora]: Cê sabe né? que minha mãe já quebrou

[Entrevistada 5, 47 anos]: Aí como você vai ser intimada a participar da Consciência Negra a gente poderia fazer uma reformulação de um casamento com uma quebrada de pote, hum ia ser perfeito! A gente levava a noiva enfeitava o pote aí, contava a história da noiva; "nós estamos fazendo memória de uma quebrada de pote"

[Entrevistadora]: Nossa!

[Entrevistada 5, 47 anos]: A gente poderia convidar a própria Maria que foi a última que quebrou o pote. Aí você ia filmar minha filha a você ia ficar na sua história acadêmica que você não sabe quanto ia te render.
[Entrevistadora]: Nossa! Mas quebrar o Pote é tão lindo realmente Maria tá no...livro de Iêda.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Dá pra gente fazer uma reformulação pegar um vestido antigo de noiva, aham! contar a história de Maria que ela era filha única, pan aí contar a história...
[Entrevistadora]: Na casa de vó tinha um vestido de noiva que passou por todas minhas tias.
[Entrevistada 5, 47 anos]: ah ficaria perfeito a gente faria a abertura do encontro com... não precisa ser na abertura também não, deixa de você exagerar e faria um momento: "olha nós vamos fazer aqui pros jovens para quem não acompanha não viveu o que era quebrada de pote".
[Entrevistadora]: Uma menina que consiga usar um vestido daquele tamanho
[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah eu queria que fosse Maria velho, porque ela foi a última depois dela mais ninguém quebrou o pote. Ela fechou as portas.
[Entrevistadora]: Quebrava na Cutia... tinha mais algum lugar que quebrava pote ou só na Cutia?
[Entrevistada 5, 47 anos]:Tinha ali essas regiões aqui Machado esse...
[Entrevistadora]: Só comunidades quilombolas né?
[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, não, não tudo aqui que era a redor Palmeirinha tudo ali fazia isso.
[Entrevistadora]: Quebrar pote?
[Entrevistada 5, 47 anos]:Uma parte que você não conhece da história dos casamentos da Cutia é a mais invocada que eu acho... quando era a hora de trocar o vestido, vestido de noiva era só até meia-noite, aí quando era meia-noite fazia um vestido estampado, tinha que ser estampado Uhum! aí quando era meia-noite o noivo ia para um quarto a noiva ia pro outro aí o noivo e fazia uma camisa a camisa era normal fazia uma camisa aí o noivo ia trocar tirar o paletó pan e vestir essa camisa aí o padrinho do noivo levava esse paletó, mas tem revolta, levava esse paletó pra noiva guardar tipo, para dizer assim: "agora é você que tem que cuidar dele".
[Entrevistadora]: Hum
[Entrevistada 5, 47 anos]: Na hora que trocava...
[Entrevistadora]: Gente! e por que o vestido tinha que se estampado
[Entrevistada 5, 47 anos]: Da tradição, né? obviamente da tradição, só que aí com o tempo já perdeu a coisa da estampa, mas inicialmente tinha que ser estampado. Era lindo viu também não só não era mais bonito porque a mulher tinha que receber esse papel de "eu vou cuidar de você e você não faz nada que eu cuido de você".
[Entrevistadora]: Você não fez casamento não, né?
[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, não... graças a Deus não.
[Entrevistadora]: Ninguém quebrou o pote na sua casa viu.
[Entrevistada 5, 47 anos]: Ninguém nem casou [Risos] minha família... lá em casa é uma história incrível porque pai era tão ciumento, tão ciumento para ter quatro filhas e não tem nem uma que casa.
[Entrevistadora]: Casar, casou! mas não casou ...
[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, não teve uma festa, que fez não sei o que, não teve uma.
[Entrevistadora]: E seu pai era tão alegre e sua mãe então.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Pois é, pai tinha ciúme, mãe não era ciumenta não.

[Entrevistadora]: Sua mãe era alegre.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas era mandada de pai

[Entrevistadora]: Uma festa naquela latada...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não a minha teve da formatura do terceiro ano teve festa minha filha com bolo e tudo

[Entrevistadora]: Chique você, chique

[Entrevistada 5, 47 anos]: Naquele tempo eu real chique mesmo.

[Entrevistadora]: Eu também acho. Como é que você, como se sente quando você escuta as histórias? quando alguém mais velho fala essas histórias como você sente?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Eu gosto de buscar coisa do pertencimento né.

[Entrevistadora]: Uhum você fica apreensiva?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, eu gosto só de ouvir sentindo que aí tem coisas que eu gostaria de ter vivido, mas tem coisas também que Deus me livre e guarde.

[Entrevistadora]: Eu gostei que você falar do casamento, das lendas (agora partindo para outro ponto) das lendas da Cutia igual fala que tem a Mãe D'água, mula sem cabeça dessas histórias da Cutia qual você se recorda que mais marcou sua infância, do medo, porque eu lembro do lobisomem que morria de medo.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Lobisomem eu tinha pavor quando chegava o tempo é da semana santa?

[Entrevistadora]: Da semana santa.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Gente semana santa pra mim era um suplício porque Tia Belinha já tinha visto mula sem cabeça, não sei quem já tinha visto lobisomem e eles iam né, repassando isso a gente tinha um medo de sair. Eu tenho o lobisomem assim muito bem formado na minha cabeça, lobisomem, porque de tanto que o povo falava a gente tinha [aquelas imagens hoje o povo nem sabe mais o que lobisomem. Naquele tempo era o fim do mundo porque é aquele escuridão aí você fica pensando, sem energia, aquele escuridão aí durante o dia o povo só falava lobisomem; "nossa! não sai lá o que".

[Entrevistadora]: E conseguia ouvir o uivado, tinha uivado eu consegui ouvir era os cachorros mas a gente ouvia.

[Entrevistada 5, 47 anos]: E Tia Belina que disse que já correu atrás de mula sem cabeça? o juízo, vê que hoje tá lá com com Alzheimer.

[Entrevistadora]: É eu fique eu fiquei com isso na cabeça sabe porque tipo o pessoal mais velho que eu quero falar tá. vó lembrava de tanta história de forró, vó já tá bem

[Entrevistada 5, 47 anos]: É, mas Lena que é boa para isso.

Entrevistadora]: Tia Lena

[Entrevistada 5, 47 anos]: uhum ótima, Lena lembra de tudo.

[Entrevistadora]: Vou conversar com Tia Lena também.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É ótima para lembrar dessas coisas.

[Entrevistadora]: Você sente que teve impacto na forma de você ver o mundo, na sua forma o mundo quem você é hoje, essas histórias esse passado da Cutia essa ancestralidade?

[interrupção]

[Entrevistada 5, 47 anos]: Sim com certeza né, porque de ouvir assim de quando a gente é criança talvez a gente nem leva muito em conta, mas depois que a gente vai começar a rememorar a gente vai ver que realmente tem Impacto sim, tem, teve e continua tendo porque,

por exemplo, Emanuele, ela tinha uma dificuldade de aceitação, mas hoje ela já sabe ela é menina de comunidade quilombola hoje ela já sabe.

[Entrevistadora]: Emanuele é uma adulta.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É agora ela já sabe, mas antes ela não queria, antes ela queria ser menina de Boninal, branca, rica

[Entrevistadora]: Porque tem essa dificuldade?

[Entrevistada 5, 47 anos]: A influência.

[Entrevistadora]: É você quer parecer com seus colegas né isso.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas tô trabalhando ela deixa.

[Entrevistadora]: Ela ainda é pequena. Sobre os pontos de encontro da da comunidade, quais são os pontos que você acha que tem na comunidade? Quais são os locais você pensa assim na Cutia esse é o lugar?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ainda um pouco que eu vejo, bem pouco, a igreja porque é a fé de tradição, é de tradição, é... o Reisado não vejo muito isso não eu vejo só na família sabe que quer manter aquilo então eu não vejo como comunidade eu vejo muito com a família o Reisado.

[Entrevistadora]: A família de Carolino né?

[Entrevistada 5, 47 anos]: É vejo muito na família, então não vejo muita coisa não a associação ainda é muito, as pessoas ainda têm muito aquela coisa da associação e da ajuda multa mesmo né.

[Entrevistadora]: Ainda bem que você tocou na ajuda multa nesse ponto de ajuda multa, como é que você vê a união da comunidade? Você acha que a comunidade é unida?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ainda, com toda dificuldade, mas ainda é.

[Entrevistadora]: Qual é o momento que você acha que essa união se mostra mais forte?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah nas festas que são tão poucas né, nas festas todo mundo reúne cozinha faz junto, nos velórios pan.

[Entrevistadora]: E como é que você vê o velório na Cutia de diferença do velório na Cutia pros outros lugares?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não vejo muito não essa diferença não, não vejo não, porque tipo é só mesmo essa coisa de ainda um ir pra casa do outro, pan, coisa e tal ficar indo sete dias ainda um ou outro do dormir na casa do parente sete dias porque morreu alguém.

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 5, 47 anos]: É a coisa da Solidariedade ainda é mais forte, ainda é.

[Entrevistadora]: Uma coisa que o Nínive falou, que vou perguntar pra você também, é sobre a comida. Nínive falou que na Cutia sempre quando junta tem que ter comida e muita comida, você também percebe isso?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah você não tá sabendo que o você tá perdendo de comer, agora mesmo dia 12 a gente fez um almoço comunitário depois fizemos a festa das crianças, todo mundo comeu junto, cada um leva um pouco e todo mundo come junto.

[Entrevistadora]: Isso também acontece no final do ano

[Entrevistada 5, 47 anos]: Às vezes no final do ano, o novenário inteiro é muita comida, muita comida. Inclusive verdade seja dita você como menina quilombola é muito ausente

[Entrevistadora]: Ah Vane...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Uai a verdade dói, mas tem que dizer

[Entrevistadora]: Eu vou, mas eu vou na comunidade, eu não vou tanto nos...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Nos movimentos que eu falo.

[Entrevistadora]: Nas festas é?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não é só nas festas eu falo sabe tipo argolinha... Eu também tô em dívida com o povo da argolinha, cavalgada que agora não é argolinha cavalgada

[Entrevistadora]: Na cavalgada eu fui intimada, a cavalgada eu vou lá dar olhada, mas eu sou muito... é porque antes…

[Entrevistada 5, 47 anos]: É porque você vai, mas você é muito caseira

[Entrevistadora]: Eu sempre fui

[Entrevistada 5, 47 anos]: E não pode ser porque agora seu mundo já é outro, entende? Então não é o que a gente quer, mas é o que o momento precisa, por exemplo, é ótimo você fazer esses trabalhos coisa e tal, mas e na real sim como é que eu estou na real?

[Entrevistadora]: Sim, você tem razão.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É a minha dívida que eu estava, por exemplo, essa semana me cobrando "eu estou fazendo um trabalho maravilhoso aqui dentro da escola sobre ... mas e na minha comunidade como é que eu estou" aí eu me cobro, mas quando eu me cobro eu vou lá e falo: "não eu vou fazer" aí eu liguei para Erineide: "Erineide vamos movimentar porque ainda dá tempo" só que a gente não tem mais data para novembro porque 12 vai ter a cavalgada aí 19 tem no Mulungu 26 tem no Machado aí eu confirmei com a menina do Machado então a gente não tem mais como fazer em novembro mas nós já vamos marcar para início de dezembro entendeu? Então assim aquela coisa; eu falar não é tão fácil, mas eu me colocar lá dentro é mais difícil ainda, mais difícil ainda e eu ocupar só o meu lugarzinho de conforto, Esse é para você tá, é eu ocupar só o meu lugarzinho de conforto, entende? é mais fácil.

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 5, 47 anos]: Bom essa semana falei com a sua mãe. Olha me desculpa que eu vou te falar uma verdade, porque dizem que eu sou muito sincera e quando eu sou sincera eu sou sincera mesmo, eu acho bom seus trabalho, mas precisa ter mais prática você iria contribuir muito com a comunidade.

[Entrevistadora]: Sim Vane!

[Entrevistada 5, 47 anos]: Receba!

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 5, 47 anos]: Põe na entrevista fui cobrada

[Entrevistadora]: Mas eu vou colocar no projeto fui cobrada [Risos] e você vou colocar que é culpa do mestrado...

[Entrevistada 5, 47 anos]: fui cobrada.

Mas eu vou na Cutia, eu acho que eu não fico muito nos movimentos de lá

[Entrevistada 5, 47 anos]: Exatamente.

[Entrevistadora]: Remente isso é verdade, mas isso já é uma falha minha

[Entrevistada 5, 47 anos]: Que talvez não foi trabalhada de cedo e que talvez nem mesmo você tenha apercebido.

[Entrevistadora]: Não, acho que eu consigo participar, participo, mas de ficar...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas assim você ainda não se achou como protagonista.

[Entrevistadora]: não, é isso eu não gosto.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Vou te dar abertura, por que eu vou deixar você organizar todo o movimento do quebra potes entendeu? Aham, o que você precisar de informação você vai me passando, me pedindo aí você vai organizar todo o movimento do quebra potes, as pessoas que você precisar, aí na hora de apresentar é um trabalho seu. Pronto, já te dei abertura.

[Entrevistadora]: Eu ver se eu consigo fôlego, viu fôlego.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Se vira bebê, você vai precisar dos personagens tá?

[Entrevistadora]: Eu tô correndo atrás dessa mesa viu Vane? eu tô correndo atrás da mesa...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Que mesa?

[Entrevistadora]: Da mesa culinária, me senti pressionada, eu quero uma mesa bonita todo mundo me falou que a do ano passado foi incrível.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Minha filha, eu sou assim se eu entrar no negócio ou eu entro, ou eu não entro.

[Entrevistadora]: É isso, do ano passado vai ficar... e desse ano ficar feia

[Entrevistada 5, 47 anos]: Pois é

[Entrevistadora]: E a culpa vai ser de quem?

[Entrevistada 5, 47 anos]: E Xita na escola não tem

[Entrevistadora]: Não tem Xita, me falaram

[Entrevistada 5, 47 anos]: Pede Charles

[Entrevistadora]: Ele não me dá

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não pede ele para pedir Charles, que eu não vou pedir mais nada para Charles, que Charles falou para mim que os meninos estão pedindo coisas muito exóticas e que os meninos estão pensando que a escola vai lá e compra num... barraca de feira [Risadas]

[Entrevistadora]: Ai Jesus, Ai Jesus ó Vane

[Entrevistada 5, 47 anos]: Terminou?

[Entrevistadora]: Não, a gente entrou noutra coisa aqui nem foi

[Entrevistada 5, 47 anos]: E eu tô disse que eu tô na reunião né

[Entrevistadora]: Aí vamos continuar terminar [Risos] Deixa eu terminar, Deixa eu terminar...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Cobrei agora quero ver sua cara de pau se vira

[Entrevistadora]: Não, Vane! eu participo das coisas

[Entrevistada 5, 47 anos]: não participa não você vai na Cutia e eh... quem fica olhando é o quê? O protagonista é quem participa você fica de plateia.

[Entrevistadora]: Eu sou plateia

[Entrevistada 5, 47 anos]: Você é, mas não pode ser plateia.

[Entrevistadora]: Mas eu bato palma para todo mundo

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, não, não falar amém é fácil eu quero ver ir lá e e e dizer "cheguei, Bora!" Vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai segue.

[Entrevistadora]: Tá bom, já falamos sobre tradição, como você percebe a relação dos jovens, principalmente você que é professora, com as tradições da comunidade?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Fraquíssima.

[Entrevistadora]:Eu lembro que na época que eu era mais nova tinha nova, tipo tinha Débora tinha eu que ia nas coisas tanto da Igreja Sagrado Coração de Jesus agora devagar tinha Lamarque do Reisado pequenininho.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas agora tá devagar.

[Entrevistadora]: Mas você sente esses altos e baixos?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Digamos que não só... não só na Cutia, mas a gente percebe que o jovem ele está muito perdido no mundo da tecnologia então ele acaba não tendo tempo para outras coisas é isso.

[Entrevistadora]: Não consegue desconectar.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, não desconecta aí você marca um encontro, por exemplo; eu tô lá no encontro de crisma com os meninos e a menina tá aqui param, param ah pelo amor de Deus não desconecta.

[Entrevistadora]: Tá tendo Crisma lá agora não tá?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Tô, tô lá com os... aí tem uns povo que me deixa doida, não gosto de gente assim deixa.

[Entrevistadora]: Como é que você entende o conceito de comunidade quando fala da Cutia?

[Entrevistada 5, 47 anos]: É reunião, união, discussão, é *cricrizera*, é tudo junto e misturado comunidade é isso altos e baixos tudo junto e misturado.

[Entrevistadora]: Agora sobre esse processo, você lembra que eu tinha de falar que a minha pesquisa é sobre essas duas comunidades, comunidade que tem na Cutia a comunidade que se forma quando vai tudo lá para Santos...

[Entrevistada 5, 47 anos]: hum.

[Entrevistadora]: Como é que você percebe quando você sai da sua comunidade, você tinha falado uma coisa muito interessante aquele dia que a mulher sempre é forçada a pra terra do marido (ambas falam junto a palavra "marido"), como é que você percebe isso agora pode falar.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Isso precisa ser muito bem trabalhado na pessoa porque por exemplo o fato de eu sair do meu espaço território não faz com que eu perca a minha identidade, então precisa ser trabalhado que identidade não é simplesmente o espaço, mas é a pessoa é a formação da pessoa, então o caso... o fato de ir para um lugar ou ir pro outro não vai me tirar minha identidade.

[Entrevistadora]: Sim. Se eu perguntar para você quais os lugares que você acha que mais o pessoal da Cutia vai, quais são?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Santos... Hum... e tem outro? São Paulo, Santos, agora tá indo muito pra Ribeirão é só esses três.

[Entrevistadora]: E em Santos, qual o lugar que você acha que mais tem povo da Cutia?

[Entrevistada 5, 47 anos]: e que eu quase nem fico em Santos hoje tem muita gente da Cutia em Praia Grande sabe muita gente porque Praia Grande é tão assim acolhedor que parece que as pessoas estão formando outra comunidade ali dentro.

[Entrevistadora]:De novo

[Entrevistada 5, 47 anos]: Tem muita gente da Cutia em Praia Grande.

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 5, 47 anos]: E muita gente querendo ir

[Entrevistadora]:Pra Praia Grande

[Entrevistada 5, 47 anos]: Hurum

[Entrevistadora]:Eu vejo que tem, tem muita gente comprando loja lá em Praia Grande. Eh... agora uma pergunta vamos lá....

[Entrevistada 5, 47 anos]: Engraçado né Salvador é logo ali, mas o povo não vai como é que vai? vai viver como também?

[Entrevistadora]: É uma coisa que vai. por você sente essa distância de Salvador do pessoal da Cutia?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Eu acho que é cultural também.

[Entrevistadora]: Cultural?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Acho que é cultural.

[Entrevistadora]: Você não acha que tá relacionado, não que eu esteja de induzindo, [Risos] você acha que tá relacionado com as questões de trabalho? Por exemplo, quando uma moça vai para Salvador é sempre trabalhar de babá de empregada doméstica...

[Entrevistada 5, 47 anos]: É mas quando eu fale essa cultural é justamente isso além de ter essa condição, ficou enraizado que você só vai conseguir trabalho em Santos, criou essa cultura só vai conseguir trabalho em Santos a felicidade minha de Nínive quando a gente foi para outro estado que não era São Paulo, ah meu Deus fiquei me achando.

[Entrevistadora]: Eu falei isso na entrevista dela ela falou que ela se sentiu conhecendo realmente outro lugar.

[Entrevistada 5, 47 anos]: É que não seja São Paulo e que seja outro estado, nem é Bahia nem é São Paulo, apesar que ela foi antes de mim né. Pra você vê como é as coisas... Antes assim foi outro estado que ela no caso ela foi para Alagoas antes da gente ir para Maceió, então ela foi antes de mim, exibida!

[Entrevistadora]: Advogada viajada, é disso que eu tô falando. E como é que você sente essa comunidade você sente quando vai lá em Santos? Como que você se sente?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Vixe, quando eu vou em Santos eu fico tão pouco em Santos que eu nem sei relatar direito sério.

[Entrevistadora]:E quando você vai pra praia grande?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Aí na Praia Grande eu fico ali naquele ambiente mais dos meus irmãos é uma coisa que eu não tenho assim muito... assim sabe? O povo vai pra Santos, vai muito pra praia e eu não gosto muito de ir pra praia, então eles se encontram muito em assim em praia sabe? eu não gosto muito de ir pra praia aí quando eu vou pra praia Edilson mora pertinho da praia eu fico ali no prédio que ele trabalha e de lá eu já vou pra praia. Então não tenho assim aquele contato direto com a... O pessoalzão, mas ainda assim você vê ali no bar de Ailson acho que foi onde eu passei umas duas vezes apenas é como se as pessoas tivessem na Cutia, é isso!

[Entrevistadora]:Você sente isso?

[Entrevistada 5, 47 anos]: É, é isso.

[Entrevistadora]:Adorei, você falou exatamente isso...

[Entrevistada 5, 47 anos]: É isso.

[Entrevistadora]:Quantos parentes seus já foram para Santos?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Eita, que pergunta difícil! Uma boa quantidade, coloca assim...

[Entrevistadora]:Não precisa colocar o número não é só....

[Entrevistada 5, 47 anos]: Uma boa quantidade.

[Entrevistadora]:E você acha que eles foram por quê?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah né sobrevivência.

[Entrevistadora]:Sobrevivência. Você acha que eles têm vontade de voltar?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Muitos tem, e as condições? Mas não é só sobrevivência não é influência também as pessoas não querem mais trabalhar no pesado assim né na roça então acaba optando por ir para Santos nem que morre lá, mas morre lá, que morrer aqui, mas aqui não dá dinheiro mesmo fazer o quê? [Risadas] verdade seja dita né?

[Entrevistadora]:E aí qual... quais são as... as principais dificuldades enfrentadas pelo pessoal que tá lá? O que seus irmãos falam tal? Porque você foi uma das únicas que não foi você e Edinelia.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Uhum ah o mercado de trabalho é justamente esse o pesado por quê? Como o povo vai sem instruções então vai trabalhar sempre no pesado, né? Moradia, infraestrutura, nunca eles vão estar no lugar daqueles que estão lá no alto.

[Entrevistadora]:É sempre na periferia né?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Sempre.

[Entrevistadora]: Você sente que as festas que acontecem na Cutia Sagrado Coração de Jesus, no Reisado, todas as outras que a gente já falou influência nas pessoas voltarem?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Alguns só voltam nesse período, né? Inclusive se programa o ano inteiro para voltar nesse período.

[Entrevistadora]:E aí tá aqui

[Entrevistada 5, 47 anos]: É, reviver né? memórias

[Entrevistadora]: Sim, você acha, aí a pergunta você já respondeu, mas eu vou perguntar mais uma vez, só para deixar registrar você acha que uma pessoa deixa de ser da Cutia quando sai da Cutia.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Uai se ela chegar dizendo que não sabe mais o que é maxixe igual uma: "aí mãe o que é maxixe" aí deixou de ser da Cutia para mim, isso é relativo vai depender do da cabeça da pessoa, né?

[Entrevistadora]:Sim

[Entrevistada 5, 47 anos]: Porque se ela sair e ela perder a identidade então ela deixa de ser.

[Entrevistadora]:Você sente que tem pessoas que não nasceram na comunidade, como era o caso de Beto, que são... se tornam da comunidade você entende que a comunidade abraça essa pessoa essa pessoa se torna parte ou você acha que não, que é viagem?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Abraça, depende da... Depende da pessoa sim, acho que sim

[Entrevistadora]: Já tá chegando no final viu?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Graças a Deus

[Entrevistadora]: Você que saiu da Cutia morar na Rocinha, você tem vontade de voltar a morar na Cutia algum momento da sua vida?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não porque na verdade nunca sair

[Entrevistadora]: Você nunca saiu

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas não sai. Então para mim é uma pergunta difícil, porque por exemplo, você saiu

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 5, 47 anos]: Eu estou mais na Cutia do que na Rocinha é então é bem difícil para mim, tipo assim é igreja vou para Cutia, festa vou para Cutia não sei o que então eu sai, mas não sai.

[Entrevistadora]:Cê tem vontade de ter casa lá, não né?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Não, não, não tenho mais essa vontade porque eu sou muito adaptável onde eu tiver para mim tá bom.

[Entrevistadora]:Eu adorei. Tem mais uma coisa que você quer falar sobre todas essas coisas.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Agora não quero não sabe vou falar vou pra reunião bora? [Risadas]

[Entrevistadora]: Vane não tem nada mais que eu quero falar? Que você pensou, você sentiu, que você...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah vou falar, vou falar o seguinte se nós não tomarmos cuidado com a geração que vem a gente tende a ter uma Cutia estilo Vazante, mas por outra razão Vazante foi obrigado a se retirar, Cutia está acabando aos poucos

[Entrevistadora]:hum

[Entrevistada 5, 47 anos]: Entende? porque as próprias pessoas você vê muitos que estão em São Paulo já compraram pequenas posses, pan, coisa e tal ali pensando em construir, mas quando é que vem? Quando já não tá prestando mais para nada.

[Entrevistadora]: Só quer vir na velhice

[Entrevistada 5, 47 anos]: É vai fazer o que mais pela comunidade?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 5, 47 anos]: Entende?

[Entrevistadora]: Uhum

[Entrevistada 5, 47 anos]: Então se não houver um... um retorno de jovens ou de pessoas de meia idade a gente tem uma tendência muito grande do acabamento da comunidade porquê do jeito que tá ninguém fica mais

[Entrevistadora]:Sim agora uma curiosidade que eu lembrei agora minha mãe falou que a fé Sagrada do Coração de Jesus era comemorado em março...

[Entrevistada 5, 47 anos]: Ah mas aí já é uma questão religiosa, é uma questão nem é religiosa é de conhecimento, por que? Porque os santos têm seus calendários

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 5, 47 anos]: Mas as pessoas faziam o que dava na telha entendeu? Faz o que dava na telha então assim; "ah terminamos de construir a capela em março, então vamos colocar a festa em março"

[Entrevistadora]: Ah então foi por isso?

[Entrevistada 5, 47 anos]: Assim não sei se foi por essa razão entendeu eu não sei por qual razão que foi colocado em março, mas não estava dentro do calendário religioso.

Entrevistado 6

Data: 06 de Novembro de 2023

Tempo utilizado: 59m 58s
Local: Reunião virtual no Google Meet

[Entrevistadora]: E como é que você tá? Você tá bem?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Tudo bem, cansado, final de semestre aí. [Entrevistadora]: Eu imaginei, imaginei...Já tava imaginando que ia ser assim mesmo [Entrevistado 6, 23 anos]: Mas e aí como é que tá as coisas? Agora tá melhor? [Entrevistadora]: Tá melhor, tá melhor

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu tô porque eu acho que a imagem fica melhor.

[Entrevistadora]: Fica melhor, mas eu tô gravando o áudio

[Entrevistado 6, 23 anos]: Ah então você que sabe

[Entrevistadora]: Mas tá bom

[Entrevistado 6, 23 anos]: Tá bom?

[Entrevistadora]: O áudio tá bom. Antes de mais nada, eu quero perguntar como é que tá a faculdade? Tá gostando? tá... é que você imaginava?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz é diferente né velho, mas tá indo é... é puxado demais, demais, demais, demais do que eu tava fazendo antes, mas tá indo tô... tô tentando voltar para Salvador.

[Entrevistadora]: Eu imaginei, falei pra Neide que você não ia acostumar aí não

[Entrevistado 6, 23 anos]: [Risadas] aqui é muito parado, você já veio aqui?

[Entrevistadora]: Não, eu já passei, mas ficar muito tempo não

[Entrevistado 6, 23 anos]: É aqui é parado demais é tipo... é tipo Boninal mesmo assim sabe? Pior que Boninal assim de noite que não tem nada.

[Entrevistadora]: Eu acho que não Gelsivan

[Entrevistado 6, 23 anos]: É bem parado mesmo, dá final de semana, vai não vei.

[Entrevistadora]: Eu acho que não, acho que você tá tirando da sua cabeça, igual Boninal é difícil

[Entrevistado 6, 23 anos]: Não, não né... aqui é porque aqui onde, onde a UFRB tá localizada ela tá bem no final do... do Santo Antônio de Jesus mesmo.

[Entrevistadora]: Sim, sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Então aqui não tem muita coisa entendeu? Não tem muita...

[Entrevistadora]: Entendi.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Não tem nada aqui só tem um barazinho ali, um Açaí, pronto. Tem muita coisa lá no centro, mas é longe e as coisas que tem lá não... é besteirinha assim sabe?

[Entrevistadora]: [Risadas] mas é isso, vamos começar, você recebeu as perguntas já. Depois eu vou te enviar autorização para você assinar, como você já tá por dentro disso você sabe precisa autorização e tudo mais então a gente pode começar?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Pode, qualquer coisa você vai me ajudando

[Entrevistadora]: Ó eu vou perguntando e você vai falando não precisa se preocupar com tempo com nada do tipo você vai falando conforme as nossas vivências na Cutia, suas. As nossas as minhas e as suas vivências na Cutia [Risadas] E aí você vai falando tá bom? primeira. Você lembra que as perguntas são um questionário né? Qual o seu nome completo...idade...

[Entrevistado 6, 23 anos]: Aí você quer que eu falo eh. direto? ou você vai perguntar nome, tipo idade?

[Entrevistadora]: Pode falar direto nome, idade pode, falando não precisa se preocupar não Gelsivan tá em casa.

[Entrevistado 6, 23 anos]: [Risadas] de costume. Amanhã vou dar outra entrevista para , mas é pro pessoal da Reitoria, é porque cê tá sem Instagram né, tava sem Instagram na verdade aí eu publiquei, publiquei não, fiz um um resumo que é para um evento que eu ia participar e aí eu levei lá, eu expus lá... E aí a Reitoria gostou, eles tiraram foto e aí vão me entrevistar amanhã em relação a isso.

[Entrevistadora]: Ai que legal tá famoso [Risadas], que chique Gesivan, pode começar, pronto.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Pode ir.

[Entrevistadora]: Pode. Nome completo, idade...

[Entrevistado 6, 23 anos]: Você já tá gravando?

[Entrevistadora]: Já, já tô gravando. Deixa eu ver se eu consigo gravar aqui...

[Entrevistado 6, 23 anos]: Vou começar eh primeiro queria agradecer pelo convite, falar que é uma honra estar aqui fazer parte esse projeto que você tá desenvolvendo acho que é importância e para comunidade e também para pesquisa né sobre eu acho que é um material que vai servir muito vai agregar aí pro pessoal principalmente eu que tô pesquisando. Eh vou começar me apresentando, meu nome é Gelsivan Assunção, mas as pessoas aqui me chama como Gel, eu tenho 23 anos eh nasci na, na Cutia né, mas hoje eu não moro mais na Cutia. Eh vivo hoje em Santo Antônio de Jesus, eh tô cursando eh. nível superior e aí estou cursando
medicina na Federal do Recôncavo da Bahia e atualmente não trabalho é de forma formal mesmo eu faço alguns projetos de pesquisa, que você nem sabe né Rose [Risadas], não deixa de ser o trabalho, trabalho da zora e é isso.

[Entrevistadora]: Cê nasceu em Boninal ou em Seabra?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Nasci em Boninal, no Hospital Marcos Allan.

[Entrevistadora]: Massa... Você sabia que tem um pessoal da nossa comunidade que nasceu na Cutia, Cutia mesmo.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Sim, algumas pessoas nasceram em casa, né?

[Entrevistadora]: Isso. Um pessoal mais novo e tal, Edivane, até idade de Edivane nasceu na Cutia, Cutia.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Agora eu não sei quem eram as parteiras que tinha mas eu sei que tinha as parteiras e as mulheres pariam em casa mesmo.

[Entrevistadora]: Isso. Agora a gente vai começar um questionário sobre identidade e aí você responde não se preocupando com justificar de forma acadêmica, mas sim o que você sente realmente. Eh eu vou perguntar para você o que é identidade quilombola? O que é identidade quilombola para você?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu vou responder de forma mais pessoal mesmo, assim a gente tenta fugir do acadêmico acaba puxando de certa forma. Eu acho que ser quilombola é se sentir pertencente da comunidade, é você buscar sobre você eh tentar aprender não só tipo muita gente nasce em comunidades quilombolas e até hoje não procura saber o que é ser um quilombola? eu fui aprender o que é ser quilombola, o que é um quilombola eh na academia então... mas de uma forma pessoal mesmo você que não quilombola pisar sobre eh você respeitar os seus valores eh é tá ali engajado infelizmente eu não consigo estar muito na comunidade fazendo esses movimentos e tal, mas ser quilombola para mim é um conceito muito amplo vei, porque é você se sentir pertencente mesmo, é você, você ser, você aplicar

tudo aquilo que você aprendeu com seus pais com seus ancestrais na sua...na sua vida, os vales e não tem como fugir né, disso de ser quilombola.

[Entrevistadora]: Ah perfeito Gelsivan, Gelsivan eu só desliguei a tela porque a internet aqui tá ruim não sei se Gelso te falou mas aqui tá tendo tempestade esses dias.

[Entrevistado 6, 23 anos]: A chuva né?

[Entrevistadora]: A chuva, é relâmpago, é tudo, o vento... aí eu acho que a minha internet deve estar um pouco ruim aí eu fechei a câmera para fluir melhor. Continuando falando sobre essa identidade, qual a importância da identidade quilombola na sua vida? se é que tem importância.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Tem, tem muita importância vei essa identidade quilombola, eu acho... eh para mim eu tenho que fazer essa manutenção né desse... dessa identidade seja ela onde for eu procuro fazer essa manutenção aqui na academia mesmo fazendo projeto de pesquisa eh em grupos e e que falam sobre pesquisa que lida sobre eh as pessoas quilombolas então eu acredito que essa identidade mesmo na vida é fazer a manutenção a manutenção da história e dos valores né, de ser quilombola.

[Entrevistadora]: Ainda sobre essa identidade quilombola Gel, você se lembra do momento ou de uma situação que você se sentiu orgulhoso de ser quilombola, de ser da Cutia?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Sim, na academia acho que assim minha vida eu vou falar muito sobre, durante a entrevista eh da minha trajetória acadêmica porque foi onde eu me descobri assim, não que descobrir quilombola, mas que eu fui buscar mais sobre e aprender né, eh aí um momento que me marcou muito assim que eu tive orgulho foi um projeto lá na quando e aí eu falei que eu era de comunidade, de comunidade quilombola e eu fui convidado para para um projeto de pesquisa que se chama Afrocentrada ele é coordenado pela professora Drª Suriane, e aí eu fui muito acolhido lá velho e tipo assim eu era acho que que tinha dois eu era a a segunda pessoa quilombola do grupo e era um grupo muito grande então assim eles me respeitavam muito eh eles acreditavam em mim e aí eu queria desenvolver pesquisa sobre eh comunidades quilombolas e tal, a gente começou eh a... a pesquisar fazer pesquisa então assim foi um momento que eu me senti muito orgulhoso tanto é que depois eu fui convidado por outro professor que você teve a chance de conhecer, que foi o professor Anderson pra gente desenvolver um projeto maior que aí seria na comunidades quilombolas da Bahia de Todos os Santos eh a gente foi seguindo para pesquisar na comunidade quilombola do Calu que aí a gente falar sobre que aí era um grupo de pesquisa que tinha eh enfermagem, não só o pessoal de enfermagem, enfermagem, fonoaudiologia e nutrição e aí a gente queria saber né como tava a eh as formas de cuidar de doenças dessas comunidades eh com Memórias cuidado de práticas eh saúde e racismo E aí eu acabei a pesquisa agora e escrevi um artigo E aí tem outro... materiais ainda para produzir mais artigos entendeu? Então assim, não... foi o momento que eu mais me senti orgulhoso mesmo foi na academia, de ver que tipo que um quilombola saindo da eh da sua comunidade consegue desenvolver vários projetos que pode ajudar não só a comunidade do Calu mas também outras comunidades, inclusive a Cutia.

[Entrevistadora]: Que lindo, ah mas é muito fofo Gelsivan, nossa eu fico muito orgulhosa de tu viu você e Nínive são maravilhosos.

[Entrevistado 6, 23 anos]: tem que fazer uma entrevista com ela também.

[Entrevistadora]: Sim, entrevistei Nínive, mas é isso eh essa pergunta não tá no roteiro mas ia ser muito legal você falar, porque você é o primeiro médico que vai ser da comunidade né?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Que responsa.

[Entrevistadora]: Você estudou enfermagem também foi a primeira pessoa a estudar um curso na área de saúde da nossa... da nossa comunidade você tá sendo o primeiro a entrar no curso de medicina que é muito concorrido, vai ser o primeiro médico da nossa comunidade e você é

muito jovem qual o sentimento que você tem você é sua geração você, Nínive, Gisele e enfim Geovana essa geração de 20,19 anos que estão ingressando na universidade que não é só Universidade, Universidade pública que não foi para São Paulo qual o seu sentimento?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz eu fico muito feliz, muito feliz mesmo a ficha ainda não caiu primeiro semestre e tal eu sempre quis ser médico então eu tava cursando enfermagem eu sempre fiz a área da saúde e aí mas só que eu desenvolvi esse querer ser médico acho que ali depois que eu comecei a fazer enfermagem e tal e aí eu fiu muito feliz, Acho que é uma responsabilidade muito grande porque você acaba influenciando outras pessoas na comunidade querendo ou não e eu também fico feliz que outras pessoas estejam ingressando na faculdade uma faculdade pública e isso é muito importante. Eh porque a gente não via antes né, via as pessoas jovens eh gera predestinado né? Tipo você eh se formava no ensino médio ou você conseguia um um emprego ali no mercado de Boninal ou ia para São Paulo trabalhar em algum... alguma hotelaria e tal e eu nunca quis isso para minha vida eu tipo eh sempre quis estudar, sempre quis uma profissão e aí entrar numa universidade pública federal né um curso que é elitizado num curso que é muito concorrido fica assim tipo " como eu consegui que massa, graças a Deus" e eu espero que outras pessoas também consigam.

[Entrevistadora]: Muito legal, agora voltando pro nosso roteiro de perguntas é da época você na Cutia que você era menor, quais são quais eram as tradições da cultura da Cutia né que tem rezado tem o Sagrado Coração de Jesus é agora ter argolinha, enfim das festas das não só festa né mas todos os rituais que aconteciam na qual é o seu Favorito que você acha que marcou muito na sua identidade você Gelsivan?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz todos ali marcaram, mas eu acho, acho que assim a que mais marca mesmo principalmente pra gente que é homem é a festa do Juda né? Porque a festa do Juda ele você só pode participar depois que você atinge uma determinada idade não sei se tá assim ainda mais quando você era é muito pequeno muita criança que você não pode participar da festa do Juda, e aí a gente ficava com aquele anseio de tipo "ah chega logo minha vez pra gente se fantasiar e sair na rua brincar e tal" e assim marcou muito e foi quando eu comecei a sair com os meninos na festa de Juda fantasiado, eh acho que foi um momento muito importante pra nossa comunidade principalmente pra gente que é homem que fazia é muito legal aí eu sinto muita, muita saudade disso, mas também teve outros momentos assim na Cutia que marcaram que tipo eh a festa mesmo que eu falei de você batizado né Sagrado Coração de Jesus que hoje eu não vejo mais, mas tipo antes tinha aquele... aquela coisa de levantar o Mastro E aí ia todo mundo eh fazia aquela processão e tal e aí era o mês de junho, tinha as novenas e tal mãe comprava aquelas luvas para mim não sei se você lembra?

[Entrevistadora]: eu lembro

[Entrevistado 6, 23 anos]: Luvas e aí as luvas chegava em casa tudo queimada das vela porque e é um momento que eu... que eu lembro assim, muito bom velho, muita saudade.

[Entrevistadora]: Massa eh por que essas tradições eh são únicas da nossa comunidade né tem em outros locais mas interfere diretamente na identidade da nossa comunidade e a partir disso dessas tradições que a gente conversou qual a diferença que você vê de alguma coisa de alguma forma de ser que você percebe que só tem na Cutia que não é parecido nos outros locais?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu eh durante minha pesquisa eu pesquisei sobre essa essas tradições e eu vejo que tem muito muito pouco a festa do Juda e quando elas são realizadas elas são realizadas de uma forma diferente e tem outro nome também não se chama Juda, eh eu... O Sagrado Coração de Jesus também é uma coisa que acontece diferente na comunidade né mas as outras eu acho que em várias comunidades tem, mas é de uma forma adaptada, vamos dizer assim, não que ela seja originaria da... Da Cutia, mas tem essa diferença entendeu?

[Entrevistadora]: Sim, sim... eh uma outra coisa Gel continuando a entrevista é que todo mundo eu comecei a entrevista perguntando o que era comunidade aí todo mundo trazia conceito super técnico "comunidade é isso, comunidade é aquilo, acho que Comunidade acordo da prefeitura é isso". E aí eu percebi que o caminho não era perguntar o que é comunidade porque pra gente a palavra comunidade pouco tem acesso né, do que realmente significa, mas aí quando eu perguntava União; "você acha que a Cutia é unido? que é União para você?" as pessoas falavam o conceito de comunidade que eu quero aprende na academia.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz!

[Entrevistadora]: Foi algo muito legal, muito interessante perceber comunidade para a maioria do pessoas da Cutia algo técnico e união é o que é comunidade entendeu a comunidade pra gente é união.

[Entrevistado 6, 23 anos]: É porque tá muito ligado né vei, comunidade e união, porque quando você vai principalmente, eu não sei quem você entrevistou, mas deve ter sido que aí quando você vai você vai para esses conceitos de comunidade, conceito quilombola não sei o que, e aí tem várias pessoas vários autores com conceitos diferentes você não sabe qual que você vai adotar para colocar na sua pesquisa e aí eu lembro que quando eu fiz minha pesquisa eu fiquei bastante confuso eh em relação à comunidade porque Ana Beatriz falava de um jeito, eh Aí Nunes falava outro e aí eu... eu fui adaptando né, apesar de tipo a gente ter um conceito assim de comunidade...eh, tipo comunidade é a junção né, de tipo região, de interesse em comum, de pessoas que estudam e trabalha, tipo, em conjunto, né, em prol de um objetivo só. Eu vejo isso, né, mas eu acho que comunidade, né, o conceito de comunidade, que é comunidade quando eu digo comunidade quilombola pra gente é um conceito bem amplo porque existe tanta coisa né a solidariedade, tem a a união como você falou, a força e aí você... a gente ver por exemplo; existe alguma festa ou existe algum alguma pessoa morreu e aí as pessoas se unem né, independente se você não gosta ou não, para fazer né, limpar a casa, fazer comida esses negócio e é diferente de outros espaços de outras comunidades que a gente conhece que uma festa você contratar um buffet, você vai contratar um empresa que faz comida para você e prepara toda a, a, a decoração e nas comunidades... na comunidade quilombola como a Cutia a gente não vê isso, a gente vê que tipo... é um momento que as pessoas se já tá ali mesmo fazendo a comida e trocando afeto e falando, trocando fofoca que tá saudável e eu acho que tipo é o conceito de... de comunidade é exatamente esse União, mas que ele pode ser mudado em diversas áreas sabe.

[Entrevistadora]: Muito bom isso viu que você falou, muito bom. Outra coisa Gel eh... Quais são os momentos que você acha que a Cutia mostra... se mostra mais unida?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Se mostra mais unida?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz, acho que festa viu. [Risadas]

[Entrevistadora]: Na festa.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Em festa, é festa. Assim festa que eu falo quando tem comida porque e essa questão da culinária uni muito as pessoas aqui na... ai na Cutia quando tem uma, uma... um velório por exemplo todo mundo vai cozinhar, as mulheres elas se ajuda, os homens eles vão pegar, abrir, a, a cova -muitos vão beber cerveja-[Risos] pega, tipo vai caçar lenha para acender o fogo, se não... quando é na argolinha mesmo aí todo mundo se une no barracão pra...eu tô vendo aí a movimentação agora vai ter argolinha.

[Entrevistadora]: Vai ter cavalgada

[Entrevistado 6, 23 anos]: A Cavalgada. E aí o pessoal junta para fazer camisa, ai chama as mulheres para fazer comida e aí já faz o tipo pra colocar decoração, que é aquele, aquelas

bandeirolas e tal e então acho que a festa acho que é o negócio que as pessoas mais se unem, fora que tem aí o, exceções que são casa de farinha também que é um momento que as pessoas se unem pra, eles nem percebem né, mas é um momento que as pessoas se unem ali para trocar afeto para trocar fala, para falaças e tal então acho que é um momento também que as pessoas se unem eh, que óbvio tem o objetivo que é a farinha, mas que acaba gerando outras coisas.

[Entrevistadora]: Sim, pode crer. Você foi a primeira a falar da casa de farinha interessante as pessoas estão cada vez mais distantes do trabalho da roça né que as pessoas nem falam mais isso viu? Gostei.

[Entrevistado 6, 23 anos]: [Risadas] Eu tô vendo isso mesmo, tipo, mãe... eu não vejo mais mãe falando que vai pra roça pagar, que pai vai pra roça e antes era todo dia.

[Entrevistadora]: É antes era todo dia, Neide sempre tava, nem que fosse no quintal.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Não vejo ela falando mais sobre isso não.

[Entrevistadora]: Aí agora vamos lá, eh continuando sobre a identidade sobre o ser quilombola né, Quais são as maiores dificuldades e desafios que você enfrentou por ser quilombola?

[Entrevistado 6, 23 anos]: As maiores dificuldades?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz, eu acho que é uma das maiores dificuldades e essa complexidade de identidade mesmo acho que as pessoas elas vêm a, a pessoa quilombola como a pessoa analfabeta, uma pessoa sem conhecimento, uma pessoa que não vai ter educação e aí você... as pessoas; "rapaz pensavam que tipo..." uma pessoa falou para mim, ainda existe eu acho que existe algumas comunidades que não tem água... o que não é o nosso caso mas assim é uma coisa bem tipo assim arcaico de pessoas que assim sabe a gente a desigualdade social gritando ali e eles não têm letramento eh racial, mas que isso acaba incomodando a... pelo menos me incomodou bastante e aí tá se explicando, tá mostrando, mas de uma de um outro ponto assim é bom porque você acaba mostrando um pouco da sua comunidade... não é... o que ele pensam de uma pessoa retraída, com retração, bicho do mato né, e dai um dos desafios em ser quilombola que eu acredito que seja para todos que estejam esse isolamento geográfico né, a Cutia e as outras comunidades quilombolas acabam sendo é geograficamente isolada do... das cidades e isso acaba atrapalhando principalmente tipo, muita gente eh quando vai em Boninal tem que ficar pegando carro na pista que é um outro perigo principalmente pras mulheres eh Graças a Deus não tem um relato, mas não deixa que ser um perigo né, tipo quando é o hospital, precisa de algum... alguma assistência, o hospital de Boninal que tem, não tem assim tipo não é tão amplo né, na questão de assistência e isso acaba dificultando também eh as questões principalmente sociais que as pessoas tem que resolver eh tem que ir para Boninal ou Piatã acho que é um desafio também... você fica pouco isolado também... barulho né e tal mas de um de um outro ponto acaba acaba atrapalhando.

[Entrevistadora]: Eu tô besta, tô toda arrepiada que você parece que leu o meu primeiro capítulo eu escrevi sobre esse isolamento Gelsivan, eu ainda escrevi assim porque a Cutia tem BA e eu já fui questionada antes por alguns professores que eu falava sempre desse isolamento, mas oh tá vendo, a gente que a gente consegue entender esse isolamento e a pessoa: "mas como é que é isolada se tem a BA do lado" [Risos] mas as pessoas não conseguem entender que a não significa que vai chegar coisas pra comunidade significa só que tem gente passando pela comunidade.

[Entrevistado 6, 23 anos]: É uma passagem.

[Entrevistadora]: É porque realmente a BA passa juiz, passa promotor, passa médico, passa advogado, passa tudo, passa carro pra eólica, passa carro pra mineradora, passa... mais nada

pra nossa comunidade não, não chega nada lá, só passa por lá. Quando eu te mandar meu texto você vai ver. [Problema na conexão] travou não entendi nada volta aí repete.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu falei; até porque não entra na comunidade, eles passam por fora e aí como eu falei tipo acaba gerando também é uma forma muito perigosa porque muitas pessoas ainda pegam carro né, carona na pista e principalmente mulheres, graças a Deus a gente nunca né... que a gente a gente nunca escutou relato, não é que não existe relato de estrupo, de abuso dessas coisas assim sabe?

[Entrevistadora]: Assédio.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Alta, mas a gente não sabe se, se aconteceu porque as pessoas eh na comunidade elas tem medo de denunciar e tal então...

[Entrevistadora]: Sim você colocou um ponto superimportante viu, mas é isso eu gostei que essa noção a gente tem igual sobre esse isolamento que todo mundo acha só porque tem a BA é o... todo mundo chega [Risos] é isso vamos continuando para andar rápido eu não tomar muito seu tempo que eu sei que você tá cansado, final de semestre não é fácil para ninguém. Dentro das histórias que a sua avó falava, que a sua avó viveu muito tempo na Cutia e ela era... né? Sabia muito sua avó... que o pessoal mais velho da comunidade que você tinha proximidade falava... Qual a história que o pessoal conta de como surgiu a Cutia?

[Entrevistado 6, 23 anos]: De como surgiu a Cutia? Rapaz, assim eu escuto eu me lembro bem pouco desses relatos de como surgiu a Cutia quem contava era vô Vá, é Loura né?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: E vó, assim tipo são as pessoas que eu tinha mais contato e aí eles conta que tipo Cutia o nome Cutia por exemplo vem, Tio Siu também contava muito né quando eu via lá, que a Cutia ela surgiu porque tinha muita cutia na, na, lá na Cutia né? E aí esse animal e aí acabou que se deu esse nome de Cutia eram na época eles contam que era muito difícil que as pessoas eh não tinha muita... eh muito o que fazer ali né o que eles viviam de... da pescaria, da Mandioca eh eles produziam seus pró... seu próprio alimento, tinha assim um auxílio acho financeiro que era do governo, mas que naquela época era muito dinheiro, né mas que poucas pessoas tinham acesso a isso então nem todos recebiam essa ajuda, naquela época também acho que tinha muita, a eu não vejo que muitas pessoas escondem, hoje muitas pessoas não falam então dificultava, principalmente eh conflitos familiares [Risos]. Então, mas acho que a Cutia eles conta para mim que era uma época difícil é surgiu a partir dessa dessas cutias.

[Entrevistadora]:Massa agora outra pergunta dessas histórias mais antigas que o povo *de para trás* falava que aí tem eh a mulher da... é Mãe D'água, tinha Lobisomem, tinha Mula sem cabeça... tinha várias histórias qual dessas histórias mais te marcou?

[Entrevistado 6, 23 anos]: A Mãe D'água pow, a Mãe D'água porque assim eu e meu primo Ito, né?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: A gente vivia testando, direto assim mesmo quando a gente era pequeno, a gente vivia no rio e aí eu não sei se era um meio de tipo assustar a gente pra gente sair de lá e tal, porque de certa forma era muito perigoso. E aí eu ficava fascinado quando tinha... Minha mãe fala, minha avó falava né e meu vô tinha visto a Mãe D'água eu ficava assim; "quem é essa Mãe D'água vei" não entendia se era uma sereia, se era alguma coisa eles falava que se eu... se tipo, se a gente vê essa Mãe D'água ela levava a gente pra dentro do rio e afogava e morria ali mesmo, mas que meu vô teve uma sorte teve [Risos] teve uma sorte que ela deu um pulo na água e se foi e aí toda vez que a gente ia nesse, nesse rio pescar, né? Principalmente à noite a gente ficava com aquele, aquele medo, mas aquela curiosidade de ver essa Mãe D'água "como é que ela é? como é tipo, será que existe mesmo?" então é um

negócio que tipo eu lembro, quando você mandou roteiro eu a primeira coisa que veio na mente foi essa Mãe D'água porque a gente fica, fica besta quando é criança.

[Entrevistadora]:Como é que você sente ao ouvir essas histórias da sua avó?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Ah passa demais, sentava lá e aí principalmente quando eu tava eh coisando o feijão né, tirando...

[Entrevistadora]:Debulhando o feijão, né?

[Entrevistado 6, 23 anos]: [Risos] debulhando o feijão e aí, aí todo mundo sentava ali e aí começava a contar história... muito bom vei.

[Entrevistadora]:Você acha que essas histórias, não só da Mãe D'água, por que tem vários na Cutia e teve impacto na construção da pessoa que você é hoje?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz, teve! assim todas, todas as histórias contadas na, na comunidade eh acaba tendo né. Tipo no que eu estudo, valores construídos em outra na… na sua identidade

[Entrevistadora]:Eh agora vamos lá pra última pergunta desse bloco. A Última Pergunta bloco? A Última Pergunta desse bloco. Você acredita que os jovens, você que tem muitos sobrinhos, mas acredita que esses jovens têm ligação com essas histórias como você percebe o impacto de tudo isso da história da Comunidade, das histórias que os pessoal mais velho falava da; Mãe D'água, Mula sem cabeça e Lobisomem nesse pessoal mais jovem tipo seus sobrinhos de 10 anos 11 anos rapaz?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz eu não sei como tá as crianças de hoje, mas eu vou assim eu eu vou tipo pelos meus sobrinhos, eu acho que não viu, acho que ainda falta, acho que essa memória ela tá se perdendo e aí é muito triste velho porque hoje em dia não se fala muito né as pessoas que contaram essas histórias acabam morrendo e as que tem esse, essa, essa, essa memória né? Essa memória viva que podia ter passado assim eu, eu você sabe, mas assim a gente acaba... acho que é uma falha da gente também como a gente pode estar fazendo porque eu não... eu não consigo, assim não é que eu não consigo não tenho tempo de estar conversando com ele sobre entendeu? sobre essa essa... essas histórias e tal e eu não vejo também que tem muito interesse das Crianças em relação a gente tá nessa época da tecnologia que tá fazendo mal para eles E aí questão de TikTok, Instagram tal sabe eu acho que acaba perdendo um pouco da memória e com tempo isso vai acabar subindo, não vai ter quem passa pra frente, são bem poucos.

[Entrevistadora]: Sim tu tem razão viu, mas a gente fechou esse bloco, a gente pode pro próximo bloco É como eu te falei a minha pesquisa é é sobre multiterritorialidade então tô trabalhando com o território da Cutia e com os outros territórios que se formam a partir do núcleo de vários cutienses juntos né? Forma esse núcleo da comunidade que fortalece, eh nesse... nessa questão você percebeu que eu começo perguntando o que a pessoa entende quando eu falo comunidade que eu já atropelei já perguntei lá em cima, mas eh eu começo com essa pergunta justamente para entender como é que eles entendem essas outras comunidades esses outros núcleos de né cutineses juntos como você como eu já cortei a gente já tem uma abertura muito maior eu vou já começar perguntando como você entende esses grupos de cutineses em outros locais você acha que realmente forma uma comunidade ou você acha que não?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu acho que... eu acho que não forma uma comunidade, assim pela minha percepção acho que existe pessoas que estão alocadas eh por exemplo eu estou aqui mas eu, eu sozinho não sou uma comunidade eu sou um remanescente quilombola, mas que precisaria eu acho que mais dois ou três aqui do meu lado pra gente formar uma comunidade e pesquisar sobre, um exemplo: passa eu, você e Nínive na mesma faculdade acho que a gente pode desenvolver, desenvolver algum... algum projeto voltado pra comunidade, é voltado

mesmo pra Cutia agora quando a gente tá assim sozinho em...em um lugar é muito difícil, você acaba assim se aproximando de outros grupos, de outras comunidades, mas não é... não é assim um grupo cutiense porque uma pessoa então o que acaba se tornando mais difícil quando você é só.

[Entrevistadora]: Pronto. Eh agora indo para um lugar específico. Você tem algum parente, não precisa dar número não, algum parente que já foi para Santos?

[Entrevistado 6, 23 anos]: [Risos] quem não tem né?

[Entrevistadora]: Quem não tem lá na Cutia, você sabe quais são os bairros que normalmente os nossos parentes vão?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz, eu sei que tem é o Macuco, eu acho né,

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Macuco só sei esse, mas assim tipo lá, por exemplo, aí sim aí eu acho que lá forma um grupo cutiense em santos entendeu, porque lá você sai é a mesma coisa de tá na Cutia [Risos] Eu lembro que eu fui lá uma vez e assim tipo, você sai você tá na Cutia, você... são pessoas que você não vê há muito tempo mas são cutienses.

[Entrevistadora]:Massa isso, tu acredita que a mesma frase que você falou Nínive falou, Edvane falou, minha irmã falou sai no Macuco mesma coisa tá na Cutia não tem diferença nenhuma [Risos]

[Entrevistado 6, 23 anos]: O pior que é viu?

[Entrevistadora]:Então lá no...

[Entrevistado 6, 23 anos]: Tipo era um negócio que era você se formou você vai pra lá vei, nesse nível.

[Entrevistadora]:Sim. Tu percebe como a nossa geração quebrou isso porque até a gente até minha geração Gelsivan, foi todo mundo foi da minha idade, Gelsivan não Erique, todo mundo da minha idade foi na sua geração diante quebra isso?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Agora uma coisa que eu não sei se tá acontecendo porque tipo assim antes quando dava as férias né da da escola as pessoas iam passear lá eu não sei se ainda tá acontecendo isso assim tipo os jovens, crianças iam passear lá na casa dos seus parentes. Era como se fosse as férias mesmo fosse lá, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim em Dezembro né?

[Entrevistado 6, 23 anos]: É eu fui lá um tempo com você

[Entrevistadora]:As férias de dezembro era lá e as férias de junho aqui lembro disso, me peguei isso também

[Entrevistado 6, 23 anos]: Acho que se quebrou né, acho que não tem mais isso.

[Entrevistadora]:Você entende o Macuco como um território cutiense também?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Sim, eu acredito que lá seja um território cutiense porque tem muitas pessoas da Cutia lá e que tem valores também quilombolas e como eu falei né não tem como você excluir a sua história a sua história Cutia a sua história quilombola para ir morar em outra cidade. Os seus valores continuam os mesmos, entendeu então é muito difícil você desagrupar assim.

[Entrevistadora]:Quando você foi no Macuco eu sei que você já foi quais eram as práticas que você percebia que era iguais as da Cutia?

[Entrevistado 6, 23 anos]: : Rapaz, é tinha esse negócio né quando era acho... eu acho que é negócio da festa que as mulheres faziam comida, tinha os meninas que iam jogar no bar, no bar de Traíra e a mesma coisa de tipo no bar de Pedrinho, todo mundo vai quando era a noite né, todo mundo ia lá se divertia, tomava uma, jogava sinuca, são coisas que tipo assim você ia

no bar só tinha um gente da Cutia, então eu acho que também é uma coisa que não deixa de existir entende, você não sai da Cutia.

[Entrevistadora]:Você acha que essas festas, igual a gente já falou que todo mundo vi em junho e tal, você acha que essas festas tipo; Sagrado Coração de Jesus, Juda, Reis como essas tradições serviam para para as pessoas continuarem vindo de São Paulo para cá você acha? [problema de conexão] Gente essa internet tá querendo me gongar, ela não vai caindo o dilúvio aqui...

[Entrevistadora]:Você, como você percebe as tradições tipo Reisado, Juda, Sagrado Coração de Jesus como elas interferem pras as pessoas continuarem vindo sabe?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu acho que tipo o Sagrado Coração de Jesus, por exemplo, eh antigamente as pessoas pegavam a bandeira né, o que pegava.

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Pegava a bandeira e aí elas iam para São Paulo, Santos seja lá qual for e ela organizava essa festa em um ano e aí um ano elas tinham que voltar tipo que era muito engraçado porque assim; você tinha que reformar sua casa para receber os convidados, você tinha que comprar um monte de roupa, você tinha aqui organizar ali tipo não era só se você fosse uma pessoa mais velha, porque seus filhos estão para vir... era uma evento assim tipo muito grande então acabava que as pessoas acabavam vindo porque é você né, seu parente que tá ali fazendo aquela grande Estância então era um meio de fazer as pessoas eh voltar para a sua comunidade de uma certa forma e comemorar a aquele ano. Eh a questão do Juda eu não sei por que fica num num período muito… Maio, Março né?

[Entrevistadora]:Uhum

[Entrevistado 6, 23 anos]: Muito difícil porque as pessoas estão trabalhando, normalmente eles... elas têm férias em, em ,em junho, ou agora tem em janeiro também então eu não sei como só se mudasse a data, mas se você mudar a data para julho ou para Janeiro isso aí acaba, acabaria tipo quebrando também um pouco da tradição.

[Entrevistadora]:Sim, sim. E eu vejo Juda que é muito mais pros meninos da comunidade que tão lá e tal essa conexão do que o pessoal que vem de fora.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu acho que tipo assim para essa tradição ela continuar ela tem que é os meninos mais novos mesmo vai fazendo essa manutenção dessa tradição colocando para praticar ali e tal, porque se não for esperar só as pessoas que estão lá... Muitas pessoas hoje já não querem também né mas participar então é como falei acho que é é um uma coisa de… da adolescência que você fica assim para participar...

[Entrevistadora]:Exatamente agora a gente já finalizou essa etapa. Você tem mais alguma coisa quer falar sobre isso, sobre as tradições e tal, que tu se lembra?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Acho que não.

[Entrevistadora]:Então a gente pode indo pras perguntas sobre você, como é que você tá se sentindo como é que você vê não estar mais morando na Cutia que algo mais pessoal. Você se lembra quando foi que você saiu da Cutia mesmo?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Saí assim tipo morar fora, morar fora mesmo acho que foi com 19 anos. Foi que eu saí, fui para Salvador, mas antes eu já tava meio nessa transição de tipo sair de casa e tal que era quando eu tava trabalhando no hospital regional.

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Tipo tava lá em Seabra, mas voltava para casa assim tipo pra dormir e voltava e aí foi transição já se preparando para sair de casa, fui saindo aos poucos e aí quando eu passei no vestibular da UNEB lá em Salvador eu saí em 2019 com 19 anos e fui morar, acho que foi assim sair de casa mesmo com 19 anos.

[Entrevistadora]:Você saiu da Cutia para estudar não é isso?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Para estudar no foi cursar enfermagem na UNEB fiquei lá uns 4 anos, lá em Salvador.

[Entrevistadora]:Você tem vontade de voltar pra Cutia Gelsivan?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Tenho velho, tipo voltar, mas ao mesmo tempo a gente vê que aí tem poucas oportunidades né, acho que é todo mundo sai daí é... é a falta de oportunidade e questão de estudo, questão de emprego, mas eu tenho muita saudade de da vida boa aí tipo aí é muito bom velho, muito bom mesmo e ainda principalmente perto das pessoas né quando você sai para morar fora você constrói outras famílias e tal tipo amigos, mas nenhuma se compara com sua família tipo aí.

[Entrevistadora]:Sim, sim

[Entrevistado 6, 23 anos]: É uma coisa muito difícil tipo você juntar todo mundo de novo é que isso eu acho que nunca mais vai acontecer tipo juntar pai, mãe e irmão na mesma casa pra morar todo mundo junto.

[Entrevistadora]:Acho difícil

[Entrevistado 6, 23 anos]: Não, não existe mais.

[Entrevistadora]:Uma coisa que não tá no roteiro mas entra muito no que você falou, como é que você sente as relações de parentesco na Cutia?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz é infelizmente eh acaba se você acaba se afastando né automaticamente de certas pessoas porque contato você não tá aquela manutenção e a pessoa tá ocupada você também tá ocupado, então acaba se afastando um pouco e é muito difícil você manter o contato, tenho assim com você, eh com meus irmãos mesmo, com a minha família e alguns amigos próximos, mas é difícil. É mais quando é junho né quando Cutia vai gente.

[Entrevistadora]:Mas em Junho você percebe isso né? Essa relação?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Por mais que você sai fique fora, quando você chega é a mesma coisa, entendeu? Quando você volta, não perde assim.

[Entrevistadora]:Sim, sim outra coisa que eu tava falando com Nínive que eu acho que você também vai sentir isso porque que eu falo também senti isso, que eu só fui perceber agora quando eu paro e reflito assim com a cabeça adulta, que na Cutia até a milésima geração é parente.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Todo mundo é parente.

[Entrevistadora]:É porque por exemplo você e Thamilly tem… tem uma distância gigantesca...

[Entrevistado 6, 23 anos]: O quê? cortou.

[Entrevistadora]:Distância gigantesca, porque Marco que é primo do seu pai, você e Thamilly tecnicamente num outro contexto em outro núcleo familiar vocês já não seriam mais considerados parente, mas na Cutia vocês se tratam como primo.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Todo mundo se chama, porque todo mundo é primo ali se você saber no fundo, fundo todo mundo tem parentesco mesmo distante assim sabe? Todo mundo tem alguma ligação.

[Entrevistadora]:Sim, sim e como é que você....

[Entrevistado 6, 23 anos]: E que acaba formando né, tipo aquela relação é tão forte que você cresce com aquelas pessoas que você considera família mesmo.

[Entrevistadora]:Ahhh que fofo e sobre sair da Cutia; você acredita que o que leva a maioria das pessoas saírem da Cutia é a falta de oportunidade mesmo ou você daria outro motivo?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Eu acho que é assim; a falta de oportunidade porque tipo eu ouço muitos relatos assim de amigos né que tipo tem voltado, não queria sair de lá eles sai e tal tem

que sair acaba gostando de onde foi parar e tal seja Santos seja outro lugar, mas eles queriam permanecer ali entendeu tipo a família unida eh seus amigos é muito difícil quando você tem que sair mudar se adaptar criar... tipo, mudar sua vida completamente. Então eu acho que há fala de oportunidade que todo mundo quer né fazer sua vida tipo... e você escutava muito isso dos seus pais "Ah tem que e ganhar sua coisa, seu dinheiro logo, você tem que comprar suas coisas logo... na minha época eu com a sua idade já aqui um barco"

[Entrevistadora]:Gelson é terrível [Risos] mãe também viu, também, não fica atrás não.

[Entrevistado 6, 23 anos]: então isso acaba te motivando a... procurar outras, outras... outro lugar que você consiga conquistar seus objetivos seja lá como for.

[Entrevistadora]:Sim eh... você sente que aqui na Cu... aqui em Boninal. Boninal como todo, principalmente na sede você ou outra pessoa da Cutia é olhado diferente é tratado diferente por ser da Cutia.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Sim. Tipo eu acho que tipo a gente percebe isso muito no ensino médio [Riso] ensino médio quando tinha essa junção das Comunidades em sala de aula já começava quê o pessoal né, elitizado e tal da sede de Boninal mesmo estudava de manhã e as pessoas da zona rural à tarde porque eles não queriam se misturar e quando tinha pessoas da... é uma crítica até sei se tá assim ainda para direção lá do dos colégios, mas você quando você não junta essas pessoas né, o pessoal de Boninal, por exemplo; à tarde tinha o pessoal da turma que era só de Boninal em uma sala tinha o pessoal que era da zona rural em outro tipo: Cutia e Machado que é mais próximo, Cedro e Palmeiras não sei se hoje é assim, mas e quando você faz essa segregação você acaba excluindo que as pessoas trocam eh, eh... tipo cultura conhecem um pouco do outro, que cria laços de amizade, então acho que isso as pessoas eh... tratava a gente né da comunidade quilombola, ou outra rural diferente principalmente o pessoal de Boninal da sede mesmo tratava e olhava as pessoas ... a pessoa da roça uma pessoa qualquer assim mesmo, não tinha muito respeito.

[Entrevistadora]:Como se fosse inferior, não é isso?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Exatamente, não sei se você percebe.

[Entrevistadora]:Eu vejo, o pior é que eu vejo, não queria ver não, mas eu vejo. Porque eu perguntei isso porque isso também fortalece a vontade da pessoa não ficar aqui se ela é vista, tratada como um ser de segunda classe ela não vai querer continuar aqui.

[Entrevistado 6, 23 anos]: Muitas pessoas antes tinham vergonha de falar que era da Cutia ou era de alguma roça, não sei se hoje tá assim porque você acaba... eles acaba cria né um estereótipo em você que essas pessoas dá é uma pessoa não sabe nada e que tá ali por tá mesmo, entendeu? Então as pessoas acabam tendo essa... acaba tendo vergonha e acaba procurando os direitos humanos para eh... fazer a a civilização deles né.

[Entrevistadora]:Sim faz todo sentido então de pergunta eu acabei se você, você quiser falar mais alguma coisa algo que veio na sua mente ou que veio de reflexão esses dias que você tá pensando mais sobre a identidade quilombola...

[Entrevistado 6, 23 anos]: Rapaz eu, eu gostei da entrevista assim muito massa e acaba fazendo a gente refletir porque assim essas coisas que você me perguntou a gente vai aprendendo mas a gente não vai colocando uma caixinha assim, hoje eu aprendi uma B [Risos] acaba eh acumulando esses conhecimentos e aí poxa que massa ser quilombola, que massa que eu passei por esse processo todo e hoje eu consigo me identificar com quilombola [inaudível] da comunidade e que bom que a gente né da nossa idade tá pesquisando e eu espero que outras pessoas entrem na faculdade e se não for pública tem outra faculdade também porque aí também demanda que que a gente deu um passo à frente né porque cursar faculdade antes era uma coisa....

[Entrevistadora]:Impossível né?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Impossível! então assim eu fiquei muito feliz quando essas pessoas da nossa comunidade estão lá dentro, elas começam a pesquisar sobre e tipo se identificar como uma pessoa quilombola, não ter apenas usar da cota, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim massa Gel, uma pergunta você sente que as pessoas da Cutia se defendem tipo uma defende a outra?

[Entrevistado 6, 23 anos]: Algumas, algumas sim e algumas outras acho que não por conta desse é, é um é tipo um negócio que foi criado na cabeça que ela que ela tem que se sentir vergonha, acho que não é uma culpa dela entendeu sim mas eh foi criado na cabeça dela onde elas é inferior aonde ela não pode ser documentada, tem aquela disputa né se você saiu é só você sair entendeu aquela vaga é sua, eu acho que não acho que as pessoas devem se apoiar e devem ajudar uma um outas que é a nossa comunidade cada vez mais.

Entrevistados 7 e 8

Data: 26 de Outubro de 2023

Tempo utilizado: 1h 12m 25s

Local: Reunião virtual no Google Meet

[Entrevistadora]: Vamos começar. Qual é o seu nome completo?
[Entrevistada 7, 43 anos]: Rosileia Souza de Oliveira Neves
[Entrevistadora]: E o nome de Del completo?
[Entrevistado 8, 48 anos]: Edeval Almeida Neves
[Entrevistadora]: Qual a sua idade? Leia?
[Entrevistada 7, 43 anos]: eu? 43 estou na flor da juventude.
[Entrevistadora]: E a sua idade, Del?
[Entrevistado 8, 48 anos]: 48
[Entrevistadora]: 48. Onde você nasceu? Leia.
[Entrevistada 7, 43 anos]: Santos, São Paulo
[Entrevistadora]: Santos, São Paulo. Você nasceu no bairro do Macuco ou perto do Macuco?
[Entrevistada 7, 43 anos]: No bairro do lado, eu nasci no Boqueirão
[Entrevistadora]: E você Del nasceu aonde?
[Entrevistado 8, 48 anos]: Na Cutia, Boninal Bahia.
[Entrevistadora]: Cê nasceu na Cutia mesmo?
[Entrevistado 8, 48 anos]: Eu nasci na Cutia.
[Entrevistadora]: Ah que legal. Leia, você estudou até que série?
[Entrevistada 7, 43 anos]: eu estudei até... então agora o que vale é a série que eu voltei, né? Porque eu estudei até a oitava, voltei tudo de novo para ter...
[Entrevistadora]: Na sua época a escola ia ter que série no geral?
[Entrevistada 7, 43 anos]: Na minha época, até o terceiro, normal.
[Entrevistadora]:O terceiro ano, né? Terceira série.
[Entrevistada 7, 43 anos]: É, que agora fala a terceira série, né? terceira série do Ensino Médio
[Entrevistadora]:É.
[Entrevistada 7, 43 anos]: Agora fala o quê?
[Entrevistadora]: Eh... terceira série do ensino médio. E você, Del? Estudou até que série?
[Entrevistado 8, 48 anos]: Quarto
[Entrevistadora]: Pronto. Eu estou perguntando porque tem uma época que a escola ia só até a quarta série, na escola gratuita.
[Entrevistado 8, 48 anos]: Na minha época tinha até a quarta série e se você quiser continuar ou você tinha que ir para Boninal ou Cabrália.
[Entrevistadora]:É isso.
[Entrevistada 7, 43 anos]: (Dedução, gravação inaudível) e todo mundo tinha preguiça...
[Entrevistado 8, 48 anos]: Não, não tinha preguiça
[Entrevistadora]: Vou fazer uma pergunta que vocês podem falar da forma que vocês quiserem, sabe? a pergunta é: O que é ser quilombola para você?
[Entrevistada 7, 43 anos]: O que é ser quilombola pra mim?

[Entrevistadora]: isso!

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então... Quando eu morei na Bahia, eu não tinha noção do que era ser quilombola, não se falava sobre ser quilombola. Eh... eu fui aprender o termo quilombola muito recente assim, através de você, através da minha mãe, mas eu não tinha conhecimento, sabia que existia, mas não sabia que o nosso povoado poderia ser um quilombo, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim

[Entrevistada 7, 43 anos]: Para mim... Aí acho que pegou, ser quilombola pra mim... cara acho que é ser descendente... de... ah Rose pegou... pegou... Porque ficou uma coisa assim, sabe?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistado 8, 48 anos]: O que acontece é a vivência, né? você pertencente de um...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Não, não, eu meio que perdi esse ponto, porque ser quilombola pra mim é ser descendente de um povo, sabe?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ser pertencente de um... é ser pertencente de um... de um lugar assim daquelas pessoas é uma raiz, sabe?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: eu não sei explicar, mas é uma raiz assim que... não sei te explicar é se sentir, mas, é uma coisa diferente.

[Entrevistadora]: Eu entendi [Risos]

[Entrevistada 7, 43 anos]: É uma coisa diferente, é se sentir pertencente de um povo. Entendeu?

[Entrevistadora]: E para você, Del?

[Entrevistado 8, 48 anos]: É mais ou menos o que Leia falou, mas assim, acrescento assim a... é... as pessoas do lugar nosso aí, pra você ver, quando acontece alguma coisa, é um grupo meio que fechado né? Que tá ali às vezes, tá brigado, aí na hora do vamo vê tá todo mundo junto, e é isso.

[Entrevistadora]:Agora continuando na pergunta sobre quilombola é... o... que é importante para você na identidade quilombola, o que quê acrescenta na vida na sua vida e tal?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Para mim?

[Entrevistadora]: Ham...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então... Rose, é o que eu tô te falando... é eu sinto que eu tenho um lugar para onde voltar entendeu? eu tô aqui praticamente a minha vida inteira, mas a gente fica contando o dia para voltar, é... você ter um lugar pra onde para onde você vai voltar mesmo eu nascendo, criando, tendo a minha vida aqui o meu cantinho tá lá.

O meu refúgio é... sabe é você sabe que tá faltando aqui um pedaço e daí quando tu vai para lá você se sente no seu no teu mundo, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim. Gostei

[Entrevistada 7, 43 anos]: Acho que é isso, não sei se eu consegui explicar.

[Entrevistadora]: Tá sim, tá sim cê tá conseguindo explicar.

[Entrevistada 7, 43 anos]: É porque é uma coisa que tá lá dentro. assim, nunca parei para falar sobre isso, eu acho.

[Entrevistadora]:E você Del, qual a importância de ser quilombola da identidade quilombola?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Eu nunca parei para pensar, eu nunca parei também para pensar assim, mas sei lá. Principalmente no lugar da gente assim é um lugar. Tipo, às vezes tu tá cansado daqui, por exemplo, de trabalho de um monte de coisa e já a vontade de voltar para dar uma recarregada na energia. É... sei lá, é como se você tivesse em um lugar que não, não

te pertence e você ficar ali pensando naquele lugar ali. Eu mesmo literalmente 24 horas por dia.

[Entrevistada 7, 43 anos]: É... é mais ou menos isso, a gente está aqui, mas não se sente pertencente daqui a gente quer voltar, para lá, então ser quilombola é saber que você tem para onde voltar, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim

[Entrevistada 7, 43 anos]: Você sai, mas você tem um lugar para voltar.

[Entrevistado 8, 48 anos]: e aí tipo você viver sem identidade, você é do povo, você tá no meio do povo que você sabe que não te pertence, porque teu povo...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Tá lá. Que é ser quilombola, né? E você vivendo aqui na cidade grande com tantas pessoas diferentes no nosso dia a dia. É... Tá faltando, tem um vazio ali cê tenta preencher, acho que na maioria das vezes trabalhando, né?

[Entrevistado 8, 48 anos]: É... é o passatempo, é o trabalho.

[Entrevistada 7, 43 anos]: É o trabalho...

[Entrevistadora]:Muito legal isso, adorei, adorei, as respostas de vocês.

[Entrevistada 7, 43 anos]: É, é muito louco o negócio, né?

[Entrevistadora]:É .

[Entrevistada 7, 43 anos]: É muito louco, eu acho que eu já acostumei mais com essa loucura, mas, Deval... Tá... ainda vive perdido aqui, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ele ainda vive perdido.

[Entrevistadora]:Vocês acham que esse sentimento de não se sentir, pertencente, é o que justifica a cutia todo mundo ficar em bolo, todo mundo andar junto? Porque você tá com pessoas que te conhecem?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Acho que sim, porque como, tem as festa tem as coisa, os encontro hoje não se tem tanto como tinha antes assim todo domingo era meio que de lei você fazer encontros em algum lugar, ia ter... você nunca ia para um lugar que não tinha que não tinha pessoas da nossa da nossa Bahia, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Você não ia em um lugar que não tinha hoje até vão né? Porque a maioria dos jovens nasceram aqui mesmo sendo pertencente dos Pais de lá então ainda vão lugares eles diferentes, mas a gente ia todo domingo tinha que fazer visita na casa de um baiano chegava na rua assim tinha mais de 10 baiano você via todo mundo naquele final de semana, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: E anda sempre em grupo, tá? Você nunca vai ver um baiano... se tu sair agora na rua aí no supermercado você vai ver um grupo de pessoas, cê pode ter certeza que é nordestino que é quilombola, o que... entendeu? Eles não anda de um nunca anda de um, é muito raro, sempre tem três quatro juntos, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim, sim.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Hoje gente jovem acabou, mas antigamente vai, pego da minha época aí as pessoas aí numa faixa etária aí de... de 45 anos para trás. Eh, ó além de visitar muito as casas das pessoas você sempre era meio que.. era... tinha um bar uma padaria alguma coisa que era um.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ponto de encontro

[Entrevistado 8, 48 anos]: Ponto de encontro de todas as pessoas passaram ali para tomar uma cachaça, para tomar uma cerveja para só jogar uma sinuca...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ah, ainda tem né?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Um baralho.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ainda tem, mas antes era quase todos os dias, né?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Isso todos os dias... E meio que o dono daquele ali virava meio com uma família uma segunda família da pessoa aquele bar.

[Entrevistadora]:Ai que legal [Risos]

[Entrevistada 7, 43 anos]: É muito doido viver isso de baiano aqui no povo nosso daqui, é muito... Cara, eu nunca tinha parado para pensar só quando a gente está contando que vem essas lembranças, né?

[Entrevistadora]:Sim

[Entrevistada 7, 43 anos]: No dia a dia é natural assim.

[Entrevistadora]:Quais as tradições ou os valores que vocês percebem diferente da Cutia para os outros locais?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eh... o.. vou falar o que mais a gente vê aqui, por exemplo. Se tiver uma pessoa doente aqui da nossa da nossa Bahia. Eu não tô falando só da Cutia, pode ser do Machado, pode ser.. é....

[Entrevistado 8, 48 anos]: Da região nossa...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eh... a gente, todo mundo, o doente no hospital. Daí o pessoal daqui acha estranho porque tem fila pra vida tá doente. Enquanto o outro pacientes que tá do lado não tem visita de ninguém. Eles acabam defendendo a visita do paciente do lado porque esse jogo dentro do nosso tem muita gente para visitar, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: E aí é um monte de gente visitando. Eh, quando morre alguém, morreu na Bahia, a família tá aqui todo mundo vai fazer o velório sem o morto na porta do... do parente, entendeu? Morreu um parente, meu Deus não deixa [Risos] meu Deus a porta do prédio Ali vai ficar cheia de gente, entendeu? Quando meu avô morreu eu tive um velório aqui dentro de casa, porque todo mundo veio, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então é meio que assim, e aqui não quando morreu todo mundo vai um minutinho lá no velório. Daí se não quiser não vai ninguém vai visitar parente não.

Entendeu? Então é diferente e esse negócio de ter muita visita, um internado os médicos e as enfermeiras acham muito estranho, porque isso acontece com baiano, né? Que é fila Rose, é fila mesmo para visitar, eh deixa eu vê outra coisa, tem... acho que é mais isso que me pega mesmo. Eu acho que é isso, né? Na hora da doença para todo mundo junto, é igual Deval falou, é a união, mesmo que você esteja brigado naquela hora... Eh... isso some, a briga no outro dia continua né? Mas na hora ali da precisão todo mundo se une eh... Não, parece que a gente tá fora daqui porque daí você vê todos os conhecidos você precisar de ajuda para todo mundo ali, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Acho que é União mesmo, a parceria, que mesmo estando aqui a gente traz de lá.

[Entrevistadora]: Muito legal, todo mundo que eu entrevistei até agora, todo mundo fala a mesma palavra: união,

[Entrevistada 7, 43 anos]: É... não tem essa igual, por exemplo, A gente tá nesse prédio não tem nenhuma pessoa que mora aqui que é do Norte que é... então eu vivo o tempo todo sem ver ninguém assim, se eu não ir no macuco eu não vejo mas se alguém disser que eu tô doente todo mundo do macuco vem pra cá, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eh mais que na hora que tá todo mundo são, todo mundo, tá na sua casa, mas se precisou tem todo mundo, como se tivesse na Bahia de verdade

[Entrevistadora]: Sim, outra coisa que eu quero perguntar é se vocês sabem se Mãinha, se vocês lembram que Mãinha, pai louro, Vó Branca falava da história da Cutia, como é que o formato tia? Você se lembra uma história?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Não lembro muito né amor? Que falava sobre isso.

[Entrevistado 8, 48 anos]: O pouco que eu sei assim que que o pessoal falava que lá antigamente era como é que é? que era no lugar dos escravos escondia alguma coisa assim, mas é muito pouco, eu lembro dessas histórias assim também, quem me falava mais era meu avô,

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eu não tenho muita, Eu não tenho muitas, eu é… uma parte da história que eu perdi, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: eu não conversei muito isso com a minha avó e não conversei muito com meu avô. Então eu acho que eu perdi uma grande parte.

[Entrevistado 8, 48 anos]: É que você busca muito isso, quando você jovem, quando você estudar a respeito.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Você vai perguntar. Acho que sim, e por eu ter estudado mais aqui do que lá, como fala? Eu não busquei muito e quando eu tava com meu avô eu não tinha esses assuntos. Sabe

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Acho que não tive interesse então por exemplo ele me contou mais coisas daqui acho que por eu estar sempre aqui, ele me contava mais coisas dele aqui, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim. E dessa história de vô aí? o que… que ele falava?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ah ele me contava que ele trabalhou na obra aí ele me contou que ele trabalhou muito tempo com uma família japonesa, porque chegou uma época que eu trabalhei com a família japonesa e eles tem muita aquilo a pessoa que trabalha com ele que trabalha muito tempo porque ele tem eles gostam de pessoas que eles confiam o japonês pra te contratar eles precisa confiar em você primeiro, entendeu? Depois que eles confiam em você eles entregam a vida dele na sua mão. Mas qualquer coisinha é motivo pra eles desconfiarem de você. E aí o meu avô me contou de quando ele trabalhou muito tempo com a família japonesa, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Aí ele me contou isso, ele me contou que ele trabalhou na construção civil, ele teve vários cargos da construção civil, ele me falou de vários prédios que hoje eu trabalho ontem, eu tava tendo um deles que ele construiu… ajudou construir entendeu? Então toda vez que eu for nesse prédio eu lembro. Por eu estar por aqui ele quando a gente encontrava ele contava muito que ele queria saber das coisas que estava acontecendo aqui e aí ele me contava as histórias e eu burra não perguntava sobre a De la, entendeu?

[Entrevistadora]: Não, normal agora uma pergunta que eu acho que Del vai conseguir falar mais do que você, talvez, vocês lembram na adolescência, né? que morava aqui na Cutia ou até mesmo quando foi para Santos algum preconceito, alguma dificuldade por ser da Cutia?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Olha, eu trabalhei no Mucugê, nunca usei, não sei se você sabe é uma cidadezinha bem racista. Eu lembro assim, que a gente trabalhava lá e... assim eu via que os meninos que tinha mais cor do que eu sofria muito preconceito, assim de fiscal da fazenda,

daquelas pessoas, e ai que tinha uma profissão melhor que a nossa, era um motorista de caminhão, motorista de trator, o fiscal era essas pessoas assim, entendeu de chamar os meninos de.. de tição de que... esses negócio assim cabelo de...não tinha uns negócio? Como é? que era cabelo de bosta que fogo apagou alguma coisa assim, eu não lembro muito bem a palavra como é que é era, assim era umas coisas que me marcavam muito assim. Porque sempre eu entrava em briga que eu entrava para defender os meninos e a briga tudo... Sobrava tudo para mim. As características que eu sou meio era meio famosinho lá .

[Entrevistada 7, 43 anos]: Briga. Mas eu sofri também com isso.

[Entrevistadora]:Ah sim, Conceição e Cabrália.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Porque quando eu estudei Cabrália que eu fui daqui para Cabrália, eu tive dois tipos de preconceito na época de dois bullying, né? Na época um... um porque eu fui daqui para lá e eu lia o alfabeto totalmente diferente dele então para eles, pra eles era errado. E outra, porque as meninas que estudavam comigo achavam que elas estudava elas eram da cidade e eu era da Cutia, eu era da roça preta, cabelo alisado de pente quente e da roça. Entendeu? Então, eu nunca fui excluída porque excluída das meninas eu falo na minha vida. Nunca tive esse tipo de situação, porque eu não o preconceito é o que eu já falei para você, ele nunca me afetou.

A minha vida inteira eu sei o que eu eu preconceito, mas ele nunca eu nunca... eu deixei que ele me marcasse por quê? Que eu nunca deixei que ele me marcar mesmo sem ter conhecimento na época que hoje eu tenho eu... eu sempre prestei pensei muito o preconceito é de quem tá sentindo não é meu não é problema meu você não querer estar no lugar que eu tô problema é seu então você que não tá bem se retira, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: E a cor da minha pele tá te incomodando, o problema não é meu. Eh, então eu nunca tive…Eu sempre soube lidar muito bem, eu vou para o meu quarto e choro. Mas eu sempre soube lidar com essa situação muito bem. Eu acho que foi uma das coisas que o meu pai me ensinou é aqui quando eu estudava aqui, não sei se eu posso pular essa etapa como tava falando do... do...

[Entrevistadora]:Pode falar.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eu usava alisar o cabelo e eu fui para a escola e um garoto falou assim, “nega do cabelo ruim tá com o cabelo alisado, vou jogar água” e eu comecei a chorar e fui embora para casa e meu pai falou assim. Eh, o preconceito é dele, então, você não tem que se incomodar porque a cor do sangue que corre na veia dele corre na sua se você cortar a sua mão cortar dele o sangue é a mesma cor. Então nunca mais você volta chorando. Então eu nunca esqueci dessa frase que o meu pai falou ele falou bem sério e bravo e eu aprendi que daquele dia eu tinha que engolir um choro e não poderia eu não poderia deixar que ninguém... ninguém... pela cor da minha pele entendeu? Então isso não me incomoda Rose hoje se eu sentir mal por algum constrangimento. Mas eu sempre soube sair disso, sabe? Eu sei quando eu tô sofrendo preconceito a gente sabe, mas eu não...Hum, não sei, eu acho que eu aprendi a minha forma de lidar com isso, mas eu sofri bastante na escola de Cabrália. Foi um dos lugares que eu mais senti o preconceito.

[Entrevistadora]:Sim, o pessoal que eu entrevistei fala muito da Rocinha, de Cabrália é nova colina…

[Entrevistada 7, 43 anos]: Mas eu não tive com contato com o povo da Rocinha, é eu sempre o preconceito era muito, mas eu não tive um contato que esse povo eu não. Eu não Vivi para passar por essa situação com eles, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Graças a Deus.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Rocinha para você ver hoje… hoje, eu não sei, mas na minha época. A rocinha só existia uma família de negros, não tinha mais só tinha uma família e os próprios pessoas da família tinha preconceito com o pessoal.

[Entrevistada 7, 43 anos]: A gente não podia namorar naquela época porque era né, outros tipos de racismo, entendeu? Agora que você tá falando aí tá vindo as lembranças.

[Entrevistadora]: Agora, vamos tentar falar de uma coisa mais feliz. Quais são as tradições que vocês lembram de ficar cutia?

[Entrevistado 8, 48 anos]: A minha das festas das feiras de domingo o futebol da sexta feira... É todas, toda sexta-feira à tarde ir roubar manga dos outros [Risos]

[Entrevistada 7, 43 anos]: Isso não é tradição!

[Entrevistado 8, 48 anos]: Mas, é do lugar [Risos] assim lembro das festas, as festas de igreja, acho que acabou né? Ninguém vê falar mais

[Entrevistada 7, 43 anos]: Tem mas não é a mesma.

[Entrevistadora]: Tem, mas mudou.

[Entrevistado 8, 48 anos]: E a gente tinha os... toda sexta feira a tarde ia jogar futebol, aí tinha as festas dos reis, que na época era muito boa também, vinha gente da região toda... e... aí tinha feira da Cutia também que era muito visitada tinha época da barragem a época da barragem logo quando inaugurou a barragem ia... ia muita gente da região todinha também. Nossa Senhora, vê se tem mais aqui...

[Entrevistada 7, 43 anos]: É um podcast [Risos]

[Entrevistadora]: Não, pode falar.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eu lembro de menos Rose, eu lembro da feira da Cutia muito pouco, eu lembro das festas que o meu pai e a minha avó era... era festeiro, que hoje acho que não é mais assim.

[Entrevistadora]: Ainda é...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Lembra da Sexta-Feira Santa que você ia dar benção à madrinha e eu não precisava que eu morava com a minha madrinha era minha avó. Então, eu não tinha parteira então eu não tinha que ir lá da Benção.

Entendeu?

[Entrevistadora]: Sim, Del teve parteira?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eu não podia dar benção mãe Dofa Porque eu nasci no hospital, né? Então tinha essa que eu não podia então ficou gravada, né? Sexta-feira Santa todo mundo ia dar benção mãe Dolfa e eu não podia ir... não tinha mãe Dolfa.

[Entrevistadora]: Quem é mãe Dolfa Leia?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ela era Parteira que todo mundo ia lá buscar doce da... da... bença ela na sexta-feira santa

[Entrevistadora]: Parente de quem?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ela é a mãe de... de... Lourdes, é avó de Teia.

[Entrevistadora]: Ah gente....

[Entrevistada 7, 43 anos]: Você dava bença ela? Dona Dolfa? Você não dava não...

[Entrevistadora]:Não lembro dela

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ela morreu um dia desse.

[Entrevistadora]: Gente...

[Entrevistado 8, 48 anos]: Não, faz um tempinho já...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Toda sexta-feira Santa todo mundo ia lá da bença para ela, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Aí você passava na casa da madrinha dava benção para madrinha almoçava na madrinha e depois ia lá embaixo da bença para ela e ela dava doce dava dinheiro. Então eu lembro disso, lembro das festas das... festas de igreja muito pouquinho. E lembro.... acho que eu nunca passei um Reis na Bahia, então, não lembro do Reis nunca passei.

[Entrevistadora]: Você lembra das rezas pras almas?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Lembro que eu morria de medo. Nunca fui, eu ficava deitada no meio da minha vó e do meu avô com medo, lembro... lembro...

[Entrevistadora]: E você, Del, lembra?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Lembro que eu tinha medo também, mas eu ia, eu ia, quando eu não ia eu tinha medo era daquele barulho, parece que é uma tabua que coloca uns arame...

[Entrevistada 7, 43 anos]: A matraca não é não?

[Entrevistadora]: é a matraca.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ainda tem Rose?

[Entrevistadora]: Tem...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Meu Deus...

[Entrevistadora]: Mas agora só as senhoras.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então, eu lembro das noite que ia na casa de todo mundo nas nove noite antes da festa.

[Entrevistadora]: Você lembra da... uma coisa que eu falo todo mundo só lembra quando eu falo que tinha uma vela e aí você e a procissão com a vela da procissão, lembra?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ah, a procissão eu ia, com as velas queimando toda a mão?

[Entrevistadora]: É...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Lembro da procissão, lembro

[Entrevistadora]: a vela, a alvorada...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Quê?

[Entrevistadora]:Alvorada... no dia da festa tinha Alvorada, deixa eu ver mais o quê tinha o Bingo. Você lembra do bingo? Bingo, bingo, tinha o leilão.

[Entrevistada 7, 43 anos]: O leilão eu lembro que eu o meu pai deixava a gente levar cana para poder fazer leilão.

[Entrevistadora]: Agora fazer uma pergunta mais pessoal quando dar essas épocas festivas, tipo Reis ou Sagrado Coração de Jesus como vocês moraram boa parte do tempo da vida de vocês aí em Santos vocês sentem saudades... como é?

[Entrevistada 7, 43 anos]: No São João... Todo mundo vai arrumando a mala para ir embora e geralmente é um mês que não dá para a gente ir porque as férias aqui é em julho o São João é Junho então você vê o pessoal arrumando a mala, quem pode ir, e é muito ruim é acho que para mim o São João é a época que mais dói assim. Eu não consigo ir. Sinto muita saudade, eu acho que é o mais...

[Entrevistado 8, 48 anos]: São João é especial, é a época mais desejado por todos que mora aqui... é o são joão.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Pra quem mora aqui eu acho que é o São João, eu não acho que... Por conta da festa. Eu queria poder ter o prazer de ver a fogueira de novo que eu nem lembro mais, eu nem lembro mais como é

[Entrevistado 8, 48 anos]: Eu lembro dos bolos...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Não eu queria vê a fogueira então aqui nem parece que nada esse ano eu fiquei eu fiquei tão... Tão... Doida para São João, porque eu sai lembrando todo mundo

que era o São João. Você acredita? Eu fui na Amanda Aí Nelson Nelson pegou e fez... fez... fogueira... um fogo para mim lá na frente.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Milho...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ele fez canjica, ele fez um monte de coisa porque eu saí eu não sei... para todo mundo que ia ter fogueira naquele final de semana...

[Entrevistadora]:Aí teve milho, batata...

[Entrevistada 7, 43 anos]: É... eu gosto né, então.

[Entrevistadora]: Teve aquela lá é.... é quentão, tem uma comida lá que na Cutia faz muito como é que é? Que eu esqueci, você lembra?

[Entrevistadora]: Malamba!

[Entrevistado 8, 48 anos]: Por incrível que pareça foi a primeira vez que eu comi malamba, que eu nunca tinha comido...

[Entrevistadora]: Oxe D.!

[Entrevistada 7, 43 anos]: Acho que comia com outro nome...

[Entrevistado 8, 48 anos]: Acho que lá em casa fazia chamava de Godó.

[Entrevistadora]:Não, godó é com banana.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Ah é godó é de banana é pirão!

[Entrevistadora]: Ah, pode ser.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Acho que minha vó fazia com aquelas carne seca cortada bem pequenininha.

[Entrevistadora]: A diferença é que o Pirão é com farinha de mandioca e a malamba faz com fubá.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Ah tá.

[Entrevistadora]:Mas é do mesmo jeito.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então para mim a saudade de quando eu estou aqui de comemoração é Junho, porque eu queria ir ver a fogueira de perto.

[Entrevistadora]:Vocês acham que esse núcleo da Cutia esse povo que vive da Cutia aí junto tem algumas festas que eles fazem que é parecida com as que acontece na Cutia?

[Entrevistada 7, 43 anos]: então, essa aí que Del tá falando, esse ano eu lembrei todo mundo e ai eles fizeram a fogueira lá no meio da rua fez malamba, fez canjica, assou batata, entendeu, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim, no bar de Nelson né?

[Entrevistada 7, 43 anos]: isso, e no bar de Ailson. fizeram duas uma no São João e outra no são Pedro

[Entrevistadora]:Ahhh que massa...

[Entrevistada 7, 43 anos]: E... que mais que a gente faz? como tipo aqui eh fazem bingo os meninos faz bingo.Eh, faz negócio de sinuca para reunir todos os meninos, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim, também tinha alguma coisa no Natal, não tinha?

[Entrevistada 7, 43 anos]: E no Natal junta todo mundo, ou Natal ou o réveillon, é ou em um ou outro geralmente é mais no Réveillon, porque vem todo mundo de São Paulo que também é da Bahia e se junta no Macuco e cada um dá uma é determinado um tanto assim com família ou casal. E aí se reúne todo mundo no bar de Ailson, geralmente é no bar de Ailsson e faz uma festona.

[Entrevistadora]: no Cutia's bar...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Entendeu?

[Entrevistadora]:: sim, aí deixa eu continuar aqui entrevista, vamos ver... é... Como vocês percebem é que surgiu essa todo mundo morava no bairro só porque vocês acham que todo mundo foi morar junto.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então Rose, o que que acontece? Eu acho... Que para facilitar a vida, né? Porque por exemplo sempre vem um e que depois busca o outro que depois buscou o outro então se tornava uma família porque todo mundo já te conhece e por conta do aluguel, entendeu?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Quem chegou não tem condições de pagar o aluguel, porque ainda não tá empregado ou ficar ainda não recebeu e aí vai... vai ficando ali geralmente hoje, eu não sei mais mas antes não cômodo morava até 6 pessoas ou mais. Entendeu? Tinha... E aí ia chegando você ia chegando todo mundo ia chegando ali, ia ficando... Começavam cê alugava um quarto daqui a pouco aquele quarto já virava um puxadinho daqui que mais um puxadinho daqui e aí todo mundo ia ficando, né? Acho que por isso foi ficando ali e até hoje né?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Hoje tá meio dividido, mas assim... mas assim antigamente o Macuco pros baianos era a sua segunda casa hoje.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Hoje eu não sei mas era todo mundo chegava para o Macuco, não tinha outro bairro, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Hoje pode ser que você chegue em São Paulo e tal, mas todo mundo conhece o Macuco se veio da Bahia vai dar... se você, por exemplo, você chegou aqui na rodoviária de Santos, eu não sei o numero, mas eu quero ir para o bairro do Macuco, eu duvido de você chegar na ficar parado assim, você não veja um conhecido eu duvido tu não precisa saber o número tu fica perdida parado assim...

[Entrevistado 8, 48 anos]: Senta no canal e aguarda...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então não tem como você se perder, por exemplo, antigamente a gente perdia muito quando chegava aqui porque eu não conhecia mas chegou no Macuco tinha sempre alguém para te levar, entendeu?

[Entrevistadora]: Vocês acham que a pessoa quando sai da Cutia deixa de ser da Cutia?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Não!

[Entrevistadora]: Por que não?

[Rosileia- Entrevistado 7]: uá... Gente, gente, como é que você é a sua casa como é que você vai deixar de ser de lá? Não tem como você deixar sua base... você vai deixar a sua casa igual o carregador tira o telefone, depois você volta tem que voltar.

[Entrevistadora]: Gostei.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Alguns não têm esse prazer de voltar, né? Vão embora antes, mas acho que todo mundo sonha com a volta.

[Entrevistadora]: Qual a coisa da Cutia, você falou da União? Qual o que você acha que mostra mais a união da Cutia?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eu acho que a união da Cultura em qualquer coisa, por exemplo. Se você tiver eu vou te dar um exemplo e você vê se a gente aqui tem um lugar chama Migocidadanca é um bairro desde que eu entendo por gente. Acho que dá meu pai jovem nesse lugar que os nordestinos não só da Bahia, mas em todo lugar vão nesse lugar tem gente de todo lugar, o que menos tem a gente de Santos só tem nordestino. E aí geralmente onde tem muita gente dançando ali tem brigas. Se tiver uma briga com alguém da Cutia, não tem uma briga, tem uma revolução, entendeu? Então, a união é de vários sentidos se alguém vê que alguém da nossa Bahia da nossa comunidade ali tá com perrengue não importa onde for

vai estar todo mundo grudado no outro igual a cabelo de cachorro, então a união eu acho que é mais na hora dos perrengues mesmo né?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Aqui quanto tá todo mundo bem só falta se matar...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Na hora do vamo vê aquela que você fala assim...

[Entrevistado 8, 48 anos]: Por exemplo, uma pessoa uma união do lugar nosso, que eu acho. Assim, igual tá tendo a festa vai ter a festa do.... aí agora... da Vaquejada, né?

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Ou é argolinha?

[Entrevistadora]: É vaquejada... Cavalgada

[Entrevistado 8, 48 anos]: Isso, aqui o que acontece? Eles divulga uma lista de ajuda no WhatsApp... É como se fosse um... Ai, o que que é? Um... uma divulgação de um show todo dia para divulgar alguém divulgando aquela lista lá para alguém contribuir, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Como se fosse assim do local entendeu?

[Entrevistadora]: Sim, para apoiar a festa.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Ai quem puder dar um real dá um, quem puder dar dez da dez

[Entrevistada 7, 43 anos]: Como se a gente estivesse lá, a gente tá aqui... não vai tá na festa, mas, é como se fosse, entendeu?

[Entrevistadora]: Sim, muito legal isso. Deixa eu ver mais o que... vocês... vocês dois pretendem voltar para Cutia?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Eu, amanhã!

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eu pretendo quando eu tiver velhinha não tiver... Quero passar minha velhice aí, mas Deval acho que se possível, nem sei o que tá fazendo aqui que ele fala de noite dá volta.

[Entrevistadora]: Qual foi o principal motivo que levou vocês a saírem da Cutia?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Trabalho... Em busca de... de... anos os melhores né?

[Entrevistadora]: Você também Leia?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Não sei... porquê a minha vida é meio dividida, né? Um pouco lá um pouco aqui... Mas eu acho que trabalho mesmo. Acho que eu não tive oportunidade de... de... nem de estudar e nem de trabalhar aí então como eu já sabia como era trabalhar aqui então acho que foi isso, hoje, eu acho que eu não viria se eu fosse hoje eu não viria a oportunidade que eu tenho hoje aqui eu teria aí

[Entrevistadora]: Sim, uma pergunta aí a pergunta para você porque você acha que mãe nossa mãe decidiu ter todos os filhos dela em Santos?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Minha mãe é uma apaixonada por Santos até hoje, minha mãe é apaixonada por Santos, hoje ela vive na Bahia, mas ela é apaixonada por Santos... E ela veio ter os filhos dela aqui porque minha mãe... achava que... tanto a qualidade para ela no parto e tal como a gente.Então todos ela quis ter aqui, eu acho que se ela engravidasse hoje ela vinha.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Aqui é mais...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Porque na época que a gente nasceu todos os filhos da minha mãe foi de parto cesárea e acho que ela tinha medo de complicações e... É eu acho que aqui e acho que ela fez bem ela fez uma boa escolha

[Entrevistadora]: Pronto

[Entrevistado 8, 48 anos]: E o lugar nosso deixa a desejar....

[Entrevistada 7, 43 anos]: Ela queria...

[Entrevistado 8, 48 anos]: Essas cosias de saúde, hospital essas cosias... a diferença daqui pra lá é gigante.

[Entrevistadora]: E é isso gente entrevista foi essa. Vocês querem falar mais alguma coisa que vocês se lembram e tal?

[Entrevistada 7, 43 anos]: Eu te falei, né dos pontos turísticos que a gente tinha aqui a fonte acústica? do canal 3? antigamente a gente tinha a fonte acústica que era na praia Canal três acho que você não conheceu. Não sei se você conheceu todos os baiano e se encontrar ali era um ponto de encontro que todo mundo ia para encontrar suas namorados. Eu não ia porque minha mãe não deixava. Mas eu sabia que tinha lá eu era um ponto de encontro, entendeu? Então todos os baianos que aqui tem isso também, viu? Você vem da Bahia, mas continua namorando com as pessoas da Bahia, Entendeu sim poucos a arrumar alguém de fora, mas se possível namorar com todo mundo de lá, continua a vida aqui, só saiu da Bahia, mas continua como se tivesse na Bahia, daí

devia...

[Entrevistadora]: Nínive falou a mesma coisa hoje

[Entrevistada 7, 43 anos]: É... continua namorando com pessoas que vêm do nosso lugar é os pais não autoriza você namorar com outra pessoa não seja do lugar. Entendeu? E aí tinha esse esse... até a nossa amizade é mesma, eu costumo falar com a minha tia Leni, "você saiu da Bahia, mas não deixa a Bahia você nem um minuto" Eu falo pra minha tia Leni. E aí tinha essa fonte acústica aí de uns 30 anos para cá agora a fonte do sapo é vai mudando né?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Agora é a fonte do sapo no canal 5 todos os domingos se você chegar lá você vai ver os grupinhos de pessoas da Bahia... da Bahia que eu falo da nossa região, todo mundo vai estar ali, você vai encontrar todo mundo que você não vê a década... É só você ir lá que é o ponto de encontro. Então ninguém vai para o shopping ninguém vai... pra o cinema todo mundo vai para esses pontos de encontros ou pro bar de Ailson ou pro bar de Nelson entendeu?

[Entrevistadora]: Sim.

[Entrevistado 8, 48 anos]: É bem provável que tem pessoa do lugar nosso que mora aqui há muito tempo e nunca foi no cinema...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Porque preferi ir encontrar as pessoas no mesmo lugar.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Tem gente do nosso lugar que em 5 anos sem entrar dentro do shopping é uma duas vezes.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Porque não se encontra que preferir ir para esse lugar que você está achando importante falar

[Entrevistadora]:Sim.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Como a gente vive aqui mesmo estando aqui, a gente tenta manter a cultura eh aquele negócio antigamente a gente sentava nas calçadas a tarde para conversar, né?

[Entrevistadora]: Sim

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então hoje a gente senta lá no canal, quando tá calor todos os baianos senta no canal. Entendeu?

[Entrevistadora]:Sim, que legal.

[Entrevistada 7, 43 anos]: A gente saiu da Bahia, mas a cultura tá colada a gente chega aqui a gente dá um jeito de fazer a Bahia aqui no Macuco de preferência

[Entrevistado 8, 48 anos]: É tão estranho assim do Povo nosso assim da... da... cultura nosso povo ali dá Cutia é o que é o... que a gente tá falando da Cutia, a um dia desse eu encontrei

Zé de Joana no... no... mercado acho que tu tava com pressa dentro do mercado... fiquei uns 30 minutos 40 minutos dentro do mercado, aí a gente conversando com Zé a gente deve ter ficado mais de duas horas conversando no estacionamento.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Porque eu tava com pressa. Entendeu? Não é assim, a gente sai daí, mas continua trazendo tudo com a gente.

[Entrevistadora]:Ah, sabe uma coisa legal que vocês falarem sobre eh, as carretas... carreta não qual o nome gente? Não é carreta que Mãe manda coisa e tal...

[Entrevistada 7, 43 anos]: O caminhão?

[Entrevistadora]:Os caminhões que sempre…Os caminhões a viagem que tia Leni leva eu não sei quantas malas para... Tem que levar comida, tem que levar tudo.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Quando a gente vem você viu, né? O carro vem fácil aqui tem... ontem a gente foi numa casa do norte que tem tudo mas não é a mesma coisa. Entendeu? A gente comprou requeijão, comprou biscoito, comprou... mas não é a mesma coisa. E aí quando Anselmo Vem uma hora eu vou tirar uma vou fazer um vídeo para você, quando Anselmo vem ele vem coloca o caminhão dele lá e ele traz tudo que você imaginar que tem na Cutia e região ele traz aí é uma fila de gente uns... para comprar o que ele traz para vender e outros para receber o que os seus parentes manda entendeu?

[Entrevistadora]: Sim,

[Entrevistada 7, 43 anos]: Vem de um tudo você quer saber de tudo que vem?

[Entrevistadora]: Quero, pode falar.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Peixe, cana, jaca, abacate. Eh... manga, laranja, farinha tudo que você imaginar. Ó, vou te falar as frutas verduras tudo tem aqui tem... Então mas o povo quer que venha de lá.

[Entrevistado 8, 48 anos]: As de lá é mais gostosa.

[Entrevistadora]: Eu lembro que Tia tinha mandado para mandar erva para fazer chá quando tinha alguém passando mal..

[Entrevistada 7, 43 anos]: Vem erva, vem tudo isso... Banha de galinha.

[Entrevistadora]: Banha de galinha... Que banho de galinha é para tudo... é mais para tudo e mais um pouco.

[Entrevistada 7, 43 anos]: E vem aquele negócio lá que passa... Sebo de bode.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Toicinho né? Aquele negócio no branco...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Aqui é tem no mercado, entendeu?

[Entrevistado 8, 48 anos]: As carnes secas que tem tudo, aqui chama barriga de proco, mas não é a mesma coisa... é diferente.

[Entrevistada 7, 43 anos]: A tapioca é diferente... é muito diferente, então é totalmente diferente.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Mas o... o... pessoal mais gosta assim mesmo que vai comprar mesmo é a carne seca...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Avuador, eles só tenta que só tem lá, né?

[Entrevistadora]: O fó fó ainda tem no Machado... Tem lugar que tem fó fó?

[Entrevistado 8, 48 anos]: Eu acredito que isso é mais na região de Boninal e Cabrália ou outros municípios, eu acredito que não seja igual.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Tem em Seabra.

[Entrevistadora]: Avuador tem, fófó não fófó.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Então, fófó que Del tá falando... que ele acha que é só de Boninal.

[Entrevistadora]: Eu acho que é... nem todo mundo conhece fofo em Cabrália também. Já falei para mãe para ela patentear escrever mesmo, quem tava falando a receita certinho foi Nete... ela sabe a receita, mãe já não lembra mais.

[Entrevistado 8, 48 anos]: Mas o melhor fófó é... que eu já comi é o de tia Leli e de Carminha... é bom

[Entrevistada 7, 43 anos]: Que a receita da minha Mãe. Que agora minha mãe não lembra mais né?

[Entrevistadora]:Minha mãe não lembra, mas era muito bom.

[Entrevistada 7, 43 anos]: É isso... é... brevidade também que a brevidade que vende aqui que todo mundo faz depois entrar na internet... tem um monte de brevidade, não é a brevidade que aceita na Cutia, entendeu?

[Entrevistadora]:É diferente mesmo daqui.

[Entrevistada 7, 43 anos]: Não é a mesma coisa é totalmente diferente.

[Entrevistadora]: É isso...

[Entrevistada 7, 43 anos]: Que você acha que você quer saber?

[Entrevistadora]: Que eu estou lembrando é só isso.

Apêndice 2 – Produto

Se você chegou até aqui é porque provavelmente foi escolhida(o) pelas bênçãos deste mundo. Ninguém chega à Cutia pelo acaso.

Site:

A Festa de Judas

Folia de Santo Reis

Sagrado Coração de Jesus

entre em contato

Endereço:
Povoado de Cutia, SN, Zona Rural, Boninal-BA.

Telefone:
(75)

Email:
associacaoquilombolacutia@gmail.com

Envie sua mensagem:

Nome

Email

Digite sua mensagem aqui...

Enviar

REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA DE QUILOMBO DOS AMIGOS DE CUTIA

UEFS UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

PROFCIAMB

DCHT-CAMPUS XXIII DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS | UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Este site é dedicado à Comunidade de Cutia, com autoria de Rose Caroline, remanescente da comunidade, e também serve como produto educacional vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB, associada Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS com a dissertação: Terra Preta: Expulsão e expansão territorial na comunidade remanescente quilombola da Cutia em Boninal/BA.

Comunidade Remanescente Quilombola de Cutia

Copyright © 2023 -Todos os direitos reservados.

SOBRE

A HISTÓRIA DO NOSSO POVO

Neste menu você encontra um breve relato da história da Cutia, aqui está descrito o que cabe nas palavras sobre uma história que vai além

Vamos conversar por chat

Contornada pela rodovia BA-148, a comunidade de Cutia é lugar de saídas e chegadas, aberto aos encontros, assim como uma parada de ônibus. Um espaço de passagem e de morada. Todo cutiense recepciona - seja qual for o visitante que chegue - com o melhor café que se tem em casa, coado na hora, misturado com vida pulsante, não muito forte, para não assustar o paladar pouco acostumado, a bebida chega a se parecer com a cor das águas dos rios que se tem por lá. O café é a desculpa para se começar as conversas mais sérias, tais como a que irei iniciar; a bebida serve para aproximar narrador e ouvinte, neste caso leitor e pesquisador.

Sendo local de passagem, a hospitalidade acaba por ser um traço comunitário, uma característica mais acentuada lá do que em outros locais próximos, visto que saber acolher e fundir nas raízes é uma estratégia para se conseguir momentos de parágem, pois o interesse é criar elos, envolver multiplicidades. Esse lugar da passagem de muitos e da permanência de tantos outros é uma comunidade rural remanescente quilombola, que foi certificada pela Fundação Palmares em 2006, pertencente ao município baiano de Boninal.

Entretanto, antes de Boninal ser Boninal, na época em que aquela terra ainda era chamada de Guarany, a Cutia já estava ali. Segundo os dados oficiais obtidos pela Coordenação de Desenvolvimento Agrário, a comunidade tem 258 famílias, mas os laços e o entendimento por comunidade vão além dos dados institucionais. Sublinha-se que nem todas as informações oficiais encontradas nas buscas e pesquisas em órgãos públicos compreendem o vasto complexo de conhecimentos e entendimentos não oficiais, não institucionalizados, da Cutia.

As casas acompanham as curvas sinuosas do rio, postas lado a lado, com uma distância que permita que o vizinho lhe acudisse caso ocorresse qualquer infortúnio.

Os cutienses têm sua própria divisão de ruas, sendo: a Rua de Baixo e a Rua de Cima, as vias principais; o Corredor, o Caminho do Tanque e o Caminho do Baixão, as vielas secundárias. Na Cutia, não há caminho que não leve a um lugar. O Caminho do Tanque é o nome utilizado para a estrada que dá acesso às roças Tanque, Baixão, Boi Morto, terreiro Duro e ao quilombo do Molungu - trata-se de um caminho longo em que há roças comunitárias e roças familiares.

O aspecto comunitário interfere diretamente tanto nos elementos físicos e arquitetônicos como também serpenteia os aspectos como os habitantes ganham a vida, educam os filhos, trocam conhecimentos, cultivam a terra, trocam produtos e se ajudam em momentos de necessidade.

Memória da Cutia

Email ou Telefone *

Mensagem

Envio de arquivo

Enviar

O espaço Memória da Cutia é construído por você quilombola!
Conte-nos a sua história!
Você que expressa as suas vivências e resistências por meio de desenhos, fotografias, textos (contos, prosa, poesia) e até mesmo suas produções no meio acadêmico (artigos, monografias, dissertações e teses).
Compartilhe conosco!

Comunidade Remanescente Quilombola de Cutia
Copyright © 2023 - Todos os direitos reservados.

CUTIA

Traços de um povo

Neste menu você encontra as tradições do vida cutiense traduzidas em imagens e palavras. O fazer de um povo também é a sua essência.

A Cutiá não pode ser medida apenas com os olhos, evidentemente. Ao contrário disso, dentro das nossas tradições estão elementos variados: datas, gestos, falas, rituais, maneiras de ver e de se comportar e um sem fim de nuances capazes de definir a sabedoria de um povo. Dentro de um território tão vasto um universo inteiro acontece, ano após ano, e este calendário segue as datas das colheitas, das festas, das chuvas e do plantio. A TRADIÇÃO cutiense nos torna quem somos. É o que faz com que as gerações mais antigas passem a existir por meio dos jovens, perpetuamente.

Vamos conversar por chat

FARINHA

FESTA

Comunidade Remanescente Quilombola de Cutia
Copyright © 2023 Todos os direitos reservados

FARINHA

Fazer farinha é o feito da vida, quem mexe com a terra não pode banhar em seguida, o corpo quente quando molha constipa. Só amanhã para lavar.

No caminho para a comunidade, ao longo da estrada dá para ver várias casas de farinhas. Nas roças se planta de tudo, mas o feito da farinha é todo o ano é parte da tradição da comunidade a mandioca é nativa da nossa terra, é o fruto mais forte da terra: brota na chuva, na seca, no sol ou nas "Águas". O importante é saber a hora de tirar o raiz da terra. Saber diferenciar a "Brava" da "Mansa" o aipim da mandioca.
Quem nasce na nossa terra aprende quantos tipos de mandioca existem e que da mandioca se faz tudo do sorvete a tapioca, do bolo ao beijú, da farinha a puba.

A farinha se faz nas etapas: O Descasque, o Ralar, o Prensar e a Torra.

Vamos conversar por chat

O Descasque

Descascar a mandioca é trabalhar falando, cantando, brincadeiras, conselhos, versos, piadas. Durante o descasque se reúne: filhos, vizinhos, visitas, forasteiros, qualquer um que chegar naquele momento. Todo mundo trabalha na farinha sem ser ordenado. A farinha é espontânea como a vida. Começa quando tem que começar e acaba quando tiver que acabar. Cada ajudante leva sua roupa, como agradecimento.

O Ralar

Tem que ralar. O mesmo "ralar" que separa o milho do cuscuz também separa a mandioca da farinha.
Na Cutia, não muito tempo atrás os ralos eram raladores manuais, mas com a chegada da energia elétrica na comunidade são foi trocado pelo ralador elétrico industrial. A máquina e o motor são protegidos por uma caixa de madeira devido ao excesso de poeira do solo e a massa do que antes era ralo cai em um tacho de alvenaria para ser levado até o prensa.

Em seguida, esta massa é prensada, peneirada e torrada.

A Prensar

A massa toda pronta, ralada é a etapa intermediária até que a farinha chegue ao seu ponto final. A massa enchacada deve ser desidratada e depois torrada para poder ser armazenada.

A massa vai para a prensa de madeira, a prensagem é feita em prensas de fuso, hidráulica ou de de catraca. A prensa é recheada de massa dividida em camadas bem distribuídas a massa de mandioca deve ser colocada de forma uniforme e nivelada em sacos de aniagem ou de tela de nylon, que serão empilhados sobre o prenso mecânico até atingir a altura boa, devendo-se

colocar uma divisória de madeira a para otimizar o processo de redução de umidade. A prensagem é realizada por meio da pressão de um cabo de aço, que passa por uma roldana montada sobre uma torre de madeira, puxado por uma catraca madeireira. A torre é colocada de forma centralizada sobre a massa da mandioca acondicionada na prensa mecânica. Após 1 hora de prensagem, a massa atinge o ponto ideal para ser retirada da prensa e ser peneirada e então ir para torra.

A Torra

A massa peneirada ralada, na etapa da torra, agora será passada ao forno para ganhar a aparência da farinha seca, para perder umidade e poder durar meses sem estragar.
A farinha pronta, seca e torrada pode durar anos, sem perder ou mofar.

Há algumas gerações atrás, o forno era manual feito com o auxílio da ferramenta de torra, um pequeno rodo feito de madeira, leve e muito comprido, feito para chegar em qualquer ponto da circunferência da chapa. Em pé, ereto como um guerreiro, em frente ao forno de pedra, o (a) cuitense permanece no trabalho de remexer a farinha em um movimento "vai-e-vem", raspando a massa para lá para cá, sem cessar. Assim, em uma dança fluída, a farinha percorre cadenciadamente as encostas do forno, sendo levada daqui, puxada para ali.. Vai tirando o calor da farinha com graça, passando no braço, dourando, sem nunca queimar-se.

Atualmente essa dança é feita pelas pás mecânicas, o forno mecanizado automático ainda é acompanhado pelos olhos treinados dos antigos torradeiros que não confiam na eficiência da máquina que não dança. A Farinha não pode ficar parada, a menos que você queira deixá-la queimar. O ponto final da torra da farinha é um segredo acessado apenas por quem tem a sensibilidade para percebê-lo exigindo sua presença à beira da chapa.

Quando " a farinha estala na boca" o ponto certo chegou, já pode vender o prato.
No prato de cada dia, no dia de cada prato, a farinha se faz.

Copyright © 2023 - Todos os direitos reservados

FESTA

Em junho as primeiras folias religiosas começam a girar – e junto com elas uma mistura de devoção e diversão de nosso povo acontece.

No Cuba não tem como separar o sagrado do lúdico, a seriedade do êxtase. Tudo o que reza também dança. Todos que rogam também celebram a alegria da festa. Do Pai-Nosso-que-Estás-no-Céu ao benzimento... nada é dividido ou se encaixa em termos fixos, tudo é mistura e contraste.
As principais festas da comunidade ocorrem nas épocas que coincidem com as férias. A festa do Sagrado Coração de Jesus em junho e a Folia de Santos Reis em dezembro.

Vamos conversar por chat

A Festa de Judas

Os Judas ou Caretas, como são chamados em localidades diferentes, são homens mascarado...

Folia de Santo Reis

No final do ano a Folia de Santo Reis reúne a comunidade, o Reis roda só de noite, a noite todinha...

Sagrado Coração de Jesus

A festa do Sagrado Coração de Jesus geralmente dura semanas até que se conclua. Nesse mesmo...

Comunidade Remanescente Quilombola de Cuba
Copyright © 2021 - Todos os direitos reservados

Português English Español

Início Nós Tradições União Notícias Educação Documentos

UNIDOS

"Tudo que nóis tem é nóis." -Emicida

Este menu reflete a multiterritorialidade do nosso povo, que mesmo estando esparramado pelo mundo, se mantem unido as tradições e ao sentimento de ser cutiense. Nos mantemos juntos mesmo na distância através do sentimento de *comunidade*. Todo mundo é um.

O **nosso povo não está delimitado por fronteiras oficiais**. E nenhum povo jamais poderia ser. Da mesma forma como a gramática não pode conter uma língua porque ela é vida, também os mapas nunca poderiam conter as forças de uma tradição, seja ela qual for. Tudo se expande e se transforma no mundo: e exatamente assim é a realidade geográfica da Cutia hoje. **Estamos espalh**
Não importa onde estamos, nos temos uns aos outros!

Vamos conversar por chat

"É tempo de formar novos quilombos, em qualquer lugar que estejamos, e que venham os dias futuros. A mística quilombola persiste afirmando: 'a liberdade é uma luta constante'".
Conceição Evaristo

Comunidade Remanescente Quilombola de Cutia
Copyright © 2021 Todos os direitos reservados

Português English Español

Início Nós Tradições União Notícias Educação Documentos

POSTAGENS

Quem passa vindo de longe traz notícias de onde vem e leva notícias para onde vai. Anunciando o nascimento deste, a morte daquele, narrando as histórias, trazendo notícias de quem anda sumido e levando o recado para quem sempre espera.

A notícia é como a poesia, a fofoca-informação é mecanismo de sobrevivência. É através das notícias que a gente sabe quando alguém vai partir, quando outro vai chegar, quando alguém vai parir ou que alguém amanhã vai para a cidade e pode levar esta ou aquela encomenda. Assim nasce o grupo o qual os cutienses alimentaram durante o tempo com notícias de lá e de cá.
Em um mundo frenético como o das grandes cidades, a Cutia é paz e encontro para o seus. E junto com ela uma imensa sabedoria a respeito das "jornadas" e do "silêncio".

Fiando vagarosamente nas teias das notícias a conexão das estações e dos segredos do tempo.

SOBRE NOSSA COMUNIDADE

Vamos conversar por chat

All Posts Festa Artigo

19 de jul. de 2023 • 1 min

A Festa de Judas

Os Judas ou Caretas, como são chamados em localidades diferentes, são homens mascarados com roupas femininas, esfarrapadas e chicote nas...

92 visualizações 0 comentários

19 de jul. de 2023 • 1 min

Folia de Santo Reis

No final do ano a Folia de Santo Reis reúne a comunidade. o Reis roda só de noite, a noite todinha debaixo da lua. Quando o Santo entra...

27 visualizações 0 comentários 2

19 de jul. de 2023 • 1 min

Sagrado Coração de Jesus

A festa do Sagrado Coração de Jesus geralmente dura semanas até que se conclua. Nesse meio tempo cada etapa é cumprida por responsáveis...

20 visualizações 0 comentários 1

19 de jul. de 2023 · 1 min para ler

A Festa de Judas

Atualizado: 30 de out. de 2023

Vamos conversar por chat

Os **Judas ou Caretas**, como são chamados em localidades diferentes, são homens mascarados com roupas femininas, esfarrapadas e chicote nas mãos, que ocupam as ruas da Cutia para brincar e animar a festa que se estende ao longo da Semana Santa.

Na sexta-feira da Paixão, desde bem cedo, os meninos se dedicam a preparar as máscaras e as vestimentas, bem como o Boneco de Judas em tamanho real, para exibi-lo pelas ruas da comunidade. Desde 2018, o boneco não é mais levado em um jumento, agora, um dos meninos o carrega em uma motocicleta antiga. O evento representa as múltiplas manifestações da cultura popular do ciclo pascal, realizadas de forma organizada e criativa.

Os meninos, caracterizados e cheios de entusiasmo, saem pelas ruas em busca de doações de alimentos e dinheiro para a brincadeira da malhação do Judas. A tradição é preservada com dedicação pelos brincantes, que manteve a esperança de continuar essa manifestação folclórica e de apoiar e fortalecer a cultura local. No sábado de Aleluia, é realizada a tão aguardada malhação do Judas, quando o boneco é queimado, e com as doações iniciadas no dia anterior, são distribuídos doces e bebidas para toda a comunidade.

Essa celebração é muito mais do que uma simples brincadeira; é uma expressão viva da identidade cultural de Cutia, que resiste ao tempo e mantém viva a essência da tradição. Os Judas ou Caretas são protagonistas desse festa que une passado e presente, trazendo consigo a riqueza da cultura popular e pulsar das crenças e anseios do povo dessa comunidade encantadora.

Festa

42 visualizações 0 comentários

Posts recentes

Ver tudo

Folia de Santo Reis

Sagrado Coração de Jesus

Comentários

Escreva um comentário

Comunidade Remanescente Quilombola do Cutia
Copyright © 2023 - Todos os direitos reservados.

19 de jul. de 2023 · 1 min para ler

Folia de Santo Reis

Atualizado: 30 de out. de 2023

Vamos conversar por chat

No final do ano a Folia de Santo Reis reúne a comunidade, o Reis roda só de noite, a noite todinha debaixo da lua. Quando o Santo entra, os reiseiros cantam, quando ele sai, se canta novamente. Quando o Santo visita uma casa, o morador recebe com alegria oferecer bebida, comida e pouso.

Uma folia é bem maior do que os olhos podem ver. A folia tem o Começo, o Meio e o Fim. Dia 06 o último dia da jornada anual da Folia, é dia de terminar de ir às últimas casas da comunidade e levar as bênçãos de Santos Reis para os devotos. No final tem a folia na igreja. Terminada a reza, os tocadores exclamam: Viva Santo Reis! Todos aplaudem e respondem: Viva!

As pessoas, então, cumprimentam-se, os integrantes da Folia agradecem aos Santos Reis a graça alcançada. Alguém se despede dizendo: desculpa qualquer coisa, outro fala: se Deus quiser, ano que vem nós estamos tudo junto novamente.
Há uma alegria conjunta em se cumprir mais um ano de missão. No barracão é servido o jantar para a comunidade e depois acontece a festa secular.

Assim é a natureza secreta de todas as folias: nascem, eclodem, partem, celebram, queimam e se acabam. Para no outro ano ressurgirem de novo com a mesma força implacável das estações.

19 de jul. de 2023 · 1 min para ler

Sagrado Coração de Jesus

Atualizado: 20 de set. de 2023

Vamos conversar por chat

A festa do **Sagrado Coração de Jesus** geralmente dura semanas até que se conclua. Nesse meio tempo cada etapa é cumprida por responsáveis diferentes: o Encarregado da folia é o Festeiro quem prepara o arremate (ato final), todos da comunidade ajudam são quem fazem os banquetes, o café após a reza durante a novena.

A tradição é rodar pelo quilombo levando o ramo e visitando as casas: cantando, batucando o caixa de couro cru, rezando, anunciando. Os moradores que recebem o santo recebem também a sua benção. Em cada dia, a folia dorme em uma casa para no outro dia sair e continuar o "Giro". Quando todo o território é percorrido, então ele volta para dentro da igreja ou para a casa onde habitava inicialmente. Contudo, antes de voltar a novena precisa ser finalizada em suas atividades consagradas da festa.

No última noite entra com a Bandeira Do Santo, mas antes da festa as rezas têm de ser cumpridas: rezas, novenas, rezas, novenas, muitas rezas, horas a fio e fervor. De noite, depois que o Santo termina sua jornada, depois que a reza é entoada, depois que a Bandeira é beijada e o santidade trazida de volta para repousar em seu altar alegórico, o banquete é servido sem preço, sem paga e sem regra. Todos comem livremente. Servem-se e se alegram. No final a festa em que uma banda é contratada para a folia, depois de tudo!

Festa

Português English Español

Início Nós Tradições União Notícias Educação Documentos

SABER QUILOMBOLA

Letramentos de (re)existência

Neste menu você encontra A valorização do saber quilombola e material para auxiliar o ensino aprendizado, com ênfase na educação quilombola e no saber ancestral da nossa comunidade.

O que é saber quilombola?

Os saberes e conhecimentos das comunidades tradicionais quilombolas tem como base a transmissão geracional por meio da tradição oral, mantida pela memória, história e etnicidade.

Os nossos jovens que frequentam instituições escolares possuem conhecimentos acerca do ambiente que vivem através da observação e das histórias. Nestes relatos apresentam um vasto conhecimento da biodiversidade bem como das dinâmicas comunitárias e culturais. É na nossa comunidade o nosso conhecimento social enquanto comunidade gera a criação de um território própria, de resistência e inteligência própria.

Vamos conversar por chat

Preparamos para você uma seleção de posts sobre educação quilombola que não apenas fornecem informações, mas também trazem curiosidades sobre o tema. Portanto, convido você a explorar este espaço, onde a voz da resistência e da renovação ecoa alto.

Publicações:

A Festa de Judas

Os Judas ou Caretas

Folia de Santo Reis

No final do ano a Folia de

Acesse também os documentos didáticos que disponibilizamos gratuitamente no site.

Documentos

Sagrado Coração
de Jesus

Trazemos aqui algumas sugestões de vídeos que podem enriquecer o seu entendimento sobre as comunidades e quilombolas:

Quilombolas Contra a Colonização #01 - Mestres Naldim e Nêgo Bispo

Realização: Prograd, Pró-Reitoria de Graduação / Departamento de Comunicação Social.
ww.saberestradicionais.org

Identidade, Resistência e Educação Escolar Quilombola
Realização: CEERT

ABDIAS DO NASCIMENTO E O QUILOMBISMO | Jaqueline Conceição

Realização: Casa do Saber

Quilombolas lutam até hoje pelo direito a suas terras

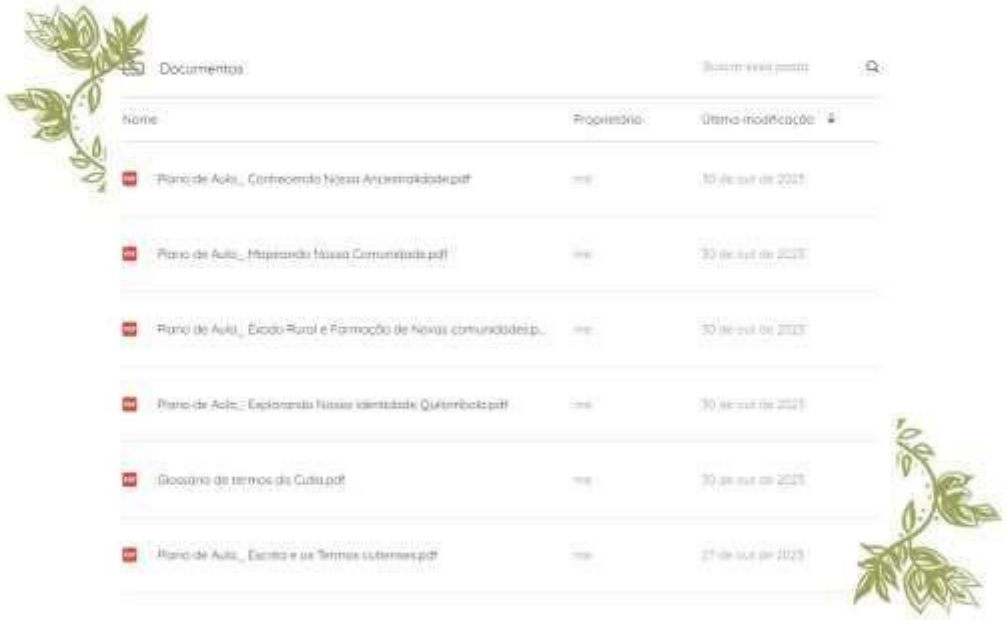
Realização: Instituto Claro

Seu saber é importante

Não somos descendentes de escravos, somos a linhagem dos sobreviventes do sistema escravocrata que tentou tirar nossa humanidade e seguimos sobrevivendo ao racismo diário, reforçar que o que sabemos é importante, capaz de ampliar o conhecimento (na academia) e aquilombar o pensamento (nos territórios).

Copyright © 2023 - Todos os direitos reservados

Português
English
Español
Início
Nós
Tradições
União
Notícias
Educação
Documentos
DOCUMENTOS
Bem-vindo à nossa página de documentos!
Aqui, estamos construindo uma ponte entre o presente e a história rica da Comunidade Quilombola de Cutia. Para educadores e curiosos, este é o espaço onde o conhecimento se entrelaça com a experiência.
Embora nossa jornada esteja em constante evolução, já disponibilizamos material de apoio para enriquecer suas explorações educacionais. Fique à vontade para explorar, aprender e compartilhar com seus alunos e colegas.
Se você tem alguma sugestão, questionamento ou contribuição para enriquecer
fonte de conhecimento, não hesite em entrar em contato. Estamos ansio
crescermos juntos.
Vamos conversar por chat


Documentos
Nome
Proprietário
Última modificação
Plano de Aula_ Conhecendo Nossa Ancestralidade.pdf
Plano de Aula_ Mapeando Nossa Comunidade.pdf
Plano de Aula_ Êxodo Rural e Formação de Novas comunidades.p...
Plano de Aula_: Explorando Nossa Identidade Quilombola.pdf
Glossário de termos da Cutia.pdf
Plano de Aula_ Escrita e os Termos cuteriais.pdf

Colabore
Nome
Mensagem
Nossa missão é oferecer ferramentas educacionais que honrem a riqueza cultural da comunidade quilombola de Cutia. Estamos trabalhando arduamente para trazer materiais de apoio que enriquecem o aprendizado em suas salas de aula. Se você tem sugestões ou comentários, por favor, entre em contato. Juntos, vamos construir um futuro de aprendizado inclusivo e enraizado na tradição.
Enviar

Planos de aula:

Olá,

Gostaríamos de informar que este Glossário está em constante desenvolvimento, sendo resultado de um esforço coletivo. Valorizamos imensamente o seu feedback, o que desempenha um papel fundamental na melhoria contínua deste recurso.

Glossário de termos quilombolas

Olá!

É com grande entusiasmo que apresentamos a você o nosso Glossário da Comunidade Remanescente Quilombola de Cutia, localizada em Boninal, Bahia. Este projeto é o resultado de um esforço conjunto para preservar e celebrar nossa rica herança cultural, nossos costumes e nossa língua.

Nossa comunidade tem uma história profundamente enraizada, e muitos dos termos que usamos diariamente possuem significados únicos e especiais que refletem a nossa identidade quilombola. Com este glossário, convidamos você a se juntar a nós nessa jornada de descoberta, aprendizado e colaboração.

Nossa intenção é não apenas preservar e compartilhar esses termos significativos, mas também enriquecer o nosso entendimento e conexão com a nossa cultura. Cada palavra, expressão e conceito que você encontrará neste glossário é uma parte fundamental de quem somos e do nosso legado.

Acreditamos que o conhecimento é mais valioso quando é compartilhado e construído coletivamente. Portanto, **convidamos você a contribuir com seus próprios conhecimentos, experiências e histórias relacionadas a esses termos. Queremos que este glossário seja uma obra viva, enriquecida por diferentes perspectivas e vozes**.

Juntos, podemos manter viva a riqueza de nossa herança e garantir que as futuras gerações possam continuar a se orgulhar de sua identidade quilombola. Bem-vindo ao nosso Glossário da Comunidade Remanescente Quilombola de Cutia, Boninal, Bahia.

Arrodeia - Dar a volta em alguma coisa.

Armaria – Ave Maria.
Apruma – Endireitar-se, melhore, pôr a prumo, endireitar.

Azuretado - Atordoado, desorientado, desequilibrado, perturbado.

Batuque - Samba, ritmo que conduz o movimento, constante e coordenado, que dá a base para a música, é comum ver as pessoas batendo palmas ou os pés para acompanhar a marcação.

Bololô - Confusão, desarrumação, bagunça, briga.

Canguinha - Pessoa sovina, murrinha, mesquinha, pão dura, que gosta de ser servida e nãogosta de servir, que gosta de tomar emprestado e não gosta de emprestar.

Coivara - É uma técnica agrícola tradicional utilizada em comunidades tradicionais como quilombolas.

Estruir - Destruir, causar estragos, desperdiçar.

Moiassa - Só fala bobeira.

Muié, merirmã, fia - Para se referir a alguma pessoa.

Ô dó – Que pena, coitado ou: duvido, desconfio, desafio.

O, ô – Palavra usada para chamar ou se direcionar a alguém, na Cutia o termo é falado de modocantado.

Prosa ruim - Só fala bobeira, cheio de piadas.

Rudia - Pedaço de pano enrolado em forma de círculo, formando uma pequena almofada paracarregar algo.

Uai- Exprime surpresa, admiração, susto ou impaciência.

Uzômi – Polícia, delegado, gente de poder.

Prezada Profissional,

Este plano de aula foi elaborado com o intuito de fornecer uma educação contextualizada que contribua para a formação identitária e a valorização de comunidades tradicionais, nesse caso específico a comunidade quilombola de Cutia, mas o material pode ser usado em outros locais. Por favor, envie seu relato para que possamos analisar as contribuições e implementar melhorias. O seu feedback é essencial para aperfeiçoarmos continuamente.

Plano de Aula:
Escrita e os Termos cutienses

Aula proposta para ambientes de Ensino Não Formais e Ensino Fundamental 1 (1º ao 5ºano)

Duração: 3 aulas de 45 minutos cada

Objetivo Geral: Reforçar a importância da escrita na preservação da cultura quilombola de Cutiae encorajar os alunos a continuarem explorando e valorizando seus termos e tradições. Oportunizando o compartilhamento das histórias dos alunos com a comunidade como forma defortalecer os laços culturais.

Objetivos:

- Introduzir os alunos à importância da escrita na preservação da cultura quilombola de Cutia.
- Promover o entendimento e o uso de termos específicos da comunidade.
- Estimular a criatividade e a expressão por meio da escrita.

Recursos Necessários:

- Lousa e giz ou quadro branco e marcadores.
- Papel e lápis para cada aluno.
- Recursos visuais (fotos da comunidade, objetos tradicionais, etc.).
- Computador ou tablet com acesso à internet (opcional).

Metodologia:

Aula 1: Escrita e Comunidades

Introdução:
Cumprimente os alunos e contextualize a aula, explicando a importância da escrita na

preservação da cultura quilombola de Cutia. Mostre imagens da comunidade, destacando

elementos culturais e históricos.

Diálogo sobre a Escrita (Tempo estimado - 10 minutos): Converse com os alunos sobre as diferentes formas de escrita e como elas podem ser usadas para contar histórias e preservar tradições.

- Vídeo (Tempo estimado - 20 minutos): Apresente o vídeo TRIBUTO AO TTK | MINI DOC/AMAZON MUSIC
(https://www.youtube.com/watch?v=COlicPw4WD0&t=222s)

- **Discussão sobre o vídeo** (Tempo estimado - 15 minutos): Discuta com os alunos como a "Gualín do TTK" que consiste em trocar a ordem silábica das palavras faz parte da identidade cultural daquele bairro- você pode trazer raps- e como foi instrumento de luta durante a ditadura militar. TTK significa Catete: quando dito ao contrário, Catete se torna "Teteca". *Caso estenda o plano de aula você consegue aprofundar na Gualín do TTK para trabalhar com os alunos separação silábica e criptografia de mensagens.*

Aula 2: Termos cutienses

Atividade de Observação (Tempo estimado - 10 minutos): Mostre aos alunos objetos ou fotos da comunidade que contenham termos específicos (nomes de plantas, objetos tradicionais, etc.). Peça para os alunos observarem e, se possível, desenharem ou escreverem sobre o que veem.

Explorando Termos da Comunidade (Tempo estimado - 10 minutos): Em grupo, peça aos alunos para compartilharem os termos que identificaram e discutirem seus significados e importância na cultura local.

Atividade de Leitura (Tempo estimado - 10 minutos): Leitura em voz alta: Leia um texto curto que contenha alguns dos termos da comunidade. Peça aos alunos que escutem com atenção e destaquem os termos que reconhecem.
Termos Cutienses (Tempo estimado - 15 minutos): Pergunte se eles conhecem ostermos e o significado de cada termo, após explique o significado e sua importância na cultura local (*Gírias desempenham um papel fundamental na comunicação informal entre as pessoas e são uma expressão vívida da cultura e da evolução da linguagem. São palavras ou expressões que podem ter significados específicos emdeterminados grupos sociais, contextos ou períodos de tempo)*. Faça perguntas sobre o texto para garantir que os alunos compreendam o contexto.

Aula 3: Criando Nossas Histórias

Revisão dos Termos (Tempo estimado - 10 minutos):Revise os termos identificados na aula anterior e amplie a lista com a participação dos alunos.

Atividade de Escrita Criativa (Tempo estimado - 25 minutos): Peça aos alunos para escolherem um dos termos discutidos e criarem uma pequena história que o envolva. Incentive-os a utilizar a escrita de forma criativa, valorizando a expressão pessoal.

Compartilhamento (Tempo estimado - 10 minutos): Permita que os alunos compartilhem suas histórias com a turma, promovendo a valorização e o respeito pela criatividade de cada um.

Avaliação:
Será avaliado o envolvimento dos alunos nas discussões sobre os termos dacomunidade, bem como a criatividade e a expressão na atividade de escrita.

Observações:
Esta aula busca promover a participação ativa dos alunos na representação da comunidade quilombola de Cutia, valorizando seus conhecimentos e vivências. Adapte as atividades de acordo com a faixa etária e as necessidades dos alunos, mantendo o foco na criatividade e expressão individual.

Prezada Profissional,

Este plano de aula foi elaborado com o intuito de fornecer uma educação contextualizada que contribua para a formação identitária e a valorização de comunidades tradicionais, nesse caso específico a comunidade quilombola de Cutia, mas o material pode ser usado em outros locais. Por favor, envie seu relato para que possamos analisar as contribuições e

Plano de Aula:
Explorando Nossa Identidade Quilombola na Cutia

Aula proposta para ambientes de Ensino Não Formais e Ensino Fundamental 1 (1º ao 5ºano)

Duração:2 aulas de 60 minutos cada

Objetivo Geral: Promover a compreensão e valorização da identidade quilombola na comunidade de Cutia, destacando a importância das tradições e cultura locais.

Objetivos:

- Compreender o significado e importância da identidade quilombola na comunidade de Cutia.
- Reconhecer as tradições e práticas culturais presentes na comunidade.

- Estimular a expressão criativa e individual dos alunos sobre a sua própria identidade.

Recursos Necessários:

- Fotos e imagens da comunidade de Cutia
- Papel pardo ou cartolina
- Lápis de cor, giz de cera, canetinhas
- Datashow ou Tv para apresentar vídeo.
- Gravuras e materiais de artesanato típicos da comunidade

Metodologia:

Aula 1: Conhecendo Nossa Identidade

Introdução:
Cumprimentar os alunos e explicar o tema da aula. Contextualizar a importância da identidade quilombola para a comunidade de Cutia.

Diálogo e Roda de Conversa (Tempo estimado - 15 minutos): Perguntar aos alunos o que sabem sobre a comunidade de Cutia e como se sentem fazendoparte dela. Peça para os alunos compartilharem histórias e experiências pessoais relacionadas à cultura quilombola.

Apresentação de Imagens (Tempo estimado - 15 minutos): Mostre fotos e imagens da comunidade de Cutia, destacando elementos culturais e paisagens, incentive os alunos a fazerem perguntas e expressarem suas impressões.

Vídeo (Tempo estimado - 20 minutos): Apresente o vídeo Disque Quilombola (https://www.youtube.com/watch?v=GStv-f_bcfU)

Discussão sobre o vídeo (Tempo estimado - 15 minutos): Aborde com os alunosque existem quilombos modernos, que as comunidades não ficaram paralisadas em 1500, aponte a identidade quilombola está atrelado ao território, a cultura, a comunidade e não apenas ao elemento racial.

-

Aula 2: Expressando Nossa Identidade

Revisão e Discussão (Tempo estimado - 10 minutos):Comece a aula revisando o que foi discutido como essas informações podem ser representadas no mapa.

Atividade Artística: Construindo Nossa Identidade (Tempo estimado - 25 minutos): Distribuir papel pardo ou cartolina aos alunos. Pedir para que desenhem elementos que representem a sua identidade e como ela se liga a comunidade, Cutia. Encorajar a criatividade

e a expressão individual.

Apresentação e Discussão (Tempo estimado - 20 minutos): Cada aluno deve compartilhar seu trabalho e explicando os elementos escolhidos. Promover adiscussão sobre as semelhanças e diferenças entre as identidades apresentadas. *Encorajar os alunos a compartilharem o que aprenderam com suas famílias, promovendo o diálogo sobre a identidade quilombola em suas casas.*

Avaliação:

A avaliação será contínua, observando a participação dos alunos nas discussões, a criatividade e a expressão individual na atividade artística, bem como a colaboração no trabalho em grupo

Observações:

Esta aula busca promover a participação ativa dos alunos na representação da comunidade quilombola de Cutia, valorizando seus conhecimentos e vivências. Adapte as atividades de acordo com a faixa etária e as necessidades dos alunos, mantendo o foco na criatividade e expressão individual.

Prezada Profissional,

Este plano de aula foi elaborado com o intuito de fornecer uma educação contextualizada que contribua para a formação identitária e a valorização de comunidades tradicionais, nesse caso específico a comunidade quilombola de Cutia, mas o material pode ser usado em outros locais. Por favor, envie seu relato para que possamos analisar as contribuições e implementar melhorias. O seu feedback é essencial para aperfeiçoarmos continuamente.

Plano de Aula:

Êxodo Rural e Formação de Novos Núcleos Comunitários:Uma História da Comunidade Quilombola de Cutia

Aula proposta para ambientes de Ensino Não Formais

Duração: 3 aulas de 45 à 50 minutos cada aula

Objetivo Geral: Compreender o êxodo rural, as migrações para grandes centros e a formação de novos núcleos comunitários, focando na experiência da comunidade quilombola de Cutia.

Objetivos:

Identificar os motivos que levaram à migração de pessoas da comunidade quilombola deCutia para grandes centros urbanos.

Compreender as consequências do êxodo rural na comunidade quilombola e nas áreasurbanas de destino.

Explorar a importância da formação de novos núcleos comunitários para a preservação da cultura quilombola.

Recursos Necessários:

-Quadro-negro e giz (ou quadro branco e marcadores)

Mapas e imagens relacionadas à história da comunidade quilombola de Cutia e ao êxodo rural

Papel e lápis de cor

Livros didáticos e materiais de leitura sobre a temática

Computador com acesso à internet (para pesquisa e exibição de imagens)

Materiais de arte (opcional)

Metodologia:

Aula 1: O que é Êxodo Rural?

Introdução:

Comece a aula saudando os alunos e explicando o tema do dia: êxodo rural e formação de novos núcleos comunitários na comunidade quilombola de Cutia. Peça aos alunos que compartilhem o que sabem sobre o tema. Registre as respostas no quadro-negro.

Introdução do tema (Tempo estimado - 15 minutos): Introduza o conceito de êxodo rural, migração para grandes centros e formação de novos núcleos comunitários. *Utilizar o material de apoio contido neste documento.*

Vídeo para discussão (Tempo estimado variado): Nesta indicação de atividade propomos vídeos para cada faixa etária.

Público infantil de 10 a 15 anos: Animação Imagens de Areia **(11 min)** (https://www.youtube.com/watch?v=ttFM7r5L3lU) e Chico Bento em: Na roça édiferente - Turma da Mônica **(8 min)** (https://www.youtube.com/watch?v=Bfx_E3zvnjc)

Público adulto/ idoso: Brasiliana Documentário 5 O EXODO RURAL **(24 min)** (https://www.youtube.com/watch?v=IBTSMTUogHw) ou a música Êxodo Rural · Dom e Ravel (https://www.youtube.com/watch?v=0DW-Wr1Sdd0)

Público jovem/ adulto de 16 anos acima: Lamento Nordestino - UmDocumentário sobre a Migração Nordestina **(25 min)** (https://www.youtube.com/watch?v=aMeVy57AlDA)

Diálogo sobre a Exôdo (Tempo estimado - 15 minutos): Converse com os alunos sobre as percepções acerca do filme. Peça que os alunos discutam e apresentem os motivos para a migração e registre os apontamentos no quadro.

-

Aula 2: São Paulo e Bahia

- Revisão (Tempo estimado - 10 minutos): Revise os apontamentos feitos na aula anterior e pergunte as dúvidas dos alunos.

Árvore genealógica (Tempo estimado - 25 minutos): Crie uma árvore genealógicaque inclua os membros de sua família, destacando aqueles que têm alguma relação com São Paulo.
Utilize os seguintes códigos de núcleos para indicar o histórico de visitas dos pais à cidade:
Azul: Para aqueles que já foram para São Paulo e ainda estão lá.
Laranja: Para quem já esteve em São Paulo, mas não vive lá atualmente.
Verde: Para aqueles que nunca estiveram em São Paulo.
Adicione nomes e relações familiares correspondentes em cada parte da árvore genealógica.

Apresentação (Tempo estimado - 15 minutos): Cada aluno irá compartilhar sua árvore e falar os sentimentos e percepções na construção da árvore.

Atividade de Casa: Os alunos serão incentivados a conversar com membros mais velhos da comunidade, como avós e bisavós ou netos e filhos, para obter mais informações sobre as migrações e a formação de novos núcleos comunitários. Elespodem registrar essas histórias por meio de entrevistas ou escritas, se possível.
Esta aula visa criar uma conexão entre a história da comunidade quilombola de Cutia e as experiências dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda e um respeito pelas tradições e desafios enfrentados por seus antepassados.

Aula 3: Motivo do êxodo

Roda de conversa (Tempo estimado - 10 minutos): Os alunos devem compartilharem uma roda de conversa as descobertas e as novas perspectivas sobre o tema.

Novos núcleos cutienses (Tempo estimado - 25 minutos): Aborde a formação de novos núcleos comunitários em grandes centros urbanos. Peça para os alunos desenhem ou criem um modelo de um possível núcleo comunitário na cidade, enfatizando as atividades, festas e tradições quilombolas que são mantidas. *Importante enfatizar que os muitos moradores entendem comunidade como a união da cutia, então dependendo do público você deve utilizar a palavra união no lugar de comunidade.*

Discussão e Conclusão (Tempo estimado 10 minutos): Reúna a turma para a apresentação dos desenhos e discussão geral. Peça que compartilhem as descobertas feitas durante a aula e o que aprenderam sobre o êxodo rural e a formação de novos núcleos comunitários na

comunidade quilombola de Cutia, suaspercepções e indicações pontos que possam remediar o êxodo rural

Avaliação:
Será avaliado o envolvimento dos alunos nas discussões sobre os termos dacomunidade, bem como a criatividade e o desenvolvimento da atividade de casa.

Observações:
Esta aula visa criar uma conexão entre a história da comunidade quilombola de Cutia e as experiências dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda e um respeito pelas tradições e desafios enfrentados.

Material de apoio:

Quais são os principais tipos de migração?
As migrações podem ser categorizadas em diferentes tipos de acordo com critérios diversos, como a área de partida e de chegada, as distâncias percorridas, o tempo decorrido e até mesmo as motivações que estão por trás desses movimentos. Essa qualificação nos auxilia no estudo e na elaboração de análises a respeito do fenômeno. Veja na sequência quais são os principais tipos de migração.

Migração espontânea ou voluntária: acontece de acordo com a vontade do indivíduo.

Migração forçada: denomina-se migração de refúgio em alguns casos. Está atrelada a fatores externos à pessoa e ocorre contra a sua vontade. Associa-se à conjuntura política, social e econômica e também a desastres naturais e climáticos.

Migração externa ou internacional: deslocamentos entre países, chamada também de imigração.

Migração interna: aquela que acontece dentro das fronteiras de um mesmo país.

Migração inter-regional: fluxo que se dá entre diferentes regiões dentro de um mesmo país.

Migração intrarregional: ocorre entre dois lugares distintos dentro de uma mesma região.

Êxodo rural: caracteriza a ida de populações dos campos (zona rural) para as áreas urbanas.

Êxodo urbano: trata-se do processo inverso do êxodo rural, isto é, o êxodo urbano acontece quando os moradores das cidades deixam o ambiente urbano e vão para o campo.

Migração intraurbana: tipo de migração que acontece quando o indivíduo se desloca dentro dos limites de um mesmo município ou área urbana.

Migração pendular ou diária: categoria de migração mais comum e presente na nossa vida

cotidiana. Ocorre quando uma pessoa se desloca de um local a outro em direção ao trabalho, à faculdade, à escola ou com qualquer outro propósito e retorna para seu lugar de origem no mesmo dia.

Transumância: tipo de migração sazonal. Trata-se do deslocamento de trabalhadores que vão atuar como mão de obra em lavouras temporárias, como a de cana-de-açúcar, ou em outras atividades sazonais, como a pesca. Ao final do período de trabalho (semanal, mensal ou anual), o indivíduo retorna para o seu local de origem.

Migração sazonal: é um tipo de migração temporária, como a transumância, mas abrange outras motivações além do trabalho, como longos períodos de seca e outras condições ligadas às estações do ano. Depois de um determinado intervalo de tempo, o migrante retorna de onde partiu.

Migração de retorno: pode ser descrita como uma segunda migração. Ocorre quando uma pessoa que havia se mudado para outra região, cidade ou país faz o processo inverso e retorna para a sua localidade de origem.

Nomadismo: realizado por pessoas que não possuem uma residência fixa e estão constantemente se deslocando de um local a outro.

Diáspora: definida como a dispersão de uma população inteira de uma área de forma forçada ou voluntária. Um exemplo é a diáspora africana, que se deu quando africanos foram retiradas à força de seus países e deslocados para outras regiões, como os subcontinentes americanos, para serem vendidos e escravizados.

O que é êxodo rural?

O êxodo rural é um movimento migratório caracterizado pela saída da população da zona rural para a zona urbana, ou seja, do campo para a cidade. Em geral, esse processo migratório tem como motivações questões econômicas, como a busca por melhores condições de emprego e renda.

Causas do êxodo rural

O fenômeno do êxodo rural, recorrente ao longo do século XX em diferentes países do globo, reúne diversas causas, com destaque para as econômicas. As principais causas do êxodo rural são:

modernização das atividades agropecuárias, com destaque para a mecanização do campo;
implantação de novas técnicas de cultivos agropecuários geradas pela Revolução Verde;
acentuação da concentração fundiária presente nas zonas rurais de produção agropecuária;
aceleração do processo de industrialização nos principais centros urbanos e populacionais;
elevação da busca por melhores condições de emprego, renda e vida nas grandescidades.

Prezada Profissional,

Este plano de aula foi elaborado com o intuito de fornecer uma educação contextualizada que contribua para a formação identitária e a valorização de comunidades tradicionais, nesse caso específico a comunidade quilombola de Cutia, mas o material pode ser usado em outros locais. Por favor, envie seu relato para que possamos analisar as contribuições e implementar melhorias. O seu feedback é essencial para aperfeiçoarmos continuamente.

Plano de Aula:
Mapeando Nossa comunidade

Aula proposta para ambientes de Ensino Não Formais e Ensino Fundamental 1 (1º ao 5ºano)

Duração: 2 aulas de 45 minutos cada

Objetivo Geral: Esta aula visa envolver os alunos de forma prática e criativa na elaboração de um mapa que representa a comunidade quilombola de Cutia. Através da cartografia participativa, os alunos terão a oportunidade de valorizar e dar visibilidade à sua própria comunidade.

Objetivos:
Compreender o conceito de cartografia participativa e sua aplicação na representação da comunidade.
Identificar elementos característicos da comunidade quilombola de Cutia para inclusão no mapa.
Estimular a criatividade e a expressão dos alunos na elaboração do mapa.

Recursos Necessários:
Papel kraft grande ou cartolina
Lápis, canetas coloridas, lápis de cor
Régua, compasso (opcional)
Fotos da comunidade de Cutia
Material impresso com legendas e símbolos cartográficos básicos

Metodologia:

Aula 1: Introdução à Cartografia Participativa

Introdução:
Comece a aula com uma breve explicação sobre o que é cartografia e introduza o conceito de

cartografia participativa. Relacionar à importância de representar a comunidade quilombola de Cutia.

Apresentação de Exemplos (Tempo estimado - 15 minutos): Mostre exemplos de mapas feitos pela comunidade ou de outras comunidades quilombolas, *fale sobre aimportância dos mapas*. Destaque os elementos que são representados e como isso reflete a identidade e a cultura locais.

Roda de Conversa (Tempo estimado - 10 minutos): Promova uma conversa sobre lugares e elementos importantes para a comunidade de Cutia. aos alunos o que eles acham essencial representar em um mapa da região.

Exploração de Legendas e Símbolos (Tempo estimado - 20 minutos): Apresentarsímbolos e legendas cartográficas básicas, explicando o significado de cada um. Discuta com os alunos quais desses símbolos podem ser relevantes para o mapa de Cutia. Peça para que ele crie os símbolos que usariam em seus mapas.

- ***Dever de casa:*** *Encoraje os alunos a tirar fotos e fazer anotações sobre o que conseguem observar de características importantes na comunidade, como árvores, casas, rios, campos, etc.*

Aula 2: Elaboração do Mapa

Revisão e Discussão (Tempo estimado - 10 minutos):Comece a aula revisando o que foi discutido na aula anterior.

Elaboração do Mapa (Tempo estimado - 30 minutos): Dividir o papel Kraft ou cartolina em grupos para criar o mapa da comunidade de Cutia. Os alunos deverão usar os símbolos e legendas aprendidas para representar os elementos identificados. Peça aos alunos para colar as imagens nos locais correspondentes no mapa- *no site na aba "Nós" você encontra um acervo de fotos da comunidadede Cutia que você pode utilizar, o acervo está em constante atualização*-, tornando-o mais representativo.

Apresentação dos Mapas (Tempo estimado - 15 minutos): Cada grupo apresenta seu mapa para a turma, explicando as escolhas feitas e os elementosrepresentados.

Avaliação:

A avaliação será feita de forma formativa, observando a participação dos alunos nas discussões, a criatividade nas atividades práticas e a compreensão dos conceitos abordados.

Observações:

Esta aula busca promover a participação ativa dos alunos na representação da comunidade

quilombola de Cutia, valorizando seus conhecimentos e vivências. Adapte as atividades de acordo com a faixa etária e as necessidades dos alunos, mantendo o foco na criatividade e expressão individual.

Prezada Profissional,

Este plano de aula foi elaborado com o intuito de fornecer uma educação contextualizada que contribua para a formação identitária e a valorização de comunidades tradicionais, nesse caso específico a comunidade quilombola de Cutia, mas o material pode ser usado em outros locais. Por favor, envie seu relato para que possamos analisar as contribuições e implementar melhorias. O seu feedback é essencial para aperfeiçoarmos continuamente.

Plano de Aula:
Conhecendo Nossa Ancestralidade

Aula proposta para ambientes de Ensino Não Formais e Ensino Fundamental 1 (1º ao 5ºano)

Duração: 2 aulas de 50 minutos cada

Objetivo Geral: Conectar os alunos à sua ancestralidade quilombola, explorando sua história, cultura e tradições

Objetivos:
Compreender a importância da ancestralidade na identidade da comunidadequilombola de Cutia.
Reconhecer os elementos culturais e históricos que compõem a ancestralidade quilombola.
Estimular o respeito e a valorização das tradições e histórias dos antepassados.

Recursos Necessários:
Mapa ou imagem da comunidade de Cutia
Fotos antigas da comunidade (se disponíveis)
Livros ou textos sobre a história das comunidades quilombolas
Papel, lápis de cor, giz de cera
Cartolinas, tesouras, cola

Metodologia:

Aula 1: Conhecendo Nossa Comunidade e Seus Antepassados
Inicie a aula cumprimentando os alunos e perguntando se sabem o que é ancestralidade.
Explique que hoje eles vão descobrir mais sobre a história e as tradições de seus antepassados

na comunidade de Cutia.

Atividade Inicial (tempo estimado - 15 minutos): Comece a aula reunindo os alunos em círculo e mostre o mapa ou imagem da comunidade de Cutia. Peça que identifiquem o local e destaquem sua importância para a comunidade.

Conversa (tempo estimado - 10 minutos): Abra espaço para que os alunos compartilhem o que sabem sobre a comunidade e seus antepassados. Faça perguntas orientadoras, como: *"Vocês sabem quem eram os primeiros moradores daqui?" ou "O que podemos aprender com as histórias dos nossos antepassados?".*

Apresentação de Fotos (tempo estimado - 15 minutos): Caso disponível, apresente fotos antigas da comunidade- *no site na aba "Nós" você encontra um acervo de fotos da comunidade de Cutia que você pode utilizar, o acervo está em constante atualização*- destacando pessoas e locais históricos. Explique a importância de preservar essas imagens como parte da nossa memória.

Atividade Prática (tempo estimado - 10 minutos): Distribua papel e materiais de desenho e peça que os alunos desenhem uma cena que imaginam que acontecia na comunidade há muitos anos atrás, baseando-se nas histórias contadas pelos mais velhos.

Aula 2: Descobrindo as Tradições Quilombolas

Leitura (tempo estimado - 20 minutos): Leia trechos de livros ou textos sobre a história das comunidades quilombolas, adaptando o conteúdo à idade dos alunos. Destaque como as tradições são passadas de geração em geração.

Atividade Prática (tempo estimado - 15 minutos): Divida os alunos em grupos e distribua cartolinas, tesouras, cola e materiais de desenho. Peça que cada grupo crie um mural representando diferentes aspectos da cultura quilombola, como danças, culinária, vestimenta, música, etc.

Apresentação dos Murais (tempo estimado - 10 minutos): Cada grupo apresentará o seu mural, explicando as tradições que representaram e como elas são importantes para a comunidade.

Reflexão Final (tempo estimado - 10 minutos): Pergunte aos alunos o que aprenderam sobre a ancestralidade quilombola. Destaque a importância de preservar e valorizar essas tradições.

Avaliação:

A avaliação será feita de forma formativa, observando a participação dos alunos nas discussões, a criatividade nas atividades práticas e a compreensão dos conceitos abordados.

Observações:

Este plano de aula pode ser adaptado de acordo com o nível de conhecimento eidade dos alunos.

Incentive os alunos a compartilharem histórias e memórias que possam ter ouvidode seus

familiares mais velhos.

Promova um ambiente de respeito e valorização das diferentes perspectivas e experiências dos alunos.

ANEXO 1 – Fotografias da Comunidade remanescente quilombola Cutia, Boninal-BA

Figura 9- Árvore de Juá na coração da comunidade, Rua de Cima.

Figura 10- Meninos fantasados de Juda/Caretas na festa de Juda 2023.

Figura 11- Foto da associação Feira livre da Cutia, anos 90.

Figura 12- Meninos da Cutia pescando na Barragem.

Figura 13- Margens do rio Cochó na comunidade.

Figura 14- Rua de Baixo

Figura 15- Rua de Cima, Barracão da Associaão Amigos de Cutia.

Figura 16- Malas de cutiense esperando o ônibus da Novo Horizonte rumo a Santos-SP.

ANEXO 2 – Fotografias da Comunidade no Macuco, Santos-SP

Figura 17- Cutia's Bar no Macuco, Santos-SP.

Figura 18- Um chalé construído de madeira reformado no Macuco.

Figura 19- Interior do Cutia's Bar com elementos da Cutia, Boninal-BA.

Figura 20- O Canal 5.